



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

JOSIAS MACHADO DA SILVA JUNIOR

**PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NOS SEMINÁRIOS E IGREJAS PROTESTANTES
CENTENÁRIAS NA CIDADE DO RECIFE**

Recife, 2016

JOSIAS MACHADO DA SILVA JUNIOR

**PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NOS SEMINÁRIOS E IGREJAS
PROTESTANTES CENTENÁRIAS NA CIDADE DO RECIFE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia.

Linha de Pesquisa: Memória da Informação Científica e Tecnológica

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gilda Verri

Recife, 2016

Catálogo na fonte
Bibliotecária Nathália Sena, CRB4-1719

S586p

Silva Júnior, Josias Machado da

Preservação da memória nos seminários e igrejas protestantes centenárias na cidade do Recife / Josias Machado da Silva Júnior. – Recife, 2016.
248 f. :il.

Orientador: Gilda Maria Whitaker Verri.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2016.

Inclui referências.

1. Ciência da informação. 2. Memória. 3. Lugares de memória. 4. Preservação da memória. 5. Organização documental. 6. Protestantismo – Recife (PE). I. Verri, Gilda maria Whitaker (Orientadora). II. Título.

020 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2017-212)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

JOSIAS MACHADO DA SILVA JUNIOR

***Preservação da memória nos seminários e igrejas protestantes
centenárias na Cidade do Recife***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 11/03/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof^a D^{ra} Gilda Maria Whitaker Verri (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. André Felipe de Albuquerque Fell (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fabio Assis Pinho (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a D^{ra} Emanuela Sousa Ribeiro (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

A Deus por todo cuidado e proteção.

Aos meus familiares por todo apoio e compreensão, em especial à minha filha Lizzie Beatriz, a quem dedico este trabalho, que, mesmo bebê, mostrou-me que nunca devemos desistir. Ao contrário, precisamos sempre lutar.

Aos meus pais Josias e Jacinta e à minha sogra Doralice por todo amor, suporte e orações e por sempre acreditarem em mim.

À minha esposa Ana Paula por toda força, compreensão e paciência nessa jornada.

À minha irmã Jaqueline por todo incentivo e ser um ombro amigo.

Ao meu irmão do coração, Andrew, pela força e apoio.

À minha orientadora, Prof^a Gilda Verri, pelas instruções, por todos os desafios lançados que, certamente, contribuíram para o meu crescimento.

Aos integrantes das bancas por todas as sugestões e comentários

Meu muitíssimo obrigado aos professores Fábio Pinho, André Fell e Emanuela Souza.

Aos professores do PPGCI por todos os ensinamentos.

Aos responsáveis pelas igrejas e instituições aqui relatadas por todo apoio e presteza na disponibilização das informações.

Aos meus amigos do trabalho e do mestrado por todo incentivo e força.

“A ciência sem a religião é manca, a religião sem a ciência é cega”.

Albert Einstein

RESUMO

Preservação da Memória nos Seminários e Igrejas Protestantes Centenárias na Cidade do Recife objetiva investigar como as igrejas e instituições protestantes centenárias no Recife organizam o acervo documental e preservam a memória. Apresenta respostas para as perguntas: Como as igrejas e as instituições protestantes do Recife estão preservando a própria memória? Como se configuram os espaços dedicados a esse fim nesses locais religiosos? A pesquisa é qualitativa e o método é descritivo. Os procedimentos utilizados para a coleta de dados na pesquisa foram a observação direta e a realização de entrevistas semiestruturadas aplicadas aos responsáveis pelos seminários e igrejas protestantes com mais de 100 anos de existência na cidade do Recife. São elas: no bairro da Boa Vista, a Primeira Igreja Batista em Recife, de 1886; a Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, de 1878; o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, de 1902; a Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana, de 1873. No bairro de Areias, a Igreja Presbiteriana de Areias de 1893. No bairro do Espinheiro, a Catedral Anglicana da Santíssima Trindade, de 1838 e no bairro da Madalena, o Seminário Presbiteriano do Norte do Brasil, de 1899. Incluída a Igreja Presbiteriana do Recife, por manter a mais antiga documentação histórica e a Igreja Episcopal Carismática, proprietária do acervo da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade. O referencial teórico da Ciência da Informação foi utilizado com o objetivo de assinalar aspectos concernentes ao estudo da memória, dos lugares de memória e da preservação documental presentes na Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia e Informática. Apresenta reflexões sobre a Memória, seus lugares e sua preservação. Para a interpretação e análise dos dados, foi utilizada como metodologia a análise de conteúdo. As respostas apontam para a existência de um rico acervo documental que necessita de ações sistemáticas de organização e preservação que visem a salvaguarda e a recuperação dos registros da memória.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Memória. Lugares de Memória. Preservação da Memória. Organização Documental. Protestantismo-Recife.

ABSTRACT

Memory Preservation in Seminaries and Churches Centenary Protestant in Recife aims to investigate how churches and centenary protestant institutions in the capital of Pernambuco organize their archives and preserve their memory.

Provides answers to questions: how churches and protestant institutions in Recife have preserved their own memory? How these religious places dedicated to this goal are set? The research is qualitative and the methodology is descriptive. The procedures used to collect data in the research were direct observation and semi-structured interviews applied to those responsible for seminaries and Protestant churches with more than 100 years of existence in the city of Recife. The churches are Primeira Igreja Batista in Recife, in Boa Vista, 1886; Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, 1878; Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, 1902; Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana, 1873; Igreja Presbiteriana de Areias, in Areias, 1893; Catedral Anglicana da Santíssima Trindade, in Espinheiro, 1838; Seminário Presbiteriano do Norte do Brasil, in Madalena, 1899. Including Igreja Presbiteriana do Recife for maintaining the oldest historical documents, and Igreja Episcopal Carismática, owner of the Catedral Anglicana da Santíssima Trindade's archives. The theoretical reference of Information Science was used with the objective of pointing out aspects concerning the study of memory, places of memory and documentary preservation present in Library Science, Archivology. Museology and Informatics. It presents reflections on Memory, its places and its preservation. For the interpretation and analysis of the data, it was used as methodology the content analysis. The answers point to the existence of a rich documentary collection that requires systematic actions of organization and preservation aimed at the safeguarding and recovery of memory records.

key words: Information Science. Memory. Memory Places. Memory Preservation. Archive Organization. Protestantism in Recife.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
3	A MEMÓRIA NA PERSPECTIVA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	24
4	OS LUGARES DE MEMÓRIA E SEUS PAPÉIS NA RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA	37
4.1	Bibliotecas	38
4.2	Museus	49
4.3	Arquivos	60
5	A PRESERVAÇÃO DOCUMENTAL	71
6	BREVE HISTÓRICO DOS SEMINÁRIOS E IGREJAS PROTESTANTES CENTENÁRIAS NA CIDADE DO RECIFE	79
6.1	Os Batistas	79
6.1.1	<i>Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil</i>	81
6.1.2	<i>Primeira Igreja Batista do Recife</i>	82
6.2	O presbiterianismo	83
6.2.1	<i>Seminário Presbiteriano do Norte</i>	84
6.2.2	<i>Primeira Igreja Presbiteriana do Recife</i>	85
6.2.3	<i>Igreja Presbiteriana de Areias</i>	86
6.3	O anglicanismo	87
6.3.1	<i>Catedral Anglicana da Santíssima Trindade</i>	88
6.4	Congregacionalismo	89
6.4.1	<i>Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana</i>	91
7	RESULTADOS DA PESQUISA	92
7.1	Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil	93
7.1.1	<i>Relatos de observação</i>	93
7.1.2	<i>Análise da Entrevista com a bibliotecária do STBNB Jailliny Stanford</i>	109
7.2	Seminário Presbiteriano do Norte do Brasil	111
7.2.1	<i>Relatos de Observação</i>	111
7.2.2	<i>Análise da entrevista com a bibliotecária Andréa Silva</i>	126
7.2.3	<i>Análise da entrevista com o professor José Roberto de Souza</i>	128

7.3 Os templos das igrejas protestantes.....	130
7.4 Primeira Igreja Batista do Recife.....	130
7.4.1 Relatos de observação.....	130
7.4.2 Análise da Entrevista com o pastor Reidson Mesquita, da Primeira Igreja Batista do Recife.....	135
7.5 Igreja Presbiteriana de Areias.....	137
7.5.1 Relatos de observação.....	137
7.5.2 Análise da entrevista com o pastor Arnaldo Matias.....	139
7.6 Primeira Igreja Presbiteriana do Recife.....	140
7.6.1 Relatos de Observação.....	140
7.6.2 Análise da Entrevista com o Pastor Claudio Henrique Alves Albuquerque.....	143
7.6.3 Visita à igreja Presbiteriana do Recife no Cais José Mariano.....	146
7.6.4 Análise da Entrevista com pastor Samuel Santos da Igreja Presbiteriana do Recife	148
7.7 Catedral Anglicana da Santíssima Trindade.....	151
7.7.1 Relatos de observação.....	151
7.7.2 Análise da Entrevista com o Bispo Dom João Câncio Peixoto da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade.....	155
7.7.3 Visita à Igreja Episcopal Carismática do Brasil.....	156
7.7.4 Análise da entrevista com o Pastor Alexandro Benjamin, secretário Diocesano da Igreja Episcopal Carismática do Brasil.....	158
7.8 Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana.....	160
7.8.1 Relatos de observação.....	160
7.8.2 Análise da entrevista com o pastor Nyelson Mendonça da Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana.....	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
REFERÊNCIAS.....	175
APÊNDICES	
APÊNDICE I Grade de Observação, Categorias e Subcategorias de Análise.....	196
APÊNDICE II Roteiro de Perguntas.....	199
APÊNDICE III Entrevistas.....	201

1 INTRODUÇÃO

A reforma protestante foi um movimento reformista de caráter religioso que teve início no século XVI por Martinho Lutero, que protestando contra a Igreja Católica publicou suas 95 teses, em 31 de outubro de 1517 na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg (MENDONÇA, 2007).

Mendonça (2007) apresenta a Reforma Protestante como um grande movimento iniciado na Idade Média que se estendeu até o século XVII. A reforma representou a humanização do homem, que se posicionou diante de Deus com as próprias necessidades e culpas. É uma expressão do humanismo que teve início no século XIV e significou a liberdade e a responsabilidade do homem perante si e o mundo. As hierarquias e decisões sacerdotais não influenciavam mais na escolha sobre qual religião deveria ser seguida. A Reforma Protestante, de acordo com Weber (2002), também influenciou na formação do espírito capitalista.

A presença do Protestantismo no Nordeste se iniciou com a invasão dos Holandeses no Brasil, no século XVII (VEDDER, 1934). Ao se instalarem no país, criaram a própria igreja estatal, seguindo como modelo a Igreja Reformada Holandesa. Organizaram vinte e dois templos e congregações, dois presbitérios e um Sínodo, que se trata de uma assembleia de clérigos. Pastores (predicantes) e pregadores auxiliares (proponentes) dirigiam essas igrejas, que se destacaram pela ação social e missionária junto aos índios (MATOS, 2011a).

Em 1654, período que culminou na expulsão dos Holandeses da região, a colônia manteve-se isolada, sendo vedada a entrada de protestantes (SCHALKWIJK, 2004). O cenário só seria modificado com a vinda da Família Real Portuguesa, em 1808. As portas foram abertas para a entrada legal dos protestantes anglicanos ingleses. Isto possibilitou aos missionários a pregação dos próprios ideais.

A independência da colônia, em 1822, favoreceu a liberdade religiosa. Houve a necessidade de atrair imigrantes europeus, inclusive protestantes. Em 1824, é outorgada a Constituição Imperial que, apesar de conceder aos estrangeiros a liberdade de culto, proclamou o Catolicismo como religião oficial, impondo restrições aos protestantes com relação à realização do casamento civil, ao uso de cemitérios e ao acesso à educação (RIBEIRO, 1973).

Os primeiros imigrantes Ingleses que se estabeleceram no Recife construíram, no bairro da Boa Vista, o templo *Holy Trinity Church*, na Rua da Aurora, esquina com a Rua Formosa, em 1838. Trouxeram bíblias protestantes para distribuição e venda. Mendonça (2007), assim como Vasconcelos (2014), Leonel (2010; 2014) e Cruz (2014) confirmam em seus trabalhos a influência da cultura impressa protestante para o desenvolvimento da leitura no Brasil.

O propósito deles era a divulgação da doutrina protestante. Apesar de toda a resistência enfrentada, as denominações protestantes foram difundidas e cada vez mais indivíduos se tornaram adeptos. (EVERY-CLAYTON, 2008).

O século XIX seria marcado por maior dedicação dos protestantes em obter plena liberdade religiosa no país. Contudo, tal direito somente foi concedido em 1890, através do Decreto 119-A, do Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, que proibiu a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa e contemplou a separação entre Igreja e Estado. Foram assegurados aos protestantes a proteção legal e o pleno reconhecimento da fé que professavam pelo Estado. O acontecimento possibilitou a liberdade de cultos no país, conforme texto expresso no decreto:

§ 2º a todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos actos particulares ou públicos, que interessem o exercício deste decreto. §3º A liberdade aqui instituida abrange não só os individuos nos actos individuaes, sinão tabem as igrejas, associações e institutos em que se acharem agremiados; cabendo a todos o pleno direito de se constituirem e viverem collectivamente, segundo o seu credo e a sua disciplina, sem intervenção do poder publico. (BRASIL, 1890).

Cada denominação protestante possui características próprias, ainda que existam algumas similitudes. Os diferentes grupos protestantes buscam evidenciar na memória as características que os distinguem dos demais. Atualmente pode-se observar nas igrejas e instituições o interesse crescente na preservação de documentos. Serve como prova de legitimidade. A memória institucional é utilizada na tentativa de destacar a identidade da igreja protestante no campo religioso brasileiro.

Neste contexto, a recuperação e a preservação da memória atendem aos objetivos no que diz respeito a reafirmar sua posição de detentora de uma “memória autorizada”, muitas vezes centenária (FAJARDO, 2012, p.282).

A memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido às transformações e mudanças constantes (POLLAK, 1992). A memória social é o fundamento do conhecimento coletivo e culturalmente conhecido. É construída através dos registros de informação contidos nos documentos.

As informações registradas em diferentes suportes, selecionadas, agrupadas e organizadas em bibliotecas, arquivos e museus, formam os lastros do conhecimento, dos saberes estruturadores de indivíduos e de coletividades. Esses espaços ou lugares da memória, que demarcam, preservam, e permitem a circulação da produção intelectual, científica e cultural da sociedade, têm nos documentos aí contidos o tempo e a duração de informações a serem interpretadas, apropriadas, memoriadas ou até expropriadas. (VERRI, 2012, p.2).

O ponto de partida para a realização da dissertação consistiu no problema da pouca visibilidade da memória do protestantismo e da necessidade da preservação dos documentos, que são registros do conhecimento, existentes nas igrejas e nas instituições protestantes. Percebeu-se a carência de estudos descritivos e analíticos relacionados à preservação da memória nesses locais. O estudo foi motivado pela busca de respostas para as seguintes perguntas: como as igrejas e as instituições protestantes do Recife estão preservando a própria memória? Como se configuram os espaços dedicados a esse fim nesses locais religiosos?

O Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), associação civil sem fins lucrativos criada, em 1974 na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de patrocinar pesquisas, desenvolver projetos, organizar e fornecer documentos com informações necessárias para o exercício do ministério cristão (ABREU, 2010), classifica o protestantismo brasileiro de acordo com os seguintes critérios: modo de transplante para o Brasil; a antiguidade no contexto brasileiro; aspectos teológicos, como o posicionamento frente aos “dons do Espírito Santo” (FREESTON, 1993).

O Centro caracteriza como protestantismo de missão as igrejas Batista, Congregacional, Episcopal, Metodista e Presbiteriana. Como protestantismo de imigração as igrejas Anglicana, Luterana e Reformada. Quanto ao Pentecostal,

figuram a Igreja Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja de Deus e a Pentecostal. Já em relação ao Protestantismo pentecostal autônomo, enquadram-se as igrejas Casa da Benção, Deus é amor, Igreja do Evangelho Quadrangular, Maranata, Nova Vida, O Brasil para Cristo e Universal do Reino de Deus. Já o Carismático engloba as igrejas Batista da Renovação, Cristã Presbiteriana e a Metodista Wesleyana. Por fim, as pseudo-protestantes são as igrejas Adventista do Sétimo Dia, dos Mórmons e a das Testemunhas de Jeová (SILVA, 1998a). A divisão proposta indica a existência de uma diversidade de denominações protestantes.

Devido à impossibilidade de abordar todas as Igrejas e instituições protestantes presentes no estado de Pernambuco, durante o período do curso de mestrado (dois anos), foram selecionadas as instituídas na cidade do Recife há mais de 100 anos.

No bairro da Boa Vista foram selecionadas a Primeira Igreja Batista em Recife, fundada em 1886 por missionários norte-americanos e brasileiros (FERREIRA, 2003); a Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, fundada em 11 de agosto de 1878 (ALBUQUERQUE, 2015); o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, em 1902 (OLIVEIRA, 2008); a Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana, em 1873 (OBSERVATÓRIO, 2009). No bairro de Areias, a Igreja Presbiteriana de Areias em 1893 (IGREJA, 2015). No bairro do Espinheiro a Catedral Anglicana da Santíssima Trindade fundada em 1838 (HISTÓRIA, 2015) e no bairro da Madalena o Seminário Presbiteriano do Norte do Brasil, em 1899 (SEMINÁRIO, 2015). Foi visitada a Igreja Presbiteriana do Recife, por manter a documentação histórica da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife e a Igreja Episcopal Carismática por ter a documentação da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade.

O trabalho apresenta aspectos relacionados à fundação dos seminários e das igrejas e à situação dos acervos e sua salvaguarda nesses locais. Além disso, retrata como os protestantes lidam com os aspectos referentes à preservação e à reconstrução da memória histórica. A Ciência da Informação ocupa-se da construção, da comunicação e do uso da informação registrada nos documentos nos mais variados suportes (LE COADIC, 2004). Seu caráter interdisciplinar possibilita o acesso aos instrumentos de preservação da memória. O referencial teórico sobre a memória, lugares de memória e preservação documental presente na multidisciplinar Ciência da Informação é utilizado com o objetivo de assinalar aspectos concernentes ao estudo da memória histórica e nortear o uso das técnicas presentes na Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia que propiciam a preservação documental

para a reconstrução da memória esquecida.

A dissertação proposta está inserida na linha de pesquisa 1 (Memória da Informação Científica e Tecnológica) do PPGCI/UFPE. Compreende a produção do conhecimento como fenômeno de construção, preservação, conservação e proteção da memória da cultura científica como bem social, cultural e econômico. Produção essa, resultado do uso sistemático de estoques de memória coletiva; preocupa-se com questões teóricas, conceituais e reflexivas ligadas à produção do conhecimento de uso sociocultural. Inclui investigações que contemplam projetos descritivos e analíticos dos espaços de produção do conhecimento; preservação, conservação e acesso à informação (POLÍTICAS, 2012).

A pesquisa desenvolvida teve por objetivo geral investigar como as igrejas e as instituições protestantes com mais de cem anos de existência na cidade do Recife lidam com aspectos memoriais. Tal objetivo se desdobrou nos seguintes objetivos específicos: verificar a existência de arquivos, museus, bibliotecas ou algum outro lugar de memória nas igrejas e instituições; averiguar se essas igrejas e instituições realizam ações de preservação da memória; averiguar quais atividades de organização documental são realizadas nas igrejas e instituições selecionadas, de modo a possibilitar a preservação de sua memória e realizar mapeamento de acervos.

No primeiro capítulo da dissertação estão os conceitos sobre Memória e sua relação com a Ciência da Informação. No capítulo 2, foi apresentada a trajetória dos lugares de memória: arquivos, bibliotecas e museus ao longo da história, objetivando demonstrar a importância e o processo de constituição de cada uma dessas instituições nos variados momentos históricos. No capítulo 3, constam informações sobre a preservação documental e, no capítulo 4, um breve histórico sobre os locais pesquisados e o resultado da pesquisa.

Conforme aponta Castro (2013), nota-se, a partir do final da década de 1990, que a temática da preservação documental tem sido bastante analisada no campo da Ciência da Informação. Constata-se tal fato a partir da produção acadêmica em programas de pós-graduação universitária. Dentre os estudos realizados, tem-se a dissertação de SILVA, Sérgio Conde de Albite - *Políticas Públicas de Preservação e as Tecnologias de Informação: o Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros* (UFRJ, 1998) e a tese de doutorado de ZÜÑIGA, Solange Sette Garcia - *Documentos como objeto de políticas públicas em preservação e o acesso à informação: o caso das bibliotecas e arquivos* (UFRJ, 2005), as dissertações de

GOMES, Neide Aparecida - *O Ensino de Conservação, Preservação e Restauração de Acervos Documentais no Brasil* (UNB, 2000) e de BECK, Ingrid - *O Ensino da Preservação Documental nos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia: perspectiva para formar um novo profissional* (UFF, 2006). Sobre os estudos de caso de intervenções de restauração em obras de arte em papel, pode-se citar a dissertação de ELIAS, Ísis Baldini - *Conservação e restauro de obras de arte em suporte de papel* (USP, 2002).

Dentre as principais pesquisas atuais relacionadas à memória de grupos religiosos no Brasil tem-se a dissertação de MODES, Luciano - *Igreja Universal do Reino de Deus: identidade, memória e sonhos* (UMSP, 2007). A tese de SILVA, Elizete - *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia* (USP, 1998) e a tese de SANTOS, João Marcos Leitão (USP, 2008) – *A ordem social em crise: a inserção do protestantismo em Pernambuco*. Neste trabalho foi apresentado um diagnóstico, que foi obtido a partir de visitas aos locais mencionados e da realização de entrevistas com os responsáveis pelas igrejas e instituições, com o propósito de analisar como os protestantes lidam com as próprias memórias. Foi evidenciada a importância da documentação produzida e mantida nesses espaços, assim como aspectos relacionados à organização e à preservação documental. Algumas igrejas e instituições no Recife mantêm os acervos em condições inadequadas. Tal prática não propicia a preservação e a conservação.

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o número de protestantes no Brasil aumentou 61% nos últimos dez anos. Em 2000, cerca de 26,2 milhões se declararam adeptos do segmento religioso, representando 15,4% da população. Em 2010, o número de protestantes também apresentou crescimento. Passaram a ser 42,3 milhões, totalizando 22,2% dos brasileiros. Em 1991, o percentual de seguidores era de 9% e, em 1980, de 6,6% (VIRAÇÃO, 2014). Pernambuco é o Estado que apresenta a maior concentração de fiéis em todo o Nordeste (CENSO, 2010). O protestantismo é o segundo maior segmento religioso do Brasil. No Recife, são encontradas instituições e templos históricos onde se congregam os membros do grupo.

Autores como Santos (2008), Souza (2010), Silva (1998a) e Viração (2014), expõem em seus trabalhos a carência de pesquisas historiográficas sobre o protestantismo no Brasil. Viração (2014) aponta alguns passos que podem auxiliar no desenvolvimento da Historiografia do Protestantismo no Brasil:

Reconhecer a relevância do fenômeno – um crescimento de 400% em 20 anos não pode passar despercebido. A inserção na vida política do país com a Bancada Evangélica, que só perde para a ruralista, o milionário mercado gospel do Brasil e os jargões do evangeliquês na vida cotidiana. Promover a discussão – Simpósios Temáticos, Minicursos, Mesas Redondas, temas de Encontros, Simpósios, Congressos, Conferências, Dossiês de periódicos, etc. (VIRAÇÃO, 2014, p.3).

As informações expostas justificam a realização de pesquisa investigativa sobre a preservação da memória do protestantismo. Constata-se a influência dessa religião na vida cultural e política da sociedade brasileira. Portanto, cabe analisar e refletir sobre como a memória do protestantismo tem sido preservada.

A Memória segundo Le Goff (2003) é a propriedade de conservar certas informações, que se referem a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. Constitui-se o alicerce da História. As fontes históricas são substanciais para a reconstrução do passado. Os documentos escritos representam informações que possibilitam maior compreensão dos fatos históricos e das relações sociais ocorridas ao longo do tempo.

A documentação presente nas igrejas e instituições protestantes, como livros de atas, correspondências oficiais e religiosas, relatórios financeiros, livros e periódicos constituem fontes de informação relevantes para pesquisa e estudo. Os templos se destacam na arquitetura Recifense, configuram-se como locais pertencentes ao patrimônio histórico e cultural da cidade e representam o legado do segmento religioso no Estado.

Em nível internacional, é possível citar como exemplo de iniciativa promovida por instituição protestante a criação do Museu Internacional da Reforma Protestante em Genebra, que funciona como espaço de divulgação cultural da memória da Reforma Protestante na Suíça. No Brasil, ações nesse sentido foram desenvolvidas pela Igreja Metodista, em São Paulo, que, juntamente à Universidade Metodista, criou o Centro de Memória Metodista com o intuito de se tornar o arquivo histórico e Centro de Pesquisa da História Protestante Local (CENTRO, 2011). Em Itabuna, foi criado pela Igreja Batista um centro de memória com rico acervo constituído por literaturas usadas nas igrejas batistas e livros redigidos por pastores atuantes na região (HISTÓRIA, 2013).

As informações expostas no resultado da pesquisa identificaram que as igrejas e os seminários protestantes no Recife detêm um rico acervo documental que necessita ser organizado e preservado. Constituem um campo de trabalho que pode ser explorado pelo profissional da Informação.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A necessidade humana é o agente propulsor da realização de pesquisas científicas em diversos campos do conhecimento. É inerente ao homem o anseio de obter respostas e, nessa busca constante, a atividade intelectual dos povos é impulsionada, gerando novos conhecimentos e um compromisso em continuar perseguindo as próprias necessidades. A pesquisa nos permite conhecer uma realidade que, muitas vezes, apresenta-se de forma superficial ou obscura (SANTOS, 2001).

Conforme aponta Michel (2009, p.33), a pesquisa pode ser classificada em dois tipos: quantitativa e qualitativa. Na primeira, é possível quantificar o alvo pesquisado, busca resultados precisos, com comprovação e exatidão, utilizando-se de variáveis pré-estabelecidas na busca da verificação da influência sobre outras variáveis. Já na pesquisa qualitativa não se constata os dados numérica ou estatisticamente, mas através da experimentação empírica, a partir da análise e da argumentação lógica das ideias. Nela o pesquisador participa, compreende e interpreta. Aqui, o enfoque qualitativo não objetiva medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Envolve a obtenção de dados descritivos para análise.

A fundamentação teórica foi desenvolvida através da leitura e reflexão sobre textos de autores relacionados ao tema. A pesquisa bibliográfica constituiu a base para a exposição de métodos e técnicas. Alves (1992) ressalta a importância da análise das revisões de bibliografia existentes e da pesquisa em obras de referência e base de dados para se atingir uma maior familiaridade com a literatura produzida e maior capacidade para a problematização do tema. O conhecimento do que já foi produzido na área a ser pesquisada auxilia o pesquisador na definição do objeto a ser estudado e na seleção de teorias, procedimentos e instrumentos. Seguindo as recomendações propostas, foi realizada pesquisa bibliográfica em bases de dados como BRAPCI (Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação), BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações), Portal de Periódicos da CAPES e Bases de dados de Bibliotecas On-line. Após as consultas, os documentos de interesse foram selecionados para leitura e reflexão.

Conhecer a natureza metodológica é essencial para cumprir os objetivos propostos em uma pesquisa. Santos (1999) aponta três critérios que devem ser utilizados para identificar tal natureza: objetivos, procedimentos de coleta e fontes utilizadas nas coletas de dados.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa pode ser caracterizada como descritiva, uma vez que se propõe à

Obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, para compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p.58).

Na pesquisa descritiva, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados sem a manipulação do pesquisador. O processo de obtenção de dados descritivos visa à identificação, o registro e a análise das características, fatores e variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo. Silva (2001) afirma que a pesquisa descritiva tem a finalidade de descrever as características de determinada população ou fenômeno e o estabelecimento de relações entre variáveis através do uso de técnicas padronizadas de coleta de dados, questionário e observação sistemática. De acordo com Michel (2009), a pesquisa descritiva tem como proposta verificar e explicar problemas, fatos ou fenômenos da vida real, observando e estabelecendo relações e conexões. Não interfere no ambiente. Almeja explicar os fenômenos, relacionando-os em um contexto.

O objetivo proposto é investigar como as igrejas e as instituições protestantes centenárias na cidade do Recife lidam com aspectos memoriais. Para tal feito, adota-se o referencial teórico da Ciência da Informação em busca de dados acerca da Memória, seus lugares e sua preservação.

Um dos instrumentos utilizados para a coleta de dados nesta pesquisa foi a observação direta, que de acordo com Gil (2008, p.100):

constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa.

A observação direta consiste no exame sistemático dos fatos ou fenômenos a

serem estudados. Deve conter notas descritivas, analíticas, diário de bordo e notas de planejamento. As notas descritivas do observador devem ser neutras e factuais, objetivam refletir o cenário observado. Nas notas analíticas devem constar as reflexões pessoais, ideias e intuições surgidas e registradas através de lembretes. No diário de bordo deve constar a vivência no curso da investigação. Já as notas de planejamento servem para orientar o curso do procedimento de observação. (LAVILLE; DIONNE, 2008, p.181).

A observação direta é também denominada estudo naturalista. O pesquisador frequenta os lugares onde os fenômenos acontecem não apenas para ver ou ouvir, mas com o propósito de examinar os fatos. Permite identificá-los e obter comprovação de informações que os indivíduos a serem pesquisados não possuem consciência, mas muitas vezes orientam o comportamento deles. Este procedimento submete o pesquisador a um contato direto com a realidade que deseja observar (FIORENTINI; LORENZATO, 2006).

Na escolha do universo da pesquisa, optou-se por delimitar os locais mais antigos, visto que não seria possível contemplar todas as igrejas e instituições protestantes no Recife devido ao tempo disponível no curso de mestrado. Em virtude disso, foram escolhidas as igrejas e as instituições protestantes com mais de cem anos de existência na cidade do Recife, que são: a Primeira Igreja Batista do Recife; o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil; a Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana; a Catedral Anglicana da Santíssima Trindade; a Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, a Igreja Presbiteriana de Areias e o Seminário Presbiteriano do Norte. Foram abordadas a Igreja Presbiteriana do Recife que mantém documentos históricos da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife e a Igreja Episcopal Carismática que possui em seu acervo documentos históricos da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade. Estes locais foram visitados e observados.

Foi utilizada como guia uma grade de observação, que consta no apêndice I, conforme sugere Laville e Dionne (2008, p.179). Ela consistiu num esboço prévio do que se desejava observar. Figurou na natureza contextual a existência ou não de lugares de Memória, o modo de organização deles, a existência ou não de pessoal qualificado para a gestão dos acervos encontrados, assim como a descrição dos acervos visualizados. Com devida autorização, utilizou-se fotografias a fim de registrar os fatos observados. O registro da observação foi realizado em diário de bordo após a sessão de observação, que se deu antes e após a entrevista. Esta ferramenta

adicional foi empregada para a coleta de dados.

A entrevista é uma das técnicas para coleta de dados mais utilizadas nas ciências sociais. É um instrumento bastante eficaz para colher informações acerca de pontos de vista, princípios, expectativas e percepções, assim como para complementar informações que não puderam ser obtidas por meio da observação. Para Andrade (2009, p.133) ela pode ter como propósito averiguar fatos ou fenômenos, constatar opiniões; precisar, pelas respostas individuais, a conduta em certas circunstâncias; conhecer os fatores que influenciam ou que determinam opiniões, sentimentos e condutas; comparar a conduta do indivíduo no presente e no passado para compreender seu comportamento futuro.

O primeiro item que deve ser pensado ao planejar entrevistas é a escolha de quem será entrevistado. Nesta pesquisa foram entrevistados os responsáveis por cada Igreja ou Instituição que compõe o universo da pesquisa. Nas Igrejas, foram questionados os pastores, e nos seminários os diretores. As entrevistas foram gravadas e tiveram duração de quinze minutos a uma hora. A gravação ocorreu com o consentimento prévio dos entrevistados. Foram transcritas integralmente.

As entrevistas de acordo com Manzini (1991, p.154) podem ser classificadas como: estruturadas, semiestruturadas e não-estruturadas. As entrevistas estruturadas são compostas de perguntas fechadas sem apresentar flexibilidade, são geralmente utilizadas em pesquisas quantitativas. As semiestruturadas são guiadas por um roteiro pré-elaborado com questões abertas e flexíveis. As não-estruturadas possuem liberdade total na formulação das perguntas e intervenções na fala do entrevistado.

Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas que admitem uma maior flexibilidade na sequência da apresentação e permitem a realização de perguntas complementares para a maior compreensão do objeto de estudo. Para Rosa e Arnoldi (2006 p. 87), elas possuem as seguintes vantagens:

Permitem a obtenção de grande riqueza informativa – intensiva, holística e contextualizada – por serem dotadas de um estilo especialmente aberto, já que se utilizam de questionamentos semiestruturados. Proporcionam ao entrevistador uma oportunidade de esclarecimentos, junto aos segmentos momentâneos de perguntas e respostas, possibilitando a inclusão de roteiros não previstos, sendo esse um marco de interação mais direta, personalizada, flexível e espontânea.

Neste tipo de entrevista é adotado um roteiro pré-definido, constando questões

que servem como diretriz. Caso seja necessário, novas questões podem ser incorporadas para atingir os objetivos propostos.

As perguntas da pesquisa, seguiram o seguinte roteiro: (I) Existência de Lugares de Memória; (II) Ações para a preservação da memória desenvolvidas nesses locais; (III) Atividades de Organização desenvolvidas e (IV) Descrição dos Acervos. O roteiro que foi utilizado e as perguntas propostas constam no apêndice II.

Posteriormente à transcrição das informações recebidas através das entrevistas, segue-se a etapa da análise dos dados. O procedimento que foi utilizado nesta pesquisa foi a análise de conteúdo, técnica apropriada para o tratamento e análise de discursos proferidos em diferentes linguagens. Consiste no “conjunto de técnicas utilizadas sobre textos e comunicações para descrever seu conteúdo, em busca de apreender aquilo que está por trás das palavras, ou seja de conhecer outras realidades através delas” (BARDIN, 2004, p9). Corresponde a um conjunto de técnicas que permitem analisar as comunicações e compreender seus sentidos, quer sejam implícitos ou explícitos. Ocupa-se, então, na análise do conteúdo e significado das mensagens e dos enunciados dos discursos. As diferentes linguagens, a expressão verbal e os enunciados são indícios que possibilitam o entendimento dos problemas relacionados às práticas humanas.

No presente trabalho, foi feita uma leitura minuciosa do material transcrito, em seguida palavras e conjuntos de palavras que tiveram relevância para atender aos objetivos da pesquisa foram identificadas e classificadas em categorias e subcategorias. Os elementos assim recortados constituíram as unidades de análise, que foram palavras, expressões, frases ou enunciados que se referiam aos objetivos propostos.

O recorte dos conteúdos foi uma das primeiras tarefas. A definição das categorias analíticas sob as quais foram organizados os elementos de conteúdo, aqui foi estabelecida seguindo o modelo aberto, constando no apêndice I. Segundo Laville e Dionne (2008, p.219) não são fixas no início, mas tomam forma no curso da própria análise. As unidades de análise são palavras, expressões, frases ou enunciados que se referem a temas, mas esses elementos, em vez de serem enumerados ou medidos, são vistos em função de sua situação no conteúdo, em função do conjunto dos outros elementos aos quais estão ligados e que lhes dão sentido e o valor.

Aqui foi adotada a análise qualitativa de conteúdo, na qual:

não há regras tão formalmente definidas, ainda que análise e interpretação muitas vezes se confundam. O que não significa que o procedimento seja aleatório e subjetivo, é preciso, ao contrário, assegurar-se de que ela continue estruturada, rigorosa, sistemática. Isso já foi dito, a objetividade se apresentara sempre como uma busca constante que tem a ver com a transparência do procedimento, o esforço de objetivação pelo qual são explicitadas, explicadas e justificadas cada uma das etapas transpostas, cada uma das decisões tomadas. Distinguem-se geralmente três modos ou estratégias de análise e de interpretação qualitativas. (LAVILLE; DIONNE, 2008, p.227).

A estratégia de análise qualitativa escolhida foi o emparelhamento, que consiste em emparelhar ou, mais precisamente, em associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a finalidade de compará-los.

Essa estratégia supõe a presença de uma teoria sobre a qual o pesquisador apoia-se para imaginar um modelo do fenômeno ou da situação em estudo. Cumpre-lhe em seguida verificar se há verdadeiramente correspondência entre essa construção teórica e a situação observável, comparar seu modelo lógico ao que aparece nos conteúdos, objetos de sua análise. (LAVILLE; DIONNE, 2008, p.227).

Acredita-se que o referencial teórico presente no capítulo sobre preservação documental possibilitou uma comparação entre o cenário atual dos locais pesquisados e a situação desejável no que se refere à preservação da memória.

3 A MEMÓRIA NA PERSPECTIVA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A memória comporta diversos significados. Corresponde ao “elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades” (LE GOFF, 2003, p.476). Faculdade através da qual o espírito conserva ideias e imagens, ou as adquire sem grandes esforços, também assume o significado de lembranças e recordações. Constata-se que se trata de algo substancial para o ser humano devido à sua função de registrar a História. Permite uma correlação entre passado e presente, “fatos e personagens que, através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e seu passado, quer imediato, quer remoto.” (AZEVEDO, 2008, p.12).

A importância da memória tem sido reconhecida ao longo da História, assim como diversas interpretações em torno do assunto já foram aceitas. Na Filosofia Grega, encontramos registros a respeito dela. Os gregos consideravam Mnemosine como a deusa da memória. “A memória personificada, filha de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra), é uma das seis titânides. Durante nove noites seguidas, Zeus a possuiu na pieria e dessa união nasceram as nove musas” (KURY, 1990). Uma das mais poderosas deusas gregas, Mnemosine era a personificação da dádiva que nos diferencia dos outros animais e nos permite ter consciência – a memória. Para os gregos, a capacidade de reter lembranças era um dom sobrenatural proveniente dos deuses. Possibilita, assim o processo de recordação e transmite-o no presente, prevê acontecimentos e antecipa resultados, constituindo a base para a civilização.

A deusa Mnemosine, mãe das Musas, protetoras das artes e da História, possibilitava aos poetas lembrar do passado e transmiti-lo aos mortais. A memória e a imaginação têm a mesma origem: lembrar e inventar têm ligações profundas. O registro era visto como algo que contribuía para o enfraquecimento da memória, ao transferi-la para fora do corpo do sujeito. Os gregos desenvolveram muitas técnicas para preservar a lembrança sem lançar mão do registro escrito. Além disso, reservaram ao sujeito que lembra um papel social fundamental. O poeta resgata o que é importante do esquecimento. É uma espécie de memória viva do seu grupo (KESSEL, 2009, p.1).

Sob o ponto de vista epistemológico, o problema central que motivou a atenção dos filósofos sobre a memória foi o desejo de diferenciar memória de imaginação e de percepção como modalidades de conhecimento do mundo. “A distinção entre essas capacidades implicou na análise da relação entre vivacidade de imagens mnêmicas, sentimentos de decorrência do tempo, e julgamentos da realidade dos eventos e das referências deles ao passado.” (GAUER, 2005, p.1)

Aristóteles, filósofo grego, apresenta concepções acerca da memória em seu Tratado da Alma. Na obra, analisa a natureza das criaturas viventes, afirma que os seres animados se distinguem dos inanimados por possuírem uma alma que lhes proporciona a vida. “Os animais são naturalmente dotados de sensação; mas, em alguns, da sensação não nasce a memória, ao passo que em outros nasce. Por isso, estes últimos são mais inteligentes e mais aptos a aprender do que os que não têm capacidade de se recordar” (REALE, 2005, p.3). Aristóteles conclui que o conhecimento resulta da experiência motivada por seres que possuem memória. A experiência aliada a ela acarreta a rememoração.

Aristóteles reconhece a diferença entre a memória (capacidade de manter o passado, estado de percepção) da reminiscência (capacidade de evocar o passado como algo que já se conhece).

A memória, então não é nem sensação nem julgamento, mas é um estado ou qualidade (afeição, afeto) de um deles quando o tempo já passou... toda memória, então, implica a passagem do tempo. Portanto só as criaturas vivas que são conscientes do tempo podem lembrar, e elas fazem isso com aquela parte que é consciente do tempo. (ARISTÓTELES, 2002, p.64).

Em sua abordagem sobre a memória, Aristóteles destaca as sensações, o afeto, a imaginação e o tempo. A memória e a imaginação ocupam o mesmo espaço na alma. Tudo que é imaginável é objeto da memória e o que envolve a imaginação é objeto temporário da memória. Além disso, representa o afeto, que é o estado duradouro a que chamamos de memória. É produzido na alma pela sensação. Já a recordação não é a recuperação nem a aquisição da memória, pois quando se aprende ou recebe uma sensação não se recupera qualquer retenção de lembranças, nem se adquire pela primeira vez. Somente quando o estado ou o afeto for induzido é que existe, de fato, a memória.

Santo Agostinho (354-430), um dos mais influentes teólogos e filósofos dos

primórdios do Cristianismo, expôs considerações concernentes à memória. Segundo ele, ela se refere à própria essência do homem. Na obra *Confissões*, especificamente no livro X, realiza uma discussão filosófica relativa à interioridade da memória, na qual a equipara com a mente. Assinala, ainda, que toda a psique derivava da memória, assim como hábitos, percepção dos significados das palavras e noção espaço-temporal. A abordagem de Agostinho corrobora a de Aristóteles, dado que considera a memória como componente da alma, do interior.

Grande é essa força da memória, imensamente grande, ó meu Deus, santuário amplo e sem limites. Quem lhe chegou ao fundo? E esta é a força do meu espírito e pertence à minha natureza, e nem eu consigo captar o todo que eu sou. Logo, o espírito é estreito para se abarcar a si mesmo. (SANTO AGOSTINHO, 2001, p.55).

Agostinho questiona a influência das imagens na alma, destaca a memória como atividade psíquica e evidencia a relevância dela para o entendimento da nossa relação com o tempo. “A análise do tempo requer uma prévia compreensão da memória, de sorte que a compreensão da natureza do tempo não subsiste sem o arcabouço conceitual fornecido pelo exame da memória.” (FERREIRA, 2007, p.85). A narração de um fato passado depende da nossa capacidade de recordação. Através disso, o indivíduo resgata no próprio interior imagens que não existem no tempo presente, mas que podem ser vistas nesse período através da mente. Essa transposição de tempos caracteriza a memória como instrumento capaz de transformar o que se foi em presente, inclusive possibilita reflexões que permitem a autognose.

Ainda no campo filosófico-teológico, Tomás de Aquino (1225-1274), cujos trabalhos são fundamentais para o pensamento filosófico e teológico ocidental, igualmente, contemplou o tema memória em sua obra. Para Aquino, ela corresponde à aquisição ou aprendizado, armazenamento ou conservação e evocação ou recordação de algum conhecimento passado, a memória é da natureza da alma, pertence aos sentidos internos (TOMÁS DE AQUINO, 2005). A memória é inerente à capacidade intelectual humana. Por meio dela, o homem apreende, mantém e recorda algum conhecimento passado.

Segundo Aquino, a propriedade da memória de reter e recordar fatos demanda alguns requisitos. Conforme aponta Faitanin (2006), para que haja a retenção da memória é necessária a sensação, que possibilita fixar o real através da

representação ou criação de imagens; a percepção, que consiste na captação do efetivo presente, já que não existe memória nesse tempo, apenas a percepção das sensações; o conhecimento, uma vez que só há retenção do que se está a par; a conservação, durante a ausência, não é possível se recordar. O ato de relembrar exige algumas condições: a consciência, visto que representa a relação do indivíduo consigo mesmo e com a memorização de um fato; a atenção; uma recordação consciente necessita de concentração a fim de evocar uma percepção e, por fim, o interesse, que denota a motivação em memorar um determinado fato.

Aprendemos a fazer uso da memória através do nosso intelecto. Articulamos em nossas lembranças fatos que queremos conservar. Assim, de acordo com Aquino, nossa lembrança está relacionada com a afetividade, “É necessário que o homem tenha solicitude e afeto para aquilo com o que quer recordar, pois quanto mais gravadas fiquem as impressões em nós, menos se esvaem.” (TOMÁS DE AQUINO, 2012, p.49).

Compartilhando dos ideais de Aquino, Padre Antônio Vieira (1608-1697), filósofo e teólogo português da Companhia das Índias, abordou a memória nos sermões que redigiu. Para o clérigo, a memória é algo pertencente à psiquê humana, fundamental para a persuasão e conversão. Nesse aspecto, Vieira compartilhava da mesma posição de Aristóteles e Tomás de Aquino. No Sermão das 40 horas, esboça questões que interferem no funcionamento da memória, utilizando a forma como captamos a dissonância e a consonância nos sons que ouvimos para destacá-la.

A parte do som que passou, ainda que já não soe, nem existe no ouvido, existe, porém, e persevera na memória: e na parte do som passado, que persevera na memória, junta com a parte do som presente, que continua no ouvido, resulta entre o ouvido e a memória, a consonância ou dissonância das vozes, troquemos agora os sentidos, o do ouvir passemos ao ver, e entre os olhos e a memória veremos no nosso caso a mesma maravilha (VIEIRA, 1993, v.1, p.547).

Deste modo, através da memória, é possível reconstruir o que foi captado no presente. A utilização dela nos permite reter e manipular fatos que já foram vivenciados. Nos estudos de Vieira, a memória também está ligada ao ser. De acordo com o religioso, a memória possibilita o conhecimento de si mesmo e ainda compreende uma dimensão ética, partindo do princípio de que tudo que é lembrado exige um comportamento e um estado afetivo “Com a potência da memória se recebe e retém

o mistério por meio da apreensão: com a potência do entendimento altera-o e assemelha-o a si ou a si a ele por meio da meditação” (VIEIRA, 1993, v.4, p.788).

Indagações acerca da memória e sua relação com o tempo têm sido contempladas em diversos estudos científicos. Como a lembrança do passado tem sido sistematizada? Que importância foi dada à memória ao longo dos tempos? Tomás de Aquino e Santo Agostinho destacam nos próprios estudos a importância da memória na Idade Média, uma época memorial em que as verdades eternas eram objeto de reflexão. Nesse período histórico, a memória era tema central e objeto de investigação e estudo. Pode-se observar, a partir do que foi exposto a respeito de Aquino e Agostinho, a relação com o Cristianismo. Ainda no Século XVII, Vieira compartilha das mesmas concepções dos medievos no que tange a aspectos relacionados à memória, que era tida como elemento central que possibilitava o conhecimento de Deus.

No passado, humanistas como o italiano Francesco Petrarca, conhecido como o pai do humanismo e o bispo Giovanni Andrea Bussi consideravam a Idade Média como pouco desenvolvida, usando como referência a cultura greco-romana e o Renascimento. Acreditavam que não houve desenvolvimento técnico-científico devido ao controle estabelecido pela Igreja. Inclusive denominavam o período como “Idade das trevas” (FRANCO JUNIOR, 2001), nomenclatura não mais utilizada atualmente. Novos estudos do século XX, como as teses de Henri Pirenne e as obras de Marc Bloch, comprovaram o desenvolvimento nas artes, arquitetura e na educação através da criação das universidades medievais (VIANA; OLIVEIRA, 2011).

Jacques Le Goff, membro da Escola dos Annales, ilustre historiador francês, especialista em História Medieval, traz à tona fatos da memória do cristianismo, procura assinalar em seus estudos correlações entre a Idade Média e o período atual. Na obra *Homens e Mulheres na Idade Média*, por exemplo, apresenta personagens ilustres do período e a influência deles na sociedade medieval. Le Goff ainda analisa a preterição das mulheres nos altos cargos religiosos, realidade atual.

Embora a mulher não tenha sido tão depreciada na sociedade cristã medieval como costumamos acreditar, é fato que a Idade Média cristã é uma era masculina. A mulher é vista como um ser degradado pela memória do pecado de Eva, e nem a devoção por Virgem Maria é suficiente para mudar isso. A impossibilidade institucional e espiritual de as mulheres exercerem o sacerdócio as rebaixa a uma categoria inferior à dos homens (LE GOFF, 2014, p.2).

No livro *A Idade Média e o Dinheiro*, apresenta reflexões sobre o posicionamento dos cristãos com relação ao dinheiro. No capítulo 12 intitulado *Cidades, Estados e dinheiro no fim da idade média* discorre acerca da evolução das cidades e da compreensão delas como núcleo da vida social.

Expressa-se aqui o que será essencial durante toda a Idade Média, ainda que interpretações novas enfraquecessem o rigor do que foi dito, assim como o contexto, assim como o contexto econômico e religioso do uso do dinheiro: a condenação da avareza, pecado capital, o elogio da caridade (generosidade) e, afinal, na perspectiva da salvação, essencial para os homens e mulheres na Idade Média, a exaltação dos pobres e a apresentação da pobreza como um ideal encarnado por Jesus. (LE GOFF, 2013, p.9).

Na obra *História e Memória*, encontramos uma análise sobre a memória e seu surgimento nas ciências humanas. A memória adquire relevância no que concerne à configuração da identidade de um povo. Através dela, são desenvolvidas as noções de identidade e continuidade. Ela nos permite compreender o presente, organiza acontecimentos passados, tornando-o cognoscível. Le Goff (2003) define a memória como propriedade de conservar certas informações. Ela se reporta primeiramente a um conjunto de funções psíquicas que permitem ao homem atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

A memória se apresenta como instrumento valioso para estudar os percalços do tempo e da história, seu conceito é essencial para o desenvolvimento da ciência histórica, a ciência dos homens no transcurso do tempo que reconstrói o passado do ponto de vista social. As lembranças individuais, vividas no transcurso do tempo não pertencem apenas ao indivíduo, mas à história em geral. Assim, a memória se submete a interesses individuais e coletivos, sendo a memória coletiva, objeto de estudo das ciências humanas (MEMÓRIA, 2006).

A memória coletiva está ligada aos povos que não dominavam a escrita. É baseada na oralidade, na qual a narração constituía o principal modo de transmissão do conhecimento.

[...] a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objetivo de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, que melhor permitem compreender esta luta

pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 2003, p.476).

A memória era organizada mediante três interesses: a idade coletiva do grupo e os mitos de origem; a notoriedade das famílias dominantes através das genealogias e o conhecimento técnico transmitido por modelos ligados à magia religiosa. Cabia aos idosos, homens-memória, a responsabilidade da preservação das tradições e a difusão das memórias para as gerações vindouras. A memória coletiva era reconstruída através da narração oral, não era repassada de modo mecânico. Motivado pela descoberta de novas formas de representação de suas ideias, o homem desenvolveu a escrita. “Com a passagem da oralidade à escrita, a memória coletiva e mais particularmente, a memória artificial são profundamente transformadas. ” (LE GOFF, 2003, p.430).

O advento da escrita possibilitou inscrever o conhecimento em variados suportes. Permitiu que a pedra, o mármore dos templos, das tumbas e dos monumentos comemorativos servissem como suporte para inscrições epigráficas, viabilizando assim uma maior perpetuação da lembrança. Surgiram também os documentos, escritos em suporte especialmente destinado a este fim (de início osso, pele, folhas de palmeira, e, finalmente, papiro, pergaminho e papel). Oportunizando um processo de marcação, memorização e registro. Esses documentos escritos conferem um suporte material à memória, ampliando-a, transformando-a (GONDAR, 2008).

Os escritos mais antigos compreendiam atos financeiros e religiosos, dedicatórias, genealogias e calendário. Já nas civilizações que surgiram na Mesopotâmia, no Egito, na China e na América pré-colombiana, os textos mais ancestrais eram relacionados a distâncias e ao calendário. A memória urbana também era valorizada. As capitais se tornavam o eixo econômico e administrativo. Nelas os reis eram incumbidos da preservação da memória. Instituíram, nesses locais, as instituições-memória: os arquivos, as bibliotecas e os museus (LE GOFF, 2003).

Zimrilim (cerca de 1782-59 a.C.) faz do seu palácio de Mari, onde foram encontradas numerosas tabuletas, em centro arquivístico. Em Râs Shamra, na Síria, as escavações do edifício dos arquivos reais de Ougarit permitiram encontrar três depósitos de arquivos no palácio: arquivos diplomáticos, financeiros e administrativos. Nesse mesmo palácio havia uma biblioteca no II milênio antes da nossa era e do século VII a.C. era célebre a biblioteca de Assurbanipal em Nínive. Na época helenística

brilham a grande biblioteca de Pergamo e a célebre biblioteca de Alexandria, combinada com o famoso museu, criação dos Ptolomeu. (LE GOFF, 2003, p 429).

Na Idade Média, a memória é fortemente influenciada pela religião, em virtude do cristianismo figurar como o credo principal nesse período, além da forte influência da igreja no plano intelectual. A bíblia, o livro sagrado, deveria ser recordada. Tal feito significava uma tarefa religiosa. Encontramos, no Antigo Testamento, no livro de Deuteronômio, trechos onde rememorar deveria ser um dever (LE GOFF, 2003):

Guarda-te que não te esqueças do SENHOR teu Deus, deixando de guardar os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus estatutos que hoje te ordeno; [...] (8,11) Se eleve o teu coração e te esqueças do SENHOR teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão; [...] (8,14) Antes te lembrarás do SENHOR teu Deus, que ele é o que te dá força para adquirires riqueza; para confirmar a sua aliança, que jurou a teus pais, como se vê neste dia. Será, porém, que, se de qualquer modo te esqueceres do SENHOR teu Deus, e se ouvires outros deuses, e os servires, e te inclinares perante eles, hoje eu testifico contra vós que certamente perecereis. [...] (8,18-19) (LE GOFF, 2003, p.438).

A cólera de Deus e a memória das provocações dos inimigos são lembradas nos trechos que seguem:

Lembra-te, e não te esqueças, de que muito provocaste à ira ao Senhor teu Deus no deserto; desde o dia em que saístes do Egito, até que chegastes a esse lugar, rebeldes fostes contra o Senhor; [...] (9,7) Lembra-te do que te fez Amaleque no caminho, quando saías do Egito; Como te saiu ao encontro no caminho, e feriu na tua retaguarda todos os fracos que iam atrás de ti, estando tu cansado e afadigado; e não temeu a Deus. Será, pois, que, quando o Senhor teu Deus te tiver dado repouso de todos os teus inimigos em redor, na terra que o Senhor teu Deus te dá por herança, para possuí-la, então apagarás a memória de Amaleque de debaixo do céu; não te esqueças.[...] (25, 17-19) (LE GOFF, 2003, p.439).

Ainda no Velho Testamento, no livro de Isaías (44-21), o Deus de Jacó promete que não se esquecerá dele: “Lembra-te destas coisas, ó Jacó, e Israel, porquanto és meu servo; eu te formei, meu servo és, ó Israel, não me esquecerei de ti”.

Da mesma forma encontramos, no Novo Testamento, referências à memória, na Santa Ceia registrada em Lucas (22-19): “E, tomando o pão, e havendo dado

graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim”. Nas palavras de João registradas em João (14-26): “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”.

O ensino cristão desempenhou seu papel ao longo do tempo através dos ensinamentos das memórias de Jesus, que eram transmitidas pelos apóstolos e posteriormente por seguidores. Na Bíblia, encontramos exortações em favor da lembrança de seus ensinamentos em Atos (20-35): “Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos, e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber” (Atos 20-35), em II Timóteo 2.8: “Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dentre os mortos, segundo o meu evangelho”. E, na segunda carta de Paulo a Timóteo (2-2), onde encontramos um pedido de propagação dos ensinamentos cristãos: “E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros”. O Judaísmo e o Cristianismo podem ser considerados religiões da recordação, nas quais a Bíblia e o legado histórico das crenças demandam que a lembrança seja um ofício religioso de suma importância, sendo o culto associado à memória e o culto cristão à comemoração. (LE GOFF, 2003).

A invenção da Imprensa, no século XV, modificaria densamente a forma como a memória era tratada pelos medievos. Leroi-Gourhan (1965, p.62) afirma que, após o surgimento da prensa por tipos móveis, “o leitor não só é posto em presença de uma vastíssima memória de fixar integralmente, como também se vê confrontado com a explosão de novos escritos”. Antes do surgimento da imprensa era difícil diferenciar a transmissão oral e da transmissão escrita. Grande parte do conhecimento estava inserida em práticas orais e nas técnicas. As representações nos manuscritos serviam como apoio para que o conhecimento fosse aprendido de cor, porém, a invenção da imprensa possibilitou maior acesso à memória coletiva. Não era mais possível fixá-la integralmente e o leitor era constantemente motivado a explorar novos textos. Tem-se então uma crescente exteriorização da memória individual. Esse período seria assinalado por uma célere dilatação da memória coletiva (LEROI-GOURHAN, 1965).

Frances Amelia Yates, historiadora inglesa, especialista nos estudos referentes ao período Renascentista, assim como Leroi-Gourhan, evidencia em sua obra “*A arte da memória*” as transformações ocorridas no século XVII relacionadas à memória:

[...] Pues en este siglo el arte de la memoria sufrió aún otra de sus transformaciones, pasando de ser um método para la memorización de la enclopedia del saber, para reflejar en la memoria el mundo, a ser una ayuda para la investigación de la enclopedia y el mundo, com el objeto de descubrir conocimientos nuevos. És fascinante observar como, entre las tendencias del nuevo siglo, el arte de la memoria sobrevive como fator de crecimiento del método científico [...] el arte de la memoria se halla aún en situación relevante dentro de los más importantes desarrollos europeos. [...] entre los numerosos “métodos” que pululaban a comienzos del siglo XVII, el arte de la memoria ocupaba un lugar relevante [...] (YATES, 2005, p.427- 429).

A arte da memória passaria de objeto de apoio para memorização do conhecimento. Ela se tornaria instrumento de reflexão e crítica do saber. Possibilitaria, inclusive, o acesso a novos conhecimentos, correspondendo, a partir de então, a um fator do desenvolvimento do método científico.

Novas concepções e estudos relacionados à memória surgiram ao longo dos anos. Dentre os principais autores que tratam sobre o tema, Henri Bergson, filósofo e diplomata francês, destaca em seus estudos dois tipos de memória: hábito e a regressiva ou espontânea.

Bergson distingue duas maneiras de aprender uma lição que correspondem a duas funções diferentes da memória e a duas espécies de lembrança: a memória que repete (lembrança aprendida) e a memória que imagina (lembrança espontânea). Por exemplo: podemos aprender uma lição de cor, à força de repetição (decomposição e recomposição) até adquirirmos a lembrança-ação. Essa memória “ativa” está voltada para a ação prática; não conserva as imagens antigas, mas prolonga seu efeito útil até o momento presente, criando uma série de mecanismos corporais (hábitos motores). Cada leitura particular, no entanto, imprime uma imagem determinada na memória que nos dá uma lembrança-representação. Esta memória “registradora” que data os acontecimentos na sua singularidade é a memória por excelência: ela armazena o passado na forma de imagens-lembrança. (GUIMARÃES, 2012, p.13).

A memória hábito é fixada no organismo. Corresponde a um conjunto de mecanismos que garantem uma réplica apropriada para responder às diversas

solicitações possíveis. Este tipo de memória nos ajuda na adaptação ao presente e permite que nossas ações se prolonguem em si mesmas em reações já realizadas ou nascentes “Antes hábito do que memória, ela desempenha nossa experiência passada, mas não evoca sua imagem” (BERGSON, 1999, p.176). A memória recordação ou regressiva é considerada por Bergson como memória verdadeira. Possui a mesma extensão ou amplitude que a consciência. Ela mantém e ordena nossos estados conforme se realizam, estabelecendo para cada fato um lugar, inserindo-o no tempo passado. Diferente da memória hábito, que se insere no presente e recomeça a todo momento. Embora pontue essa distinção, Bergson reconhece um vínculo entre as duas memórias:

[...] A memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é, portanto, uma memória quase instantânea para a qual a verdadeira memória do passado serve de base. Como elas não constituem duas coisas separadas, como a primeira é, dizíamos, apenas a ponta móvel inserida pela segunda no plano movente da experiência, é natural que essas duas funções se apoiem mutualmente. (BERGSON, 2006, p.92).

Para Bergson, a primeira função da memória é a evocação de todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente. A recordação do antes e do depois auxilia a tomar a decisão mais útil. A memória seleciona de forma progressiva imagens análogas que impulsionarão uma nova percepção. Ele concebe a memória como um evento que viabiliza a reprodução do passado no presente:

nossa memória solidifica em qualidades sensíveis o escoamento contínuo das coisas. Ela prolonga o passado no presente, porque nossa ação irá dispor do futuro na medida exata em que nossa percepção, aumentada pela memória, tiver condensado o passado. Responder a uma ação sofrida por uma reação imediata que se ajusta ao seu ritmo e se prolonga na mesma duração, estar no presente, e num presente que recomeça a todo instante (BERGSON, 1999, p.247).

As considerações de Bergson sobre a memória foram bastante inéditas. Ele foi um dos pioneiros a salientar a importância de se analisar os diferentes tipos de memória (episódica, semântica, processual). Além disso, buscou demonstrar porque a memória não pode ser considerada apenas como uma forma diluída ou enfraquecida de percepção.

A memória-recordação, denominada por Bergson como aquela que se mantém no espírito, não se remete apenas às nossas experiências individuais, mas as do homem em sua totalidade. Por não ser possível assimilá-la completamente, temos acesso às lembranças da memória coletiva que habitam em nós.

As considerações de Bergson serviram de base para os estudos de um dos alunos dele, Maurice Halbwachs, nos quais podemos encontrar influência, mesmo através de críticas, das colocações de Bergson sobre a noção temporal de duração e as formas mnemônicas, memória hábito e imagem recordação. (CORDEIRO, 2013).

Halbwachs construiu seu conceito de memória coletiva ou social divergindo da visão de Bergson, que era criticado por ele por conceber a memória de forma unicamente individual. Discípulo de Durkheim, Halbwachs procura dar nova interpretação ao pensamento de Bergson, inserindo nele a percepção do social. Na obra *Os Quadros Sociais da Memória*, encontramos forte influência durkheimiana. Nela, o autor destaca a importância dos quadros sociais para que a memória seja reconstruída. De acordo com os pensamentos dele, ela se manifestava na sociedade - o lócus onde habita a memória. Halbwachs cunhou o termo memória coletiva e focalizou os grupos sociais em seus estudos.

A teoria científica que Halbwachs preconiza afirma que o ser humano não consegue lembrar-se só. Nossa memória e recordações são produtos da sociedade. São coletivas. Halbwachs afirma:

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo. A memória coletiva o é também: mas esses limites não são os mesmos. Eles podem ser mais restritos, bem mais remotos também. (HALBWACHS, 1990, p.36).

As considerações de Halbwachs sobre a memória coletiva são de grande contribuição para o estudo da memória na Ciência da Informação, pois a considera um fenômeno social, coletivo. Azevedo Neto (2007) afirma que a informação só se dá na presença do homem, o seu receptor. Nessa instância ocorre o reconhecimento da

informação, não tomando o homem só como indivíduo, mas como ser e ator social. É possível então estabelecer uma relação entre memória e informação. Ambas são fenômenos sociais e humanos.

A história da informação inclui a história da cultura escrita e impressa, inclui a história das bibliotecas, da biblioteconomia e das mais recentes disciplinas e práticas conforme aponta Black (2007, p.441):

The history of information can be broken down into a number of component parts. These include the history of print and written culture, including the history of libraries and librarianship, and the history of more recent informations disciplines and practices, namely information management, information systems, and information science.

Assim, a história da memória coletiva é a história do conhecimento humano e da informação. A definição de informação aqui considerada é a apresentada por Silva (2006) que a descreve como um conjunto estruturado de representações tanto mentais quanto emocionais codificadas através de signos e símbolos e moldadas socialmente através da interação social. Pode estar registrada em qualquer suporte material. Já o conceito de memória aqui adotado é o explicitado por LE GOFF (2003, p.419) que a considera como a “propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”. Nas culturas baseadas na oralidade, a memória era a principal responsável pela transmissão e preservação das informações, a partir da escrita as memórias externas, ou os registros de informação, assumem esse papel (OLIVEIRA, 2010).

A Ciência da Informação é uma ciência social interdisciplinar que tem por objeto de estudo a informação registrada nos mais diferentes suportes, ocupando-se da análise dos processos de construção, comunicação e uso da informação. (LE COADIC, 2004).

A preservação das informações registradas nos suportes possibilita a reconstrução da memória coletiva. Os documentos (informações registradas) são significativos para a memória social, possibilitam a reconstrução da memória e a formação de identidade, sendo necessário, portanto, sua organização, preservação e comunicação (OLIVEIRA, 2011).

4 OS LUGARES DE MEMÓRIA E SEUS PAPÉIS NA RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA

As limitações da memória humana impulsionaram o homem a buscar alternativas externas, criando as chamadas memórias artificiais para compensar o esquecimento. O desejo de permitir o acesso aos registros produzidos ao passar dos anos resultou na criação das instituições de memória que tem por objetivo preservar os registros do conhecimento nos mais diferentes suportes (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2011).

Pierre Nora, um ilustre historiador francês representante da nova história, classifica os lugares de memória em topográficos: arquivos, bibliotecas, museus; lugares monumentais: cemitérios, arquiteturas; lugares simbólicos: comemorações, as peregrinações e os aniversários; lugares funcionais: os manuais, as autobiografias ou as associações. "Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais" (NORA, 1993, p.13).

Neste capítulo, trataremos dos lugares de memória: bibliotecas, arquivos e museus. Serão apresentados aspectos históricos, sobretudo da relação destes locais com a divulgação da religião, foram relevantes para a preservação da memória religiosa no passado e ainda constituem importantes instrumentos que podem ser utilizados pelas igrejas e instituições no presente.

Arquivos, museus e bibliotecas são lugares de memória, que para cumprirem seu papel necessitam de sistematização quanto às atividades de conservação, disseminação e acesso aos registros informacionais. São lugares considerados como importantes ferramentas que possibilitam a guarda material e disponibilização dos estoques de informações contidas nos documentos em seus mais variados suportes e formas de registro: audiovisual, bibliográfico, cartográfico, cinematográfico, iconográfico, eletrônico, micrográfico e textual (CONSELHO, 2006).

4.1 Bibliotecas

Os seres humanos sempre mantiveram a necessidade intrínseca de se comunicar e se relacionar com os semelhantes. Através da comunicação, as trocas puderam ser realizadas de forma mais eficaz. As primeiras tentativas ocorreram com as artes rupestres, popularmente conhecidas como pinturas no interior das cavernas. Por meio delas, era possível retratar o cotidiano, os sentimentos e a necessidade de expressão que a humanidade possui (ALVES, 2008).

De acordo com Vialou (2000) esse tipo de arte se configurava como uma marca de extrema relevância e originalidade simbólica, adquirindo reflexo e definição na extensão territorial em que ocorreu. Além disso, acredita que tinham adquirido o papel de simbolização, devido ao fato de constituírem testemunhos da escolha das atividades individuais e grupais, distintas ou independentes, das relações diárias das comunidades que vivenciavam as situações retratadas.

Nesse primeiro momento, o conhecimento adquirido era registrado em pedras ou tábuas de argila para que não se esvanecesse. Havia a necessidade de transmitir as informações de geração para geração. Em seguida, os khartés, espécie de cilindro de folhas de papiro, substituíram as formas mais rudimentares dos primeiros registros humanos. Possuíam a vantagem da portabilidade. Não demorou muito e o pergaminho, cujo material composto de pele de animais facilitava a redação das palavras, substituiu o papiro. A vantagem do pergaminho sobre o papiro se dava por conta da durabilidade. O desaparecimento do *volumen*, cilindro de folhas de papiro, foi marco importante para o aparecimento do livro. Foi substituído pelo códex, que apresentava páginas compiladas. Era constantemente utilizado na Grécia como forma de codificação das leis. Em seguida, os Romanos aperfeiçoaram o material. Agora o códice figurava como uma nova maneira de apresentação de informações. O livro começava a ser visto como uma obra (FEBVRE; MARTINS, 1992).

Entretanto, foi através do surgimento dos primeiros sistemas de escrita do mundo, no período que compreende o ano 4000 A.C., no Rio Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia, que se percebeu o anseio de codificar as palavras proferidas pelas comunidades. Essa conquista ampliaria significativamente a economia do comércio marítimo com povos estrangeiros. O crédito para o surgimento de diversas formas de escrita não deve ser restrito a apenas uma sociedade. Os egípcios, mesopotâmicos, americanos e chineses se encontravam, no mesmo período, em meio ao processo de

desenvolver o próprio sistema gráfico.

Um dos sistemas de escrita mais conhecidos da humanidade é o cuneiforme, desenvolvido pelos sumérios, primeiros habitantes da Mesopotâmia, atual região onde se localiza o Iraque. As palavras eram redigidas em tabletes de barro mole com a ajuda de uma cunha, e, em seguida, colocados para secar ao sol. A escrita cuneiforme foi amplamente utilizada pelos povos mesopotâmicos, que adaptaram o sistema aos próprios idiomas. A princípio, adquiriu valor apenas pictográfico, mas não tardou a chegar ao silábico (GOMES, 2007).

As primeiras formas de escrita conhecidas durante o trajeto da humanidade são as representações pictográficas ou hieroglíficas, sistemas utilizados no Egito Antigo. O registro escrito mais antigo da humanidade está na cidade de Uruk, situada no Iraque. Arqueólogos descobriram diversas bibliotecas no país, inclusive em Nínive. A mais célebre pertencia ao Rei Assurbanipal, que continha mais de vinte mil tabuletas (BASTOS, 2011).

Mais à frente, os fenícios, povos residentes na região onde se situa o atual Líbano, no Mar Mediterrâneo, levaram o crédito por inventarem o alfabeto com os vinte e dois sinais a fim de representar a fonética das consoantes. Em seguida, os gregos foram responsáveis por inventar as vogais. O alfabeto fenício, através da assistência do povo grego, é até os dias atuais utilizado nos sistemas de escrita das civilizações ocidentais (PIRES, 2002).

Com o passar dos anos, o desenvolvimento das tecnologias possibilitou o surgimento dos livros. O Código de Hamurabi, um dos mais famosos conjuntos de leis do mundo, figurou como um importante exemplo, já que seu conteúdo foi transcrito em 1694 A.C. Já o exemplar literário mais antigo é a Epopeia de Gilgamesch, redigida na Babilônia (GOMES, 2007). Outro texto de destaque é a Ilíada, de Homero, que foi escrito por volta dos anos 700 A.C. e trata sobre a guerra de Tróia. (SHURKIN, 2013).

Entretanto, o processo de impressão de livros jamais seria o mesmo após a famosa invenção de Gutemberg, a prensa. Ele leva o crédito por ter inventado a tinta para impressão no papel e pergaminho. O inventor imprimiu quarenta e duas linhas da Bíblia em meados de 1455, na Alemanha. As palavras eram redigidas em papiros e pergaminhos. A grande contribuição de Gutemberg para o livro foi o processo de impressão em série. A partir dessa invenção, as publicações começaram a ser produzidas com maior agilidade (MILANESI, 2002).

A Bíblia de Gutemberg foi o primeiro livro impresso através do processo

industrial. Em muitas páginas, ele se valia das abreviaturas e da ilustração à mão para conferir organização ao texto e ao restante do conteúdo. “A imprensa de Gutemberg surgiu, então, para incrementar o barateamento da produção de livros a disseminação do conhecimento, talvez tenha sido ela, que conferiu ao papel a sua importância” (MILANESI, 2002, p.25).

Outra invenção que auxiliou no surgimento do livro foi a do papel. Através da utilização de massa fibrosa a partir de redes de pesca e de trapos e posteriormente da casca de vegetais, o oficial chinês T’ sai Lun foi o responsável pela criação do material, em 105 A.C. (VIEIRA, 2011). A *Sutra de diamante (Jingang jing)*, obra budista de 868, é tida como a obra mais antiga da China. O processo de impressão se deu em um rolo de papel através de rolos de madeira esculpida (AMARAL, 2002).

Pi Shêng, outro chinês, foi o criador dos tipos móveis, entre os anos de 1041 e 1049. Trabalhava como escritor e fazia uso da argila cozida para preparar as próprias invenções (ALMEIDA; FREITAS, 2011). Enquanto isso, na Idade Média, os livros eram esculpidos em madeira. Um dos mais famosos era *Exercitium Super Pater Noster*, que data de 1440. O volume contém textos e ilustrações em Holandês e Latim (CAMPOS, 1970).

A origem das bibliotecas se deu antes do surgimento dos livros. A palavra biblioteca se origina do termo grego *bibliotêke*, cujo significado se traduz literalmente como espaço onde livros são guardados, ou seja, um depósito de livros, conforme afirma Houaiss (2009), no dicionário Houaiss da língua portuguesa. O radical biblio, proveniente do idioma grego, significa livro. Segundo Ferreira (2010), no dicionário da língua portuguesa organizado por ele, as bibliotecas significam uma coleção pública ou privada de livros e documentos congêneres, organizada para o estudo, leitura e consulta. Já para Milanesi (2002), a ideia mais primitiva desses locais é o resultado do desejo e da necessidade quase instintiva de utilizar várias vezes uma informação que venha a ser significativa.

Para Verri (2013) são lugares onde pode ser desenvolvida a capacidade de pensar, examinar, desenvolver habilidades e pensamentos ou identificar os diversos aspectos e usos dos produtos criados pelo homem. Já Martins (1998) corrobora que a existência das bibliotecas se tornou real muito antes da dos livros e dos manuscritos.

Entretanto, esses ambientes nem sempre concentraram livros. As fontes de informação preservadas dentro das paredes desses locais variavam de acordo com a tecnologia utilizada em cada época. Pode-se tomar como exemplo as tabuletas de

argila, os papiros, os pergaminhos e os códices que ocupavam os mosteiros da Idade Média (MORIGI, 2005).

Na Antiguidade, as bibliotecas eram divididas em minerais, vegetais e animais. As primeiras eram focadas no suporte com a argila. As segundas, se valiam do papiro e, por fim, as terceiras, utilizavam o pergaminho. Não apresentavam distinções consideráveis quando comparadas às do período medieval. Eram designadas como lugares de armazenamento de documentos. O foco era preencher o local com a maior quantidade possível de rolos de papiro e, em seguida, de pergaminho que versavam a respeito de obras de autores gregos, romanos e egípcios. A presença de bibliotecas nas cidades atribuía poder aos imperadores (MARTINS, 1998).

A Biblioteca de Alexandria, uma das mais famosas e antigas, guardava em seu acervo a maior quantidade de manuscritos da Antiguidade. Os maiores patrimônios culturais e científicos da humanidade estavam arquivados lá. Segundo Martins (1998), o local dispunha de cerca de setecentos mil volumes, catalogados pela primeira vez pelo poeta Calímaco, autor da Epopeia sobre Teseu, herói ateniense. O acervo não se constituía apenas de livros ou papiros. Em seu interior era estimulada a capacidade de investigação de cientistas e literatos. Um dos propósitos primordiais da biblioteca era conservar e difundir os valores de Alexandria. Matemáticos, filósofos e intelectuais compareciam ao espaço com frequência.

A biblioteca egípcia servia a um propósito distinto do que podemos classificar como uma biblioteca na concepção atual.

Alexandria não é o protótipo dessas catedrais do saber que são nossas salas de leitura. É uma biblioteca de Estado, mas sem público, cuja finalidade não é a difusão filantrópica e educativa do saber na sociedade, e sim a acumulação de todos os escritos da Terra, no centro do palácio real que, por ele mesmo, constitui um bairro da cidade. (BARATIN; JACOB, 2000, p. 45).

Além disso, foi palco de diversas conquistas nos campos da trigonometria, geometria, astronomia, línguas, literatura e medicina. Acredita-se que os setenta e dois sábios encarregados de preparar a Septuaginta, transcrição dos escritos sagrados do idioma hebraico para o grego, congregaram-se na Biblioteca de Alexandria a fim de executar o trabalho. O local foi criado por Ptolomeu I Sóter e destruído três vezes por meio de incêndios. O último ocorreu no ano 640 pelos mulçumanos através das ordens do califa Omar I.

De acordo com Mey (2004, p. 82):

A Biblioteca de Alexandria, como nossas modernas bibliotecas, provavelmente sofreu - mais de algumas e menos de outras - de todas essas causas, até mesmo por sua longa permanência na história: ao todo, cerca de seis séculos. Deixou-nos uma herança indelével, um exemplo a ser seguido, de busca do conhecimento e tolerância. Certamente o homem moderno tem muito a aprender das lições de Alexandria.

Durante a Idade Média, a Igreja ocupava o centro da vida social e econômica da sociedade. Naquele período, a sociedade era dividida em três segmentos. O clero, que possuía o conhecimento absoluto e encabeçava as bibliotecas, a nobreza e os militares. Os plebeus não demonstravam interesse pela leitura. O tradicionalismo oral havia se estabelecido no Ocidente. O acesso ao conteúdo da biblioteca era restrito. A população encontrava diversas dificuldades de adquirir acesso ao conhecimento e a taxa de analfabetismo alcançava altos níveis. Portanto, de acordo com McGarry (1999), a habilidade de escrever era reservada apenas à celebração das cerimônias clericais.

Os livros eram considerados como uma espécie de artigo de luxo. Uma quantidade limitada da população tinha condições de adquiri-los. Além disso, boa parte da sociedade não sabia ler nem escrever. Os mosteiros figuravam como as primeiras bibliotecas do período medieval. O conteúdo presente no interior desses lugares era destinado exclusivamente a membros eclesiásticos ou indivíduos aceitos pelas instituições religiosas. As obras eram minuciosamente controladas, devido ao fato de a Igreja considerar algumas delas como contrárias aos seus ideais. Até o ofício dos escribas era vigiado. A meta deles se destinava a transcrever os manuscritos clássicos (MORIGI, 2005).

O silêncio era um elemento de relevância dentro das bibliotecas. Tornou-se fator indispensável para o funcionamento delas. O público seletivo, composto por monges da Igreja Católica, tinha acesso às obras para leitura do trabalho original e, em seguida, trabalhavam extensivamente no intuito de copiá-las. Desta maneira, preservariam a memória contida nas produções intelectuais (BASTOS, 2011).

SAENGER (2002, p. 161) fornece mais detalhes sobre o silêncio nas bibliotecas:

Nas bibliotecas da fase final da Antiguidade e nas dos mosteiros do início da Idade Média, em que os usuários liam em voz alta, o som de cada leitor funcionava como barreira fisiológica, ou seja, atrapalhava leitores vizinhos. Quando os leitores começavam a ler visualmente, o barulho tornou-se perturbador (...). Humberto de Romans, no *De instructionis officialium*, exigia que cada convento dominicano tivesse uma sala de leitura comum na qual o silêncio fosse absoluto. Em Oxford, o regulamento de 1431 reconhecia a biblioteca como local de silêncio.

A Idade Média também foi um momento propício para o surgimento das bibliotecas universitárias. Em um primeiro momento, o conteúdo delas estava voltado ao cerne religioso, após algum tempo, começou a se expandir para áreas do conhecimento distintas. Assemelham-se ao conceito de biblioteca como é concebido atualmente: um espaço onde a informação se encontra disponível de forma democrática (MORIGI, 2005).

A razão dos livros possuírem acesso restrito à época era devido à leitura figurar como o alimento espiritual dos monges.

O acesso a esses acervos guardados nos mosteiros limitava-se aos que pertenciam a ordens religiosas ou eram aceitas por elas. Ler e escrever eram habilidades quase exclusivas dos religiosos e não se destinavam a leigos (MILANESI, 2002, p.25).

O ofício dos monges era visto como uma atividade sagrada que requeria leitura cuidadosa, como se precisasse analisar um estudo religioso complexo. Através dessa premissa de concentração, surge o silêncio, que passou a ser adotado nas bibliotecas. O indivíduo que as adentrasse agiria como se estivesse no interior de um local sagrado, no qual precisaria permanecer calado como alguém que buscasse se comunicar com uma divindade (MAROTO, 2009).

A quantidade de pupilos que seguiam para as universidades se elevou, resultando no aumento da produção de obras e conhecimento intelectual. A leitura possibilitou a ampliação de obras e o desenvolvimento intelectual a respeito de diferentes áreas do conhecimento (MORIGI, 2005).

Na capital da França, Paris, a Universidade de Sorbonne é célebre pelo fato de ser uma biblioteca universitária fundada nos princípios clérigos. Sua estrutura interior é descrita da seguinte maneira:

[...] ao longo das paredes com os livros, que se consultavam em estantes alinhadas no meio da sala. Estas últimas, em número de vinte e oito, acompanhavam-se de cadeiras, assinaladas com as letras do alfabeto. Os livros, na maior parte, têm uma corrente fixada na encadernação, suficientemente longa, entretanto, para permitir o seu transporte. À grande sala de consulta, sucede uma outra mais modesta, que serve de depósito. A meia-altura, tal como uma capela, abrem-se trinta e seis janelas, através das quais a luz filtrada anima e colore os retratos dos benfeitores do Colégio: Robert e seus sucessores. [...] Sim, trata-se de um lugar sagrado e augusto, no qual só se entra de beca e boné. Quando a leitura termina, é aconselhável refletir e meditar, passeando devagar ao longo da galeria coberta que rodeia a biblioteca. Depois, quando as sombras da noite se adensam, cada um se recolhe a sua casa, visto ser proibido, por prudência, trazer lanternas. (BONNEROT, 1927, p. 5-6 apud MARTINS, 1998, p. 89-90).

A partir desse momento, a figura do bibliotecário surgiria como elemento fundamental, especialmente na de Caen e Angers, conforme afirma Martins (1998). O papel dele era de organizador das informações. Durante o Renascimento, adquiriu novo significado. Consolidou-se como difusor do conhecimento.

As primeiras universidades do continente Europeu prosseguiram com as características religiosas, o controle e o silêncio. As obras eram acorrentadas, a fim de estimular a organização, controlar o que seria lido e evitar roubos de obras.

[...] os livros, de acordo com o seu valor – copiados a mão e ricamente ornamentados – ficavam presos por correntes às estantes, mas de maneira que pudessem ser levados às mesas de leitura. Essas bibliotecas carregavam, fortemente, a atmosfera religiosa em sua arquitetura e nas ações de seus frequentadores. O ato de ler revestia-se de tal importância que não se entrava no recinto da leitura sem que os leitores usassem a beca. (MILANESI, 2002, p. 24).

Outros tipos de bibliotecas também adquiriram destaque, como as bizantinas ou monásticas, no Oriente Próximo. De acordo com Martins (1998, p. 86), elas eram “igualmente mantidas por monges, mas nas quais, segundo parece, a contaminação profana era muito maior e mais fácil.”

Ainda segundo Martins (1998), as bibliotecas particulares eram comuns no Oriente. Pertenciam aos imperadores, que as transportavam sempre que empreendiam jornadas como parte integrante da bagagem. Em Constantinopla, situavam-se os maiores ambientes desse estilo. Pode-se tomar como exemplo a pertencente ao sábio Fócio I, que continha 280 obras de valor inestimável. Algumas bibliotecas particulares chegavam a conter cerca de cem mil obras. Copistas e um

bibliotecário principal compunham o quadro de funcionários desses locais. Este último executava a função de organizar o acervo. Na França, o Rei Carlos V foi proprietário de uma biblioteca particular. Chegou a reunir cerca de mil e duzentos livros. As obras presentes na coleção do soberano se encontram na Biblioteca Nacional da França.

Foi com a chegada do Renascimento que as bibliotecas assumiram o papel de difusoras do conhecimento. Além disso, o bibliotecário passou a ser reconhecido como responsável pelo funcionamento desses lugares. Milanesi (2002, p. 7) afirma que em O Nome da Rosa, surge a figura misteriosa do bibliotecário do convento, que levava a chave de um mundo complexo e misterioso. Além disso, o período histórico resultou em mudanças na economia política da leitura. Não eram oferecidos somente novos tipos de livros, mas diferentes maneiras de ler (SANTOS, 2012, p.186).

Os intelectuais começam a se interessar por livros raros e relevantes e pela constância na organização das bibliotecas. Segundo Jacob (2000), os criadores das bibliotecas renascentistas nutriam uma paixão desmesurada pelas da Antiguidade, nas quais poderiam encontrar os livros que buscavam e os que elevassem o status em meio aos companheiros e súditos.

Durante o Renascimento surgiram maiores cuidados concernentes à conservação física dos livros. Outros detalhes, como a organização interna das bibliotecas e a disposição arquitetônica, passaram a ser levados em conta. Dentre as principais bibliotecas surgidas neste período, destaca-se a do Vaticano, fundada em 1450 pelo Papa Nicolau V.

Burke (2003) ressalta a França e a Itália como países com forte presença de bibliotecas. Possuem o maior número desses lugares de memória. As cidades de Nápoles, Florença, Veneza e Milão concentravam bibliotecas renomadas. No século XII, Paris ultrapassava Roma na quantidade de obras. Outro guia, datado do século XVII, nomeia trinta e duas bibliotecas nas quais a população detinha acesso a fim de realizar consultas como uma espécie de favor, “um guia de Paris datado de 1692, arrola 32 bibliotecas onde se permitia que os leitores entrassem ‘como um favor’ para a consulta de suas coleções” (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2008, p.34).

No Brasil, a história das bibliotecas pode ser sintetizada em três etapas consecutivas: As bibliotecas dos conventos e particulares, a fundação da Biblioteca Nacional e criação da Biblioteca Pública da Bahia (SANTOS, 2010). A criação de bibliotecas em solo brasileiro teve caráter religioso. A ordem dos Jesuítas, fundadora da Companhia de Jesus e formada por padres com o propósito de catequizar os povos

indígenas e colonos, foi responsável pela implementação desses espaços. Cidades como Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo abrigavam essas bibliotecas, que auxiliavam tanto no aprendizado de alunos nos primeiros anos de estudo quanto os estudantes de Filosofia da época. O acesso às bibliotecas poderia ser realizado por alunos, professores e o pelo público, mediante à justificação. De acordo com Moraes (2006), a Biblioteca do Mosteiro de São Bento, em Salvador, foi um exemplo de formalização de biblioteca voltada para o público.

As bibliotecas presentes nos conventos constituíam centros de cultura. Além disso, desempenhavam importante papel na formação intelectual da população jovem no Brasil até a metade do século XVIII, com destaque para as de São Bento e São Francisco, em São Paulo. A extinção da Companhia de Jesus com a consequente expulsão dos jesuítas impactou consideravelmente as bibliotecas existentes. Os acervos foram empilhados em locais inadequados enquanto eram inventariados a fim de serem encaminhados aos locais de destino (SANTOS, 2010).

A vinda da família real portuguesa ao Brasil, que trouxe a Biblioteca Real, composta por um acervo de aproximadamente 60 mil peças, dentre os quais manuscritos, livros, mapas, estampas, moedas e medalhas, significou o início da formação de uma Biblioteca Nacional. Assim sendo, no dia 13 de maio de 1811, é inaugurada a Real Biblioteca. Nela, o acesso aos livros era restrito aos estudiosos e concedido apenas por meio de autorização. Somente em 1814 foi franqueada ao público e, a partir desta data, novas coleções foram incorporadas ao acervo. Em 1876, passa a ser chamada definitivamente de Biblioteca Nacional.

Os ideais iluministas do século influenciaram os brasileiros a adotar uma postura contrária ao governo. Ainda nesse período é criada a primeira biblioteca pública na Bahia. De acordo com Soares et al (2011, p.11):

A Biblioteca Pública da Bahia dá seus primeiros passos na vida cultural da cidade, tornando-se ponto de referência da cultura baiana. Em seus salões, viajantes como James Prior, Jean-Ferdinand Denis, Louis-François Tollenare, Karl Friedrich Philipp von Martius, entre outros, surpreendem-se por encontrar em terra tão exótica uma casa que guarda tão rico acervo; estudantes se debruçam à procura da fonte do saber; pessoas passam seus momentos de lazer lendo um jornal ou uma revista, buscando, entre folhas, sonhos e certeza.

Em 1834, a pedido do Barão de Montserrat, governador da Bahia à época, foi elaborado o primeiro catálogo do acervo contido na biblioteca, que possuía o total de 11.575 volumes. Em 1863, foi reduzido para 10.715 volumes devido ao roubo e à

destruição de livros ocasionada por pragas. Ainda em 1863, atingiu a quantidade de 15 mil volumes. Porém, ao completar 18 mil, a biblioteca passa por uma mudança na localização do seu acervo, que foi disposto em salas com infiltrações. Nestes locais, muitos materiais foram perdidos por causa da chuva. A biblioteca ainda sofreria os danos de um incêndio, em 1962, no qual grande parte do acervo foi destruído, restando apenas 300 volumes. A posterior restauração foi realizada aos poucos no Arquivo Público. Em 1915, a biblioteca já possuía mais de 20 mil obras (SANTOS, 2010).

Ao longo da história da humanidade, as bibliotecas desempenharam um importante papel como guardiãs de reminiscências. Desde os primórdios até os dias atuais, constituem locais instituídos para a salvaguarda da memória coletiva dos povos. Possuem a função social de preservar, organizar e disseminar as informações contidas em seus acervos. As bibliotecas agregam os saberes, a herança cultural, o patrimônio simbólico, a tradição e a memória da humanidade. Buscam superar o esquecimento e preservar tais conhecimentos para a posteridade.

Como lugares de memória, as bibliotecas

tendem a reafirmar os saberes e a torná-los móveis, traduzíveis, permutáveis. São instituições que nos permitem, por intermédio de seus acervos, acessar as experiências comuns a toda humanidade, bem como as razões e os intentos de cada um de seus usuários em particular. Neste sentido, toda biblioteca é, ao menos à primeira vista: lugar da memória nacional, espaço da conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento (SILVEIRA, 2010, p.78).

Devido à relevante função das bibliotecas como instituições de salvaguarda e preservação da memória, cabe investigar a existência e a situação destes locais nas instituições e igrejas protestantes. Os protestantes possuem uma vasta produção literária e notável influência na alfabetização e na leitura no Ocidente moderno. Os reformadores acreditavam que, para que suas ideias fossem seguidas, seria necessário que as pessoas comprovassem a autenticidade dos próprios pressupostos.

Com relação aos ideais de Lutero, Souza (2006, p.8-9) afirma que

As principais reivindicações de Lutero em relação à igreja estabelecida, tinham como base sua interpretação bíblica [...] embora o objetivo maior dos reformadores protestantes ao incentivarem a alfabetização e leitura fosse religioso, a fim de que os fiéis pudessem ser ensinados e convencidos das novas doutrinas, isso trouxe reflexos diretos sobre várias outras áreas. Além do ensino, com a criação de novas escolas e maior incentivo à educação, setores como a imprensa e o comércio de livros foram profundamente influenciados e simultaneamente influentes neste momento histórico em especial. Cabe destacar o importante papel desempenhado pelas traduções bíblicas para as línguas vernáculas, que, além de ter influenciado significativamente a cultura, linguagem e literatura dos respectivos países, ainda contribuiu para uma certa dessacralização do texto sagrado, que até então era monopolizado apenas pelo clero.

Assim, o pensamento crítico, inspirado na permissão do acesso ao texto desenvolveu-se de forma progressiva e possibilitou novos questionamentos de ordem não só religiosa, como socioeconômica.

As atividades missionárias protestantes no Brasil se iniciaram a partir da distribuição de bíblias e folhetos. A partir da década de 1830, os protestantes passaram a produzir diversos tipos de publicações, dentre elas panfletos, folhetos, jornais, livros e revistas. Eram direcionados para a difusão das crenças protestantes e para a instrução doutrinária das pessoas que se tornavam adeptas às denominações protestantes existentes no Brasil (VASCONCELOS, 2012).

A produção bibliográfica protestante no Brasil tem crescido ao longo dos anos. Com base na última pesquisa da Associação Nacional de Livrarias, 10,3% dos livros lançados no mercado, em 2012, eram do gênero protestante. De 2010 a 2011, houve crescimento do faturamento nessa área de 23 para 34% e a quantidade de exemplares vendidos aumentou 17,3%. O aumento se deu pelo interesse do público evangélico por livros religiosos. Existem, no Brasil, aproximadamente 40 milhões de evangélicos, que representam 22,34% da população. Estima-se que, em 2020, haverá um acréscimo de 50% aproximadamente 110 milhões de pessoas. Isto tem motivado as editoras a lançarem livros direcionados para esse público (SEGAL, 2013).

A Câmara Brasileira do Livro/ FIPE estima que, em 2010, os livros desse gênero geraram 14,7% do faturamento do mercado. Dados recentes mostram que o mercado editorial protestante possui um crescimento em torno de 7% ao ano (SEGAL, 2013). Tamanha produção intelectual necessita ser preservada e disseminada.

4.2 Museus

A origem do termo museu possui uma referência que a conecta à mitologia e à língua grega antiga. Chamados de *mouseion*, eram conhecidos como espaços dedicados às artes e às ciências, cujo interior servia como área onde se buscava inspiração divina. Acreditava-se que estímulos criativos seriam alcançados a favor de artistas e intelectuais dentro deles. A tradução apropriada para a nomenclatura que designava esses lugares equivale-se a Templo das Musas, prole do deus grego Zeus com Mnemosine, já mencionada no capítulo 1, divindade da memória. Cada uma delas era ligada a uma área do conhecimento distinta. Eram responsáveis pelas nove artes liberais: poesia lírica, dança, tragédia, história, elegia, poesia épica, música, astronomia, comédia e eloquência (GASPAR, 1993).

Em seus primórdios, esses locais não desempenhavam a função de servir como um acervo de obras para a humanidade. O objetivo deles era diferente do que concebemos como as atividades típicas de um museu na atualidade. O foco era a contemplação e os estudos científicos, literários e artísticos. Nos dias atuais, o museu transmite um significado diferente (JULIÃO, 2006).

De acordo com o Conselho Internacional de Museus (ICOM), ele pode ser definido como

uma instituição permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva, pesquisa, expõe e divulga as evidências materiais e os bens representativos do homem e da natureza, com a finalidade de promover o conhecimento, a educação e o lazer. (ICOM, 2007, p.2).

As atividades executadas nos museus têm o papel de exibir a cultura e a trajetória durante os séculos. Os trabalhos realizados no local desempenham a função de dar voz à identidade e resguardar o patrimônio cultural. O código de ética dos Museus, estabelecido pelo ICOM relata que

Os museus têm o dever de adquirir, preservar e valorizar seus acervos, a fim de contribuir para a salvaguarda do patrimônio natural, cultural e científico. Seus acervos constituem patrimônio público significativo, ocupam posição legal especial e são protegidos pelo direito internacional. A noção de gestão é inerente a este dever público e implica zelar pela legitimidade da propriedade desses acervos, por sua permanência, documentação, acessibilidade e pela responsabilidade em casos de sua alienação, quando permitida. (ICOM, 2013, p.3).

O intuito dessas instituições deve estar sempre destinado a atender às necessidades locais. Precisa ser um espaço direcionado a servir ao público,

salvaguardar, valorizar e estimar os fatores históricos, memoriais e tradicionais.

O legado dos museus registra milênios de história, porém, uma abordagem científica a respeito deles começou a ser realizada há pouco mais de um século. Autores como Mairesse e Desvallés (2005) nomeiam cinco períodos da trajetória da Museologia. O primeiro teve espaço com a publicação da obra de Quiccheberg, no século XVI, o surgimento da nomenclatura “Museologia”, a criação do Conselho Internacional de Museus (ICOM), da Nova Museologia e o momento voltado para o museu acessado através de plataformas digitais.

Uma visão distinta é apresentada por Gómez Martínez (2006) ao identificar a existência de duas museologias: a mediterrânea e a anglo-saxã. A mediterrânea foi desenvolvida na Itália, Espanha e França, considera os museus como instituições estáticas, cujo fim era a conservação, a manutenção do acervo. Já a anglo-saxã foca na democratização do acesso, tornando o museu uma instituição dinâmica e acessível.

Segundo o autor mencionado, o *Musée Du Louvre*, na França, serviu como fonte de inspiração para o desenvolvimento da Mediterrânea. Já o Museu Britânico, na Inglaterra, definiu as bases para a construção da anglo-saxã.

Bolaños (2002), ao se debruçar em uma perspectiva focada no século XX, elenca três períodos relevantes para a museologia no mundo. A princípio são as heranças advindas do século XIX, as décadas obscuras, que se estendem de meados da década de 1930 até o final da de 1960, e a expansão do museu por todos os continentes, desde o final da década de 1970 até o ano 2000, englobando todos os contextos no qual se insere.

O ser humano, desde o princípio da existência, adquiriu o hábito de colecionar objetos por motivos distintos. O conceito de musealidade se entrelaça com o hábito humano de intervenção no meio em que habita. Nela, encontra objetos que adquirem a possibilidade de serem guardados, acumulados e apresentados. Todos eles adquirem significados conferidos pelo próprio homem (ARAÚJO, 2012).

Duarte (2007, p. 27-28) reitera essa assertiva ao afirmar que “a conscientização de um sentido museológico estará inerente ao próprio ser humano na medida em que, desde tempos ancestrais, o homem pratica uma recolha de materiais diversos pelas mais diversas razões. ”

Foi durante o Renascimento que o museu chegou ao apogeu. Com o ressurgimento do interesse pelo patrimônio clássico formaram-se coleções

impressionantes de antiguidades na Europa. Durante esse momento, o termo passou a ser utilizado para se referir às coleções de arte, como as de Lorenzo de Médici, em Florença, na Itália (LEWIS, 2004).

Os primeiros indícios de um saber baseado na teoria do que se chamaria de museologia só surgiram a partir do século XV, segundo Mairesse e Desvallés (2005), através de publicações concernentes a museus, a exemplo das realizadas por Camilo, Comenius e Quiccheberg. Durante esse período, começou a despontar o anseio para as atividades desenvolvidas pelo homem nos mais diferentes campos, como as artes, a filosofia e o conhecimento científico. Tanto as produções executadas durante a Antiguidade Greco-Romana quanto as que surgiram no Renascimento despertavam a atenção. A partir daí, passou-se a venerar as obras, guardá-las e preservá-las.

Durante os séculos XV e XVII, manuais e tratados foram os documentos que entraram em processo de produção com foco nas normas de preservação e conservação concreta das obras. Além disso, existiam os que destacavam as estratégias de especificação formal das criações e documentos, inclusive elementos referentes à autenticidade, origem e particularidades (ARAÚJO, 2012).

Os trabalhos realizados durante esse período tinham interesses voltados para o conteúdo dos acervos. Portanto, os museus só eram espaços cuja única função se concentrava nas áreas históricas, científicas, artísticas e literárias. Saberes referentes à Museologia não chegaram a ser elaborados durante essa época (ARAÚJO, 2012).

A Revolução Francesa e outras empreendidas pelos burgueses no continente europeu foram responsáveis por incontáveis e significativas modificações na sociedade. Os museus não ficaram imunes a esse processo transformador. Surgiu o conceito de Museu Nacional, cujo funcionamento tem raízes no público. O seu principal representante é o célebre *Musée du Louvre*, situado na França (POULOT, 2013).

Grandes coleções começaram a surgir. Teve início a aquisição e a acumulação de acervos. A seguir, percebeu-se a necessidade de dispor de profissionais capacitados para operar nos museus, que se formaram em cursos profissionalizantes. Os interessados dispunham de ementas cujo foco eram as normas de administração a respeito das rotinas dos museus e conhecimentos gerais sobre Artes e Humanidades (ARAÚJO, 2012).

A ciência se consolidou como maneira genuína de produção de conhecimento e de interferência na natureza e na sociedade. As humanidades também se sentiram

na obrigação de se classificar da mesma forma (ARAÚJO, 2012).

Segundo Mairesse e Desvallés (2005), no curso do século XIX, vieram à luz manuais distintos, entre os quais podemos destacar os de Rathgeber, Graesser e Reinach. Eles executaram a missão de firmar um projeto de constituição científica que versasse a respeito da Museologia. Porém, ainda se concentrava em uma espécie de museografia, ou seja, de um ofício técnico de descrição realizado nos museus.

Os primeiros museus modernos tiveram como característica o patriotismo e a historiografia. Esses aspectos foram indispensáveis para a estruturação de parâmetros de ordenamento, descrição, classificação e exibição de acervos. (MENDES, 2009, p.31).

O Positivismo obteve destaque no processo de desenvolvimento dos museus. Através dele, a ciência encontrou espaço para se ampliar. Agora contemplava as ciências sociais e humanas. A partir desses acontecimentos, foram possíveis as criações de técnicas científicas que priorizaram processos de intervenção, a exemplo de descrição, ordenação, inventariação e exibição dos acervos contidos nos museus.

O Positivismo também contribuiu de forma a constituir a Museologia uma área do conhecimento independente de outros campos. Deixava de ocupar apenas uma função secundária. Através desses passos, o museu passou a se desenvolver e adquirir espaço de relevância (TANUS, 2014).

Segundo Mairesse e Desvallés (2005), a fundação da *Museum Association*, em Londres, no século XIX, e as atividades desenvolvidas pelos movimentos associativos, cujas conquistas acarretaram na criação do *Office International des Musées* (OIM), em Paris, no século XX foram as primeiras associações profissionais de museus. Elas adquiriram posição de destaque nos anos subsequentes.

Uma característica de relevância para o museu é a memória institucional, que se trata das memórias coletivas dos integrantes e dos que fazem uso de seus registros. O processo de conhecimento, vivência, apropriação e divulgação dessa memória é de importância significativa para o desenvolvimento da identidade institucional (ARAÚJO, 2014).

A primeira edificação no curso da História que recebeu o nome de museu foi o Museu e Biblioteca de Alexandria, no Egito, que resistiu apenas até o ano 640 D.C. Assemelha-se bastante à compreensão que se tem atualmente do que representa um museu. O espaço destinava-se a manter alguns registros, como peles de animais, trombas de elefantes, estátuas de filósofos, e instrumentos cirúrgicos e astrônomos.

Além disso, as dependências comportavam um parque botânico e zoológico e a célebre biblioteca, a mais importante da Antiguidade. O local servia como uma espécie de centro de aprendizagem e pesquisa que reunia alunos residentes, mantidos através de subvenção oficial (GASPAR, 1993).

De acordo com Baéz (2006), no entanto, a Biblioteca de Alexandria correspondia, nos seus primórdios, a um pequeno cômodo no qual eram realizadas leituras. Após algum tempo, expandiu-se para dois. O primeiro se situava no museu e o segundo ocupou espaço no Templo de Serápis, no Egito.

Outro personagem de grande importância foi Demétrio de Falero, seguidor de Aristóteles, que trabalhava na Biblioteca do rei general Ptolomeu Sóter, a quem é creditada a ideia da construção do espaço arquitetado em homenagem às musas. Planejava obter todos os livros do planeta. O museu seria construído como parte integrante do palácio real.

De acordo com registros que sobreviveram aos séculos, é possível se ter uma percepção mais clara de como eram formadas as dependências do museu, considerado local de memória.

A única descrição preservada sobre o museu indica que era parte do palácio real, e contava com um átrio, um pórtico com bancos e uma grande casa onde se situava o refeitório. Constava de diversos corredores e pátios (no último estavam os gabinetes particulares e as estantes), com pinturas coloridas nas paredes mostrando alegorias e símbolos. Tinha, contíguos, um parque zoológico e um estranho jardim botânico. (BAÉZ, 2006, p. 64).

Ainda segundo BAÉZ (2006, p. 65), Demétrio de Falero teve participação incansável no intuito de expandir a coleção de livros que trouxe para a Biblioteca de Alexandria. Contratou copistas e tradutores, cujo ofício era destinado a realizar todos os seus intentos.

A cópia e classificação dos textos em rolos de papiro ocuparam gerações inteiras formadas sob as normas metódicas da escola peripatética. Os bibliotecários, encerrados em seus gabinetes, atendiam à crescente demanda de leitores interessados em edições cada vez mais elegantes e comentadas.

Euclides foi um dos nomes mais influentes a ter adentrado o Museu de Alexandria. No local, teve a oportunidade de dar seguimento ao ensino da Matemática e a escrever a obra *Elementos de Geometria* (MONTITO; GARNICA, 2014).

A Biblioteca de Alexandria, segundo Baratin e Jacob (2000, p. 46), inspirava-se em concepções gregas, mais especificamente da cidade de Atenas. No local,

geralmente se reunia uma comunidade de intelectuais, que se dedicava à pesquisa e ao ensino em domínios tão diversos quanto a poética, as ciências, a história e, naturalmente, a filosofia.

Começaram a surgir gabinetes criados por colecionadores de artigos extravagantes e inestimáveis, a partir dos séculos XVI e XVII, como o de Médicis, em Florença, na Itália, e a Câmara de Curiosidades do duque Alberto da Baviera. A princípio, apenas grupos seletos obtinham permissão de ter acesso às coleções particulares presentes nesses locais. Podiam analisá-las em ocasiões especiais. Alterações nesse modelo ocorreram rapidamente ainda no século XVII. A organização social, a cultura e as obras intelectuais e artísticas procedentes do continente europeu sofreram transformações (KERSTEN ; BONIN, 2007).

Devido a esses acontecimentos, os museus foram impulsionados a abordar novamente as culturas exóticas. O foco era a procura do que fosse notável. As coleções de História Natural, antiguidades e objetos raros foram as que mais adquiriram destaque. A grande contribuição para a consolidação dos museus modernos se deveu às coleções e à troca entre elementos manifestados em culturas distintas (KERSTEN; BONIN, 2007).

Durante o período da Revolução Francesa, no século XVIII, os arquivos sofreriam significativas modificações. Todos os cidadãos adquiriram o direito de acesso aos registros, que só eram permitidos para os setores poderosos da sociedade. Segundo NORA (1993), esse período abria espaço para a destruição da memória coletiva dos povos oriundos do Ocidente, como festividades e comemorações voltadas para rituais. O passado foi organizado em lugares próprios, ocorreu a ampliação dos museus, arquivos e bibliotecas.

Durante o curso da História, diversos museus começaram a surgir ao redor do planeta, como o Museu do Vaticano, cujos registros e obras adquiridos dos diversos territórios, em que a Igreja Católica se fez presente, retratavam arquivos concernentes à História da Humanidade. O local conservava artes voltadas para o sagrado. A origem remonta a Clemente XIV e Pio VI, cuja junção de nomes formou o nome anterior para o atual Museu do Vaticano, que era chamado de Museu Pio-Clementino (HISTORIA, 2007).

A partir da fundação do Estado do Vaticano em 1929, todo o acervo mantido no continente europeu foi recolhido e colocado à exibição para a sociedade. Ao despontar do Renascimento, diversas obras em todos os campos começaram a ser produzidas

em todas as áreas do conhecimento. Elas compõem em grande parte os arquivos do Vaticano (MIRANDA, 2003).

Essas obras foram devolvidas aos países aos quais pertenciam após o Tratado de Viena, que obrigou o derrotado imperador Napoleão Bonaparte a abdicar dos itens que havia usurpado dos territórios que conquistou durante o próprio reinado (MIRANDA, 2003).

A Capela Sistina, morada de um dos afrescos mais famosos da História, a pintura de Michelangelo, que retrata a história do homem segundo a visão bíblica e o Juízo Final, representa um dos mais importantes acervos da Igreja. Além do mais, o Museu do Vaticano conta com peças arqueológicas, arte egípcia, estátuas romanas, tapetes e mapas. O local é um documento vivo da trajetória do ser humano e suas manifestações durante diversos períodos históricos (MIRANDA, 2003).

Outro exemplo de museu focado no sagrado é o *Dunham Bible Museum*, criado em 1960 e localizado na *Houston Baptist University*, no Texas, EUA, cujo objetivo é o relato das passagens encontradas em um dos livros mais célebres do planeta, a Bíblia.

Nas dependências, o visitante confere exposições de manuscritos antigos, escrituras medievais, exemplares dos primeiros livros sagrados do Cristianismo publicados, assim como as primeiras Bíblias impressas em inglês e diversas traduções, em outros idiomas, dos textos sagrados em todo o mundo. O espaço promove palestras a respeito dos conteúdos presentes na Bíblia ou referentes a estudos de cunho religioso (DUNHAM, 2015).

O Museu de História Protestante, fundado em 1931, em *La Rochelle*, na França, também é um exemplo de instituição cuja meta é focada em preservar a memória religiosa protestante. No local, encontram-se documentos, gravações e obras que marcam a história do protestantismo em Aunis e Saintonge. A história do segmento está conservada em raridades que remontam o século XVI (ECCLESIA, 2009).

Dentre elas, a insígnia de *Gueux de Mer*, cuja assistência se mostrou vital aos *corsairs* de La Rochelle, espécie de piratas, durante as guerras religiosas; a insígnia utilizada pelos adeptos do Duque de Guise em meio ao Massacre de São Bartolomeu, episódio histórico ocorrido em agosto de 1572 durante o qual os reis franceses ordenaram o genocídio de diversos protestantes no país europeu; além do mais, o museu guarda livros produzidos nos séculos XVII e XVIII, textos sagrados da Bíblia

impressos em todas as línguas europeias do século XIX, e alguns documentos recentes concernentes ao protestantismo francês (ECCLESIA, 2009).

O Museu Estatal da História da Religião, localizado na Rússia, fundado em 1932, é mais um exemplo de instituição cujo acervo é repleto de memórias referentes ao sagrado. Os arquivos presentes no local são provenientes dos repositórios do Museu de Antropologia e Etnografia “Pedro, o Grande”, conhecido como “*Kunstkamera*”, do Museu Estatal de Hermitage, da Biblioteca da Academia de Ciências e do Museu Estatal Russo. A criação do espaço, que faz parte da Academia de Ciências da União Soviética, é creditada ao antropólogo, historiador da religião e etnógrafo russo Bogoraz-Dan. Todos os arquivos presentes foram usados em exibição contrária à religião, planejada pelos componentes da Academia de Ciências no Palácio de Inverno, em Leningrado (MUSEUM, 2015).

O objetivo da criação do Museu Estatal da História da Religião, que se localiza na Rússia, foi o de servir como entidade de pesquisas e disseminação do conhecimento científico. Havia a necessidade de estudar a fundo a religião, que era considerada fenômeno histórico-social de grande amplitude. No local contemplavam a análise da evolução dos conceitos e cultos religiosos, do papel da religião em épocas históricas distintas, dos elementos psicológicos da religião, das artes religiosas, dentre outros aspectos (MUSEU, 2012).

O museu realizava exposições do acervo como também guardava os objetos de relevância religiosa a fim de salvá-los da aniquilação. Até o início da década de 1940, o acervo já dispunha de objetos raros de relevância para diversas religiões do mundo, como o Hinduísmo, o Cristianismo, o Islamismo, o Budismo, o Judaísmo. Obras que representassem a fé dos povos da Sibéria, do Volga, do Cáucaso, da China e do Japão também tiveram espaço no local (MUSEU, 2012). Apenas uma biblioteca foi criada nas dependências do museu. Nela continha a maior coleção de obras a respeito da história e do estudo das religiões (MUSEU, 2012).

A Segunda Guerra Mundial foi um período da História em que os funcionários do museu que não partiram para a batalha tiveram de redobrar os esforços a fim de não perder os acervos para incêndios ou ataques. Durante esse período tenso da História, promoveram exposições sobre a história militar do povo russo (MUSEU, 2012). Com o fim da guerra, o museu organizou a grande exposição da história das religiões do mundo, fato que o tornou célebre em todo o país e no mundo.

A partir dos anos 1950, o local passou a se chamar de Museu Estatal da

História da Religião e do Ateísmo em parceria com a Academia de Ciências da União Soviética. Mais à frente, na década de 1970, pensou-se em realizar uma nova exposição, além de se intensificar as ações e coletas de acervos presentes em museus e referentes à pesquisa científica.

Na década de 1990, volta a ser chamado de Museu Estatal da História da Religião. Atualmente as atividades se estenderam para os campos da educação e do turismo voltado para os trabalhos executados no interior dos museus (MUSEUM, 2015). O museu não procura transmitir tampouco influenciar e instituir doutrinas religiosas. O acervo da instituição procura instruir os visitantes a respeito do legado cultural e histórico de sociedades distintas espalhadas pelo mundo. A missão do museu se concentra no estímulo à tolerância religiosa e à conscientização a respeito da diversidade de credos e culturas presentes no planeta (MUSEU, 2012).

Dentre os diversos museus presentes no Brasil, um dos que se mantém como local de memória também para o sagrado é o Museu de Arte Sacra de São Paulo, fundado na década de 1970. A criação do espaço foi fruto de uma parceria entre o Governo do Estado e a Mitra Arquidiocesana de São Paulo. Atualmente se localiza no Mosteiro de Nossa Senhora da Imaculada Conceição da Luz (MUSEU, 2015).

As obras presentes no local, que se estendem desde o século XVI, compreendem autores nacionais e internacionais, dentre os quais se encontram Mestre Valentim, Mestre Ataíde e Aleijadinho. A maior parte do acervo concentra-se nas produções da época da colonização. Só começou a ser reunido a partir do século XX através do trabalho de Dom Duarte Leopoldo e Silva, primeiro arcebispo de São Paulo (MUSEU, 2015).

Após 1889, ano que marcou a Proclamação da República, as obras que compunham começaram a se juntar. Isto se deu devido ao fato de as igrejas e capelas de fazendas anciãs do estado virem abaixo por ordem do Governo Federal. Somente após os anos 1970, o museu já contava com obras suficientes e provenientes de diversas regiões do país (MUSEU, 2015). Atualmente o museu recolhe, classifica, cataloga, expõe e preserva objetos religiosos com valor estético e histórico, organiza exposições, desenvolve atividades de capacitação profissional, promove cursos e fomenta o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre arte sacra e história da arte (MUSEU, 2015).

No Brasil, na perspectiva museológica, há alguns exemplos de locais de preservação da memória do protestantismo, como o Centro de Memória Metodista,

em São Paulo; e o Centro de Memória Protestante Teosópolis, na Bahia.

O Centro de Memória Metodista foi criado em 2010, no Edifício Alfa, da Universidade de São Paulo, em São Bernardo do Campo. O prédio, que é considerado patrimônio histórico pelo município e pelo estado, foi o primeiro local a abrigar um curso de ensino superior na cidade. Lá consta um rico acervo designado à preservação e à comunicação da memória metodista e protestante no Brasil (CENTRO, 2011).

O centro é responsável pela gestão do Arquivo Geral da Igreja Metodista, do Arquivo Histórico da Faculdade de Teologia, do Instituto Metodista de Ensino Superior, do Museu Guaracy Silveira e do Projeto Digital (Biblioteca e Documentação Digital do Protestantismo Brasileiro). Trata-se de um espaço aberto ao público destinado à preservação e ao estudo da memória do protestantismo; onde foi realizada a digitalização dos fascículos do *Jornal Expositor Cristão*, jornal oficial da Igreja Metodista, dos anos de 1886 até 1909, o mais antigo jornal evangélico em circulação. Serão digitalizadas a *Revista Voz Missionária*, *Cruz de Malta*, *Flâmula Juvenil* e *Homens em Marcha*, publicações históricas do metodismo brasileiro. O museu mantém obras raras, como a Bíblia de Lutero, as Institutas de Calvino e um livro de Cícero, de 1518. Além disso, uma edição em letras góticas compõe o acervo de bíblias em vários idiomas, dentre elas uma em braile do ano de 1900 (CENTRO, 2011).

Em Itabuna, na Bahia, foi inaugurado o Centro de Memória Teosópolis, em 2013. Funciona no bairro da Conceição e conta com um acervo de literaturas usadas nas igrejas batistas e livros escritos por pastores. São realizadas exposições no local. O centro tem por objetivo resgatar a memória da Igreja Batista na Bahia e no Brasil. Detém no próprio acervo periódicos de circulação interna, estadual e nacional, dentre eles *O Jornal Batista Baiano* e o *Jornal Batista Brasileiro*. No recinto são expostos objetos, como placas, troféus, brindes, *bottons* (objeto decorativo pregado em roupas ou superfícies utilizando alfinete) e réplicas de uniformes e peças que foram utilizados por membros da Igreja Batista (HISTÓRIA, 2013). São desenvolvidas atividades de contação de história, oficina de leitura e exibição de documentários em parceria com a Universidade Estadual de Caxias do Sul (REDE, 2014).

Os museus são de grande importância para a memória coletiva. Os objetos, documentos do passado, podem representar fatos que foram significativos para indivíduos ou grupos. Neste trabalho, os museus são considerados locais que podem promover a visualização da memória nas igrejas e instituições protestantes

centenárias na cidade do Recife, como também contribuir para a preservação dos registros armazenados nestes locais.

4.3 Arquivos

O termo arquivo provém da terminologia grega *archeion*, que se trata de uma junção dos termos *archaios* (antigo) e *epo* (cuidar). A partir deste esclarecimento, concluímos que a palavra denota arranjo de elementos ancestrais. O dicionário de terminologia arquivística do Arquivo Nacional oferece a própria contribuição a fim de elucidar que "arquivo é o conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, independente da natureza do suporte" (ARQUIVO, 2005, p.27).

Arquivo não se refere apenas a dados contidos em um pedaço de papel. A tradução assume proporções mais consideráveis. Representa todo o legado relacionado à História e à trajetória de determinado povo. Os aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais estão documentados nesses materiais. Os arquivos não só cumprem o papel de manutenção de memórias, mas servem como meio de transmissão de informações (TARGINO; HORA, 2010).

À medida que o tempo decorria, os arquivos estiveram presentes em formas e suportes distintos, como as tabuletas de argila, o papiro, o pergaminho e o papel. Os materiais e o conteúdo cada vez mais se ampliaram. Sempre considerados elementos de memória das civilizações, os arquivos remontam a seis mil anos antes de Cristo, desde a Mesopotâmia, especificamente na área banhada pelos rios Tigre e Eufrates. Entretanto, a História atesta a conservação de arquivos presentes nas pinturas rupestres, no período em que os seres humanos habitavam as cavernas. Os desenhos e pinturas mantidos no interior desses sítios arqueológicos são creditados como arquivos devido ao fato de representarem as atividades desenvolvidas pelo homem e a cultura do qual fazia parte (TARGINO; HORA, 2010).

O surgimento dos arquivos deu-se devido ao anseio do homem de disseminar as informações concernentes ao período em que viveu. A transmissão dos saberes tornou-se necessária para o próprio desenvolvimento da raça humana, possibilitou a difusão de descobertas essenciais para a sobrevivência. O domínio do fogo pelos povos primitivos, por exemplo, foi de extrema relevância para a manutenção da raça humana. O fogo permitiu que novas descobertas posteriores encontrassem espaço (PAUSAS; KEELEY, 2009).

LÉVI-STRAUSS (2013, p. 269) ressalta a importância dos arquivos ao destacar que:

A virtude dos arquivos é a de nos colocar em contato com a pura historicidade [...]. Os arquivos trazem, pois, outra coisa: por um lado, eles constituem o fato em sua contingência radical (visto que apenas a interpretação, que não faz parte dele, pode baseá-lo numa razão); por outro lado eles dão uma existência física à história, pois apenas neles é ultrapassada a contradição de um passado terminado e de um presente onde ele sobrevive. Os arquivos são o ser encarnado da factualidade.

A escrita ainda não existia na época em que o homem residia em cavernas. Os símbolos e desenhos gravados nas paredes em arte rupestre são evidências da presença humana em períodos remotos. Nas paredes das cavernas e grutas eram registrados animais, atividades de caça e dança, cenas do cotidiano do homem pré-histórico. Portanto, as cavernas se tornam exemplos de arquivos, mesmo antes do surgimento da escrita. A Pré-História se firmou como o período da humanidade em que foram produzidos os primeiros relatos de memória (TARGINO; HORA, 2010).

Os primeiros arquivos foram concebidos dentro de palácios e templos. Os mais célebres da Antiguidade são o Palácio de Ebla, na Síria, e o arquivo do Templo de Medinet, no Egito. Em Ebla, por exemplo, foram localizadas incontáveis placas de argila em estantes de madeira e no interior de inúmeras salas. Além de sentenças judiciais, cartas e atos privados (REIS, 2006).

A Arqueologia assumiu participação marcante na descoberta e na estruturação dos arquivos. Vestígios dos primeiros arquivos foram localizados em Elba, Lagash, Maari, Ninive e Ugarit. Foram encontradas placas de argila, documentos governamentais, sentenças judiciais, cartas, atos privados, dentre outros. O conteúdo encontrado foi considerado de grande magnitude (REIS, 2006).

Autores, como Schellenberg (2006) e Rousseau e Couture (1998), apresentaram teorias antagônicas em relação ao surgimento dos arquivos ao defenderem que tenham surgido “na antiga Grécia com a denominação *arché*, atribuída ao palácio dos magistrados. Daí evoluiu para *archeion*, local de guarda e depósito dos documentos.” (PAES, 1997, p.19)

SILVA et al (1999, p. 58; 61) afirmam que o primeiro arquivo grego foi criado por Éfialtes, por volta do ano 460 A.C. Localizava-se na cidade de Ágora, em templos e nas dependências do Senado.

O povo grego sempre foi aclamado como organizado e à frente do próprio tempo. Dominava a escrita e foi responsável por aperfeiçoá-la. Essa atitude ocasionou crescimento na demanda por documentos. A necessidade de estocá-los se justificava pelo poder de comprovação e historicidade que os arquivos poderiam vir a oferecer. Os arquivos de Gea e Palas adquirem destaque na Grécia Antiga, assim como leis e decretos, inventários, atas judiciais, testamentos, relatos históricos e demais documentos oficiais (REIS, 2006).

Na Roma Antiga, o primeiro arquivo oficial do qual se tem registro era intitulado de *tabularium*. Situava-se no Fórum Romano, que abrigava o ambiente de trabalho de funcionários públicos. Na cidade, foi criada uma rede de serviços com a seleção de profissionais para atuação nos locais. Possuíam Arquivos Centrais e Arquivos de Governadores Provinciais. Estes últimos eram destinados exclusivamente aos magistrados. Os registros eram mantidos no Templo de Saturno, local em que estavam situadas as *Tabulae Publicae*. Logo após passaram a ser armazenadas no espaço do Capitólio. Os documentos de cunho diplomático permaneciam no Templo de Júpiter e os testamentos no de Vesta (REIS, 2006).

Durante a Antiguidade, a escrita cuneiforme, desenvolvida pelos Sumérios, adquiriu papel fundamental para o desenvolvimento dos arquivos. O povo fenício, responsável pelo desenvolvimento do alfabeto, ofereceu incentivo significativo em prol da atividade arquivística por meio de sua descoberta, a criação e a difusão do alfabeto permitiu a produção de um maior número de documentos (TARGINO; HORA, 2010).

O período da Idade Média apresentou impasses para o desenvolvimento dos arquivos. A redução da prática da escrita se revelou de forma drástica, resultando na diminuição dos arquivos. Consequentemente, a quantidade de registros naquela época alcançou níveis extremamente inferiores ao que se esperava. A Igreja detinha todo o conhecimento daqueles anos sobre todas as obras intelectuais. Apenas monges, frades, papas e indivíduos vinculados à religião tinham acesso aos arquivos eclesiásticos (TARGINO; HORA, 2010).

O volume de arquivos foi reduzido devido ao fato de a Igreja censurar documentos que contrariassem os dogmas impostos à sociedade. A população que questionasse ou se opusesse às doutrinas religiosas era chamada de herege. Diversos intelectuais e cientistas perderam a vida na tentativa de defender as próprias

obras, que iam de encontro aos princípios da Igreja, como, por exemplo, o polonês Nicolau Copérnico, cuja teoria do Heliocentrismo contestava a ideia de que a Terra se situava no centro do Universo. Este período correspondeu a retrocessos para o progresso dos arquivos (TARGINO; HORA, 2010).

O final do século XII provocou certas alterações favoráveis com o surgimento dos primeiros arquivos não-eclesiásticos. Ainda no século XIV começaram a surgir os primeiros arquivos estatais. Com o século XVI surge o Estado moderno absolutista e centralizador, forma de governo que possibilitaria maior concentração dos arquivos. Este momento histórico foi marcado pela eclosão de movimentos políticos e artísticos, como o Renascimento. Através das conquistas alcançadas após essas revoluções, a arquivística vivenciou um momento de expansão (REIS, 2006).

O Renascimento resultou em diversas contribuições para os arquivos. Dentre algumas delas, a aparição das primeiras universidades, que instruíram a população e demandaram interpretação de texto dos documentos. Além disso, foi estimulada a criação de mais trabalhos escritos. Os mecenas, financiadores do movimento, contratavam diversos profissionais, como arquitetos e pintores, a fim de executarem mais documentos concernentes à área de estudo de cada um. Dessa forma, a arquivística registrou crescimento inigualável (TARGINO; HORA, 2010).

A literatura ocupou maior espaço na sociedade. Com a invenção da prensa, tornou-se possível a produção de livros em série. O conhecimento passou a se disseminar de maneira mais veloz (TARGINO; HORA, 2010). O Iluminismo possibilitou que os arquivos se tornassem fontes de pesquisas referentes à História. Os textos adquiriram a função de materiais de busca. Através deles surgiram os documentos acadêmicos. Antes desse período, os arquivos cumpriam o propósito de serem auxiliares do funcionamento da administração, ou seja, voltados para a área jurídico-administrativa (TARGINO; HORA, 2010).

A Reforma Protestante foi um movimento que provocou o rompimento do monopólio do conhecimento que a Igreja Católica mantinha durante a Idade Média. Os documentos, durante essa época, eram mantidos em mosteiros e catedrais. As informações eram utilizadas como estratégia religiosa de adquirir riquezas (TARGINO; HORA, 2010).

A Revolução Francesa figurou como marco importante para a consolidação da Arquivística como disciplina. Os anos após a rebelião estabeleceram a centralização dos documentos dos arquivos da França no Arquivo da Nação (TARGINO; HORA, 2010). Esses registros passaram a desempenhar um papel novo nas relações de poder. O patriotismo se espalhava pelo país e se percebia a necessidade de inserir na vida e no discurso dos cidadãos elementos que caracterizassem esse sentimento. Os documentos presentes nos arquivos tiveram papel importante nesse processo. Transformaram-se em fontes para a produção do conhecimento histórico. A descrição dos documentos começou a ser realizada a fim de serem localizados sem empecilhos (TARGINO; HORA, 2010).

Segundo HERNANDÉZ (2015, p. 170), “*comenzaron a proliferar colecciones diplomáticas, guías, inventarios, catálogos e índices, en detrimento de las publicaciones sobre teoría archivística.*” No século XIV, durante o reinado do português D. Fernando, ocorreu situação semelhante à Grécia, só que em terras ibéricas. Houve a criação do Arquivo do Estado Português, em uma das torres do Castelo de São Jorge, mais conhecido como Torre do Tombo, onde resistiu até o século XVIII devido a abalos sísmicos que atingiram Portugal (JESUS, 2011).

O local era incumbido da função de preservar os registros da sociedade da época, como sentenças judiciais e testamentos. Atualmente, está situado em um edifício moderno na cidade universitária de Lisboa. O espaço consiste em três áreas distintas: serviços administrativos, eventos culturais, arquivos e investigação. Além do mais, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) se configura como organismo público nacional. Abriga documentos que remontam ao século IX em formatos distintos (JESUS, 2011).

Ainda em Portugal, a Academia Real da História Portuguesa, fundada no século XVIII, surgiu no mesmo momento em que se valorizava a importância dos arquivos. O desenvolvimento desses arquivos cresce ainda mais com os trabalhos criados pela Academia Real das Ciências. João Pedro Ribeiro e Frei Joaquim de Santo Agostinho foram famosos por oferecer contribuições para o local (RIBEIRO, 2001). O crescimento da História e do Positivismo, outros saberes começaram a entrar em evidência. Eram as conhecidas ciências auxiliares. Dentre elas se encontravam a Paleografia, a Diplomática e a Arquivística. Em território ibérico, os arquivistas-paleógrafos, com formação profissional pela *École Nationale de Chartes*, configuraram o modelo de profissional dos arquivos históricos. A meta do trabalho

executado era a divulgação dos conteúdos arquivísticos de valor inestimável para a História do país, que se estabelecia por meio de transcrições, índices, inventários e catálogos (RIBEIRO, 2001).

Apesar de ter possuído o título de ciência auxiliar, a Arquivística dá os primeiros passos para consolidação devido a interesses historiográficos. A consciência de que os arquivos representam bens patrimoniais ocorre através do campo histórico e por causa da História. Essa percepção disciplinar surge em vários países, a partir do século XIX, e passa a integrar políticas arquivísticas e biblioteconômicas (RIBEIRO, 2001).

Uma definição a respeito da Arquivística pode ser encontrada no Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p.31). Nele a arquivística é conceituada como uma disciplina cuja meta se foca nos conhecimentos dos arquivos e dos princípios e técnicas a serem levados em consideração durante a constituição, organização, desenvolvimento e utilização.

O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística do Arquivo Nacional (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 37) esclarece a nomenclatura. A Arquivística é vista como uma disciplina cujo encargo é o estudo das funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem levados em conta durante a produção, guarda, preservação e utilização dos arquivos. Arquivologia corresponde ao mesmo sentido de Arquivística. Arquivística adquire o sentido de disciplina, conhecida como Arquivologia, cujo intuito é o conhecimento da natureza dos arquivos e das teorias, métodos e técnicas a serem levados em consideração na constituição, organização, desenvolvimento e utilização (SCHMIDT, 2012).

Para Duranti (1995) e Heredia Herrera (1991), a Arquivística surgiu através dos manuais de diplomática. Dentre eles, o mais célebre é *De re diplomática libri VI*, do século XVI, de autoria de Jean Mabillon. A finalidade era estabelecer os princípios e os métodos para a realização da crítica textual. Araújo (2009) julga o Manual dos Holandeses como o primeiro tratado científico arquivístico. Uma das razões de ter se alicerçado se deve ao fato de ter propiciado a entrada da Arquivologia no meio científico. Foi através do papel de formador discursivo, ou seja, o de criar uma terminologia para o ofício arquivístico por meio de conceitos como arranjo e descrição. De acordo com Tognoli (2011), a composição da Arquivologia é mais voltada para o sentido de uma disciplina científica em vez de uma ciência. Acredita que uma disciplina contém enunciação de princípios, elaboração e constituição de manuais e o

ensino em escolas especializadas.

Para Belloto (2002, p.5), é preferível adotar o conceito da bibliografia especializada e do dicionário de terminologia arquivística, que a considera como disciplina. Embora afirme que a área do conhecimento possa ser considerada como ciência devido ao fato de dispor de elementos para isso, define-a como “disciplina que se ocupa da teoria, da metodologia e da prática relativa aos arquivos, assim como se ocupa da sua natureza, suas funções e da especificidade de seus documentos/informações.” (BELLOTO, 2002, p.5).

No Brasil, a fundação do Arquivo Nacional, no século XIX, é considerada um marco na história do arquivo e da Arquivologia na nação. O acesso e a pesquisa em documentos era uma ação restrita à Igreja e ao Império. Não era uma ação costumeira do cidadão comum, que só tinha contato com a língua através da oralidade. Além do mais, o sistema de educação voltado para a alfabetização e a leitura ainda não havia encontrado espaço em solo brasileiro devido ao fato do mundo das letras pertencer aos pólos eclesiásticos e imperial, não estava incorporado ao cotidiano da população colonial (SCHMIDT, 2012).

Os segmentos religiosos eram os grupos que mais produziam registros documentais à época. A maior parte se tratava de manuscritos a respeito do cotidiano e da administração da colônia. A atividade estava correlacionada ao anseio administrativo de prestação contas, informação e preservação da memória (SCHMIDT, 2012).

Os primeiros arquivos diocesanos brasileiros estão localizados em duas cidades do Nordeste do Brasil: Salvador e São Luís, capitais dos estados da Bahia e Maranhão, respectivamente.

O Arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador nasceu com a criação da diocese, ocorrida em 25 de fevereiro de 1551, através da Bula *Super specula militantes ecclesiae*, do Papa Júlio III. A 16 de novembro de 1676, pela Bula *Inter Pastoralis Officii Curas* do Papa Inocêncio XI, foi elevada a Arquidiocese e Sede metropolitana. Atualmente o fundo arquivístico está depositado em um laboratório de conservação e restauro da Universidade Católica de Salvador (UCSal), os livros de batismo, casamento e óbito seguem as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia [...] Sobre a produção documental e normas para os registros paroquiais, os livros de batismo, casamento e óbito seguem as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (SANTOS, 2005, p.126).

Com relação à Diocese de São Luiz do Maranhão, Santos (2005, p.140) afirma que pertencia à Diocese de Pernambuco. Tornou-se independente através da *bula*

Inter Universas e teve como sede a matriz de Nossa Senhora da Vitória. Os documentos datam a partir de 1673, com os livros de óbitos da freguesia de Nossa Senhora da Vitória. Em 1922 tornou-se a Arquidiocese do Maranhão.

A chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, no século XIX, revolucionaria a Arquivologia. A partir daquele momento, a produção de documentos aumentaria no país devido ao novo rumo político, a instalação da monarquia portuguesa.

No Brasil, o Arquivo Público do Império também foi fundado em 1838, no momento de afirmação da independência do país. Criado como um dos instrumentos viabilizadores do projeto político nacional, o Arquivo brasileiro visava, ao mesmo tempo, fortalecer as estruturas do Estado recém-fundado e consolidar a própria idéia do regime monárquico em um continente totalmente republicano. Para alcançar tais objetivos seria necessário recolher não só a documentação produzida pela administração pública, a fim de realizar sua função instrumental em relação ao novo Estado, como também os documentos referentes ao passado colonial, que se encontravam dispersos nas províncias e deveriam subsidiar a escrita da história da nação, a exemplo dos arquivos europeus (COSTA, 2000, p.219).

Na primeira Constituição do Brasil, a de 1824, percebemos a criação de uma espécie de arquivo na visão de um serviço administrativo governamental. No entanto, vê-se mais relacionado à custódia.

§ 68 Se o Imperador adoptar o Projecto da Assembléa Geral, se exprimirá assim – O imperador consente – Com o que fica sancionado, e nos termos de ser promulgado como Lei do Imperio; e um dos dous autographos, depois de assignados pelo Imperador, será remettido para o Archivo da Camara, que o enviou, e o outro servirá para por elle se fazer a Promulgação da Lei, pela respectiva Secretaria de Estado, aonde será guardado. [...] Art. 70 Assignada a Lei pelo Imperador, referendada pelo Secretario de Estado competente, e sellada com o Sello do Imperio, se guardará o original no Archivo Publico e se remetterão os Exemplares della impressos a todas as Camaras do Imperio, Tribunaes, e mais Logares, aonde convenha fazer-se publica. (BRASIL, 1824).

A transcrição dos trechos da Constituição da época oferece alguns dados relevantes da composição dos arquivos. Percebe-se nitidamente a relevância da conservação das informações em documentos. A assinatura conferia validação e autenticidade ao registro, assim como outros elementos, a exemplo do Selo do Império. A maior parte dos documentos redigidos nesse momento histórico tinha função comprobatória. Esses arquivos são originados de transações contábeis, fiscais

e financeiras (SCHMIDT, 2012).

A fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no mesmo ano que o Arquivo Nacional, em 1838, também contribuiu de forma direta para a expansão da produção e uso de documentos no Brasil, pretendia conforme aponta Schwarcz (2005, p. 9) “construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos”. O instituto foi criado baseado em modelos europeus, particularmente as academias literárias e científicas provinciais francesas do século XVIII. “O Instituto, que se espelhava nas agremiações iluministas, entretanto adotava o modelo da vida de corte girando em torno do soberano” (CALLARI, 2001, p.63). A criação do local tinha o objetivo de centralizar o Estado. Viu-se a necessidade de criar mecanismos através dos quais uma nação brasileira fosse edificada. Era um plano para uma nova era. A soberania nacional seria critério indispensável para se definir uma identidade social (SCHMIDT, 2012).

As atividades do instituto tinham duas diretrizes. A primeira era focada na coleta e na publicação de documentos relevantes para a História do Brasil, e a segunda era o incentivo de estudos de cunho histórico no ensino público.

Na primeira publicação do Instituto aparecem seus objetivos expressos pelos estatutos: “coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos para a história e geografia do império no Brasil; e assim também promover os conhecimentos destes dois ramos filológicos por meio do ensino público. (CALLARI, 2001, p.66).

O Arquivo Público do Império passou a ser conhecido como Arquivo Público da República, em 1893, decorrente da Proclamação da República, em 1889, que ocasionou uma reestruturação social, econômica e administrativa. Após esses acontecimentos, surge a Constituição de 1891. Nela não se encontra menção aos arquivos. Apenas é citado que o Estado não pode recusar fé aos documentos públicos legislativos, administrativos ou judiciários da União, ou de qualquer dos estados (SCHMIDT, 2012). A razão para essa falta de interesse pelos arquivos se deve à sociedade existente à época. Os cidadãos mais influentes eram os proprietários de bens, que haviam adotado sistemas escravocratas durante anos como parte da própria cultura. Todo o cerne estava voltado para essas pessoas. Portanto, não existia desejo de aplicar grandes somas de dinheiro em pensamento científico e avanço

social (SCHMIDT, 2012).

Nas primeiras duas décadas do século XX, o Decreto nº 9.197 de 9 de dezembro de 1911 aprovou o regulamento do *Archivo Nacional*. Nesse período, houve necessidade de preparar profissionais a fim de que trabalhassem em instituições cuja finalidade fosse adquirir e conservar os documentos do governo. No trecho original se lê:

§ 10 Fica instituído no Archivo Nacional um curso de diplomática, em que se ensinarão a paleographia com exercícios práticos, a chronologia e a crítica histórica, a tecnologia diplomática e regras de classificação. Funcionará uma vez por semana, começando 12 mezes depois da aprovação deste regulamento, devendo ser feitas, oportunamente, as instruções especiaes. Paragrapho único. Os logares de professores do curso de diplomática serão exercidos pelos funcionarios do Archivo Nacional. (BRASIL, 1911).

O Brasil foi um país que tardou a ingressar no campo arquivístico, foi institucionalizado a partir de 1971. Esse momento só se tornou possível através do movimento associativo de especialistas em meio ao momento em que se vivenciou a Arquivologia Moderna. O Governo brasileiro enumerou vinte e quatro subcomissões temáticas agrupadas em oito comissões temáticas a fim de discutir o novo texto constitucional.

Inúmeras foram as propostas encaminhadas às comissões temáticas da Constituinte. Vale ressaltar que pouco ou quase nada foi considerado e aproveitado na última versão do projeto constitucional. De toda forma, entre essas propostas, podemos citar a do Arquivo Nacional – instituição responsável pela política de proteção do patrimônio documental da nação -, a qual se destaca por sua extensão e abrangência. Além do Arquivo Nacional, outras entidades se fizeram representar, como a Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro – FAMERJ, a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, o Plenário Pró-Participação Popular da Constituinte e o Sindicato dos Bibliotecários de São Paulo, que encaminhou proposta em conjunto com a Associação dos Arquivistas do Brasil – AAB, a Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal – ABDF e o Conselho Regional de Museologia – CRM (COSTA; FRAIZ, 1989, p. 68).

Embora mencione a respeito do patrimônio cultural, a Constituição de 1988 não dá o devido crédito aos documentos à luz da arquivística, porém, ela foi de relevância indispensável ao afirmar que o Estado é encarregado pela preservação dos documentos, além de discorrer sobre a precisão de uma gestão documental, como se

pode atestar:

§ 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: [...] § 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

Foi possível, em 1991, a publicação da Lei nº 8.159, que trata da política nacional de arquivos públicos e privados, além de discutir a Lei de Arquivos. No entanto, nada é relatado acerca de documentos eletrônicos e sistemas informatizados no país durante esse tempo. Não havia sequer um registro que sinalizasse o avanço da tecnologia na área documental no Brasil. No final da década de 1990, foi o momento em que a Arquivologia Brasileira se consolidou (SCHMIDT, 2012).

A partir dos anos 2000, o progresso da tecnologia documental se tornou realidade no país. A globalização e a internet possibilitaram o conhecimento de diversas teorias arquivísticas, novos métodos e práticas que propiciam melhor gerenciamento dos arquivos (SCHMIDT, 2012).

Os arquivos não são meros depósitos. São locais que armazenam informações. Nesta pesquisa, são tratados como lugares que mantêm as memórias, que podem transmiti-las com o uso de procedimentos e técnicas apropriadas.

Desde sua concepção, os museus, as bibliotecas e os arquivos foram considerados como lugares da memória da humanidade, pelo que, a perspectiva da memória é vista como preservação. Ao preservar documentos, os lugares da memória guardam materialmente a memória de um povo, de uma cidade, de um país [...] (MONTEIRO; CARELLI, 2007, p. 2).

Como se configuram os arquivos existentes nas igrejas e instituições protestantes centenárias na cidade do Recife? Existem atividades relacionadas à organização e à preservação da memória nesses ambientes? A Arquivologia dispõe de técnicas e metodologias para a preservação documental. Elas serão abordadas no próximo capítulo.

5. A PRESERVAÇÃO DOCUMENTAL

A Preservação documental pode ser definida como um conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais. Engloba a conservação, que consiste no conjunto de ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação de documentos ou objetos, por meio de controle ambiental e de tratamentos específicos (higienização, reparos e acondicionamento (CASSARES, 2000).

A conservação e a preservação dos documentos se tornam atividades relevantes para a sociedade no sentido de perpetuar elementos pertencentes à cultura de cada povo. Constituem-se como ações importantes que colaboram com a manutenção do legado da humanidade (SPINELLI JÚNIOR, 1997).

O objetivo da conservação de documentos prima pelo fato de reduzir os efeitos de deterioração natural pelos quais os documentos passam no decorrer dos séculos. Através de tecnologias e técnicas baseadas na ciência, os profissionais responsáveis pela salvaguarda dos documentos presentes em arquivos, bibliotecas e museus auxiliam a manter o acervo, que faz parte do patrimônio cultural, o mais intacto possível (CASTRO, 2013). O patrimônio cultural é, indubitavelmente, um dos bens mais valiosos de uma sociedade. As medidas tomadas a fim de salvaguardar, perpetuar e reparar os itens que se enquadram nesse tema são de relevância significativa para postergar a existência concreta deles. Desta maneira, esses objetos se constituem como obras portadoras de uma vasta gama de informações (CASTRO, 2013).

Infelizmente, esse patrimônio está suscetível às ações de degradação provenientes de inúmeros fatores, como a oscilação da temperatura e da umidade, a ação dos fungos, a poluição, as calamidades e as atividades executadas pelo próprio ser humano, dentre as quais podemos elencar as batalhas, a displicência e a depredação (CASTRO, 2013).

O tempo se constitui em agente contrário à conservação dos documentos, das obras artísticas, dos monumentos, dentre outras obras que compõem o acervo arquivístico e cultural de um povo. Principalmente os arquivos compostos por papel encontrados em bibliotecas, material composto por celulose, com mais chance de se

deteriorar seja por processo de fabricação seja por acondicionamento inapropriados (CASTRO, 2013).

O pergaminho foi o suporte utilizado para registrar informações religiosas, por se tratar de pele animal, mais resistente do que o papel. Durante a escrita no pergaminho, o copista não poderia tocar nele, as impurezas do corpo, que são as gorduras naturais, poderiam denegrir o suporte que era tido como o mais duradouro para o registro da palavra divina, na Idade Média (PINHEIRO, 1999, p.73).

No seu esforço de salvaguarda intelectual, o que a Igreja ensinou em primeiro lugar à humanidade foi o respeito pelo livro. Amava-se, venerava-se e rodeava-se de zelosos cuidados esse pesado caderno de pergaminho que continha a Palavra de Deus ou de um dos seus fiéis, e que, aliás, era raro e custava caro: uma biblioteca de 900 manuscritos era considerada imensa e causava espanto. (DANIEL-ROPS, 1993, p.15).

A ação cronológica não afeta somente o estado concreto dos objetos, mas a significância que lhes é atribuída nos campos sociológicos, históricos, informacionais e estéticos.

A tendência da Humanidade em proteger e conservar aquilo que por diversos motivos era especialmente valioso, tem sofrido uma série de transformações ao longo da História, determinados pela evolução do conceito de propriedade assim como os distintos significados mágicos, religiosos, culturais e políticos atribuídos a suas produções e pertences, o que vem proporcionando um sentido e alcance diferente segundo o período histórico e suas circunstâncias a esse interesse conservador. A História da conservação e restauração, diretamente determinada pelas idéias religiosas, filosóficas, estéticas e políticas, no plano ideológico, e no plano técnico, pelos constantes progressos da ciência, configura e explica a restauração não tanto (ou somente) como uma questão técnica, mas, sobretudo, como um fenômeno cultural. (MACARRÓN MIGUEL, 1997. p. 13).

Desde os primórdios da humanidade, o homem procurava preservar os documentos gráficos produzidos. Esses arquivos desempenhavam função importante, podiam ser usados como fontes documentais, possuíam dados concernentes às atividades realizadas pelos povos antigos durante o processo preservacionista (CASTRO, 2013).

Os egípcios eram povos pioneiros na tecnologia de salvaguarda de documentos, principalmente no que se referia às escrituras sagradas. Esses textos recebiam tratamento especial, deveriam cumprir o objetivo de resistir ao tempo. Por este motivo, os escritos produzidos nessa região e no Oriente Médio continham

materiais repelentes. Os documentos eram registrados no papiro, material produzido a partir da planta *Cyperus Papyrus*, formada por celulose, que serve de alimento para os insetos (CASTRO, 2013).

No período correspondente ao Mundo Antigo, era habitual a manutenção de documentações no interior de caixas de madeira compostas de produtos repelentes e inseticidas. Além disso, os materiais propiciavam a conservação dos arquivos. Escavações realizadas em templos mesopotâmicos e egípcios descobriram a utilização de cestos, jarras e caixas que eram utilizadas como *containers* para proteger os documentos das agressões externas (ALLO MANERO, 1997).

Acreditava-se que caixas de madeira de nogueira ou de cipreste imbuídas de óleo de cedro garantiam salvaguarda eficaz. As caixas eram

impregnadas con aceite de cedro; Plinio el Viejo alude al empleo del aceite de rosales y a la colocación de hojas de cítricos - limonero, naranjo, mandarino, limero— en el interior de las mismas . Otro eficaz sistema de prevención contra las plagas consistió en impregnar los propios soportes documentales con similares productos de poder repelente. En este sentido, Horacio, Plinio el Viejo, Ausonio, Marcial, Ovidio y Vitrubio confirman la utilización a gran escala del aceite de cedro sobre el papiro. (ALLO MANERO, 1997, p.258).

Todas as folhas dos livros eram banhadas a óleo de cedro, ou casca de limão, com o intuito de preservá-los. À medida que o livro se tornava um objeto de luxo e mantenedor de dados, poder e cultura, começava-se a se desenvolver técnicas com o intuito de conservá-los (CASTRO, 2013).

Os povos grego e romano eram adeptos da preservação do material físico do livro. Os volumes eram cobertos com capas provenientes de peles de animais ou de tecidos. As obras mais inestimáveis eram mantidas nas dependências de bibliotecas. O hábito de encapar livros se origina do processo de evolução do pergaminho para o códex, que começou a se sistematizar no Império Romano, a partir do século I (CASTRO, 2013).

O mundo romano foi consciente da importância da construção de edifícios para a conservação de documentos e no século I, o estudioso Marco Vitrubio Polión recomendou colocar as bibliotecas no lado leste do prédio para evitar os efeitos da umidade e mariposas sobre os documentos, juntamente com uma melhor utilização da luz da manhã (ALLO MANERO, 1997).

Através do apogeu da religião cristã, o códex se estabeleceu como formato

oficial dos seguidores dessa fé, enquanto que os que preferiam os rolos de pergaminho eram associados às crenças pagãs. A expansão da Igreja possibilitou a evolução dos materiais com os quais os livros eram produzidos. Metais preciosos, capas de marfim, ouro e prata eram constantemente usados a fim de salvaguardar os textos sagrados (CASTRO, 2013).

Incrustações de pedras preciosas, ouro maciço e pinturas em esmaltes coloridos eram as opções para decoração das capas. O exagero de decorações artísticas se expandiu para os templos sagrados, segundo afirma São Jerônimo, em uma das próprias epístolas, nela há um pedido para que o pergaminho fosse tingido na cor púrpura, as letras fossem traçadas com ouro líquido e os livros fossem revestidos com gemas de ouro (CASTRO, 2013).

Na Índia, no entanto, observavam-se diferenças notáveis nas práticas de conservação dos livros se comparadas com as da Europa do período medieval. Textos sagrados não encadernados foram localizados no Monastério Budista de Lingshed, em Zarkar. Em vez disso, os arquivos eram envolvidos em tecido de seda ou brocado amarelo e laranja e presos entre duas pranchas de madeira gravadas, ou empilhados (CASTRO, 2013).

Apesar de as duas regiões pertencerem a culturas distintas, protegia-se o acervo, patrimônio ligado à fé, a fim de que alcançasse as gerações do porvir, algo ao qual se deve veneração de valor inestimável.

Os mosteiros e as igrejas eram os refúgios dos documentos durante a Idade Média. Registros comprovam que rolos de pergaminho sofreram ação reparadora com o propósito de evitar que os arquivos se perdessem ao longo dos anos. Religamentos, costuras e enxertos em pergaminhos eram bastante comuns nessa época. Ofícios eram executados em locais conhecidos como *scriptorium*. Neles, profissionais copistas e iluminadores davam vida aos códices manuscritos (CASTRO, 2013). Hábeis em técnicas destinadas a transmitir conhecimentos, os árabes desenvolveram um manual conhecido como *Fihrist*, no qual se encontravam descrições de bibliotecas, coleções mulçumanas e páginas a respeito da reparação de papiros, pergaminhos e papéis chineses (CASTRO, 2013).

Era relevante o cuidado com os livros no sentido de protegê-los contra roubos, devido ao tempo que se costumava levar, na Idade Média, para escrevê-los à mão, os materiais e as técnicas utilizadas. Em decorrência disto, nos templos religiosos, a Bíblia era mantida acorrentada às estantes (CASTRO, 2013).

A Igreja aderiu a outras técnicas para evitar o furto de livros, como exemplo, a Catedral de Mans, na qual as obras eram colocadas em nichos escavados no formato de escrivaninhas na parede. Além disso, havia barras de proteção que só permitiam ao leitor virar as páginas do livro (CASTRO, 2013). Outros procedimentos adotados pelos religiosos foram os de manter os volumes no interior de cofres mais luxuosos e caros do que os próprios livros. As fechaduras da sala do tesouro eram modificadas constantemente na Igreja de Remiremont. Além disso, exortavam a população a devolver livros perdidos ao respectivo dono (CASTRO, 2013).

Descobertos pelos padres beduínos, no século XX, os célebres Pergaminhos do Mar Morto, foram guardados ao se fazer uso de técnicas de preservação. No caso deles, foram mantidos em jarros de cerâmica. Essa atividade é ancestral e é relatada em um trecho do Velho Testamento, na Bíblia, no qual o profeta Jeremias profere “Assim diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Toma esta escritura de compra, tanto a selada como a aberta, e mete-as num vaso de barro, para que se possam conservar por muitos dias.” (CASTRO, 2013).

Battles (2003) assinala a inquietação dos povos em armazenar os arquivos de cunho religioso produzidos em sociedade. Relata que próximo à região de Nag Hammadi no Egito, onde funcionava o mosteiro de Chenoboskion, foram encontrados selados em um pote de argila 13 códices simples da segunda metade do século IV. O conteúdo desses livros relata o mundo intelectual e espiritual dos cristãos primitivos, assim como das seitas gnósticas que os cristãos combatiam. O procedimento de manter documentos relacionados às crenças da época dentro de vasos de barro era eficiente no sentido de proteger o conteúdo dos efeitos da luminosidade, da umidade e da ação dos insetos. Era um artifício empregado para que o material estivesse disponível para as gerações futuras (CASTRO, 2013).

Os guardiões dos documentos se apercebiam das limitações que possuíam em relação à preservação dos documentos religiosos. Portanto, recorriam às divindades as quais adoravam a fim de que elas lhes oferecessem a devida assistência. ROUYEYRE (2003, p. 24) ressalta esta questão ao afirmar que “os maometanos colocavam em todos os seus livros o nome de Deus para atrair sobre eles a proteção do Ser Supremo.” Segundo Kraemer Koeller (1973), existiam rezas dirigidas a conhecidas divindades que auxiliavam na conservação. Além disso, há representações imagéticas em escritos alemães e espanhóis com sentido supostamente mágico ou cabalístico que conjuram deuses.

Os materiais utilizados durante a confecção dos textos sagrados e profanos eram levados em consideração:

o registro de informação em pergaminho, da Idade Média à Renascença, apresenta discurso identificador de idéias e valores, explicitados, nas características e peculiaridades atribuídas aos suportes, através de vinhetas, iluminuras, cores, formatos, técnicas de preparação do suporte e outros artifícios. Como, por exemplo, o uso de pergaminho de asno para livros sagrados, como se a pele mantivesse a força e a representação do animal. (PINHEIRO, 1999, p.75).

Os seguidores da Igreja se mostraram incapazes de conservar os documentos para que não entrassem em processo de deterioração. Para isso, a alternativa que encontraram foi a de fazer novas versões à mão, surgiram novas cópias das obras. Essas cópias ganharam o significado de semente, de ressurreição, ou seja, de algo relacionado a um novo nascimento. As dualidades da morte e da vida, da integridade e da deterioração e da ressurreição de Cristo atuam como argumentos decisivos para justificar a ação preservacionista. No mosteiro, o livro não era copiado para ser lido, ele conservava o saber como um bem patrimonial e tinha usos primeiramente religiosos. A reflexão do texto era incorporada pelo fiel como meditação e prece (CHARTIER, 2003, p.35).

As bibliotecas e as estantes de livros desse período histórico eram consideradas locais sagrados. Proteger os volumes presentes na biblioteca representava salvaguardar conteúdos referentes às divindades. As mãos impuras, imbuídas da oleosidade dos dedos, danificavam o material do livro. Ou seja, isto se configurava como uma alusão ao que era chamado de profano (CASTRO, 2013).

A fim de assegurar a conservação das obras escritas presente nas bibliotecas, recorria-se a diversos meios. Na Bíblia Sagrada, encontram-se citações ou admoestações a respeito disso. No cap. 31 do livro de Deuteronômio, Moisés ordenou: “Tome este livro e guarde-o ao lado da Arca da Aliança do Senhor Vosso Deus”. No capítulo 4 de Lucas temos um exemplo de cuidado no manuseio de livros, “E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito”; E, cerrando o livro, e tornando-o a dar ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele (CASTRO, 2013).

Causar danos aos livros era considerado pela Igreja um ato de transgressão severo. Era um atentado contra tudo o que se referia às obras e ao ideal sagrado. O indivíduo que praticasse o referido crime era considerado anátema, ou seja, um ser que rompia todos os elos com a religião cristã. Diversas pessoas eram ameaçadas,

advertidas e punidas caso se comportassem de maneira contrária ao que fora estabelecido (OLIVEIRA, 1987).

Exemplo conhecido foi o de Roberto, arcebispo de Canterbury, no sacramentário enviado ao mosteiro local. No texto, afirma que quem alterar qualquer conteúdo dos livros sagrados perderá o direito de acesso ao Reino dos Céus (OLIVEIRA, 1987). A partir daí percebe-se que as primeiras instituições a desenvolverem regras no sentido de conservar os documentos da época foram as ligadas à religião e às universidades. Mais à frente, durante o Renascimento, ocorreram modificações concernentes ao campo das artes em geral. Essas transformações pavimentaram o caminho para novas técnicas de conservação e restauração do patrimônio cultural. O momento histórico se debruçaria no legado clássico. O Renascimento iria transformar o estado de abandono das obras de artes antigas e a renovação do prazer em colecionar objetos do passado (MARTÍNEZ JUSTICIA, 2000).

O Renascimento nutria apreço pela ancestralidade, procurava dar novos valores às obras artísticas, e incentivava o colecionismo por objetos provenientes da Antiguidade. Foi através desse movimento, que se mostrou contrário ao Absolutismo, à Igreja Católica e ao Antigo Regime, que o capitalismo e o início de uma sociedade moderna encontraram espaço (CASTRO, 2013).

Durante o início do século XX, diversos documentos das bibliotecas foram perdidos. O motivo principal desses acontecimentos deveu-se aos incêndios e os bombardeios que marcaram esse período histórico. Um dos maiores desastres ocasionados pelo fogo foi o da Biblioteca Nacional de Turim, que danificou grande parte do acervo. Os arquivos que resistiram ao incêndio ficaram extremamente danificados. A restauração do material perdido se apresentou como uma situação complicada, não se possuía experiência a respeito de qual atitude tomar a fim de remediar os problemas (CASTRO, 2013).

Entretanto, foram as guerras mundiais do século XX que provocaram grande perda de documentos, monumentos, bibliotecas e museus em todo o continente europeu. A Primeira Guerra Mundial, que se estendeu de 1914 a 1918, causou estragos irreparáveis (CASTRO, 2013).

No Brasil, os primeiros registros a respeito da preservação de documentos são ligados à atuação danosa dos insetos, conforme atesta CASTRO (2013, p.53): “No

contexto brasileiro, podemos mapear as primeiras referências sobre a problemática de preservação documental vinculada à ação destruidora dos insetos bibliófagos.” O país tem uma probabilidade acentuada de atrair insetos em direção aos arquivos, devido ao clima tropical. Ou seja, a temperatura e a umidade do ar são altas. O Rio de Janeiro era a cidade em que mais se situavam instituições públicas detentoras de acervos bibliográficos e documentais.

Os volumes que tratam acerca da conservação de documentos surgiram na primeira década do século XX. Neles constam informações que regulam e definem a atividade de preservação. Costa (2008) considera a preservação como tomada de consciência para a proteção de um bem. Afirma que:

[...] a raiz latina de preservação é *pra-e-servare*, que vem a ser a ação de proteger qualquer um, qualquer coisa, colocando-o ao abrigo de um mal. *Pra* é, assim, um prefixo amplificador e significa ‘para alguém ou alguma coisa’, em direção a, lançar-se à frente. Exprime antecedência, antecipação, precaução, intensidade, predominância, prefulguração. Disso se pode inferir um aspecto de movimento em direção a, uma ação que se faz com intensidade para alguém ou alguma coisa, portanto, tem um objetivo mais amplo em direção ao humano, à transmissão, à formação dos indivíduos. (COSTA, 2008, p.122).

A preservação documental é considerada, nesta pesquisa, como um valioso instrumento para a transmissão da informação. Consiste em ações e iniciativas que permitirão a salvaguarda dos suportes que registram a memória das igrejas e instituições protestantes centenárias no Recife. O uso de tecnologias, como a microfilmagem e a digitalização, além de reduzirem o manuseio dos suportes, otimizam a comunicação e a visualização da memória possibilitam o acesso em meio digital e em redes.

6. BREVE HISTÓRICO DOS SEMINÁRIOS E IGREJAS PROTESTANTES CENTENÁRIAS NA CIDADE DO RECIFE

6.1 Os Batistas

A Igreja Batista é uma denominação protestante surgida no início do século XVII. Dentre as doutrinas da instituição religiosa, a que mais se destaca consiste no batismo por imersão a partir da consciente confissão pública da fé. Interpretado como uma ordenança, o batismo representa a inserção do indivíduo como membro da igreja, deixando de ser apenas um visitante ou congregado. Evidencia simbolicamente um novo nascimento, uma nova vida regrada segundo os preceitos cristãos (FAIRCLOTH, 1959).

A origem dos chamados Batistas é creditada por três teorias distintas. A primeira é conhecida como Teoria JJJ (Jerusalém-Jordão-João). Ela associa a origem deste segmento religioso a João Batista, profeta que realizava batismos no Rio Jordão. Os seguidores teriam propagado a doutrina Batista ao longo dos tempos. A teoria JJJ foi defendida pelos historiadores Thomas Crosby, no livro *The History of the English Baptists* (História dos Batistas Ingleses), em 1738, e G.H. Orchard na obra *A Concise History of Foreign Baptist* (História Concisa dos Batistas) em 1855 (PEREIRA, 1994).

A segunda teoria afirma que os Batistas seriam descendentes dos Anabatistas do século XVI. As igrejas anabatistas foram perseguidas por protestantes e católicos na Idade Média. O historiador Dickens (2005) caracteriza os adeptos como:

os anabatistas não possuíam chefe espiritual, código de doutrina largamente aceito, nem órgão central dirigente (eram independentes). Não influenciaram os governos, não modelaram as sociedades nacionais, não conservaram uma administração política. A confissão de Schleithem, um dos documentos mais amplamente divulgados, escrito em 1527, possivelmente pelo mártir Miguel Satler, reduz-se a sete artigos: O batismo, diga-se, só será concedido aos que conheceram o arrependimento e transformaram suas vidas, e que crêem na ressurreição de Jesus Cristo. Os que vivem no erro não podem ser excomungados antes de advertidos três vezes, e isto deve ser feito antes do partir o pão, de forma que uma igreja pura e coesa se reúna. A ceia do Senhor é só para os batizados, e é um serviço comemorativo. Os membros devem deixar o culto papista e antipapista, não tomarem parte dos negócios públicos, renunciar a

guerra e as diabólicas e anticristãs arma de fogo. (DICKENS, 2005, p131).

A história dos Anabatistas é marcada por um longo período de repressões, que pode ser chamado de Inquisição Protestante. Assim como a Igreja Católica punia ferrenhamente diversos grupos sociais durante a Idade Média, os protestantes se valeram da violência para atingir os próprios ideais. Os Anabatistas reconheciam apenas o batismo para os adultos e negavam a autenticidade da imersão nas águas na infância. De acordo com os seguidores dessa crença, a Igreja de Deus deveria ser composta por todos os fiéis batizados de forma consciente e convictos da fé (FAIRCLOTH, 1959).

Por não consentirem com os princípios dos Reformadores, os Anabatistas se reuniam de forma clandestina e isolada, evitavam relações com o Estado, eram propensos a se retirar da sociedade e a viver nas próprias comunidades de forma simples. Seguiam rigorosamente os princípios morais. Defendiam a separação entre Igreja e Estado e o distanciamento da sociedade de forma pacífica. Assemelhavam-se a monges em busca da perfeição em comunidades separadas do Estado. Diferentemente dos monges, os Anabatistas tinham a permissão de se unir em matrimônio (LATOURETTE, 2006).

Posicionamento político caracterizou os Anabatistas como radicais perigosos. Foram acusados de provocar anarquia para a Igreja e o Estado. Consequentemente, centenas de membros foram assassinados. Zuínglio, maior líder da Reforma Protestante na Suíça se opôs aos Anabatistas e ordenou que fossem mortos por afogamento. Em 1525, Lutero redigiu um documento que decretava a morte de milhares de Anabatistas. Calvino, pai dos presbiterianos, exilou e fuzilou opositores ao batismo infantil (LATOURETTE, 2006).

A terceira teoria sobre a origem dos Batistas é a mais aceita academicamente. Considera o surgimento deles a partir de um grupo de dissidentes ingleses que fugiu para a Holanda em busca de liberdade religiosa. Lá organizaram a primeira igreja, que realizava batismos de todos os membros a partir da consciência da fé. (PEREIRA, 1994).

A intolerância religiosa fez com que muitos batistas emigrassem para locais mais transigentes. Chegaram ao Brasil em 1867 e se hospedaram em Santa Bárbara d'Oeste, no interior de São Paulo. Na cidade fundaram igrejas e começaram um

trabalho de evangelização expansionista por todo o país. Os Batistas exaltam a desenvoltura dos próprios líderes no processo de implantação das igrejas, mas pouco se importaram em registrar os fatos históricos. Gonçalves (2015) afirma que a denominação Batista necessita de estudos que contemplem aspectos identitários. Precisam ter interesse em conhecer sua história, que tem sido negligenciada.

Vários autores relataram problemas em construir obras que tratassem da história dos Batistas. Oliveira (1964) afirma que a história dos Batistas em Pernambuco estava perdida no tempo e no espaço devido à falta de organização dos documentos históricos. Escreveu a própria obra com base na pesquisa em jornais antigos e atas. Mesquita (1930) relata a dificuldade e enfatiza que os agentes da evangelização Batista no Brasil não se apercebiam do valor histórico do movimento. A obra dele é fundamentada nos artigos publicados pelo Dr. William Edwin Entzminger, um dos pioneiros na evangelização no Estado de Pernambuco, que apesar de ter vivido o período, não documentou todos os fatos. Muitos foram abordados sem registro específico de data e local. Salomão Luiz Gisburg, missionário polonês fundador do Seminário Batista do Norte do Brasil escreveu a própria biografia, na qual constam relatos da experiência vivida na implantação da denominação Batista no Recife. Sua obra apresenta os mesmos impasses encontrados nos relatos de Entzminger (MESQUITA, 1930).

6.1.1 Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil

O Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil surgiu a partir das aulas ministradas pelo missionário W.E. Entzminger, em 1899. As aulas eram realizadas na própria residência do pregador inicialmente para quatro alunos e tinham duração de três horas.

Na primeira madrugada risonha do século XX, por iniciativa do infatigável Salomão Ginsburg, fêz a nobre junta de missões estrangeiras da convenção batista do Sul dos Estados Unidos sua primeira dádiva em prol dos esforços no campo da educação literária

e teológica do ministério da terra do Cruzeiro do Sul. Era o Seminário Batista do Norte do Brasil que, no ano de 1900, começava a forçar sua entrada no mundo das realizações. Este fato assinala a distinção histórica de ser este o primeiro seminário nas plagas da América Meridional, estabelecido pelos irmãos batistas da terra que Colombo descobriu (BERRY, 1959).

O Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, (STBNB) configura-se como o primeiro seminário batista da América Latina. Foi instalado na cidade do Recife, em primeiro de abril de 1902, sob a direção do missionário Salomão L. Ginsburg, e considerado escola autônoma com administração própria em 1936. Durante os cento e treze anos de existência, o seminário expediu cerca de três mil diplomas para alunos em cursos de graduação e pós-graduação e cerca de três mil e quinhentos destinados aos de cursos de extensão (OLIVEIRA, 2008).

6.1.2 Primeira Igreja Batista do Recife

Localizada na Avenida Conde da Boa Vista, 185, centro da capital pernambucana, a Primeira Igreja Batista do Recife é o sexto templo Batista Organizado no Brasil. Possui 1200 membros e 400 congregados, realiza cultos todos os dias da semana e desenvolve atividades relacionadas ao ensino teológico e à recuperação de dependentes químicos (PEREIRA, 2009). Foi fundada em 4 de abril de 1886, intitulada como Igreja de Christo denominada Batista na cidade do Recife. Zacharias Taylor, missionário Batista norte-americano, iniciou os trabalhos de evangelização em Pernambuco. Com a contribuição de Salomão Ginsburg e William Entzminger organizaram a Primeira Igreja Batista do Recife, que teve como primeiro pastor o missionário William Edwin Entzminger (FERREIRA, 2003).

A principal obra sobre as origens do segmento religioso batista em Pernambuco é o livro *Primeira Igreja Batista do Recife: episódios de sua história*, publicado em 2003, cuja autoria pertence à bibliotecária Leonice Ferreira. O volume relata as origens da Primeira Igreja Batista em solo pernambucano. A autora expressa na introdução a dificuldade de relatar a história da organização do primeiro trabalho Batista no Recife, muitos documentos se encontravam desaparecidos ou dispersos. Apenas algumas cópias de livros de atas e o documento de fundação da igreja

estavam disponíveis. Construiu a obra baseada em relatos de descendentes dos primeiros membros. O fato demonstra o pouco cuidado que os primeiros batistas tinham com relação aos registros das próprias memórias.

6.2 O presbiterianismo

Ao longo da história, podemos classificar os presbiterianos em três grandes grupos: os reformados, calvinistas e presbiterianos. O presbiterianismo teve origem no mesmo contexto da reforma protestante, na Alemanha, liderada pelo primeiro reformador protestante Martinho Lutero (1483-1546). As pessoas que se identificavam com as ideias de Lutero e o seguiam eram chamadas de luteranas. Paralelo a esse movimento surgia na Suíça um novo movimento protestante e que para diferenciá-lo do que já existia, o chamaram de movimento reformado. Inicialmente, o movimento reformado esteve mais ligado à pessoa de Ulrico Zuínglio (1484-1531) em Zurique (MATOS, 2011b).

Após a morte de Ulrico, o movimento ganhou força com a associação do francês João Calvino (1509-1564), que foi considerado o maior teólogo e articulador do movimento reformado que surgiu no século XVI. Os reformados se diferenciavam dos luteranos, anabatistas e anglicanos devido a suas concepções teológicas e formas de organização eclesiástica. O desenvolvimento e a preservação do movimento foi garantida por seus sucessores imediatos: João Henrique Bullinger (1504-1575), Teodoro Beza (1519-1605) e os puritanos ingleses (MATOS, 2011b).

Os Calvinistas tinham como líder o mais influente reformador, o francês João Calvino. Um dos principais fundamentos do movimento é a noção da soberania de Deus como criador, preservador e redentor. O calvinismo não é somente um conjunto de doutrinas, mas inclui concepções específicas a respeito da forma de cultuar, da liturgia, do ministério, do ato de proclamação e do governo da igreja. Na Escócia, Inglaterra e Irlanda foi adotado o termo presbiterianismo em razão da situação política e religiosa da época onde a forma de governo da igreja teve uma forte influência (MATOS, 2011b).

Os reis ingleses e escoceses tinham preferência pelo sistema episcopal, nele

a igreja era organizada por bispos e arcebispos, o que favorecia um maior controle da Igreja pelo Estado. O sistema presbiteriano surgiu como oposição, nele a igreja é governada por presbíteros através de eleição, representando assim um governo democrático e autônomo. Das ilhas Britânicas, o Presbiterianismo migrou para os Estados Unidos e diversas partes do mundo inclusive o Brasil. (MATOS, 2011b).

6.2.1 Seminário Presbiteriano do Norte

A educação protestante foi introduzida no Brasil com a chegada dos missionários norte-americanos em meados do século XIX devido à necessidade de prepará-los e de fornecer uma educação cristã de qualidade como estratégia missionária. Os primeiros missionários em associação com as igrejas existentes, implantaram as primeiras escolas paroquiais. As aulas funcionavam nas casas particulares, inclusive do próprio pastor (SOUZA, 2015).

A necessidade de formar uma liderança local motivou a criação dos seminários para a preparação de jovens que tivessem vocação para o ministério pastoral. Foram criados dois seminários, o Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas e o Seminário Evangélico do Norte, em Recife, que teve por nome evangélico e não presbiteriano, visto que inicialmente a ideia central era ser um seminário de caráter interdenominacional, funcionava em regime de cooperação com outras igrejas evangélicas. (SOUZA, 2015).

O Seminário Presbiteriano passou por várias fases, dentre elas podemos citar: Idealização (1895-1899); Embrionária (1899 a 1903); Seminário Presbiterial (1903 a 1919), neste período funciona como um seminário estruturado; Sinodal (1922 a 1948) e Denominacional a partir de 1948. A denominação norte e sul tem a ver com a guerra civil ocorrida nos Estados Unidos em 1861-1865 (SOUZA, 2015).

O trabalho dos missionários não consistia somente na pregação do evangelho, eles forneciam suporte à educação na alfabetização e ensino da língua inglesa, francesa, arte literária, ciências e recitação de poesia em português. Muitos desses novos fiéis se tornaram catedráticos, gramáticos, médicos e exerceram papéis de

destaque na sociedade da época. Em 1948, a comissão executiva do supremo concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil resolveu assumir o seminário como órgão exclusivo de educação teológica da denominação no Norte do Brasil e foi nesse momento que passou a ser chamado de Seminário Presbiteriano do Norte (SOUZA, 2015).

Possui uma área de 10.852 m² completamente arborizada. Detém internatos para solteiros, casados, quadra de esportes, duas residências, alojamento para visitantes, uma capela climatizada e biblioteca com aproximadamente 15.000 volumes em livros e periódicos, um prédio de administração e um refeitório apresentando uma excelente estrutura. São ministrados os cursos de Bacharel em Teologia, Mestrado em Teologia, Especialização em Teologia Exegética e cursos de capacitação para missionários e líderes de igrejas (SOUZA, 2015).

6.2.2 Primeira Igreja Presbiteriana do Recife

A Primeira Igreja Presbiteriana do Recife foi organizada em 1878 pelo missionário americano John Rockwell Smith, que chegou ao Recife no dia 15 de janeiro de 1873. Aos 27 anos, Smith vislumbrava um grande campo missionário em Pernambuco. Calvinista convicto, o Reverendo não hesitou em seguir sua missão. Fixou residência na Rua Imperial e manteve-se ali por alguns anos. Por não haver separação entre a Igreja e o Estado antes da Proclamação da República e o catolicismo romano ser a religião oficial do país, o missionário sofreu algumas perseguições (ALBUQUERQUE, 2015).

Após alguns meses no Recife, o Reverendo encontrou-se com o presidente da província no Palácio do Campo das Princesas e obteve autorização para pregar o evangelho através de grupos nas casas de particulares que demonstrassem interesse em aprender e estudar o evangelho, era vetado o ato em público através de templos. O ensino da língua inglesa, venda de livros, distribuição de Bíblias e livros religiosos era permitido pelo regulamento do Conselho de Instrução Pública, observando as leis do Império. No dia 11 de agosto de 1878, o Rev. Rockwell e os 12 primeiros fiéis

reuniram-se, em assembleia, e organizaram a Igreja Presbiteriana de Pernambuco, na Rua do Imperador nº 71, 1º andar. O missionário Smith foi declarado oficialmente pastor e juntamente com ele nessa mesma Assembleia foram eleitos dois diáconos e o mesmo número de presbíteros (ALBUQUERQUE, 2015).

Um plano de evangelização foi aprovado, foram instaurados mais três pontos de pregação no Recife, um localizado na Travessa do Príncipe e outro no bairro de Areias. Em 1889, o Rev. Juventino Marinho assumiu o cargo de pastor da Primeira Igreja Batista. No período que Smith permaneceu no Recife até o ano de 1892 organizou cinco igrejas no Nordeste, fundou o jornal “Salvação de Graça” e organizou o Presbitério de Pernambuco. Smith preparou mais de 50 propagadores do evangelho, morreu em 1918, no Brasil (ALBUQUERQUE, 2015).

6.2.3 Igreja Presbiteriana de Areias

O missionário John Rockwell Smith foi responsável pela fundação e organização da Igreja Presbiteriana em Pernambuco no século XIX. Uma das congregações organizadas nesse período foi a congregação do Jiquiá. Foram 10 anos a título de congregação até posteriormente se chamar Igreja Presbiteriana de Areias (IGREJA, 2015).

Fundada em 15 de outubro de 1893, a igreja teve como ministros, nos primeiros anos, o reverendo Juventino Marinho e o missionário Willian Calvin Porter, que foi responsável pela fundação e organização da igreja. Em 1915, foram substituídos pelo reverendo Perciano Alves e pelo Dr. Antônio Almeida, que por sua vez, era professor do Seminário Presbiteriano. Permaneceram na instituição até a transferência da igreja para a Avenida Dr. José Rufino, 1388. Posteriormente, a igreja muda para o número 1495 onde permanece atualmente. A Igreja Presbiteriana de Areias, desde a fundação, nunca perdeu o espírito missionário, é igreja mãe da Igreja Presbiteriana de Jaboatão, Igreja Presbiteriana do Caçote, Igreja Presbiteriana do Jardim Uchoa e Congregação do Capuá (IGREJA, 2015).

6.3 O anglicanismo

A Igreja Anglicana surgiu no século XVI, com a reforma protestante ocorrida na Inglaterra. A figura mais influente desse movimento foi o Rei Henrique VIII, que por motivos pessoais e por ambições político-econômicas, fundou a Igreja Anglicana cuja origem está relacionada à igreja cristã primitiva (CENTRO, 2014).

No final do século VI, um grupo com 40 monges, que tinha como chefe o Santo Agostinho de Cantuária, chegou ao sul da Inglaterra com a missão de propagar o evangelho e converter os anglo-saxões. Durante todo o período da Idade Média a igreja inglesa estava submetida à igreja romana. A Inglaterra e os demais países da Europa sustentavam o sistema papal da época. Com a reforma inglesa do Século XVI foram adotados três partidos ou tendências na igreja da Inglaterra: o Broad Church Party (igreja ampla), grupo de menor volume, mas, influente devido as suas posições consideradas moderadas, ficava entre o ritualismo anglo-católico e o despojamento evangélico; o High Church Party (igreja alta), fortificado pelo movimento de Oxford, usava nos cultos imagens de escultura, velas, crucifixo, incenso, água benta, invocação aos santos e confissão auricular e o Low Church Party (igreja baixa) que tinha essência na simplicidade do cerimonial litúrgico e espírito evangélico de evangelização e forte tendência missionária (CENTRO, 2014).

O anglicanismo tem em sua principal característica a flexibilidade teológica. A denominação Anglicana além de significar o nome "Inglês" traz consigo a ideia de uma grande família cristã internacional. Essa união foi fruto de trabalho missionário com o envolvimento de ex-colônias do mundo britânico. Possuem atualmente cerca de 44 igrejas nacionais ou regionais ao redor do mundo envolvendo mais de 160 países com aproximadamente 80 milhões de membros. A igreja Anglicana é a terceira maior denominação cristã do mundo, depois da Igreja Católica Romana e das Igrejas Ortodoxas (CENTRO, 2014).

6.3.1 Catedral Anglicana da Santíssima Trindade

A *Holy Trinity Church*, foi erguida pelos ingleses em 1838, no local onde se encontra hoje o cinema São Luiz e o Edifício Duarte Coelho, na esquina com a Rua da Aurora. Teve como primeiro ministro o padre G. Tuckins que realizava cultos no prédio de n. 47 na rua do Hospício (HISTÓRIA, 2015).

A construção do templo foi motivada pelos comerciantes ingleses residentes no Recife que desejavam um templo para a celebração dos atos religiosos de acordo com os usos e costumes da Igreja Protestante. Com o capital necessário para tal, o cônsul Henrique Augusto Cooper dirigiu um ofício pedindo autorização ao presidente da província, Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos para a construção do templo. O pedido foi concedido desde que a edificação não tivesse a forma exterior de templo. Ao observar a planta, concedeu a licença, viu que não havia cruzes nem campanário, estava de acordo com os preceitos constitucionais (PEREIRA DA COSTA, 1985).

Até o ano de 1946, o templo funcionava onde atualmente se encontra o Cinema São Luiz que depois de alguns anos foi transferido para a Rua Carneiro Vilela. Em razão do Cisma ocorrido em 2002, o templo da Carneiro Vilela encontra-se atualmente sob a posse da Igreja Episcopal Carismática. A Catedral Anglicana da Santíssima Trindade está localizada na Rua Alfredo Medeiros, 60, no bairro do Espinheiro, onde permanece até os dias atuais (IEAB, 2015).

Até o ano de 1968, os trabalhos realizados pelos Anglicanos eram destinados apenas para atender os descendentes dos ingleses e estrangeiros. Em 1975, o Rev. Paulo Ruiz Garcia chegou para assumir a Paróquia da Santíssima Trindade. No mês de junho nesse mesmo ano, a Diocese Setentrional é criada pelo Sínodo com sede em Recife tendo como primeiro bispo o Sr. Dom Edmund Knox Sherrill, (IEAB, 2015).

A inauguração da nova diocese e o primeiro conselho ocorreram no dia 30 de outubro sendo organizado seu arrolamento como parte integrante da diocese central. Em 1985, o bispo Sherrill se aposentou e em julho de 1984, enquanto ocorria o Sínodo Geral da IEAB em Porto Alegre, o Rev. Clovis Erly Rodrigues, foi eleito como sucessor de Sherrill. O seu episcopado foi marcado por um grande crescimento do Anglicanismo no Nordeste, faz parte desse crescimento a educação teológica da diocese através do NAET, fruto do reitor da diocese, o Rev. Francisco de Assis da

Silva. Ainda em 1984, Clérigos e leigos fundam a ABAE (Associação Brasileira de Anglicanos Evangélicos) e se filiam a EFAC (Evangelical Fellowships in the Anglican Communion) (IEAB, 2015).

Em 1997, o Bispo Diocesano Edward Robinson de Barros Cavalcanti toma posse e segue o mesmo ritmo de crescimento do seu antecessor atraindo pessoas até de outras igrejas para ingressarem na igreja Anglicana. O seu episcopado foi marcado por alguns cismas e conflitos pessoais, ocasionando no ano de 2002, dois cismas que resultaram na saída do Rev. Paulo Garcia, Deão da Catedral, que por sua vez, atraiu e levou a maioria da comunidade a segui-lo; o prédio que historicamente pertencia à Igreja Episcopal Anglicana do Brasil foi ocupado por ele (IEAB, 2015).

Os conflitos se multiplicavam, as dificuldades de comunhão com a Câmara dos Bispos eram constantes, além de cometer atos de indisciplina contra a própria Igreja. Nessa fase existiu a maior crise até então vivida pela igreja, resultando no seu afastamento e posterior deposição de ordem, após conclusão do processo eclesiástico. Com a crise instaurada, foi convocado o D. Maurício Andrade, bispo da diocese de Brasília para uma supervisão episcopal especial. Em 2005, o D. Filadelfo Oliveira assumiu de forma interina e se tornou a Autoridade Eclesiástica da Diocese Anglicana do Recife, nesse mesmo momento foram ordenados oito diáconos e a crise foi sendo superada. Em 2006, foi eleito D. Sebastião Armando Gameleira Soares, Bispo Diocesano. Em 2007, o novo templo da Catedral da Santíssima Trindade foi inaugurado no bairro do Espinheiro. Atualmente, a comunidade Anglicana possui 10 paróquias, 11 comunidades, 36 clérigos, 17 ministros pastorais e aproximadamente 1000 membros (IEAB, 2015).

6.4 Congregacionalismo

O congregacionalismo surgiu no século XVI na Inglaterra. O movimento se apresentou como uma contraproposta à Igreja estatal, centralizada, hierarquizada e ditatorial promovida pelo Rei Henrique VIII que se separou da Igreja Católica Romana por questões pessoais e criou a Igreja Anglicana. O grupo de fiéis insatisfeitos com a igreja anglicana, se organizou-se em comunidades autônomas, chamadas de independentes, nome pelo qual eram chamados antes de serem denominados

congregacionais (UIECB, 2009).

Com a perseguição advinda da Inglaterra, alguns dos independentes foram forçados a se estabelecer na Holanda e mais tarde embarcaram para os Estados Unidos. Lá fundaram a Primeira Igreja Congregacional, outros, apesar da perseguição, decidiram enfrentar as autoridades políticas e religiosas e permaneceram na Inglaterra em contínuo crescimento. Em virtude principalmente do apoio das Igrejas de governo Congregacional nos Estados Unidos, o congregacionalismo foi se espalhando e ganhando ainda mais força (UIECB, 2009).

No Brasil, a visão congregacionalista surgiu através do missionário escocês o Rev. Robert Reid Kalley de origem Presbiteriana, que por sua vez, partiu da Inglaterra, no século XIX, para a Ilha da Madeira onde ali iniciou o seu projeto missionário. Em sua segunda viagem ao Brasil rumo ao Estado do Rio de Janeiro em 19 de agosto 1855 na cidade de Petrópolis, foi realizada a primeira Escola Dominical no Brasil em língua portuguesa, data que marcou a fundação da igreja Congregacional no Brasil. Por conseguinte, em 1858 foi organizada a primeira igreja de governo congregacional no Estado do Rio de Janeiro, denominada Igreja Evangélica Fluminense. Com o passar dos anos, em 1873 o missionário Kalley organizou um trabalho de evangelização em Recife. Este trabalho recebeu o nome de Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana (UIECB, 2009).

O principal legado de Kalley foi o estabelecimento de uma Igreja auto-suficiente. O trabalho desenvolvido por ele cresceu e foi criada a União das Igrejas Congregacionais do Brasil com a função de agregar as igrejas congregacionais no país (UIECB, 2009).

6.4.1 Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana

A igreja Evangélica Congregacional Pernambucana foi organizada em 1875. Por ser uma igreja no centro do Recife, a rotatividade de pessoas que frequentam os cultos é considerável. A instituição comporta cerca de 360 a 380 pessoas. Os congregacionais adotam a concepção de um Deus trino, Deus pai o criador, Deus filho, o salvador, Deus espírito santo o doador da vida e o conservador de todas as coisas. Tem a bíblia como regra única e infalível de fé e prática (OBSERVATÓRIO, 2009).

A vinda do diácono Manoel José da Silva Viana a Pernambuco no fim dos anos 1850, foi o ponto de partida para o processo de evangelização congregacionalista. Apesar da forte perseguição religiosa no Estado de Pernambuco contra a Igreja Pernambucana, no dia 19 de outubro de 1873, no Teatro de Santa Isabel, ocorreu uma convenção onde estava presente o Dr. Kalley, e lá foi organizada a igreja que hoje é denominada Igreja Evangélica Pernambucana. O pensamento de Kalley era estabelecer a Igreja em uma área estratégica e encontrou na Rua do Príncipe o melhor lugar, visto que era um bairro eminentemente residencial para organizar definitivamente o local da Igreja Pernambucana (OBSERVATÓRIO, 2009).

Em 1913, resolveram unir as igrejas evangélicas que eram fruto direto ou indireto do trabalho do Dr. Kalley. Em um congresso realizado em julho de 1913 na cidade do Rio de Janeiro reuniu-se uma convenção de 13 igrejas, lá optaram pela nomenclatura Igreja Indenominacional. Anos depois, passaram a ser chamados congregacionais (OBSERVATÓRIO, 2009).

O culto é livre, normalmente ocorre na sequência de confissão, oportunidade para orações, cânticos de louvor, de adoração, de gratidão a Deus, leitura bíblica e a reflexão da palavra que visa à edificação, o conhecimento da palavra de Deus pelos fiéis e a oportunidade de comunhão através da celebração da ceia do senhor pelo menos uma vez por mês, uma obediência bem objetiva a uma das ordenanças de Jesus Cristo (OBSERVATÓRIO, 2009).

Após a exposição do histórico das denominações protestantes e dos locais aqui pesquisados, segue a análise dos resultados da pesquisa.

7 RESULTADOS DA PESQUISA

As informações aqui expostas destinam-se aos pesquisadores das mais diversas áreas, como História, Sociologia, Ciência da Informação, aos responsáveis pelas igrejas e instituições, a todos que detém interesse sobre a Preservação da memória do protestantismo. A observação direta foi utilizada para coleta de dados utilizando como guia a grade de observação que consta em anexo, consiste num esboço prévio do que se deseja observar (LAVILLE; DIONNE, 2008). Para a análise das entrevistas que constam anexadas, foi utilizada a análise de conteúdo. Palavras e conjuntos de palavras que tiveram relevância para atender aos objetivos da pesquisa foram identificadas em categorias e subcategorias (LAVILLE; DIONNE, 2008). Constituíram a unidade de análise: palavras, frases e enunciados referentes aos objetivos propostos. As categorias e subcategorias de análise se encontram anexas.

A estratégia aqui utilizada foi o emparelhamento, que consiste em associar os dados recolhidos a um modelo teórico a fim de compará-los (LAVILLE; DIONNE, 2008). Recomenda-se consultar um profissional especializado nas áreas de restauração para desenvolver programas de conservação e restauro, visto que muitos procedimentos podem ser modificados a partir de novas descobertas ao longo do tempo.

Os locais serão apresentados por ordem cronológica de visitação, os seminários a partir da data mais antiga, iniciando pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil visitado em junho de 2015 e as igrejas a partir da data mais recente, iniciando a apresentação a partir da Primeira Igreja Batista do Recife visitada em fevereiro de 2016.

7.1 SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL

7.1.1 Relatos de observação:

A visita ao Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, que situa-se na rua Padre Inglês, 243, no bairro da Boa Vista (Figura 1), ocorreu no mês de junho de 2015. Ao entrar em contato com os responsáveis pela instituição, descobriu-se a existência de uma biblioteca e foram recebidas as coordenadas da localização dela. Ao adentrar o local, a recepção pelos profissionais da recepção foi calorosa. Prontamente, a bibliotecária responsável Jailiny Stanford, que estava presente durante a visita, foi informada pela equipe a respeito desta pesquisa. Alguns minutos antes de ser realizada a entrevista com ela, aproveitou-se o tempo para registrar as observações.

O ambiente é climatizado e com boas instalações. O empréstimo de materiais é realizado de forma manual, com a utilização de fichas. É um procedimento obsoleto, visto que existem sistemas de gerenciamento bibliográfico que permitem empréstimo automatizado e otimizam as tarefas relacionadas à circulação e à catalogação de materiais. Possuem um sistema de busca online, no qual localizam as obras do acervo. A sala onde se encontra o acervo é climatizada e os livros estão abrigados longe da luminosidade e da poluição atmosférica. Não se percebeu a existência de extintores contra incêndios no ambiente do acervo, apenas na recepção da biblioteca, fato que evidencia a necessidade de melhoria na segurança. A biblioteca dispõe de armários para alojar os pertences dos usuários, que devem entrar na biblioteca sem bolsas. Esses procedimentos são realizados para evitar o furto de livros e outros materiais. Não percebi a existência de laboratórios de conservação, restauro e digitalização de documentos.



Figura 1: Seminário Teológico Batista do Norte à esquerda e Acervo da Biblioteca do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil.

Fonte: <http://comunidadewesleyana.blogspot.com.br/2011/05/os-seminarios-teologicos-evangelicos.html> (foto à esquerda), acervo pessoal do autor (foto à direita).

Quanto à organização documental, a biblioteca utiliza a classificação da Library of Congress (implantada por profissionais estrangeiros) e a Classificação Decimal Universal. Os livros que estão classificados pela Classificação da Library of Congress estão sendo reclassificados utilizando a CDU. Dei-me conta de que a biblioteca está passando por um processo de reorganização do acervo, algumas obras não estavam ordenadas de forma crescente de acordo com o número de classificação. Para ter acesso a algumas classes, foi necessário sair do local e se deslocar para outro.



Figura 2: Livros do acervo da Biblioteca do STBNB que necessitam de reclassificação para a CDU (Classificação Decimal Universal).

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Conforme dito, observou-se algumas prateleiras devidamente organizadas, com livros utilizando a Classificação Decimal Universal:



Figura 3: Trabalho de reorganização e reclassificação do acervo utilizando a Classificação Decimal Universal.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Constatou-se a existência de outro local de memória no STBNB, o Memorial Reitor David Mein, que está passando por uma reestruturação. Localizado próximo à biblioteca, possui três pavimentos com peças museológicas, acervo fonográfico e estantes com livros antigos e raros. Trata-se de um Memorial Batista. No recinto, verificou-se a presença de algumas estantes de madeira, não são recomendadas para o armazenamento, devido aos seus compostos e alguns seladores utilizados emitirem ácidos e substâncias que podem danificar os documentos e atrair insetos, como por exemplo, cupins e brocas (OGDEN, 2001).

Nas estantes constavam livros, inclusive raros (Figuras 5;6;7;8;9;10), bíblias antigas e em diversos idiomas (figuras 11; 12), que foram doadas por professores ou familiares deles “In memoriam”. As bíblias em português datam de: 1852, 1877, 1944, 1947; a bíblia em romeno, 1919; em hebraico, 1920; em alemão, 1928; em esperanto 1931; em lituano, 1947; em húngaro, 1948; em polonês, 1949; em japonês, 1950; em

latim, 1950, a bíblia versão Scotfield, em 1960. Não constam registros da data de publicação nas bíblias em armênio e em russo.

No local, encontra-se uma estante com objetos significativos para a história dos batistas, dentre eles medalhas, troféus, placas de homenagens, de formaturas, instrumentos musicais (Figura 13), diversos quadros com fotografias de batistas ilustres e alguns móveis antes pertencentes a igrejas ou pastores: púlpitos, mesas de celebração da ceia e cadeiras.

O Memorial David Mein possui um acervo fonográfico com mais de 2800 discos, inclusive os de vinil e CDs dos mais variados estilos musicais.



Figura 4: Acervo Fonográfico do STBNB.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

O acervo fonográfico estava disposto nas prateleiras de forma vertical, que é indicada para a conservação dos discos de vinil, porém, não existem desumidificadores de ar no local de armazenamento. A umidade prejudica os vinis e pode provocar manchas de mofo. Eles devem ser armazenados longe do calor, altas temperaturas podem envergar e enfraquecer os discos, deixando-os mais propensos a quebrar. O local de armazenamento deve ser arejado e limpo, conforme aponta Laurent (2001) na obra *Guarda e manuseio de materiais de registro sonoro*.

As estantes que abrigam os livros antigos e raros são de madeira. Alguns livros

estavam amarrados utilizando material tingido (cordão vermelho). A tinta contida nos cordões pode agredir as obras, portanto, devem ser utilizados cordões de algodão não tingidos.



Figura 5 - Estantes com livros raros e antigos do Memorial David Mein.
Fonte: Acervo pessoal do autor

A madeira, seus compostos e alguns tipos de seladores emitem ácidos e substâncias danosas, além de atraírem cupins e brocas. Portanto, deve ser evitada. As mobílias em aço com diversos revestimentos em pó e em alumínio anodizado são recomendadas por Ogden et Al (2001) como as mais indicadas para guardar os acervos, evitam o problema da emissão de gases e a ação de agentes biológicos de deterioração dos acervos. Caso a mobília de madeira seja a única opção disponível, precisam ser tomadas as seguintes medidas: evitar o carvalho, por conta da alta acidez volátil desse tipo de madeira; caso utilize mobília com aglomerados e compensados de madeira, certificar-se de que esteja livre de formaldeídos, aldeídos,

ácidos e outros voláteis danosos, inclusive realizar testes para determinar a segurança no uso destes materiais.

A madeira dos móveis deve ser vedada com a utilização de selador para reduzir a emissão de ácidos e voláteis. Recomenda-se o uso do poliuretano hidrossolúvel. O poliuretano à base de óleos não é indicado. A tinta pode ser empregada como selador. As tintas de epóxi de duas partes são eficazes, mas, de difícil utilização e podem incluir elementos danosos em seus compostos. As tintas de látex formam uma barreira menos eficaz, são de fácil utilização, contudo, podem possuir elementos danosos. Após seladas, as madeiras devem ser expostas ao vento por um período de três a quatro semanas. Devido às substâncias tóxicas presentes nos produtos, devem ser utilizados com as medidas de segurança adequadas (HATCHFIELD, 1994).

Após seladas, as prateleiras e gavetas dos móveis devem ser revestidas com material de proteção. Recomenda-se o uso de laminado metálico inerte como o Marvelseal 360 e 470; o policlorotrifluoretileno; películas de barreira, como, por exemplo, o Alclar; alumínio em folha, vidro, acrílico ou um composto desses materiais. As folhas desses materiais devem vir sem impressões de especificações, as tintas utilizadas nelas podem incluir elementos corrosivos. Uma camada de cartão composto por 100% algodão pode ser empregada junto aos materiais de proteção (HATCHFIELD, 1994).

As estantes em aço com material revestido em pó são utilizadas pelo Museu Histórico Nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Para manter o nível de excelência no trato com o acervo, priorizam o aço na escolha dos equipamentos, armários, mapotecas e trainéis para obras de arte (GUEDES, 2015).

As obras armazenadas nas estantes de madeira já foram inventariadas pelos profissionais que trabalham na instituição. São consideradas raras pelo critério de antiguidade, não são encontradas facilmente em outros lugares. São elas: *Respostas do general Abreu e Lima às acusações do Cônego Pinto de Campos*, 1867, obra rara de natureza religiosa doada em 2005 pelo professor do Seminário Teológico Batista, Ramos André, que a adquiriu mediante compra em Alfarrábios (livrarias de obras usadas) em Portugal; O Terceiro volume da Obra *Memoires historiques, militaires et politiques de L'Europe, do Abbé Raynal*, editado em Amsterdã, no ano de 1754 pela Arkslée & Mercus, pertenceu à biblioteca do Padre António Costa, pároco de Cedovim em Portugal, era bisavô do Professor Ramos André, que doou a obra ao Seminário em 2005, relata a problemática do divórcio de Henrique VII com Catarina de Aragão,

é até o momento a obra mais antiga do acervo; *O Paraíso perdido* (1884), obra de John Milton, doada pelo pastor Manguba Sobrinho na década de 1940; *Os Lusíadas* (1865), doada pelo professor Ramos André em 2005, adquirida em alfarrábios em Portugal.

Encontra-se no local um exemplar do *Alcorão*, a obra necessita de intervenção de restauro, pode se despedaçar caso seja manuseada. Foi doada pelo professor Ramos André na década de 1990. No acervo ainda se encontram as obras: *Tríplice vitória do amor*, doada pelo autor Manguba Sobrinho em 1948; *Procelas e glórias* (1936), doada pelo autor Alfredo Mignac, com dedicatória ao Seminário em 1936, *Documentos holandeses* (1945), doada pelo professor Ramos André na década de 2000, *Notas dominicais* (1906), obra de Tonellare, doada pelo Professor no mesmo período; *Casa Grande e Senzala* (1943), pertenceu ao embaixador Gordon Mein, foi doada pelo seu irmão David Mein em 1964. Algumas obras foram doadas por professores do seminário na década de 1990, não foram encontrados registros informando os nomes dos doadores, são elas: *Nova Lusitânia* (Fac-símile, 1675); *História da colonização portuguesa* (1921); *Inquisição* (1826) e *Inquisição* (1907).

No acervo constam obras raras de natureza religiosa: *Bíblia sagrada dedicada a Dom João VI ainda quando príncipe* (1800), adquirida através de compra no início dos trabalhos no Seminário na década de 1900; *Bible Caracteres*, de D.L. Moody, doada por um missionário, uma das primeiras obras a compor o acervo; *Como nos veio a bíblia* (1957), de Edgar J. Goodspeed, doada por um professor do Seminário na década de 1960; *O padroado no Brasil*, obra bastante danificada pela ação de traças, foi doada por um professor na década de 1920, necessita de restauro; *Discurso dirigido aos evangelistas* (1980), obra da Sociedade de evangelização, doada na década de 1990 pelo professor Ramos André, foi adquirida em Portugal; *Livro de oração comum*, doada por um professor em 1986. Mediante aquisição por compra, ao longo dos anos de atividades no Seminário, foram incorporadas ao acervo: *Instruções Geraes em forma de Catecismo* (1824); *Os Apóstolos* (1859); *Doutrina Católica*; *Actas do Synodo da Igreja Presbiteriana do Brazil* (1894); *A igreja dos fiéis* (franceses); *Os reformadores* (1916); *Lições de Direito Ecclesiástico* (1887).

De acordo com Pinheiro (1989) os profissionais que lidam com acervos raros devem contemplar alguns aspectos na elaboração dos critérios de raridade, são eles: cronologia das obras, como por exemplo, obras anteriores a 1455 (Manuscritos), obras dos séculos XV, XVI e XVII, impressões do século XVIII; aspectos bibliológicos, ilustrações elaboradas de modo artesanal, os materiais utilizados nos suportes, tipo

de papel, uso de pedras ou materiais preciosos na encadernação; valor cultural, edições de tiragem reduzida, primeiras edições, edições personalizadas, destinadas a bibliógrafos, censuradas, clandestinas, expurgadas; características do exemplar, por exemplo, a presença de autógrafos e dedicatórias. A pesquisa, em repertórios bibliográficos, como dicionários e enciclopédias especializados em obras raras podem auxiliar na obtenção de informações sobre a preciosidade e raridade das fontes. Uma das principais fontes de referência sobre livros raros, a *Bibliographia Brasiliana*, de Rubens Borba de Moraes, inclui o registro dos livros raros sobre o Brasil publicados desde 1504 até 1900 no exterior e obras de autores brasileiros do período colonial. Uma versão traduzida da obra foi reeditada em 2011 pela editora da USP (Universidade de São Paulo).

O memorial David Mein possui um recinto onde estão armazenadas diversas obras que foram desbastadas ao longo dos anos, certamente outras raridades devem existir no local, é necessário realizar um levantamento das obras existentes. A seguir seguem algumas imagens do rico acervo já inventariado:

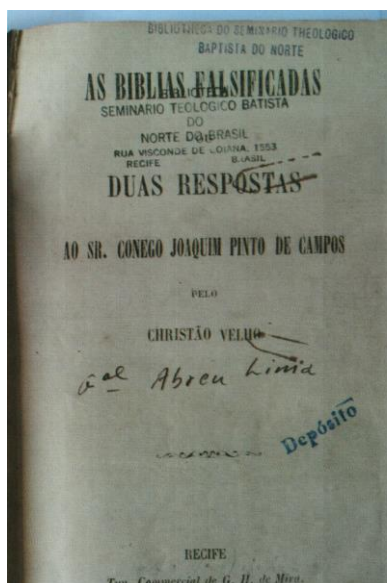


Figura 6: Respostas do General Abreu e Lima às acusações do cônego Pinto de Campos, 1867 - obra rara de natureza religiosa.

Fonte: Ramos André (2015).

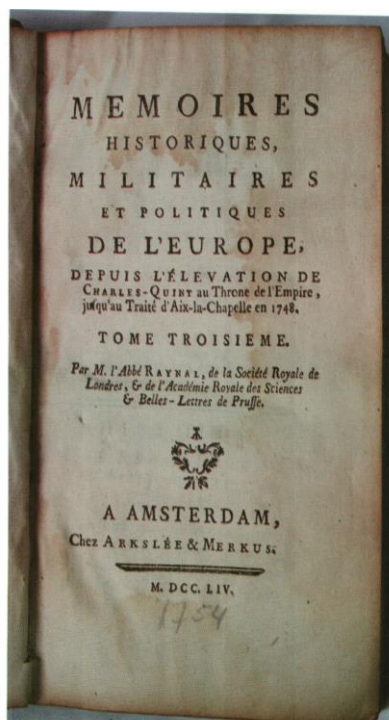
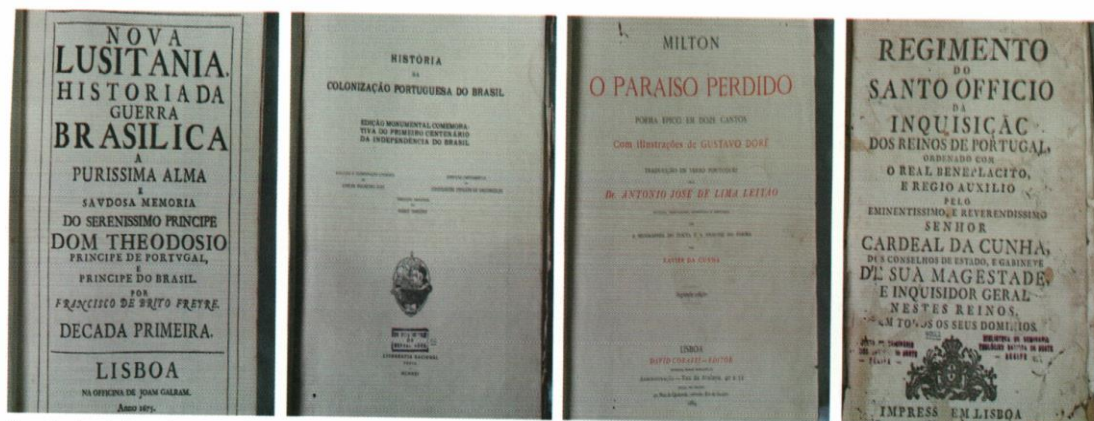


Figura 7: Terceiro volume da Obra Memoires historiques, militaires et politiques de L'Europe, do Abbé Raynal, editado em Amsterdã, no ano de 1754. Relata a problemática do divórcio de Henrique VII com Catarina de Aragão.

Fonte: Ramos André (2015).



Figura 8: Obras raras de natureza religiosa mantidas no Memorial David Mein.
Fonte: Ramos André (2015).

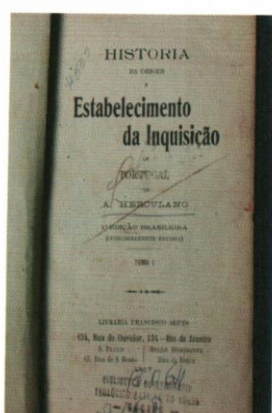


Nova Lusitania (fac-símile, 1675)

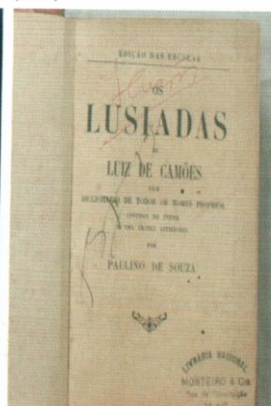
História da Colonização portuguesa (1921)

O Paraíso Perdido (1884)

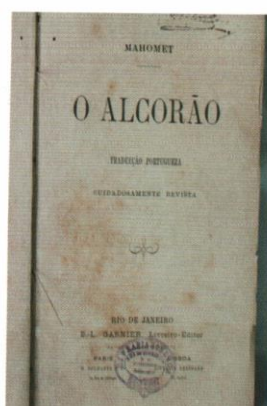
Inquisição (1826)



Inquisição (1907)



Os Lusíadas (1865)



Alcorão

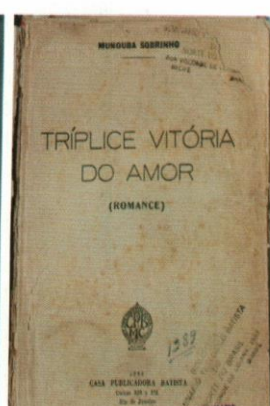
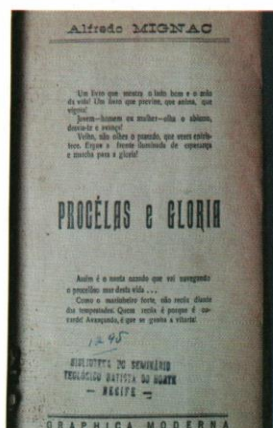
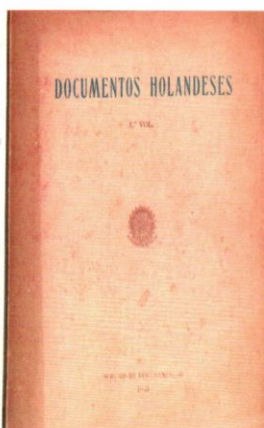
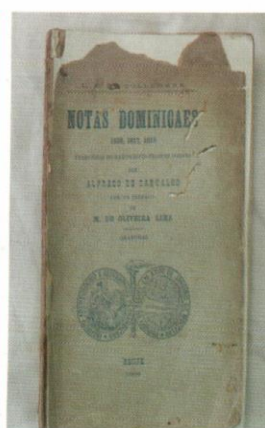
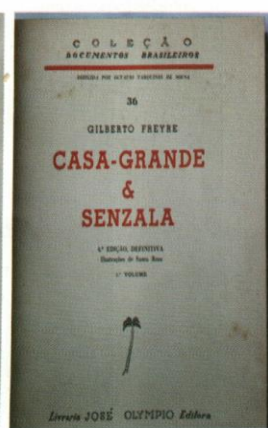
Tríplice Vitória do Amor
(Munguba Sobrinho, 1948)Procêlas e Gloria (1936). Com
dedicação pelo autor à Faculdade
Teológica BatistaDocumentos Holandeses (1945). Na
pág. 86 encontramos o agradecimento
de Van Weerdenburch, governador
de Pernambuco, pela autorização
da Holanda para destruir Olinda, em
1631.Notas Dominicais (1906). O Autor,
Tollenare, faz um relato histórico
do Recife, de 1916 a 1918.Casa Grande & Senzala (1943).
Em dois volumes, é o exemplar nº
248 de 300 destinados à bibliófilos.
Pertenceu ao embaixador Gordon
Mein, assassinado pela guerrilha
na Guatemala.

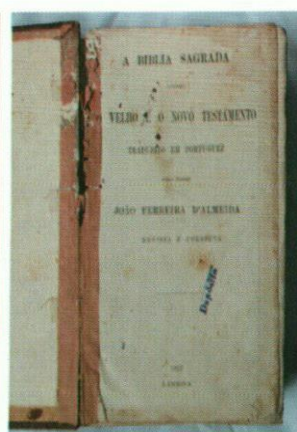
Figura 9: Obras raras de cultura Geral mantidas no Memorial David Mein.
Fonte: Ramos André (2015).



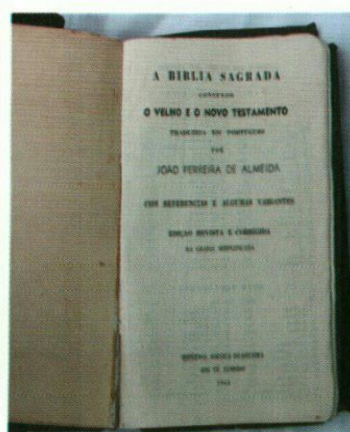
Figura 10: Bíblia Sagrada, 1800 dedicada a Dom João VI ainda quando príncipe.
Fonte: Ramos André (2015).



Figueiredo (Lisboa, 1852).
Bíblia ilustrada com introdução explicando o valor do livro sagrado.



Almeida (Lisboa, 1877), A mais antiga versão de Almeida que possuímos.



1ª Bíblia da Imprensa Bíblica Brasileira (1944)



Sociedades Bíblicas Unidas (1947)

Figura 11: Bíblias Antigas mantidas no acervo do Memorial David Mein.
Fonte: Ramos André (2015).



Figura 12: Bíblias em Diversos Idiomas mantidas no Acervo do Memorial David Mein.
Fonte: Ramos André (2015).

Nas folhas de rostos das obras é possível observar a presença de carimbos e anotações escritas à caneta, conforme figuras (06;08;09;10;11). Spinelli Jr (1997) recomenda não utilizar carimbos sobre ilustrações e/ou textos. Devem ser aplicados no verso da folha de rosto das obras, a qualidade química da tinta deve ser inspecionada e a quantidade utilizada deve ser moderada. O uso de caneta tinteiro ou esferográfica nas anotações não é indicado, as tintas são consideradas materiais instáveis, quanto utilizados sobre o papel diminuem a durabilidade dele, quando necessário anotar, usar lápis de grafite macio.

O Memorial David Mein, do Seminário Teológico Batista do Brasil, guarda diversos objetos: medalhas, troféus, placas de homenagens e de formaturas, instrumentos musicais, móveis antigos, como cadeiras e mesas, quadros com fotografias de batistas ilustres e fotografias de antigos templos e de edifícios religiosos. Estavam expostos em prateleiras de madeira, que não são recomendadas, conforme dito anteriormente. As peças não estavam catalogadas, não havia etiquetas ou informativos nas prateleiras descrevendo-as, conforme aponta a figura 13.



Figura 13: Objetos museológicos mantidos no Memorial David Mein do STBNB.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Objetos diversos



Objetos diversos



Sanfona



Autoharpa



Objetos diversos



Objetos diversos



Relógio pertencente a Salomão Ginsburg



Cadeira pertencente a Salomão Ginsburg



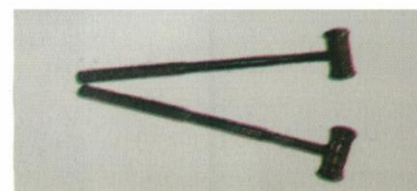
Chapeleira pertencente ao Reitor Johr



Troféu referente ao centenário dos batistas pernambucanos



Troféus



Martelos, cujas batidas simbolizaram a união das duas convenções (Convenção Batista Evangelizadora e Convenção Batista Pernambucana)



Radiola doada



Um dos órgãos guardados no Museu

Figura 14: Objetos pertencentes ao Memorial David Mein.
Fonte: Ramos André, (2015).

A catalogação dos objetos pertencentes a um museu constitui uma ação mediadora entre o público visitante e o acervo. Contribui na construção do conhecimento e da preservação da memória. A descrição dos itens deve ser objetiva e completa. Os bens, além de serem inventariados, devem ser registrados, identificados e classificados. As etiquetas descritivas facilitam a decodificação das peças. A classificação exige uma análise minuciosa do item e exige uma pesquisa aprimorada. Os índices possibilitam a recuperação dos itens por diferentes entradas (YASSUDA, 2009).

Com o surgimento das novas tecnologias da informação e da comunicação, novas ferramentas foram disponibilizadas para a gestão do patrimônio cultural, dentre elas os softwares de gerenciamento de acervos. Relacionados ao patrimônio museológico, temos, por exemplo, o *Museo*, o *Pergamum* e o *CollectiveAccess*.

O *Museo* é um software de gestão de acervos museológicos, desenvolvido para gestão de coleções de peças culturais. O software propõe compatibilizar tecnologia, armazenamento e divulgação da informação museológica. Possui duas interfaces: uma destinada à gestão das coleções e outra à publicação de informações online e divulgação ao público (MUSEO, 2014). O *Pergamum*, que dispõe de serviços de elaboração de páginas WEB personalizadas com foco nos museus, é outra opção. As informações são coletadas e inseridas no sistema *Pergamum*. Posteriormente, os dados são agrupados e personalizados de acordo com o conteúdo repassado e são criados links para a realização de pesquisa. O sistema possibilita a divulgação de fotos, descrições e demais informações do museu (SITES, 2014). Se encontra disponível o *CollectiveAccess*, um software livre para gerenciamento e divulgação de museus e coleções de arquivos. Personalizável e de interface simples, é compatível com os principais padrões bibliográficos. Suporta catalogação multilingue, oferece documentação gratuita e suporte (COLLECTIVEACCESS, 2015).

A classificação, descrição, assim como a utilização de um software de gestão de museus irão contribuir para a perpetuação das memórias que cada objeto existente no Memorial David Mein transmite. É necessário que todas essas peças sejam descritas a fim de que estas informações não se percam.

7.1.2 Análise da Entrevista com a bibliotecária do STBNB Jailliny Stanfford:

Na entrevista realizada no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, a bibliotecária Jailiny Stanford respondeu que o Seminário possui uma biblioteca com um acervo de mais de 50 mil livros e um museu com peças da Convenção Batista Brasileira e do próprio seminário. Existe também um museu e arquivo histórico a serem inventariados e em organização no ano de 2015. Com relação às ações para visualização da memória, o Seminário não as desenvolve, mas planeja para o ano de 2016.

A bibliotecária relata, ainda, quanto à preservação da memória, que não há ações de preservação na instituição; não são retiradas cópias dos documentos; não são realizadas encadernações, apesar de no passado ter existido um setor com essa finalidade, mas que foi extinto por falta de recursos; não são realizadas atividades de restauração; o acervo dos livros está abrigado em boas condições, mas o relacionado à memória histórica precisa ser adequado a condições favoráveis de temperatura e umidade; não é realizado controle de pragas, em casos extremos como, por exemplo, a existência de focos de cupins, é realizada a dedetização; não são executadas atividades de higienização dos documentos; não há plano de prevenção contra incêndios e desastres, mas está em processo de implantação um plano para todo o STBNB, inclusive, a biblioteca possui extintor; informou ainda que não são executadas atividades de digitalização de documentos em loco, mas, há uma parceria com o LIBER-UFPE e outros profissionais para essa finalidade.

Quando indagada sobre as atividades de organização, informou que os livros são organizados por número de chamada que correspondem aos assuntos, é utilizada a Classificação Decimal Universal e os livros são organizados por título, assunto, data ou gênero textual. Através da observação direta foi possível observar livros classificados utilizando a classificação da Library of Congress, estão sendo reclassificados para a CDU. Citou que não existem manuais de organização, porém, dispõem do instrumento AACR2 para a catalogação dos livros; que os documentos são classificados, catalogados e indexados. Foi mencionado, ainda, que no local é utilizado o sistema de informação NS acadêmico, desenvolvido pelos profissionais de

informática que trabalham na instituição, para onde estão migrando as informações mantidas nos fichários.

Com relação à descrição dos acervos, foi informado que existem documentos de todas as áreas do conhecimento classificadas pela CDU (Classificação Decimal Universal); que há arquivo permanente no local; que o acervo é aberto para os alunos e visitantes, porém, os visitantes só podem consultar os livros na biblioteca, sendo vedado o empréstimo domiciliar de livros para os visitantes; que as áreas de teologia e música são predominantes no local; que dispõem de fichários para localização dos livros e fichas para a realização do empréstimo manual, com pretensão de migrar essas informações mantidas nas fichas para o sistema de informações; que a obra mais antiga do acervo data de 1754, com o título *Memoires historiques, militaires et politiques*, mas, podem existir obras mais antigas no arquivo por isso pretendem realizar um levantamento para verificar essa informação; que a obra mais recente data de 2015; que no Seminário possuem documentos textuais e sonoros, como CDs e mais de 2000 discos de vinil no estilo de MPB e de trabalhos realizados no STBNB.

A profissional ao realizar um breve histórico da biblioteca informou que não é conhecida a data de criação dela, provavelmente deve ter iniciado as atividades quando começaram as aulas de teologia em 1902. Esclareceu que a biblioteca inicialmente era composta pelos livros dos professores, que emprestavam os seus livros aos alunos. Um relatório do SBNB informa que a biblioteca recebeu aproximadamente 400 volumes, em 1917, e doações, em 1918, mas, em 1941, esses volumes não constavam nos relatórios. Por volta de 1941, dois missionários auxiliam a área financeira da biblioteca, que, a partir de então, foi crescendo e melhorando. Hoje a biblioteca possui muitos desafios a enfrentar, mas os que compõem a instituição: professores, funcionários e alunos estão cumprindo os objetivos da instituição. A modernização realizada em 2015 em todo o Seminário, inclusive na biblioteca, tem melhorado a qualidade do acervo e do ambiente. Novos espaços foram aperfeiçoados. Os que compõem a instituição têm se esforçado cada vez mais para uma melhoria geral na instituição.

7.2 SEMINÁRIO PREBISTERIANO DO NORTE DO BRASIL

7.2.1 *Relatos de observação:*

A visita ao Seminário Presbiteriano do Norte do Brasil, situado na Rua Demócrito de Souza Filho, 208, no bairro da Madalena, ocorreu no mês de dezembro de 2015. O contato com a instituição ocorreu através de e-mail, no qual foram explanados os objetivos da pesquisa e solicitada uma entrevista a fim de obter informações. O diretor administrativo comunicou a respeito da existência de uma biblioteca no seminário e sugeriu que, além de entrevistar a bibliotecária recém-contratada, fosse realizada uma entrevista com um professor, que poderia auxiliar com mais dados. Ao chegar ao seminário, houve o encontro com a bibliotecária Andréa Silva e o professor José Roberto de Souza e, antes das entrevistas, buscou-se registrar as observações.

O Seminário Presbiteriano do Norte do Brasil possui uma biblioteca (Biblioteca Alexander Reese), um museu (Fundação Martinho de Oliveira) e um arquivo administrativo da Instituição. Só foi possível ter acesso à biblioteca e ao Museu do Seminário. A bibliotecária Andréa Silva informou que a Biblioteca Alexander Reese, do Seminário Presbiteriano do Norte, foi organizada em meados de 1955. Os livros existentes naquele período foram catalogados pelo pastor e missionário Hershey Julien, que era professor do SPN. Ao regressar para os Estados Unidos, foi substituído pela bibliotecária, Catherine Varhoug, que durante seis anos trabalhou em tempo integral na Biblioteca.

Em 1963, o fichário de consulta dos livros foi disponibilizado para acesso ao público.

A Biblioteca do Seminário Presbiteriano detém boas instalações em sua recepção, no térreo. O ambiente é climatizado, contém cabines para estudo individual e os livros do acervo da coleção circulante (disponíveis para empréstimo domiciliar) estavam limpos e higienizados.



Figura 15: Seminário Presbiteriano do Norte, à esquerda e instalações da Biblioteca Alexander Reese.

Fonte: http://spn.br/?page_id=6436 (Seminário Presbiteriano do Norte), biblioteca (acervo pessoal do autor).

No acervo da biblioteca existem obras que contam a história do Seminário Presbiteriano do Norte do Brasil. Nelas estão registrados fatos que marcaram a inserção e o desenvolvimento do trabalho presbiteriano no estado de Pernambuco e no Brasil. Foram registradas nas Figuras 16 a 19.



Figura 16: Obra SPN 100 anos: você faz parte desta história, de Silvano Cordeiro Fonseca.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

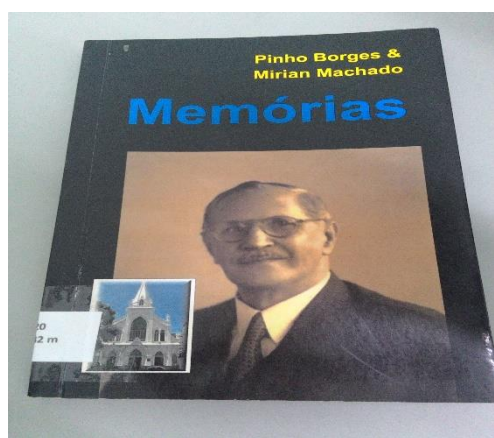


Figura 17: Memórias, de Pinho Borges e Mirian Machado.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

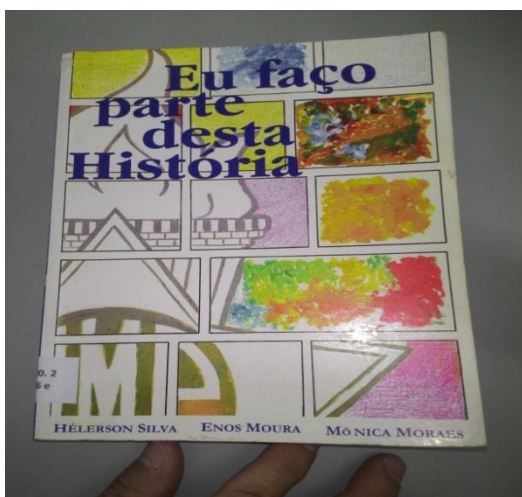


Figura 18: Eu faço parte desta História, de Héleron Silva, Enos Moura e Mônica Moraes.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

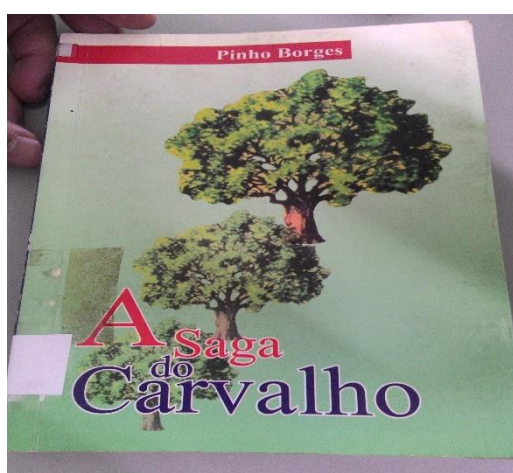


Figura 19: A saga do Carvalho, de Pinho Borges.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Apesar da climatização e limpeza do ambiente onde se encontram os livros disponíveis para empréstimo domiciliar, verificou-se forte incidência de luminosidade sobre o acervo (figura 20). O local possui algumas janelas sem proteção contra a luz, deixando as obras vulneráveis. De acordo com Spinelli Jr (1997) não é algo recomendado, dado que as radiações ultravioletas (UV) presentes na luz solar e artificial provocam a oxidação da celulose, causando danos fotoquímicos e degradação do papel. A luz do sol é contínua, emite radiações em todo o espectro eletromagnético. As lâmpadas artificiais reproduzem a luz natural e possuem um

espectro descontínuo. Todavia ambas são prejudiciais aos documentos, com exceção das lâmpadas artificiais de LED.

Como alternativa, recomenda-se o bloqueio dos raios solares com persianas; cortinas; instalação de *brise-soleil*, que são dispositivos arquitetônicos destinados a reter a incidência direta de radiação solar nos edifícios; filtros para absorção do ultravioleta; refletores de calor e filmes.

As lâmpadas de iluminação artificial, incandescentes e fluorescentes provocam danos aos acervos. As incandescentes produzem luz a partir do aquecimento de um filamento mediante a passagem da corrente elétrica, emitindo radiação através de raios infravermelhos. As fluorescentes não possuem filamentos e transformam a energia elétrica em radiação, que é ocasionada pela passagem da corrente elétrica por gases de mercúrio. As lâmpadas de LED são uma alternativa viável para minimizar os efeitos da radiação ultravioleta. Têm baixa emissão de calor e UV. Os leds são compostos de semicondutores, que transformam a energia elétrica diretamente em luz, praticamente sem índices de ultravioleta e raios infravermelhos, visto que os níveis presentes são baixos a ponto de serem desconsiderados (SANTOS, 2011).



Figura 20: Incidência de luz sobre parte do acervo da Biblioteca do STBNB.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

As obras de referência (dicionários, enciclopédias) estavam armazenadas numa sala da biblioteca. A bibliotecária informou que elas estavam em processo de organização nas estantes. Percebeu-se a incidência de luz sobre o acervo, conforme retrata a figura 21, algo não recomendado. Acarreta desgastes nos materiais, conforme dito anteriormente. Alguns livros que necessitam ser selecionados estavam em caixas e bolsas, conforme a figura 22.



Figura 21: Obras de referência existentes na Biblioteca do STBNB.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 22: Livros para seleção na Biblioteca do STBNB
Fonte: Acervo pessoal do autor.

A biblioteca dispõe de periódicos. Alguns estavam armazenados em caixas de políonda na posição vertical, que é a correta. Porém é possível verificar na figura 23 que alguns estavam mal acondicionados nas caixas, ficando sobrepostos de forma inclinada dentro delas, o que pode ocasionar danos às páginas.



Figura 23: Acervo de periódicos do SPNB.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

O museu do Seminário Presbiteriano do Norte, denominado Fundação Martinho de Oliveira, fica localizado numa sala no segundo andar da biblioteca. Lá constam atas, periódicos (Figura 27) e alguns livros antigos e raros que foram assim considerados, pela data de publicação e por terem sido censurados (Figura 28). Também se encontram no local três objetos de metal contendo a insígnia da Faculdade de Wheaton. Os objetos foram trazidos por um missionário e doadas ao Seminário Presbiteriano.

O mobiliário que abriga esses itens é em madeira e se encontra bastante desgastado. Precisa ser substituído ou reparado. Um estava com um vidro quebrado, prejudicando a vedação e outro precisa ser apoiado com cadeiras para ser fechado (figura 24). Percebeu-se a utilização de lâmpadas fluorescentes no ambiente.

Conforme visto anteriormente, emitem radiação e devem ser evitadas em acervos. Devem ser substituídas por lâmpadas de LED.

Além disso, constatou-se algumas janelas sem proteção, que ocasionam a incidência de forte luminosidade no local, conforme ilustra a figura 25. Alguns documentos de pastores que foram cedidos por familiares ficam expostos numa mesa com vidro, que se encontrava rachado, conforme ilustra a figura 26. Recomenda-se a substituição do vidro, a fim de evitar acidentes e que o espaço onde são mantidos os documentos seja vedado para proteção contra agentes nocivos aos documentos.



Figura 24: Móveis que armazenam obras raras na Fundação Martinho de Oliveira.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 25: Incidência de luminosidade na Fundação Martinho de Oliveira que abriga peças museológicas e obras raras no SPNB.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 26: Mesa expositora que armazena documentos e fotografias de pastores ilustres.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Dentre os periódicos raros existentes no Seminário, temos exemplares do *Jornal Brasil Presbiteriano*, que está sendo digitalizado em parceria com o LIBER –

UFPE e a série *Cadernos do povo brasileiro*, considerada raríssima por ter sido recolhida no período da ditadura militar. Ela contém críticas ao governo brasileiro. Os exemplares do periódico *Brasil Presbiteriano* e a série *Cadernos do povo brasileiro* estavam na posição horizontal, conforme apontam as figuras 27 e 28.



Figura 27: Exemplares do periódico *Brasil Presbiteriano* mantidos na fundação Martinho de Oliveira na Biblioteca do SPNB.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

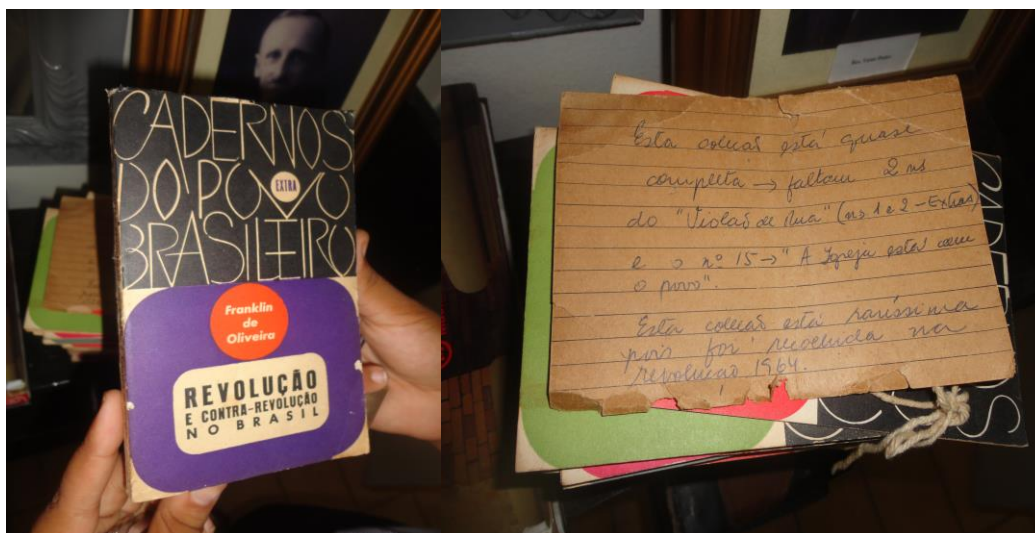


Figura 28: Exemplares do periódico *Cadernos do povo brasileiro*, pertencentes ao acervo da Fundação Martinho de Oliveira na Biblioteca do SPNB.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

A fundação Martinho de Oliveira abriga obras iconográficas, quadros de personagens ilustres da história do trabalho presbiteriano, do prédio do seminário e de turmas que se formaram no SPNB (Figura 29). No local podem ser encontradas três peças de metal com a insígnia da Faculdade Wheaton (Illinois), nos Estados Unidos. As figuras foram trazidas por um missionário e são retratadas na figura 30.

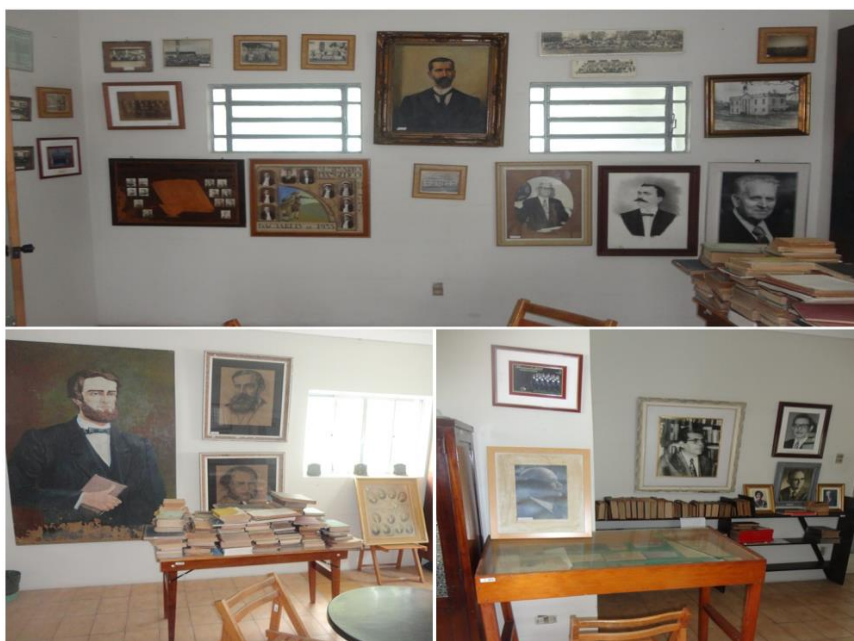


Figura 29: Quadro de personagens ilustres da história do trabalho presbiteriano no Brasil, do prédio do Seminário e de turmas de ex-alunos do SPNB.

Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 30: Peças de Metal, contendo a insígnia da Faculdade Wheaton (Illinois), nos Estados Unidos, existentes no Memorial Martinho de Oliveira.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

As peças de metal, conforme podemos perceber na figura 30, estavam sob forte exposição à luz solar. Teixeira e Ghizoni (2012), na obra *Conservação preventiva de acervos*, afirmam que a radiação presente na luz natural e artificial danifica os objetos. Os efeitos se acumulam e não podem ser reversíveis. Os materiais que constituem os objetos tornam-se frágeis, acelerando o processo de envelhecimento deles. Nos objetos orgânicos, as cores passam por modificação e adquirem aspecto amarelado. Afeta a resistência mecânica dos materiais e a redução da elasticidade nos tecidos. Os metais devem ser armazenados em locais secos e longe da umidade.

Os metais, com exceção do ouro, sofrem alterações químicas e eletroquímicas com a ação do tempo e do ambiente. Possuem a tendência de voltar ao seu estado de origem. Este processo é denominado corrosão e se caracteriza pela presença de manchas, resíduos ou crostas minerais na superfície dos objetos. Para evitar a corrosão, é importante controlar o clima do local, que deve ser seco e com umidade reduzida. Além do mais, as vitrines que abrigam os objetos precisam estar bem fechadas. As peças devem ser limpas com tecido macio e seco e serem inspecionadas

para verificar a existência de pontos de ferrugem nas peças em ferro (TEIXEIRA; GHIZONI, 2012). Na figura 30, percebe-se a presença de ferrugem e alteração na constituição física do metal das peças.

A biblioteca não possui laboratórios de conservação, restauro e digitalização. A sala onde se encontra a Fundação Martinho de Oliveira conta com ar-condicionado, que não permanece ligado. Ao entrar na sala, o ambiente estava muito quente. Não existem desumidificadores específicos no local. Percebeu-se certo cuidado com o manuseio dos materiais. Aconselhou-se o uso de luvas e máscaras, caso fosse necessário manuseá-los. Verificou-se a existência de extintores de incêndio nos dois andares da biblioteca, inclusive na entrada da Fundação Martinho de Oliveira, o que denota preocupação com a segurança do acervo.

Quanto à organização documental, observou-se que os livros da coleção mais corrente, disponível para empréstimo, estavam classificados e bem sinalizados nas estantes, conforme a figura 20. Os periódicos armazenados nas caixas de Poliondas estavam classificados e sinalizados (figura 23). Para os livros, a biblioteca utiliza a edição de 1967 da Classificação da Biblioteca do Seminário da União Teológica da Cidade de Nova York. Esta classificação é baseada na CDD (Classificação Decimal de Dewey). A biblioteca possui fichários para a localização das obras. Para a gestão é adotado o Sistema Biblio Manager, um software de gestão de bibliotecas desenvolvido por um professor do SPNB.

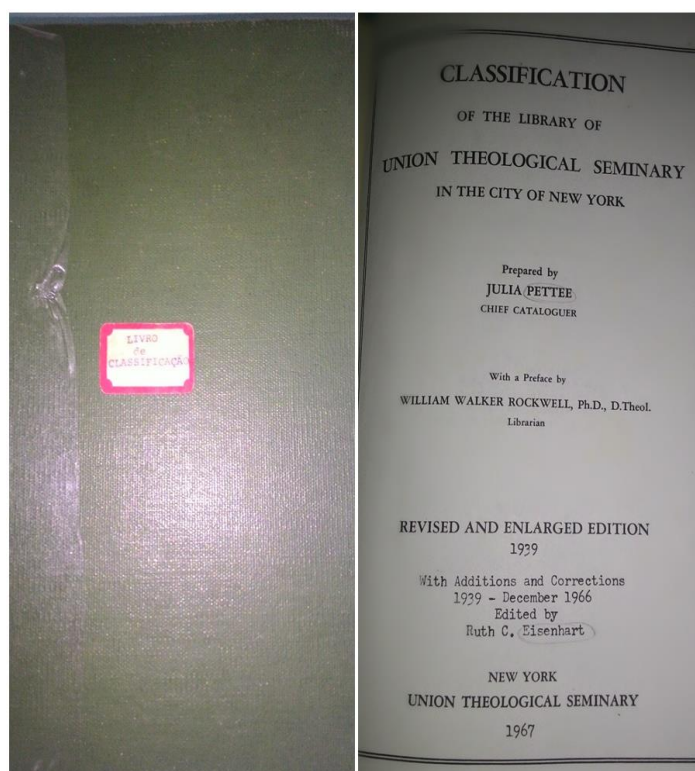


Figura 31: Livro de classificação utilizado pela Biblioteca do SPNB.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

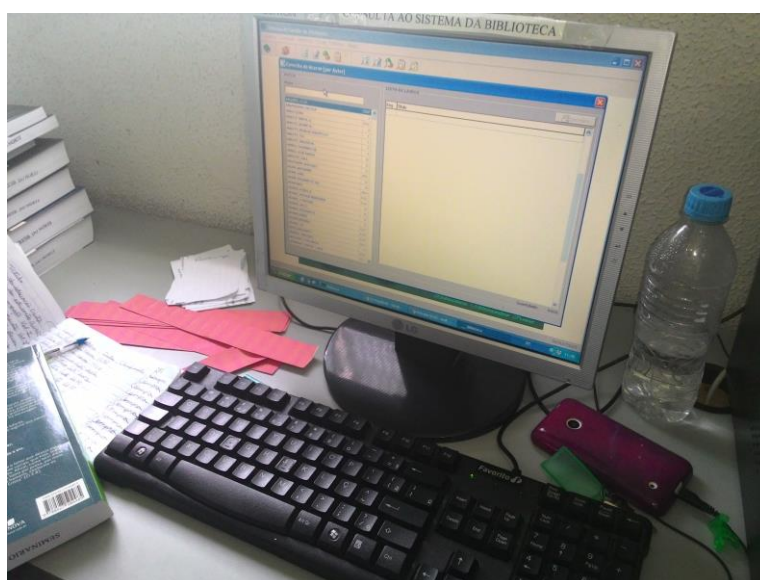


Figura 32: Computador executando o Software Biblio Manager, utilizado na Biblioteca do SPNB para a gestão dos materiais.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

As obras raras necessitam ser organizadas nas estantes. Inclusive a coleção de referência estava em processo de organização no momento da visita. Estão classificadas e catalogadas. As informações se encontram nos fichários. Os quadros com fotografias do prédio do Seminário não estavam sinalizados com a descrição presente na foto, alguns quadros com fotos de personagens ilustres e turmas que se formaram na instituição estavam sinalizados, porém, outros não estavam. Nas três peças de metal contendo a insígnia da Faculdade de Wheaton, não havia descrição. Verificou-se um maior cuidado com as obras correntes destinadas ao empréstimo e à consulta. As obras raras existentes necessitam ser armazenadas de forma adequada, as janelas presentes em toda a biblioteca precisam de proteção contra a luminosidade e o mobiliário necessita ser substituído ou reparado.

7.2.2 Análise da entrevista com a bibliotecária Andréa Silva

Na entrevista realizada no Seminário Presbiteriano do Norte do Brasil, a bibliotecária Andréa Silva informou que o Seminário possui um arquivo institucional, uma biblioteca (Biblioteca Alexander Reese) e um museu (Fundação Martinho de Oliveira). Relatou, ainda, que são realizadas palestras, lançamentos de livros e reuniões, que apesar de não serem realizadas com o intuito de promover a visualização da memória da instituição, acabam contribuindo para tal.

Com relação à preservação da memória, foi informado que ocorre a digitalização de jornais em parceria com o LIBER-UFPE para reduzir o contato direto com os materiais, que estavam sendo danificados por conta do manuseio inadequado dos pesquisadores. Quanto à restauração e encadernação de documentos, já houve verba para essa finalidade, mas foi suspensa, uma vez que há limitações relacionadas a recursos financeiros e humanos, que são empecilhos para a concretização das ações de preservação.

Foi relatado que não são retiradas cópias dos documentos, mas realizam a digitalização para a preservação dos originais; que antes encadernavam os volumes, mas no momento essa atividade foi suspensa; que a atividade de restauração já ocorreu no passado, todavia limitações nos recursos humanos inviabilizam essa ação, uma vez que possuem apenas uma bibliotecária e um bolsista para gerir um acervo

de mais de 21.000 livros, além dos jornais, das atas, dos periódicos e das monografias; que não possuem estrutura física adequada para armazenar a documentação existente, uma vez que mobiliários e equipamentos precisam ser substituídos; que é realizada dedetização do ambiente para o controle de pragas; que o acervo passa por uma limpeza superficial, esporádica, em razão da falta de recursos humanos; que não há um plano de prevenção de desastres, mas, existem extintores de incêndio; e que o processo de digitalização ocorre em parceria com o LIBER – UFPE.

Quanto à organização documental, foi relatado que os livros são organizados utilizando a Classificação da Biblioteca do Seminário da União Teológica em Nova York, classificação específica para a área de teologia, baseada na CDD (Classificação Decimal de Dewey). Os documentos do museu são organizados por data, os da biblioteca por assunto. A bibliotecária explicou que a instituição possui manual de procedimentos para os funcionários; que são realizadas atividades de classificação, catalogação e indexação de documentos; e que utilizam um sistema para gestão do acervo, o software Biblio Manager, desenvolvido por um funcionário da instituição.

A funcionária mencionou, ainda, que os documentos do acervo são compostos de livros, atas, revistas e alguns mapas; que não há arquivo permanente no local; que o acervo é aberto para consulta pública; que a área documental se restringe a teologia; que utilizam o sistema Biblio Manager como instrumento de pesquisa e que precisam elaborar um catálogo para o museu. Foi informado que a obra mais antiga do Seminário data de 1800 e a mais recente de 2016, a natureza do acervo é textual, iconográfica e cartográfica. Foi narrada uma breve descrição histórica da Biblioteca Alexander Reese, foi organizada em meados de 1955, os livros existentes naquele período foram catalogados pelo Pastor e missionário Hershey Julien, professor do SPN, que ao regressar para os Estados Unidos foi substituído pela bibliotecária, Catherine Varhoug, que durante 6 anos esteve trabalhando em tempo integral na Biblioteca. Em 1963, o fichário de consulta dos livros foi disponibilizado para acesso ao público.

O nome da biblioteca foi dado em homenagem ao missionário Dr. Alexander Reese, que atuou no Brasil durante muitos anos, foi professor e reitor do SPNB e doou a própria biblioteca particular ao SPNB ao ser jubulado. A biblioteca possui um acervo de mais de 21.000 títulos de livros, catalogados, classificados e registrados, mais de 3.800 títulos de periódicos e 293 monografias. O local recebeu atualmente uma média

de 300 livros novos adquiridos por igrejas presbiterianas, editoras evangélicas, professores do SPNB e aquisições do próprio SPNB. A área física da biblioteca compreende um total de 250m². A sala de leitura tem 26m² e a sala de estudo em grupo 25m². Funciona diariamente, de segunda a sexta, das 7h às 22h. Conta com uma bibliotecária e um bolsista.

7.2.3 Análise da entrevista com o professor José Roberto de Souza

Em outro momento, em entrevista com o professor José Roberto de Souza sobre a Fundação Martinho de Oliveira do SPNB foi relatado que a fundação guarda documentos significativos para a memória do Seminário Presbiteriano e que no local são realizadas atividades para a visualização da memória, eventos que lembram a memória da Igreja Presbiteriana em datas importantes, como 12 de agosto, chegada do primeiro missionário presbiteriano ao Brasil, e 31 de outubro, comemoração da Reforma Protestante.

Com relação às ações de preservação, foi criada a Fundação Martinho de Oliveira pelo Reverendo Enos Moura e está sendo realizada digitalização de obras em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco, bem como estão sendo elaborados projetos para transformar o antigo casarão onde foram iniciados os trabalhos do SPNB em museu. No decorrer da entrevista, foi informado que não são retiradas cópias visando a preservação dos documentos, somente quando solicitadas por pesquisadores e mediante avaliação; apenas no passado foram realizadas a encadernação de documentos; não são realizadas ações de restauração e o local de armazenamento não se encontra em bom estado, apesar de ficarem numa sala com ar-condicionado.

Foi dito, ainda, que já houve controle de pragas, contudo não sabe se atualmente realizam essa atividade e considera a climatização do local como algo que tem contribuído para evitar a umidade nas paredes, fator responsável pela perda de diversos materiais no passado. Outras questões foram levantadas, conforme a seguir: que a higienização dos documentos não é realizada de forma apropriada, como deveria; que não há plano de prevenção contra incêndios e desastres, mas possuem extintor de incêndio e que apesar de não realizarem digitalização dos documentos, existe com um projeto com essa finalidade em parceria com o LIBER – UFPE.

As informações referentes às atividades de organização colhidas na entrevista com o professor revelam que os jornais estão organizados por data; que necessitam de um espaço maior para melhor organizar os materiais; que os manuais de organização são elaborados pela bibliotecária, dispondo os livros por áreas (assunto) e os jornais por período (data); no entanto, quanto à classificação, os documentos precisam ser listados, bem como catalogados e indexados; devendo ser criado, ainda, sistemas de informação para melhorar a organização do acervo.

Ao questionar sobre a descrição do acervo, foi mencionado que os tipos de documentos existentes na Fundação compreendem jornais e atas, porém, através da observação direta, foi possível verificar a existência de documentos iconográficos; que a sala da Fundação Martinho de Oliveira mantida na Biblioteca do Seminário Presbiteriano é considerada por eles como um arquivo permanente; que o acervo que detém é aberto para consulta pública, contudo, são recomendados alguns cuidados no manuseio das obras; que as obras versam sobre a História da Igreja; e que não possuem instrumentos para pesquisa. Foi dito, ainda, que a obra mais antiga é de 1873 e a mais recente de 2016.

Sobre a natureza do acervo, informou que é textual e iconográfica. Relatou inclusive que materiais se perderam com as cheias que ocorreram em 1970. Parte do material perdido foi de fitas cassetes que continham áudio de pregações e estudos. Futuramente pretende doar arquivos de DVD contendo entrevistas realizadas com pastores, por ocasião de atividades da disciplina História da Igreja Presbiteriana. O professor durante a entrevista assinalou que as igrejas são centenárias em razão do tempo e não dos templos, que para os protestantes o templo é considerado como um lugar de reunião, diferentemente dos católicos, que possuem apreço pelos templos, afirmou que os protestantes deveriam ter um cuidado maior com os aspectos memoriais. Foi relatado que mesmo sabendo da necessidade de realizar melhorias, o seminário tem recebido pesquisadores que elogiam o acervo documental presente na instituição. Eles têm deixado críticas e sugestões.

7.3 Os templos das Igrejas Protestantes

Os templos são representações materiais que compõem a paisagem da cidade. São lugares de memória que se configuram nas três dimensões apontadas por Nora (1993, p.21): na material, constituem uma edificação material, física. Na funcional, têm a função de ser um local coletivo de culto, que reúne pessoas em torno de um propósito comum: adorar a Deus e trocar experiências entre si. Perpassam na dimensão simbólica, guardam memórias das experiências vividas por seus membros. As memórias são registros vividos que surgem a partir de lembranças e eternizam lugares como referência e cenário para visita ao passado. Os templos são lugares que compreendem uma história de relações afetivas, de pertencimento e espirituais. (ANDRADE, 2008).

7.4 Primeira Igreja Batista do Recife

7.4.1 *Relatos de Observação:*

A Primeira Igreja Batista do Recife foi organizada em 4 de abril de 1886 por Charles Davis Daniel e W. Mello Lins. A primeira instalação foi na Rua Direita, no Recife Antigo. A igreja está situada desde 1901 na Avenida Conde da Boa Vista, 163, no bairro da Boa Vista. É dirigida pelos pastores Joel de Oliveira Bezerra e Reidson Mesquita, o templo possui algumas salas anexas.

Ocorreram duas visitas à Primeira Igreja Batista do Recife. A primeira no mês de julho de 2015 e a segunda em fevereiro de 2016. Foi realizado contato por telefone com a secretária da igreja, que agendou a entrevista com o pastor Reidson Mesquita. O templo data de 1901, ano informado na entrevista realizada ao pastor. Trata-se de um lugar de memória.

O prédio da igreja passa atualmente por uma reforma. Na figura 33, temos uma fotografia do local como se encontrava no mês de julho de 2015 e em fevereiro de 2016. A reestruturação do prédio denota uma maior preocupação com o templo.

Em janeiro de 2014, a Secretaria de Turismo da Prefeitura da Cidade do Recife organizou o tour sensibilização turística para levar a população a conhecer melhor a

cidade e sua história. O objetivo do tour foi divulgar os lugares importantes para o protestantismo na cidade, foram visitados templos históricos, dentre eles o templo da Primeira Igreja Batista do Recife, que data de 1901 na Rua Formosa, hoje Avenida Conde da Boa Vista (SOUZA, 2014). O templo é um dos locais visitados por turistas por fazer parte da história do protestantismo em Pernambuco.

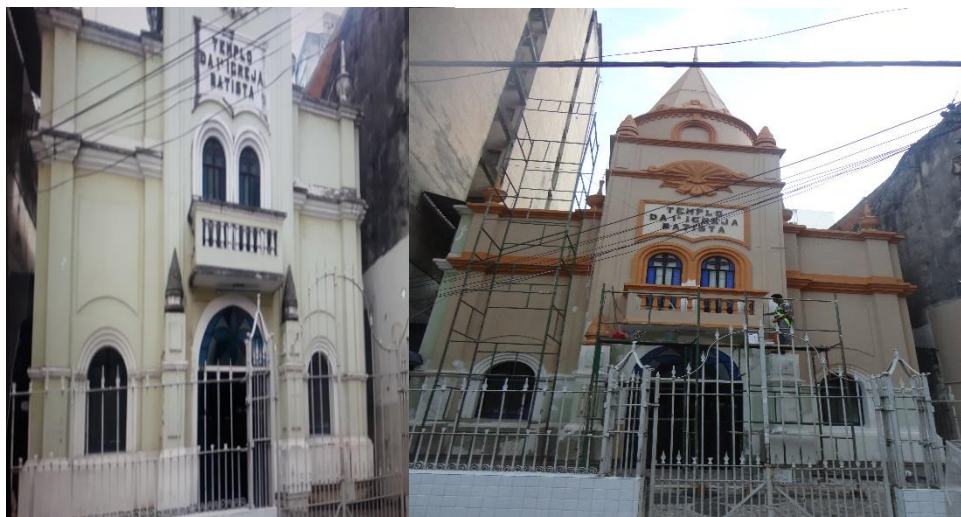


Figura 33: Templo da Primeira Igreja Batista do Recife em julho de 2015 (esquerda) e fevereiro de 2016 (direita).

Fonte: Google Maps (fotografia à esquerda), acervo pessoal do autor (fotografia à direita).

Ao chegar à instituição, a recepção foi realizada pelo pastor, que bastante solícito me conduziu ao próprio gabinete e prontamente respondeu todas as perguntas. A igreja não possui biblioteca. Foi desativada por conta das reformas na estrutura física da igreja. O pastor informou da existência de uma sala que funciona como o memorial da igreja, a qual abriga quadros e documentos, mas, não foi possível visitá-la, estava em reforma. O pastor me informou que poderia visitar a igreja novamente para visualizar o local. Em fevereiro de 2016, surgiu a oportunidade de conhecer a sala memorial.

A Sala Memorial da Primeira Igreja Batista do Recife está em processo de reestruturação. Não havia extintores de incêndio na sala, apenas no corredor próximo ao templo. Pode-se visualizar quadros com fotografias de pastores e personagens ilustres da história dos Batistas e algumas revistas, que estavam em um armário fechado com chave. A chave não se encontrava com o pastor no momento da visita.

Visualizou-se o local conforme retrata a figura 34:



Figura 34: Sala Memorial da Primeira Igreja Batista do Recife.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

A igreja possui um acervo de fotos de pastores e personagens ilustres da história dos Batistas no Brasil. Estão expostas em quadros fixados nas paredes da sala. Algumas fotos, conforme podemos observar na figura 36, estão danificadas e manchadas, necessitando serem restauradas. As fotografias são frágeis. A composição material delas é bastante variável. Deve-se zelar por sua preservação. A alta umidade do ar provoca danos ao suporte onde as imagens estão registradas e favorece o desenvolvimento de fungos e microrganismos. Temperaturas altas podem causar rachaduras nas fotografias, permitindo assim a penetração da umidade. A ação da luz causa degradação. Deve ser evitada. A temperatura dos espaços que abrigam materiais fotográficos não deve exceder os 20°C e a umidade relativa do ar deve estar entre 35 e 40 % (TEIXEIRA, GHIZONE, 2012).

O manuseio inadequado causa abrasão, ou seja, raspagem nas fotografias, assim como marcas de digitais são nocivas e deixam a superfície da foto engordurada. O uso de grampos e cliques deve ser evitado, deixam marcas e causam perfurações.

As fitas adesivas deixam resíduos que alteram as imagens. Caso seja necessária sua utilização, elas devem ser substituídas por fitas de papel japonês com pH neutro (TEIXEIRA; GHIZONE, 2012).

As molduras em madeira são inadequadas, dado que, além de absorver umidade, a madeira pode atrair brocas, cupins e outros insetos. Devem ser utilizadas molduras em metal com tratamento contra a oxidação. As molduras que abrigam as fotos no memorial da Primeira Igreja Batista são de madeira, portanto, recomenda-se substituí-las para maior longevidade das fotografias. Algumas já apresentam alterações em razão da presença de umidade (figuras 35 e 36).



Figura 35: Acervo de fotografias de pastores e personagens batistas ilustres existente na Primeira Igreja Batista do Recife.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 36: Fotografias com manchas. Fazem parte do acervo de fotografias da Primeira Igreja Batista do Recife.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Além dos quadros com fotos de pastores e personagens batistas ilustres, observou-se a existência de um pequeno acervo de revistas armazenadas de forma horizontal em um móvel de madeira (Figura 37), esta posição não é recomendada, pode danificar a encadernação e causar deformações (OGDEN, 2001). O móvel estava fechado com cadeado. A pessoa responsável pelas chaves não se encontrava no local, portanto, não foi possível manusear as revistas.



Figura 37: Acervo de periódicos da Primeira Igreja Batista do Recife
Fonte: Acervo pessoal do autor.

7.4.2 Análise da Entrevista com o pastor Reidson Mesquita, da Primeira Igreja Batista do Recife

Na entrevista realizada na Primeira Igreja Batista do Recife, o Pastor Reidson Mesquita confirmou a existência de lugares de memória na igreja, um arquivo e uma sala com acervo de fotografias, esclareceu que considera o templo como local histórico e de afetividade para os membros da igreja; bem como informou quanto às ações para visualização da memória que são desenvolvidas: os boletins fazem menção à questão histórica, nas datas de aniversário da Igreja (4 de abril e 25 de julho) e promovem amostras no pátio do templo nesses períodos.

Ainda sobre a preservação da memória, mencionou que a Convenção Batista de Pernambuco está tentando localizar documentos históricos subtraídos da igreja por pesquisadores que tomaram os documentos emprestados, mas não devolveram; que realizam cópias dos boletins; que fazem encadernação dos documentos; que promovem restauração de documentos, apesar dos mais antigos não estarem guardados naquele local; que armazenam os documentos longe da luz, umidade e poluição atmosférica; que realizam controle de pragas; que higienizam os documentos, mas o cuidado maior foi a partir de 2001; que possuem extintor e alvará

dos bombeiros; e que a secretária da igreja, formada em Secretariado, realiza a digitalização de documentos, considerando esse processo como uma conquista, facilita a guarda e o manuseio dos documentos.

Com relação às atividades de organização foi dito que considera a digitalização como facilitadora para a organização dos documentos. As atas são organizadas de forma cronológica (por data); que não há manuais de organização, mas, acredita que a secretária tenha noção; que a classificação, catalogação, indexação de documentos são realizadas pela secretária, que utiliza um software para facilitar o acesso a atas e outros documentos.

Quanto à descrição dos acervos, foi informado que os livros são os únicos tipos de documentos existentes no local, porém, foi possível constatar através da observação direta que possuem revistas e documentos iconográficos; que há arquivo permanente na secretaria; que os documentos são acessíveis para fins de pesquisa e levantamentos; que a área documental se restringe a história da Igreja; e que possuem um sistema digital na secretaria da Igreja para pesquisa. No entanto, não sabe informar com relação a obra mais antiga existente no acervo, mas afirma que a mais recente é de 2016. No que se refere à natureza do acervo, informou que compreende textual e iconográfico.

O religioso fez um breve histórico da Igreja: a fundação ocorreu em 1886. A primeira instalação foi na Rua Direita, no Recife antigo. Por causa da perseguição religiosa, em 1886, e do Ato de Proclamação, não existiam pessoas para manter o culto, abrir, pregar, proclamar e dar assistência aos membros. Por este motivo, a igreja passou um tempo sem atuação. Em 1982, ela retoma as atividades até os dias de hoje. No centenário da igreja, em 1986, foi realizado um culto no primeiro endereço, na Rua Direita, em frente a um casarão antigo. Os membros se deslocaram para o local e foi realizado um culto simbólico para marcar o momento do centenário. A igreja passou um tempo instalada na Rua da Aurora. Em seguida, veio para a Rua Formosa, exatamente no ano de 1901. Hoje é chamada de Conde da Boa Vista. Desde 1901, situa-se no local. Após esse período, a igreja fez uma modificação na própria fachada, alteração que não favoreceu o tombamento, visto que o muro foi modificado e a grade

não é a mesma. O local possui 1200 membros e aproximadamente 400 congregados, que são pessoas que a frequentam, mas não são batizadas.

7.5 Igreja Presbiteriana de Areias

7.5.1 *Relatos de Observação*

A Igreja Presbiteriana de Areias foi organizada em 15 de outubro de 1893 pelos reverendos Juventino Marinho e o missionário William Calvin Porter (IGREJA, 2015). É dirigida atualmente pelo pastor Arnaldo Matias.

A visita à Igreja Presbiteriana de Areias ocorreu no mês de janeiro de 2015. O templo, que possui salas anexas, situa-se na Av. Dr. José Rufino, 1495, no bairro de Areias, no Recife. Na figura 38, observa-se uma fotografia do local, cuja localização permanece neste endereço desde 1930. Entrou-se em contato com a secretária da igreja por telefone e foi agendada uma visita em janeiro de 2015.

A igreja não possui biblioteca ou algum lugar específico para a preservação da memória. Na sala do pastor se encontram dois quadros com fotografias de membros da Igreja, um quadro com uma imagem da igreja desenhada por pontos e um quadro com fotografias do templo nos locais onde foi instalado e seus fundadores (Figura 39). Tomou-se conhecimento da existência de documentos na secretaria, mas não foi possível visualizá-los. Os móveis estavam fechados a cadeado e o pastor não se encontrava em posse das chaves.

Os quadros que se encontravam na sala do pastor estavam armazenados à distância da luz, umidade e poluição atmosférica. O cômodo é climatizado e limpo e as fotografias estavam bem conservadas, apesar de muitas estarem emolduradas em madeira, o que não é recomendado. Absorvem umidade e atraem brocas, cupins e outros insetos. Recomenda-se substituí-las por molduras em metal que possuam tratamento contra a oxidação. Não se visualizou extintores de incêndio na sala em que os quadros estavam abrigados, apenas no corredor que dá acesso às salas da igreja. Alguns quadros continham descrições, conforme aponta a figura 39. Elas auxiliam na compreensão do significado das imagens e constituem um elo entre o visitante e o acervo.



Figura 38: Templo da Igreja Presbiteriana de Areias, vista externa e interna.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 39: Quadros com fotografias e imagens existentes na Igreja Prebisteriana de Areias.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

7.5.2 Análise da Entrevista com o pastor Arnaldo Matias:

Na entrevista realizada na Igreja Presbiteriana de Areais, o Pastor Arnaldo Matias informou que a igreja guarda fotos, livros e atas apesar de não possuir lugar específico para isso; e que promovem ações para visualização da memória, realizando todo dia 15 de outubro, data de organização da igreja, exposição de fotos, descrição do histórico da igreja em boletins e informativos. No decorrer do ano falam sobre a história da igreja local e nacional.

No que diz respeito à preservação da memória, foi dito que há zelo na guarda da documentação; que não retiram cópias, mas que encadernam, restauram, armazenam em local adequado, longe da luz, umidade e poluição atmosférica os referidos documentos. Há o controle de cupins, formigas e ratos; bem como limpam os documentos com panos, de forma não muito técnica; que há um plano de prevenção contra incêndios ou desastres; e que realizam digitalização dos documentos mais antigos do local.

Quanto à organização documental esclareceu que os documentos são organizados cronologicamente (por data); que a instituição não possui manuais de organização, mas que classifica, cataloga e indexa os documentos; no entanto, não possui sistema de informação por serem poucos documentos, considerando ser de fácil localização a busca pela data.

Foi dito, ainda, que o acervo compreende livros e fotografias; que há arquivo permanente; que os documentos não estão disponíveis para consulta pública, apenas em caso de necessidade, dependendo da pesquisa; que a área documental se refere à história da igreja local e regional; que não há instrumentos de pesquisa; que o documento mais antigo da igreja é a ata de organização da igreja, documento de 1983; que os documentos mais recentes são os boletins e atas do conselho publicados em 2016. Informou que a natureza do acervo é textual, mas, através da observação direta foi possível constatar que existem documentos iconográficos mantidos na sala do pastor. Foi relatado que os livros de atas manuscritos e encadernados são armazenados dentro de um armário fechado, que não recebe luz. É periodicamente aberto e examinado. Novos livros são acrescentados regularmente pelo secretário, que é a pessoa responsável pelos livros. Existe profissional especializado para lidar com a documentação, o secretário.

7.6 Primeira Igreja Presbiteriana do Recife

7.6.1 Relatos de Observação:

A Primeira Igreja Presbiteriana do Recife foi organizada em 1878 pelo missionário John Rockwell Smith, funcionou na Rua do Imperador, 71, no andar superior (ALBUQUERQUE, 2015). O templo que possui salas anexas, situa-se atualmente na Rua das Creoulas, 120, no bairro das Graças (Figura 40). É dirigida pelo pastor Arnaldo Matias. Atualmente está sendo construído um novo templo no local.

A visita à Primeira Igreja Presbiteriana do Recife ocorreu no mês de dezembro de 2015. Entrou-se em contato com a direção da igreja por telefone e foi agendada uma visita para dezembro de 2015. Ao chegar à instituição, percebeu-se que a igreja estava passando por reformas.



Figura 40: Primeira Igreja Presbiteriana do Recife em dezembro de 2015.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

A igreja não possui local específico para a preservação da memória. Não existem biblioteca, museu nem arquivo. Na sala do pastor há um acervo de livros, revistas e boletins encadernados, conforme mostra a figura 41. Os livros estavam armazenados em móvel de madeira, alguns se encontravam sobrepostos nas prateleiras das estantes, em virtude de não haver mais espaço para encaixá-los. Para o armazenamento dos livros são recomendados móveis em aço com revestimento em pó. Não se recomenda manter livros na posição horizontal nem sobrepostos aos

outros. Isto pode acarretar danos à encadernação.

No local, pôde-se visualizar uma publicação editada pela igreja. Trata-se da Revista PiPR (Primeira Igreja Presbiteriana do Recife) em construção. Nela são publicados textos sobre a história da Igreja Presbiteriana a nível regional e nacional, informações sobre os membros da igreja, sobre a reforma atual e o projeto de construção do novo templo. Na figura 42, temos algumas capas da revista.

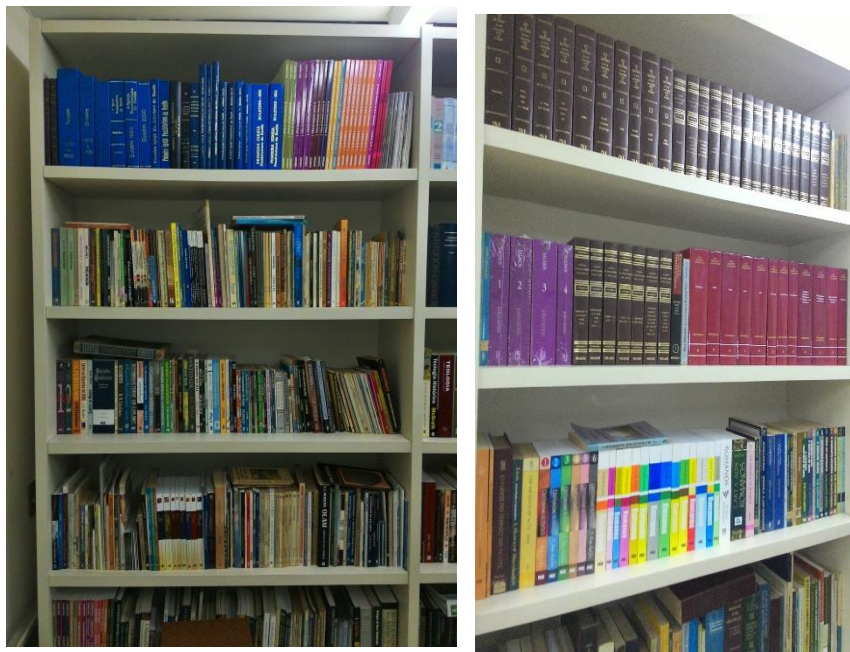


Figura 41: Livros, revistas e boletins encadernados existentes na sala do pastor na Primeira Igreja Batista do Recife.

Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 42: Revista PIPR em Construção, editada pela Primeira Igreja Presbiteriana do Recife.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

A sala onde se encontravam os livros estava climatizada com a utilização de aparelho de ar-condicionado. Não havia desumidificadores específicos. Os livros estavam abrigados longe da luz solar e poluição atmosférica, o ambiente estava limpo e os livros higienizados. Não existem laboratórios de conservação, restauro e digitalização na igreja. Verificou-se a existência de extintores próximo ao templo, porém, não havia extintor na sala. Os livros não estavam classificados, conforme podemos ver na figura 41, e fazem parte do acervo pessoal do pastor. Abordam temas ligados à religião. A igreja mantém todas as atas a partir de 1956. Guardam os documentos em móvel de madeira, conforme figura 43.



Figura 43: Armário contendo documentos administrativos e atas da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

7.6.2 Análise da Entrevista com o Pastor Claudio Henrique Alves Albuquerque

Na entrevista realizada na Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, o Pastor Cláudio Henrique Alves Albuquerque relatou que não existem lugares de memória, no entanto, com a construção do novo templo pretendem criar um museu expondo púlpitos antigos e mesas. Disse que desejam restaurar um móvel de preservação antigo, recuperando os traços de cerâmica e arquitetura da época em que foi construído e que pretendem criar um ambiente para preservar a memória com todos os pastores que passaram pela igreja. Quanto às ações promovidas para a visualização da memória, informou que fazem celebrações no dia 10 de agosto, dia da fundação, e no dia 11 de agosto, dia da organização da igreja. Contam a história da igreja nos boletins dessas datas.

Ao comentar sobre a preservação da memória, esclareceu que encadernam atas, estatutos e boletins dominicais; que preservam e guardam, são considerados documentos históricos da igreja. Informou que não realizam cópias dos documentos, mas encadernam atas e boletins, não realizam atividades de restauração, mas

promovem o armazenamento adequado da documentação, longe da luz, umidade e poluição atmosférica; realizam o controle de pragas; higienização; possuem um plano de prevenção contra incêndios ou desastres, extintor de incêndio e seguro contra incêndios; todavia, não digitalizam seu acervo, mas pretendem digitalizar atas para serem expostas no museu que desejam construir.

Com relação às atividades de organização, foi dito que os documentos são organizados por pautas de reunião de conselho e por área, são organizados numa pasta com a pauta, uma ata do conselho e os documentos, posteriormente são arquivados. Discorreu sobre os demais assuntos em pauta, informando que não há manuais de organização na instituição; que existe um processo de classificação, catalogação e indexação, no entanto, não possuem sistemas de informação.

Ao expor sobre a descrição dos acervos, foi dito que os tipos de documentos existentes no local compreendem atas, relatórios financeiros, boletins e revistas; que há arquivo permanente; que os documentos são acessíveis; que a área documental compreende a História da Igreja; e que não possuem instrumentos para pesquisa. Disse que a data da obra mais antiga data de 1956 e a mais recente de 2015.

Quanto à natureza do acervo, o religioso informou que se restringe ao textual e comentou sobre a História da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, relatando que ela passou por uma divisão, em 1956, que foi motivada por questões teológicas, conflitos entre o pastor da igreja na época o presbitério que supervisiona as igrejas presbiterianas. Os conflitos levaram o pastor a ser disciplinado, porém, ele não se submeteu à disciplina e foi exonerado da igreja. Por ser pastor há 24 anos na igreja 80% dos membros concordaram e o apoiaram, os 20% restantes foram retirados da igreja e continuaram como a Primeira Igreja Presbiteriana do Recife em outro local. Os 80% apoiaram o pastor, que ficou com todo o patrimônio da Primeira Igreja Batista do Recife na época, inclusive a documentação. Hoje a igreja fica no Cais José Mariano e voltou a fazer parte da Igreja Presbiteriana, é atualmente denominada Igreja Presbiteriana do Recife e pastoreada pelo Reverendo Samuel Santos. Toda a documentação de 1878 a 1956 ficou em poder da Igreja Presbiteriana do Recife, estão tentando resgatar essa documentação com a igreja.

Desde 1956 a Primeira Igreja Presbiteriana do Recife passou por vários endereços até se instalar no endereço atual, estão construindo um templo atualmente. Possuem documentos, atas de 1956 até os dias de hoje preservados, existe um arquivo, mas, os documentos não são expostos por falta de um local apropriado,

pretendem criar um museu para expor todo o material que possui, púlpitos antigos, mesas e restaurar um móvel antigo, recuperando os traços de cerâmica e arquitetura da época. Desejam criar um espaço para preservar a memória dos pastores que passaram pela igreja, no entanto. Já houve tentativa de negociação com a Igreja que detém as atas, os documentos com mais 100 anos. Pretendem digitalizar os documentos para serem expostos no museu.

Em virtude da documentação histórica anterior a 1956 da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife estar sob a guarda da Igreja Presbiteriana no Recife, no Cais José Mariano, decidi visitá-la para obter informações sobre a preservação dessa documentação.

7.6.3 Visita à igreja Presbiteriana do Recife no Cais José Mariano

A Igreja Presbiteriana do Recife fica localizada na Rua José Mariano, 186, no bairro da Boa Vista. A visita foi realizada no mês de dezembro de 2015. Entrou-se em contato com a secretária da igreja por telefone e foi agendada uma reunião com o pastor Samuel Santos, que a dirige atualmente. Ao chegar ao templo, a recepção foi realizada pelo pastor, que prontamente respondeu a todas as perguntas.

A igreja mantém no próprio arquivo as atas da Primeira Igreja Batista do Recife. Foi impossibilitado o acesso à documentação. Não está disponível ao público. Solicitou-se ao pastor o envio por e-mail de algumas fotos do acervo, porém, não houve retorno. Obteve-se uma fotografia de uma ata da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, cedida por uma historiadora.

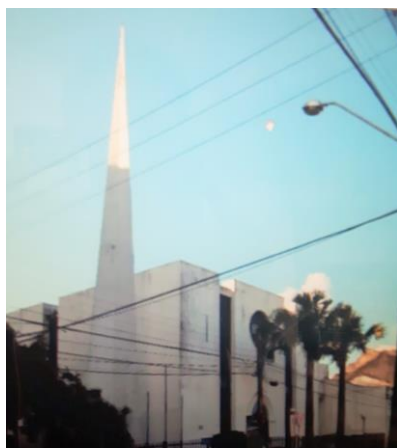


Figura 44: Igreja Presbiteriana do Recife, localizada no Cais José Mariano.
Fonte: Calado, Orlando de Almeida (Google Maps)

Houve reunião da sessão da Igreja Presbiteriana no Recife
 na sala de culto na Rua do Imperador n.º 71 1.º andar
 em 2 de Dezembro de 1889 a 1 hora e meia da tarde estan-
 do presentes os tms Porter e Smith ministros eo tm e Antonio
 Fabricio presbitero regente.

Foi aberta a sessão com oração pelo Moderador tm Smith
 Acta da reunião de 1 de Setembro p. p. foi lida e approvada.
 O tm Smith foi eleito Secretario.

Houve conversação tocante ao caso do tm e do Mollanda
 quanto a sua ausência da família. Uma carta tocante
 esta matéria do tm José Primario não estando presente
 foi lida e a reunião se encerra ate a próxima reunião.

Foram mencionados dois candidatos para a commu-
 nhão, a saber: O tm Thomaz de Aguiar e o tm J.º Oliveira.
 O tm Fabricio foi designado para conversar com ambas estas
 pessoas; eo tm Porter designado para conversar com a se-
 gunda sobre este assumpto. Foi designado o tm Fabricio
 para fallar com a tm Maria de Jesus a respeito de tantas
 faltas na assistência aos cultos.

O tm Porter foi designado para apresentar as contas dos
 collectas na proxima reunião.

O tm Fabricio foi designado para fallar com o tm Vasconcel-
 los, fazendo um o mal de sua conducta em augmentar-se dos cultos.
 Foi encerrada a sessão as 8:10 horas com oração de Louvor.

2 de Dezembro de 1889
 José Recheud Smith.
 Secretario e Moderador.

Figura 45: Foto de página da ata de 2 de dezembro de 1889 da Primeira Igreja Batista do Recife.

Fonte: Acervo pessoal da historiadora Rafaelle Custódia.

7.6.4 Análise da Entrevista com pastor Samuel Santos da Igreja Presbiteriana do Recife

Na entrevista realizada na Igreja Presbiteriana do Recife, o Pastor Samuel Santos expôs que a instituição possui um arquivo que mantém os livros de atas e que não realizam ações para visualização da memória, todavia, possuem documentos com mais de 130 anos de existência e desejam torná-los disponíveis ao público, por isso estão realizando estudos com o objetivo de encontrar a melhor forma de torná-los acessíveis e preservá-los.

No que tange à preservação da memória, foi dito que realizam ações de preservação através da orientação e assistência de uma aluna que está cursando mestrado em História e é membro da Igreja; que as ações realizadas são amadoras, uma vez que não são realizadas em nível profissional. As atas eletrônicas são impressas e devidamente arquivadas em livros, percebemos aqui um caso bastante peculiar, a impressão em papel é utilizada como backup, além de manterem as atas em formato digital, imprimem e arquivam em livros.

O pastor informou que apesar de não retirarem cópias do acervo, contrataram uma pessoa para fazer o levantamento do custo, informando a necessidade de cópias filmadas ou eletrônicas. Discorrendo sobre o assunto, informou que não encadernam os documentos, mas as atas são organizadas on-line e tipograficamente enumeradas; que não realiza trabalho de restauração, no entanto, pretendem contratar uma empresa que trabalha com documentos antigos e que presta serviços na Universidade Federal Rural; que possuem um armazenamento adequado do material existente no local, estando abrigado, longe da luz, umidade e poluição atmosférica; que há controle de pragas; que não possuem um processo de higienização; mas contam com um plano de prevenção contra incêndios ou desastres e ainda possuem extintor de incêndio. O pastor comentou que não digitalizam a documentação da instituição, mas pretendem realizar e fazer uma grande exposição desse material, disponibilizando o conteúdo para alunos que desejarem fazer pesquisas.

Com relação às atividades de organização, foi dito que a organização documental é feita por datas, onde cada período representa um livro encadernado,

sendo organizados por décadas; que não possuem manuais de organização nem classificação, catalogação, indexação e sistemas de informação.

Ao relatar sobre a descrição dos acervos, foi dito que os tipos de documentos compreendem atas que registram as decisões do conselho formado por pastor e presbítero. Essas atas registram as resoluções do dia a dia da igreja e são documentos importantes para a historiografia. Foi esclarecido que não há arquivo permanente na instituição e que o material não está disponível para consulta pública, porém, é permitida a pesquisa para historiadores, pessoas que estudam, visto que existem assuntos nas atas que são de caráter privado, tendo em vista que uma pessoa curiosa pode não entender e, ainda, interpretar mal as informações. Com relação à área documental, afirmou que os documentos compreendem decisões administrativas e de caráter religioso da vida da Igreja e quanto aos instrumentos para pesquisa documental. A data mais antiga de obra do acervo data de 1878 e a mais recente de 2016.

Foi informado que a natureza do acervo é textual e, em seguida, o pastor falou sobre o histórico da Igreja, relatando que foi fundada por um missionário dos Estados Unidos John Rockwell Smith que chegou ao Brasil em 1873 e residiu em um sobrado na Rua do Imperador. O livro de atas registra que habitava na residência de n. 71. Acredita-se que a prefeitura do Recife tenha reordenado a numeração, o número não existe mais. O missionário passou cinco anos para aprender português e nesse período evangelizou, ministrou aulas de inglês, visitou o governador da província na época e revelou suas intenções de fundar a igreja presbiteriana em Recife. Naquele período o Brasil possuía convênios com a Inglaterra e os Estados Unidos nos assuntos tocantes à tecnologia e telefonia e esta relação entre os países facilitou a entrada do missionário no Recife. Depois de cinco anos consegue formar um grupo de 12 pessoas e no dia 11 de agosto de 1878, funda a Igreja Presbiteriana do Recife. O trabalho cresce e se solidifica na cidade e por esse motivo ele convidou outros missionários para virem ao Recife. Chegando aqui partiram para o agreste, Garanhuns, cidade que prezaram bastante devido ao clima mais ameno. Foi realizado um forte trabalho no Agreste, e fundadas igrejas em Goiânia, também foram realizadas excursões para o Maranhão, todavia, não obtiveram sucesso, em razão da distância. Em Recife, vários bairros foram alcançados. Recife por ser uma cidade marítima crescia do centro para os bairros. A maioria das igrejas presbiterianas dos bairros foram fundadas pela igreja na época, que é considerada mãe de outras igrejas

presbiterianas. A Igreja está em Recife há 137 anos. O primeiro templo funcionou na Rua do Imperador, em seguida foi adquirido um imóvel ao lado do antigo Cinema Moderno, onde hoje funcionam as Edições Paulinas, a igreja funcionava no prédio de esquina. O templo situa-se no local atual desde o final da década de 1960.

7.7 Catedral Anglicana da Santíssima Trindade

7.7.1 Relatos de observação

A Catedral Anglicana da Santíssima Trindade (Holy Trinity Church) (Figura 46 à esquerda), conhecida como Igreja dos Ingleses, foi erguida em 1838, na rua da Aurora, esquina com a Rua Formosa, hoje Avenida Conde da Boa Vista. A necessidade de alargar a rua em função da nova avenida, a Conde da Boa Vista, causou a demolição do local. Em seguida, passou a funcionar na Rua da Matinha, atualmente chamada Carneiro Vilela. Hoje, a Catedral Anglicana da Santíssima Trindade está localizada na Rua Alfredo Medeiros, 60, no bairro do Espinheiro, na cidade do Recife (HISTÓRIA, 2015).



Figura 46: Holy Trinity Church (Igreja dos Ingleses), à esquerda, e templo atual Catedral Anglicana da Santíssima Trindade, à direita.

Fonte: <http://dar.ieab.org.br/2015/06/03/historia-177-anos-do-primeiro-templo-da-igreja-anglicana-no-recife/a> (Holy Trinity Church), Catedral Anglicana da Santíssima Trindade (acervo pessoal do autor).

A visita à Catedral Anglicana da Santíssima Trindade ocorreu no mês de novembro de 2014. Através de contato telefônico, foi agendado um horário pela secretária da igreja. Ao chegar lá, a recepção foi realizada pelo Bispo Dom João Câncio Peixoto, que dirige a igreja atualmente. Após a entrevista, houve a oportunidade de conhecer o lugar de memória que mantêm: a biblioteca. A catedral dispõe de um acervo de cerca de sete mil livros, que pertenciam ao extinto SAET

(Seminário Anglicano de Estudos Teológicos). A biblioteca disponível parecia desativada. Não havia bibliotecário nem espaço disponível para consulta, apenas algumas cadeiras de madeira. Os livros estão armazenados em estantes de metal e espalhados pelo corredor em uma sala pequena no segundo andar da igreja. O espaço disponível na sala era pequeno para o volume de livros. Há forte incidência de luz solar devido à existência de uma janela sem proteção contra luminosidade, conforme indica a figura 47. Os livros necessitam ser organizados e limpos. Alguns estão em caixas, bolsas e espalhados nas estantes, conforme a figura 48.



Figura 47: Incidência de luz solar sobre o acervo da biblioteca da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade.

Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 48: Livros em condições inadequadas de armazenamento na Biblioteca da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

A biblioteca possui obras ligadas à Teologia. Algumas prateleiras continham volumes relacionados ao ensino religioso, história da Igreja e psicologia, muitos deles em Inglês (Figura 49). Não havia extintor de incêndio na sala onde se encontravam os livros, somente no térreo do templo. Percebeu-se que em algumas prateleiras constavam etiquetas com o assunto sobre o qual se tratavam os livros. Alguns estavam etiquetados com um código numérico, porém, a maior parte das estantes estava desorganizada (Figura 48). A biblioteca necessita ser limpa, organizada e transferida para uma sala adequada.



Figura 49: Livros e prateleiras sinalizadas por assunto à esquerda e não sinalizados à direita. Pertencem ao acervo da biblioteca da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

7.7.2 Análise da Entrevista com o Bispo Dom João Cândio Peixoto da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade.

Na entrevista realizada na Catedral Anglicana da Santíssima Trindade, o Bispo Dom João Cândio Peixoto relatou que existe uma biblioteca na igreja com aproximadamente 7000 exemplares, que antes pertenciam ao extinto SAET (Seminário Anglicano de Estudos Teológicos). Quanto às ações para visualização da memória, foi dito que compreendem a celebração de cultos festivos de aniversário da igreja, que em 2015 comemorou os 40 anos da Diocese Anglicana do Recife.

No que tange à preservação da memória, a instituição não realiza ações de preservação, mas existia na biblioteca local apropriado e um bibliotecário, que cuidava do acervo, mas, devido a dois cismas, perderam o espaço. Muitos livros, inclusive, foram perdidos por falta de conservação em razão da falta de um ambiente adequado para armazená-los. Ao complementar o assunto, respondeu que não se tiram cópias dos documentos, não encadernam os materiais, não restauram a documentação nem armazenam atualmente o acervo de forma adequada, uma vez que o local não é apropriado. Foi comentado que não possuem controle de pragas nem de higienização do local, mas que possuem um plano de prevenção contra incêndios ou desastres. Foi dito, ainda, que não realizam digitalização do acervo localmente, porém, nacionalmente está sendo realizada a digitalização de documentos no Estado do Rio Grande do Sul.

Ao falar sobre as atividades de organização, informou que organizam os documentos por título, mas, através da observação direta foi possível verificar que estão organizados por assunto, o pastor inclusive cita a área de história e bíblica. Ordenam os documentos por assunto, comunidades e pastas dos reverendos; disse que não há manuais de organização, mas que realizam a classificação, catalogação e indexação da documentação. Quanto aos sistemas de informação, afirmou que não possuem.

Sobre a descrição dos acervos, o religioso informou que os tipos de documentos compreendem livros e apostilas e que possuem arquivo permanente no escritório. Falou, ainda, que o acervo se encontra acessível ao público e que a área documental compreende os documentos administrativos e assuntos presentes na biblioteca (Teologia, História da igreja, Psicologia), que não possuem instrumentos para pesquisa. Relatou que documento mais antigo da igreja está sob posse da Igreja

Episcopal Carismática, que a data mais recente é de 2016 e a natureza do acervo é textual.

No final da entrevista o bispo João Câncio Peixoto apresentou um histórico da instituição, informando que a Igreja passou por dois cismas. A antiga catedral ficou sob a posse do bispo da Igreja Episcopal Carismática. Todos os símbolos da igreja estão lá. Por exemplo, uma águia, que era um púlpito usado. Isto fazia parte da tradição dos ingleses. Toda a documentação da Capela Inglesa (Igreja dos Ingleses) foi transferida para o templo na Carneiro Vilela, porém, o deão (cuidador do templo) à época, rompeu com a igreja, mas permaneceu nela e a transformou na Igreja Episcopal Carismática. Então, todo o acervo da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade, anterior ao cisma ocorrido em 2002, estão na Igreja Episcopal Carismática.

O bispo da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade informou que todo o acervo da igreja, anterior ao cisma, encontra-se sob a posse da Igreja Episcopal Carismática (Figura 50). Decidi visitar o local a fim de obter dados a respeito da existência e da preservação dessa documentação.



Figura 50: Templo da Igreja Episcopal Carismática do Brasil.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

7.7.3 Visita à Igreja Episcopal Carismática do Brasil

A Igreja Episcopal Carismática do Brasil situa-se na rua Carneiro Vilela, 568, no bairro do Espinheiro. Ao ligar para a igreja, foi informado o telefone do pastor responsável pela documentação. Após contato com ele por telefone, foi agendada uma visita. Ao chegar ao local, o pastor relatou que parte do acervo documental da

igreja se encontrava na sala dele, mas, não tinha esclarecimentos sobre a documentação mais antiga da igreja, em virtude de ainda estar se inteirando sobre todos os dados existentes. A sala onde os documentos se encontravam armazenados estava climatizada e longe da luminosidade e da poluição atmosférica. O ambiente estava limpo. O pastor informou que o Bispo Dom Paulo Garcia poderia ajudar nas respostas, porém, não se encontrava nas dependências da igreja. Estava viajando para os Estados Unidos. Observou-se a existência de algumas pastas (não foi possível fotografá-las) e uma publicação semestral editada pela própria igreja, a revista *O Carismático* (Figura 51), que trata de temas ligados à vida cristã e notícias da igreja.



Figura 51: Revista *O carismático*, publicada pela Igreja Episcopal Carismática do Brasil

Fonte: Acervo pessoal do autor.

7.7.4 Análise da entrevista com o Pastor Alexandre Benjamin, secretário Diocesano da Igreja Episcopal Carismática do Brasil

Na entrevista realizada na Igreja Episcopal Carismática, o Secretário Diocesano Alexandre Benjamim comentou que no local não há lugares de memória, mas que no passado tinha um local no prédio onde funcionava a Diocese, mas, a construção foi vendida. Pretendem digitalizar e criar um espaço onde o material documental encontre guarida. Expôs, ainda, que não realizam ações para visualização da memória e que houve descontinuidade na história da igreja, que era associada à Anglicana. Ocorreu uma ruptura em 2002, a qual originou uma nova denominação. Gerou interrupção na memória, estão procurando reconstruí-la.

Com relação à preservação da memória, foi dito que eles não realizam ações de preservação, inclusive, com a saída do prédio, toda a estrutura logística foi perdida. Ao tecer outros comentários sobre o assunto foi informado que eles realizam cópias dos documentos; não encadernam a documentação, apesar de até 2004 terem feito, porém, planejam retomar esta atividade; não restauram os documentos que fazem parte do acervo nem os armazenam de forma adequada; mas possuem controle de pragas, apesar de não realizar a higienização; que não possuem um plano de prevenção contra incêndios ou desastres, todavia, possuem extintores no prédio; e que não digitalizam o acervo, mas estão desenvolvendo um projeto.

No que diz respeito às atividades de organização, informa que eles priorizam, um pouco a história da igreja enquanto templo, patrimônio histórico e o ministério do bispo Dom Paulo Garcia. Pretendem colher, acolher e preservar a memória da Igreja Episcopal Carismática Brasileira. Os documentos são organizados por título, assunto e data. Respondeu que não possuem manuais de organização, classificação, catalogação, indexação e sistemas de informação no local.

Outros assuntos foram abordados, como a descrição dos acervos, e foi informado que os tipos de documentos compreendem atas, registros de encontros, cultos e preleções, documentos sobre desenvolvimento dos movimentos da igreja, boletins litúrgicos, diários dos sacerdotes e a revista *O Carismático*, publicação local. O Secretário Informou que a igreja possui arquivo permanente na secretaria; que o acervo pode ser acessado mediante agendamento; que a área documental compreende a História da Igreja e o desenvolvimento dos movimentos da igreja; que

não possuem instrumentos para pesquisa, mas estão em fase de implantação. Explicou que até o momento não conseguiu abranger a documentação antiga; que a obra mais recente data de 2016; e que a natureza do acervo é textual, sonora e imagem em movimento (vídeos). Mantêm documentos, atas, boletins, gravações, escritos, vídeos, reportagens e tudo o que é relacionado à Igreja Episcopal Carismática.

7.8 Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana

7.8.1 Relatos de Observação

A Igreja Congregacional Pernambucana (Figura 52) foi organizada em 1873, pelo missionário escocês Robert Reid Kalley, é atualmente dirigida pelo pastor Nyelson Mendonça (OBSERVATÓRIO, 2009). Possui salas anexas e está situada na rua do Príncipe, 328, no bairro da Boa Vista. A visita foi agendada pessoalmente com a secretária da igreja e realizada no mês de junho de 2015. Ao chegar à igreja, a recepção foi realizada pelo pastor e, logo após a entrevista, observou-se o local de memória existente, a Sala Memorial (Figura 53). A igreja mantém uma sala que abriga o acervo documental. Não havia extintor de incêndio no ambiente, apenas nos corredores próximo ao templo. Pôde-se visualizar fotografias do templo, de membros e agremiações da igreja, quadros com retratos de pastores e personagens ilustres da Igreja Congregacional, livros de atas, relatórios financeiros (Figura 60), livros, dentre eles bíblias antigas (Figura 59) publicadas em 1864 e 1861, utilizadas pelos pastores da igreja e alguns objetos antigos, como medalhas e placas. Estavam armazenados em móveis de madeira, conforme a figura 54.



Figura 52: Templo da Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana
Fonte: <http://www.yelp.com/biz/igreja-evang%C3%A9lica-congregacional-pernambucana-recife>.



Figura 53: Sala Memorial da Igreja Evangélica Congregacional Cristã.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 54: Móveis que armazenam o acervo documental da Igreja Evangélica Congregacional.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

A igreja mantém, na sala Memorial, todos os livros de atas desde 1873. Constatou-se que os mais antigos se encontram bastante desgastados e necessitam de ações de restauração. Os livros de atas estavam armazenados na posição horizontal, inclusive sobrepostos no móvel de madeira (Figura 54), onde estão dispostos. Os volumes armazenados em armário fechado devem estar afastados do fundo. Este deve estar afastado aproximadamente sete centímetros da parede. Além

do mais, observou-se que os móveis estavam próximos à parede.

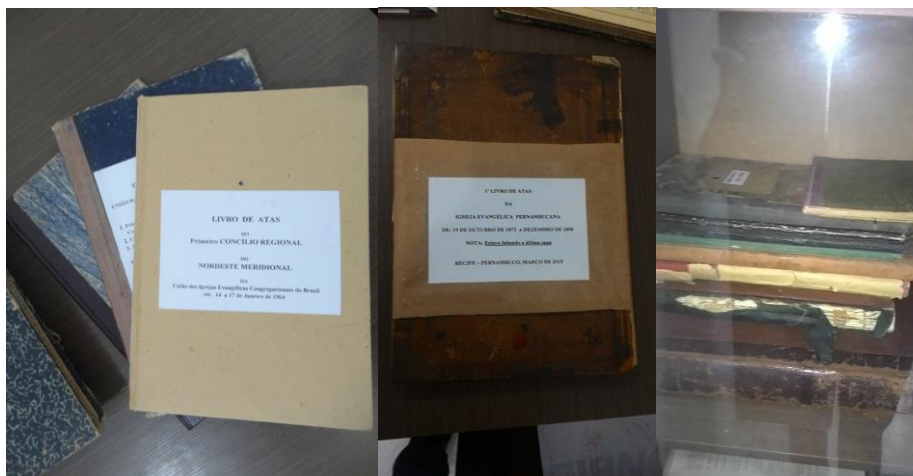


Figura 55: Livros de Atas desde 1873. Disponíveis na Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Recomenda-se que os livros sejam protegidos em caixas, feitas sob medida. São indicadas as caixas em papel alcalino com lombada articulada e fechamento através de encaixe. Elas possibilitam melhor suporte e limpeza. Brito (2010) apresenta um guia focado na confecção de embalagens para acondicionamento de documentos. O documento, que foi editado pela Associação de Arquivistas de São Paulo, dispõe das medidas padrão e do passo a passo para a confecção delas. Como alternativa de baixo custo, os livros podem ser embrulhados com papel alcalino e amarrados com cadarço não tingido de algodão. Além disso, podem ser empregados o linho e o poliéster.

O acervo está abrigado longe da luz solar. O ambiente é climatizado através de aparelho de ar-condicionado. Não existiam desumidificadores específicos. O ambiente estava limpo, mas, os livros necessitavam de melhor higienização. Constatou-se maior cuidado com o manuseio e o controle do acesso aos documentos. O móvel estava trancado com cadeados.

Os retratos expostos na parede estavam armazenados em molduras de madeira, que não são recomendadas (figura 56). As fotografias estavam mantidas em álbum com plástico não indicado e com papel ácido (figura 57). De acordo com Teixeira e Ghizone (2012), o mobiliário adequado para fotografias são os gaveteiros com portas em metal e pintura polimerizada. Evitam a entrada de pó ou insetos. O

fechamento deve permitir a circulação de ar. Não pode ser hermético. O armazenamento deve ser vertical para fotografias, que podem estar em pastas suspensas ou envelopes. Caso as imagens sejam demasiado grandes, podem ser acondicionadas de forma horizontal.



Figura 56: Quadros com retratos de pastores e personagens ilustres da História da Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

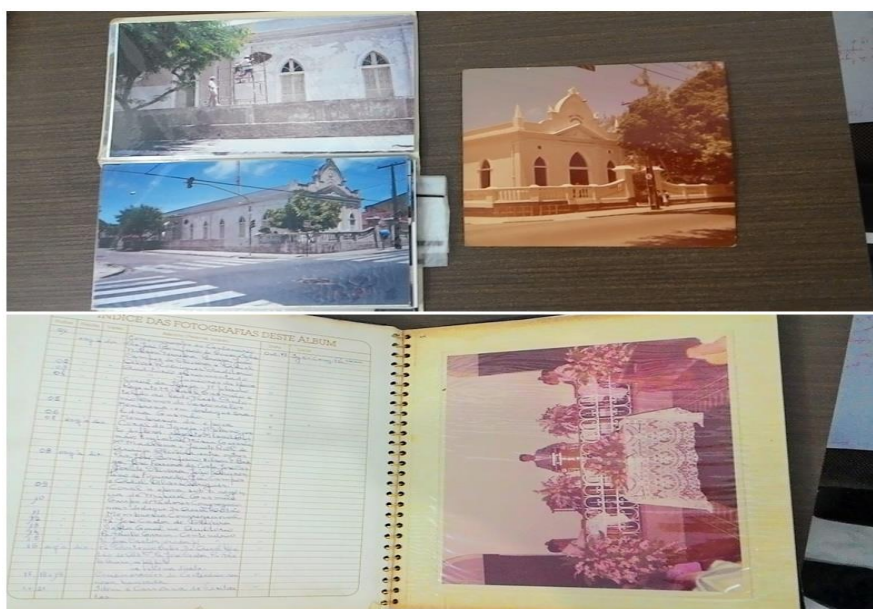


Figura 57: Acervo fotográfico existente na Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana. Fonte: Acervo pessoal do autor.

O papel utilizado para o acondicionamento deve ter reserva alcalina e pH neutro. Caso sejam utilizados plásticos, devem ser em poliéster (melinex). Os materiais indicados para uso tanto para o armazenamento quanto para a restauração de documentos podem ser encontrados em lojas específicas internacionais, como a Light Impressions (LIGHT, 2016) e as nacionais, como, por exemplo, a Casa do Restaurador (CASA, 2015).

Quanto à organização documental, observou-se que, nos retratos expostos na parede, constavam descrições identificando os pastores (figura 56). Inclusive tem-se um quadro onde todas as fotos estão enumeradas e, ao lado dele, constava um índice com descrições identificando cada numeração (Figura 56, diagonal superior direita). Denota-se uma preocupação com a compreensão dos registros imagéticos. Nos álbuns de fotografias constavam descrições. Nos álbuns maiores, cada folha era enumerada e havia índices com a descrição das fotografias no início dos álbuns (figura 57). O memorial possui alguns livros sobre temas ligados à religião. Eles não estavam classificados conforme pode-se verificar na figura 54. Não se verificou as placas e as medalhas que estavam armazenadas no móvel. As chaves do cadeado não se achavam disponíveis. A igreja mantém uma placa alusiva à comemoração do primeiro centenário, que ocorreu em 1973.



Figura 58: Placa comemorativa do primeiro centenário da Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

7.8.2 Análise da entrevista com o pastor Nyelson Mendonça da Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana

Na entrevista realizada na Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana, o Pastor Nyelson Mendonça relatou que existe um memorial criado há aproximadamente três anos com uma micro biblioteca e armários que armazenam os documentos históricos e que é realizada uma ação em prol da visualização da memória, todo dia 19 de outubro, um casal de missionários da UESA (União Evangélica Sul Americana), que foi membro da igreja por 30 anos, elabora um vídeo fazendo destaque da história.

Quanto às ações para a preservação da memória, destacou que foi realizada a microfilmagem e cópia da primeira ata, para evitar o manuseio, e a criação da Sala Memorial para manter os documentos; que não encadernam nem restauram a documentação; mas armazenam, realizam o controle de pragas, higienizam e possuem plano de prevenção contra incêndios ou desastres.

Ao comentar sobre as atividades de organização, informou que os documentos estão armazenados em armários, aguardando há mais de três meses um grupo composto por um aluno de mestrado da UNICAP e pessoas ligadas à Área de Biblioteconomia, que se prontificaram para fazer o levantamento documental. Respondeu, ainda, que não dispõem de manuais de organização, não são realizadas atividades de classificação, catalogação, indexação e não utilizam sistemas de informação, porém, através da observação foi possível identificar a existência de índices nos álbuns de fotografia.

Sobre a descrição dos acervos, foi dito que os tipos de documentos compreendem atas, fotografias, correspondências, livros e vídeos sobre a história da igreja; que possuem arquivo permanente; e que é possível pesquisar no local; que a área documental compreende a História da Igreja; que não há instrumentos de pesquisa. Informou que a obra mais antiga, data de 1873 e a mais recente, de 2016; sendo a natureza do acervo textual e iconográfica.

O pastor informou que a igreja possui todas as atas desde a sua fundação em 1873 e mantém um arquivo de cartas de correspondências que relatam aspectos referentes à cultura da época, a exemplo de uma carta enviada por um membro da igreja, cujo teor era uma justificativa de sua falta a um dos cultos, que seria em razão

de ir a leiteria. A igreja era nômade no Recife antigo e funcionava em casas alugadas. Por ser distante da área rural, os membros enviavam cartas quando precisavam faltar os cultos aos domingos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2017, próximo ano, celebram-se 500 (quinhentos) anos da Reforma Protestante, movimento que deu origem ao protestantismo, segmento religioso que não para de crescer em nosso país. Será um momento de reflexão sobre a memória desse segmento.

A Ciência da Informação tem se preocupado com o tema da preservação da memória. O trabalho aqui desenvolvido contribuiu para a linha de pesquisa Memória da Informação Científica e Tecnológica do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPE. Tratou-se de uma análise descritiva e analítica dos espaços que mantêm a produção, preservação e acesso à memória do protestantismo na cidade do Recife. Foi evidenciada a importância da documentação produzida e armazenada nesses locais.

A memória, fenômeno coletivo e social, é reconstruída por meio dos registros de informação. Os documentos históricos contêm dados que possibilitam a compreensão mais detalhada dos fatos históricos e das relações sociais ocorridas ao longo do tempo. As denominações protestantes possuem características que as distinguem das outras. Os documentos são provas de sua história e convicção de legitimidade, possibilitam a construção da identidade, categoria considerada aqui como sinônimo de identificação, como o conjunto de características que permitem diferenciação.

O problema exposto neste trabalho a respeito da pouca visibilidade da memória do protestantismo, na cidade do Recife, foi investigado através do conhecimento das principais ações que são desenvolvidas com o intuito de reverter essa situação. Foi possível observar, nos locais centenários pesquisados, que os procedimentos realizados, em sua maioria, são de caráter interno, ou seja, para os próprios membros. Os principais atos mencionados pelos pastores das igrejas foram a divulgação de dados históricos nos boletins das igrejas, palestras, exposições locais e cultos comemorativos. Os boletins são documentos internos, que possuem textos informativos e bíblicos. A programação de cultos das igrejas registrada nos boletins é disponibilizada para os membros e visitantes presentes no local. As atividades acontecem localmente. As igrejas centenárias na cidade do Recife podem estabelecer estratégias mais abrangentes, como, por exemplo, a criação de um museu sobre o

protestantismo na região, a fim de que a memória adquira visualização pela sociedade em geral, visto que o protestantismo pode ser objeto de estudo e interesse de toda a sociedade.

O objetivo geral do trabalho, que consistiu em investigar como os seminários e igrejas protestantes selecionadas lidam com os aspectos memoriais foi atingido através da disponibilização de informações colhidas através da observação direta e entrevistas, foram disponibilizadas nos resultados da pesquisa.

O objetivo específico que consistiu na verificação da existência de arquivos, museus, bibliotecas ou algum outro local de memória, foi alcançado. Foi possível conhecer os locais de memória existentes nessas igrejas e seminários. Lugares possivelmente desconhecidos pela sociedade pernambucana, que tanto carece de espaços de leitura. Além de guardarem a memória das instituições protestantes nas quais estão inseridas, as bibliotecas do Seminário Presbiteriano do Norte e do Seminário Teológico Batista contêm um rico acervo de obras ligadas à religião e temas gerais. O acesso é permitido ao público em geral, que, mesmo não tendo permissão de realizar o empréstimo domiciliar, pode fazer a consulta local desses documentos. Ainda sob a ótica da leitura, nas igrejas pesquisadas são mantidas bibliotecas apenas na Catedral Anglicana da Santíssima Trindade, que necessita ser organizada e disposta em espaço adequado, visando sua utilização; e a microbiblioteca disponível na Igreja Congregacional Cristã, que dispõe de apenas uma prateleira de livros. Na Igreja Presbiteriana, na sala do pastor, existem estantes com diversos livros, porém, o templo não detém biblioteca.

No passado, o protestantismo exerceu influência na alfabetização e na leitura, no Ocidente moderno (SOUZA, 2006). Os reformadores do século XVI as incentivaram para que os pressupostos deles fossem comprovados pelos fiéis, que seriam ensinados e convencidos da nova doutrina. Os missionários protestantes que vieram ao Brasil com o intuito de ganhar novos adeptos à religião utilizaram a educação como estratégia, fundaram colégios e publicaram impressos, tinham como lema “Evangelizar e educar”, em Pernambuco, no ano de 1906, foi fundado pelo missionário americano W.H. Cannada o Collegio Americano Gilreath, hoje denominado Colégio Americano Batista (MENDONÇA, 2008).

Atualmente constata-se uma vasta produção bibliográfica protestante. Há livrarias especializadas em temas relacionados à religião, mas foi possível observar que ainda subsiste a escassez de bibliotecas com espaços gratuitos de leitura nas

igrejas protestantes centenárias da cidade do Recife. A igreja possui uma função social, conforme aponta Souza (2011). Há revigoramento da ação social no protestantismo brasileiro. Pode haver iniciativas por parte desse segmento quanto ao incentivo das práticas de leitura. A instalação de bibliotecas nas dependências dos templos contribuirá para a preservação das memórias e a promoção da leitura.

Os objetivos específicos, que consistiram em investigar se são relacionadas atividades de preservação da memória nos locais selecionados, foram atingidos. Constatou-se a carência de atividades relacionadas à preservação dos suportes da memória nas igrejas e instituições pesquisadas. O fato de manterem esses documentos se torna um aspecto positivo, mas, para que eles perdurem, é necessário realizar ações de preservação sistemáticas que visem a salvaguarda e a recuperação dos suportes que contêm os registros de informações. Dessa maneira, o acesso para as futuras gerações será facilitado. Os seminários estão iniciando ações de digitalização para preservação, em parceria com o LIBER, laboratório de pesquisa do Departamento de Ciência da Informação da UFPE, que desenvolve repositórios e ferramentas que possibilitam a disponibilização, o gerenciamento e a recuperação da informação em formato digital. Contudo, nas igrejas, essa atividade ainda é ínfima, visto que, dos documentos históricos de fundação delas, somente foram digitalizadas duas atas: uma na Primeira Igreja Presbiteriana de Areias e outra na Igreja Evangélica Congregacional. Constituem um campo a ser explorado pelos profissionais que lidam com a informação. Projetos para digitalização de documentos podem ser aplicados nesses locais.

Os seminários já contam com pessoal especializado nos próprios acervos, possuem profissionais da área de Biblioteconomia e Documentação, porém, necessitam ampliar o quadro de pessoal, visto que a quantidade disponível é insuficiente para gerir o extenso volume documental existente. Os profissionais da Ciência da Informação podem atuar nas igrejas, dado que possuem competências e lidam com a informação em todos os seus aspectos e todos os pontos de vista (ROBREDO, 2003).

Foi alcançado o objetivo específico que compreendeu o mapeamento de acervos existentes nessas igrejas e seminários. Foi possível mapear os acervos que são mantidos nesses locais, livros, periódicos, obras raras, boletins, livros de atas do século XIX e atuais, relatórios financeiros, cartas, registros sonoros, objetos museológicos e fotografias. Registros das memórias dessas igrejas e instituições,

podem ser objeto de estudo por pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento.

Os documentos existentes nesses locais são fontes de informação que possibilitam a realização de pesquisas historiográficas relacionadas ao protestantismo. Podem auxiliar no desenvolvimento da historiografia no Brasil. A Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana, por exemplo, possui cartas do século XIX, que, em seu conteúdo, relatam aspectos culturais relativos à época em que foram escritas. Os livros de atas são documentos singulares, através das atas, é possível conhecer o que era tratado naquele recorte de tempo pela igreja, além da visão e o pensamento dela sobre os diversos assuntos abordados no período.

As atas são documentos únicos que não podem ser substituídos, portanto, devem ser preservados. Santos (2006), em sua dissertação intitulada *A Igreja Cristã Reformada e os Judeus no Brasil Holandês*, utilizou as atas do Sínodo do Brasil da Igreja Holandesa Reformada como fonte primária para a realização de sua pesquisa. Nelas, ele encontrou registros de antissemitismo. As atas também são utilizadas como fontes de informação para pesquisa genealógica. O site Family Search (IGREJA, 2016), organizado pelos mórmons da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, por exemplo, utiliza atas e documentos históricos religiosos como fontes de informação para pesquisa genealógica. No endereço eletrônico, disponibilizam dados acerca das famílias, auxiliando as pessoas a encontrar os antepassados.

Os seminários e as igrejas necessitam manter os próprios acervos em condições adequadas a fim de abrigar os documentos, que retratam as suas memórias. Precisam seguir as normas e os padrões recomendados. Alguns locais não apresentam estruturas satisfatórias para armazenar os documentos. Existe forte incidência de luminosidade em alguns acervos, como, por exemplo, o museológico do Memorial Martinho de Oliveira e alguns livros da biblioteca, ambos mantidos no Seminário Presbiteriano do Norte. A situação se repete nos livros da Biblioteca da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade. Conforme foi observado nas visitas, os mobiliários de armazenamento, em sua maioria, não são adequados e necessitam de substituição ou reparo. Apesar de alguns pastores considerarem que os acervos estão em boas condições de armazenamento, a partir da observação direta nos lugares permitidos, tendo como base o referencial teórico aqui apresentado, constatou-se a necessidade de adequação às recomendações propostas pelos diversos especialistas na área de preservação documental aqui relatados.

As ações de preservação devem fazer parte da rotina dos locais que guardam acervos documentais. Alguns dos espaços visitados necessitam de melhor higienização e conservação das obras. As obras raras encontradas precisam ser acondicionadas em caixas apropriadas, algumas carecem de intervenções de restauro. Alguns documentos que necessitam de restauração são considerados inéditos. Devem ser restaurados para a consulta.

Recomenda-se a digitalização desses documentos, resultando na redução do manuseio e possibilitando o acesso às informações neles contidas. A segurança dos acervos é algo que necessita ser reavaliado nesses locais, alguns não possuem plano de prevenção para desastres nem extintores de incêndios nas salas que abrigam os documentos.

A falta de cuidado no manejo, o extravio de obras, a umidade e as chuvas foram os principais motivos de perda documental. Na Primeira Igreja Batista do Recife, muitos documentos históricos foram levados para fins de pesquisa e não retornaram ao local, inclusive a primeira ata da igreja ainda não foi localizada. No Seminário Presbiteriano, perdeu-se parte do acervo documental devido a chuvas e umidade nos documentos. Já na Catedral Anglicana da Santíssima Trindade, as condições inadequadas de armazenamento provocaram a perda de livros do acervo da biblioteca.

Foi atingido o objetivo específico relacionado ao conhecimento das atividades de organização documental para a preservação da memória. Os locais pesquisados também carecem de atividades relacionadas à organização. Algumas instituições e igrejas ainda não têm ciência de parte dos documentos existentes, como, por exemplo, o Seminário Teológico Batista, que necessita fazer um levantamento das obras raras existentes; e a Igreja Episcopal Carismática, que ainda não catalogou a documentação mantida na Catedral Anglicana da Santíssima Trindade. Recomenda-se inventariar, catalogar, classificar e indexar os acervos documentais, inclusive estabelecer instrumentos adequados para a pesquisa documental.

Os seminários estão em processo de organização documental, atividade realizada há pouco tempo e liderada pelos profissionais da informação recentemente inseridos no quadro de pessoal. Apenas o Seminário Teológico Batista do Norte possui um catálogo impresso do acervo museológico, que foi elaborado por funcionários da biblioteca. Nos espaços que abrigam objetos museológicos, as peças existentes necessitam de descrição, visto que auxiliam na decodificação das peças.

Novos questionamentos surgiram ao longo da pesquisa, como um fato constatado nas visitas às igrejas protestantes pesquisadas: elas não permanecem hoje no mesmo lugar de origem. Diferentemente das igrejas católicas, que geralmente se mantêm no mesmo espaço desde a fundação. Esta informação também foi relatada pelo professor José Roberto, do Seminário Presbiteriano do Norte, na entrevista realizada. Qual seria o motivo? Matos (2011c), doutor em História da Igreja, afirma que, por razões teológicas, históricas ou culturais, os templos são altamente reverenciados pelos adeptos de religiões, como o catolicismo, o budismo e o hinduísmo. São considerados locais sagrados e de veneração. Já para os protestantes o santuário nunca chegou a adquirir a importância e o simbolismo místico existente nessas crenças. O posicionamento dos protestantes em seus locais de culto varia desde o “templocentrismo”, que considera o santuário como lugar dotado de virtudes especiais, até o desinteresse pelos locais religiosos em si mesmos, sendo apenas importantes as atividades neles realizadas. Para Matos (2011c), os templos devem ser considerados espaços importantes, lá as pessoas tiveram experiências profundas com o sagrado. Ainda reitera que dentro da concepção protestante o templo pode ser considerado “santo” no sentido bíblico de “separado do uso comum”.

Outro fato observado através desta pesquisa foi a influência dos cismas, ocorridos na Catedral Anglicana da Santíssima Trindade e na Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, nas relações com os aspectos memoriais. Hoje, a Catedral da Santíssima Trindade tenta reaver o templo e toda a documentação histórica que se encontra sob posse da Igreja Anglicana Carismática. A Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, após a perda do templo e de sua documentação, peregrinou por vários lugares ao longo dos anos. Atualmente está em processo de construção do templo que os membros tanto almejam. As informações aqui expostas podem ser objetos de novas reflexões no âmbito da preservação da memória.

Esta pesquisa, cujo objetivo foi investigar como as igrejas e as instituições protestantes lidam com as próprias memórias, não se esgota aqui. Reflete o cenário no recorte de tempo e local apresentados. Corresponde a um trabalho investigativo inicial que contemplou o universo das igrejas e instituições centenárias na cidade do Recife. Novas pesquisas que abordam outras localidades e denominações protestantes podem ser executadas. O próximo passo é a realização de intervenções nestes ambientes a fim de que as memórias perdurem para o futuro. Neste sentido multidisciplinar, a Ciência da Informação, com os próprios métodos e técnicas,

oferecerá excepcional contribuição.

REFERÊNCIAS

- ABREU, F.H. de. **Do ecumenismo libertador à libertação ecumênica**: uma análise do Centro Ecumênico de Informação e Documentação e Informação (1974-1994). 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3831/1/fabiohenriquedeabreu.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2015.
- ALBUQUERQUE, C.H. Primeira Igreja Presbiteriana do Recife: o início de uma bela história. 2015. Acesso em: 15 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.primeiraigreja.org.br/igreja/historia>>. Acesso em: 20 dez. 2015.
- ALLO MANERO, M.A. Teoría e historia de la conservación y restauración de documentos. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 7, n.1. p.253-295, 1997.
- ALMEIDA, M.G.; FREITAS, M.C.D. **Atores responsáveis pela educação e seus papéis**. Rio de Janeiro: Brasport, 2011.p.54. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Dj00WXxKFUoC&pg=PA53&lpg=PA53&dq=p+i+sheng+criador+dos+tipos+m%C3%B3veis&source=bl&ots=bhgiicdrKL&sig=05zOXaruHeNWGpo48TLBYAA6lbs&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiH5ta8mu_JAhXFW5AKHb3EC_UQ6AEINTAE>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- ALVES, G.O.A. Arte rupestre: o fazer do artista paleolítico. **Mneme**: revista de humanidades, Caicó, v.9, n. 23, p.54-69, nov./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/372/347>>. Acesso em: 23 jun. 2015.
- ALVES, A. J. A revisão da bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. **Cad. Pesquisa**, São Paulo, n. 81, p. 53-60, 1992.
- AMARAL, A.E. 100 anos antes de Gutemberg. **Cadernos BAD**, Lisboa, n.2, p.84-95, 2002. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/11909/1/1000%20anos%20antes%20de%20Gutemberg.pdf>>. Acesso em 30 jun. 2015.
- ANDRADE, Cyntia. Lugar de memória... memórias de um lugar: patrimônio integral de Igatu, Andaraí, BA. **PASOS**, Santa Cruz de Tenerife, n. 3, p. 569-590. 2008. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/6308/PS0308_13.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2016.
- ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**, 9.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ARAÚJO, C.A.A. Correntes teóricas da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.38, n.3, p.98, set/dez 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a13.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

_____. Museologia: correntes teóricas e consolidação científica. **Revista museologia e patrimônio**. Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.31-54, 2012. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/159/199>> Acesso em: 21 jul. 2015.

ARAUJO, E.A.; OLIVEIRA, M.de. A produção do conhecimento e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, M. (coord.) **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 143p.

ARAÚJO, S.B.L.de. Guardiões, memórias e fronteiras: histórias e gestão do Museu do Homem do Nordeste. 2014. 154f. **Dissertação** (Mestrado em Gestão Pública para o desenvolvimento do Nordeste) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal Pernambuco, UFPE, Recife, 2014.

ARISTÓTELES. **Parva Naturalia**. São Paulo: Edipro, 2002. 192p.

ARQUIVÍSTICA. In: CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C.R.O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF : Briquet de Lemos, 2008. 451p.

ARQUIVÍSTICA. In: Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/dicionario_de_terminologia_arquivstica.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2005.

ARQUIVO. In: Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/dicionario_de_terminologia_arquivstica.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2005.

AZEVEDO NETTO, C.X. de. Signo, Sinal, Informação: as relações de construção e transferência de significados, **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.12, n.2, p.1-13, jun./ago.2002.

_____. Informação e memória: as relações na pesquisa. **História em reflexão**, Dourados, v.1, n.2, p.1-20, 2007. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/julho_dez_2007/arquivos/informacao-e-memoria-2013-as-relacoes-na-pesquisa>. Acesso em: 03 jan. 2016.

BÁEZ, F. **História Universal da Destruição dos Livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 512p. Disponível em: <<http://lelivros.red/book/download-historia-universal-da-destruicao-dos-livros-fernando-baez-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BASTOS, G.G. Bibliotecas: uma reflexão história acerca da constituição dessas instituições. **Revista linguasagem**, n.17, p.1-15, 2011. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/art_bastos.php>. Acesso em: 24 jun. 2015.

BATTLES, M. A conturbada história das bibliotecas. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003. 238 p. Disponível em: <<http://docvirt.no-ip.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ArMemBNM&PagFis=65&Pesq=>>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

BECK, Ingrid. O ensino da preservação documental nos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia: perspectivas para formar um novo profissional. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro: 2006.

BELLOTO, H. L. **Arquivística**: objetos, princípios e rumos: São Paulo: Associação de arquivistas de São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/51319150/BELLOTTO-Heloisa-Liberalli-Arquivistica-objetos-principios-e-rumos-Sao-Paulo-Associacao-de-Arquivistas-de-Sao-Paulo-2002#scribd>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Tradução: Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Memória e vida**: textos escolhidos. Tradução: Claudia Berliner. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. – (Tópicos).

BERRY, W.H. **Álbum do Brasil Batista**. Santa Catarina: JPB, 1959.

BIBLIOTECA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222p.

BIBLIOTECA. In: HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986p.

BLACK, A. Information History. **Annual Review of Information Science and Technology**. Arizona, v.40, n.1, p. 441-473. 2006. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/aris.1440400118/abstract>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

BOLAÑOS, María. La memoria del mundo: cien años de museología. Gijón: Ediciones Trea, 2002. 413 p. (Biblioteconomía y administración cultural; 60)

BRASIL. Casa Civil. **Constituição política do império do Brazil, de 25 de março de 1824**. Brasília, D.F, 25 de março de 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm> Acesso em: 19 jun. 2015.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 jun. 2015.

BRASIL. Decreto Nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890. Prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm>. Acesso em: 05 out. 2013.

BRASIL. Decreto n.9.197, de 9 de dezembro de 1911. Aprova o regulamento do Arquivo Nacional. Disponível em: < <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=41697&norma=57427>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

BRASIL. Lei n. 8159, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8159.htm>. Acesso em: 19 jun. 2015.

BRITO, F. **Confecção de embalagens para acondicionamento de documentos**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2010. Disponível em: < <http://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2012/09/Confec%C3%A7%C3%A3o-de-Embalagem-Acondicionamento-de-Documentos-AASP.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

BRITISH library: collection care. Disponível em: < <http://www.bl.uk/aboutus/stratpolprog/collectioncare/>>. Acesso em: 01 ag. 2015.

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento**: De Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

CABRAL, Maria Luísa. **Amanhã é sempre longe demais**: crônicas de preservação & conservação. Lisboa: Gabinete de Estudos a&b, 2002.

CALLARI, Cláudia Regina. **Os Institutos históricos: do patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes**. *Revista Brasileira de História*, v.21, n. 40, 2001, p. 59-82. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000100004 >. Acesso em: 02 jul. 2015.

CAMPOS, T.C.G.de. **O progresso das comunicações diminui a solidão humana**: Uma interpretação histórica das comunicações gráficas e áudio visuais desde a pré-história até o Intelsat. Rio de Janeiro: Lidador, 1970. 81p. Disponível em: < <http://www.theresacatharinacampos.com/O%20progresso%20das%20comunica%C3%A7%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

CASA do restaurador. 2015. Disponível em: <<http://www.casadorestaurador.com.br/loja/>>. Acesso em: 01 fev. 2015.

CASSARES, N.C. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2000. 78p.

CASTRO, A.A.N. A preservação documental no Brasil: notas para uma reflexão histórica. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.23, n.2, p.31-60, jul. /dez 2010.

_____. **Trajetória Histórica da Conservação**: restauração de acervos em papel no Brasil. Juiz de Fora: UFJF, 2013. 332 p.

CENSO 2010. Instituto brasileiro de Geografia e estatística 2013. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 21 jul. 2014.

CENTRO de Estudos Anglicanos: História do Anglicanismo. 2014. Disponível em: < <http://www.centroestudosanglicanos.com.br/portal/quem-somos/historia/anglicanismo.html>>. Acesso em 22 dez. 2015.

CENTRO de Memória Metodista. 2011. Disponível em: <http://portal.metodista.br/fateo/noticias/conheca-o-centro-de-memoria-metodista-da-faculdade-de-teologia>. Acesso em: 21 jul. 2014.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentidos - cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado das Letras; ALB, 2003. p. 35.

CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**: São Paulo: Ática, 2002. p. 147-184.

COLLECTIVEACCESS flexible catalogin. 2015. Disponível em: < <http://www.collectiveaccess.org/#specs> />. Acesso em: 03 fev. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (BRASIL). **NOBRADE**: norma brasileira de descrição arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.125p. Disponível em: < <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/nobrade.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

CORDEIRO, V.D. Influências de Émile Durkheim e Henri Bergson nas tensões teóricas da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs. **Primeiros Estudos**, São Paulo, n.4,p.101-111,2013. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/download/56729/59872>>. Acesso em: 15 out. 2015.

COSTA, C.M.L.; FRAIZ, P.M.V. Acesso à informação nos arquivos brasileiros. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.63-76,1989. Disponível em:< <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2275/1414>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

COSTA, C.O Arquivo Público do Império: o legado absolutista na construção da Nacionalidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.14, n.26, 2000, p.217-231. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2123/1262>>. Acesso em: 2 jul. 2015.

COSTA, Heloisa H. F. Gonçalves da. Atribuição de valor ao patrimônio

material e imaterial. Afinal, com qual patrimônio nos preocupamos? In: CARVALHO, Claudia S. et al. **Um olhar contemporâneo sobre a Preservação do Patrimônio Cultural Material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico nacional, 2008. p. 119-129.

CRUZ, K.J.C. Cultura impressa protestante no oitocentos: um diálogo luso-brasileiro. **Revista Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, n.32, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/?page_id=21>. Acesso em: 23 nov. 2015.

DANIEL-ROPS. **A Igreja das Catedrais e das Cruzadas**. São Paulo: Quadrante, 1993. 720p.

DICKENS, A.G. **The English Reformation**. 2.ed. Pennsylvania: Penn State University Press, 2005. 460p.

DUARTE, Adelaide Manuela da Costa. **O Museu Nacional da Ciência e da Técnica: 1971-1976**. Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra, 2007.392p. Disponível em:< https://www.academia.edu/1389951/O_Museu_Nacional_da_Ciência_e_da_Técnica_1971-1976_>. Acesso em: 16 jun. 2015.

DUNHAM Bible Museum.2015. Disponível em: <<http://www.hbu.edu/About-HBU/The-Campus/Facilities/Morris-Cultural-Arts-Center/Museums/Dunham-Bible-Museum.>> Acesso em: 20 jul. 2015.

DURANTI, L. **Diplomatica**: nuevos usos para una antigua ciencia. Carmona: Asociación de Archiveros de Andalucía, 1995.

ECCLESIA reformata, semper reformanda. 2009. Disponível < em : <http://www.protestantisme-museelarochelle.fr/>>. Acesso em : 19 jul. 2015.

EINSTEIN, Albert. Science, Philosophy and Religion, a symposium. Conference on Science, Philosophy and Religion in Their Relation to the Democratic Way of Life, Inc., New York, 1941. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/ODk5NA/>>. Acesso em: 28 fev. 2015.

ELIAS, Isis Baldini. **Conservação e restauro de obras de arte em suporte de papel**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Arte - ECA-USP, São Paulo, 2002.

EVERY-CLAYTON, JOYCE E. W. **Um grão de Mostarda**: documentando os inícios da igreja evangélica pernambucana 1873-1998. Recife: Igreja Evangélica Pernambucana, 1998. 136 p. 2008.

FAIRCLOTH. **Esboço da História dos Baptistas**. Leireia: Edições Nova Vida, 1959

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. Religião e memória: afirmação da memória institucional da igreja Assembleia de Deus no Brasil. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano V, n. 13, Maio 2012.

FAITANIN, P. A memória segundo Tomás de Aquino. **Aquinate**. Rio de Janeiro, RJ, n.3, p.12, 2006. Disponível em: <http://www.aquinate.net/revista/edicao_atual/Estudos/03/estudo-faitanin-memoria.pdf>. Acesso em: 02 out. 2015.

FEBVRE, L. P. V.; MARTIN, H. **O aparecimento do livro**. São Paulo: UNESP: Hucitec, 1992. 572p.

FERREIRA, L.A. Sobre a indissociabilidade entre tempo e memória em Santo Agostinho. **Ágora Filosófica**. Recife, PE, ano 7, n.1 p. 85, jan./jun. 2007.

FERREIRA, L. Primeira Igreja Batista do Recife: episódios de sua história. Recife: Comunigraf, 2003. 242p.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em Educação Matemática**: percursos teóricos e metodológicos. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.

FLORES, D. ; SANTOS, H. M. Preservação de documentos arquivísticos digitais: reflexões sobre as estratégias de encapsulamento. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 167-180, maio 2015. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/770>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

FRANCO JUNIOR, H. **A idade média: nascimento do ocidente**. 2.ed. São Paulo: brasiliense, 2001. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/veralima/historia_arte/Hilario-Franco-Jr-A-Idade-Media-PDF.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2015.

FRESTON, Paul. Evangélicos e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment. 1993. 303f. **Tese**. (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas - Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas. 1993. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000070022&opt=4>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

GASPAR, A. Museus e centros de ciências: conceituação e proposta de um referencial teórico. 1993. 118f. **Tese**. (Doutorado). Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação, São Paulo, 1993. Disponível em: <<http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/Dissertacoes/gaspar-tese.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

GAUER, G. Memória autobiográfica: qualidades fenomenais da recordação consciente e propriedades atribuídas a eventos pessoais marcantes. **Tese**. (Doutorado em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr.

1995.

GOMES, E.C.de. A escrita na história da humanidade. **Dialógica**, Manaus, v.1, n.3, p.1-17,2007. Disponível em: <
http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Eduardo_Aspectos_da_escrita_na_Historia_da_humanidade.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2015.

GOMES, Neide Aparecida. **O ensino de conservação, preservação e restauração de acervos documentais no Brasil**. 2000. 101 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Javier. **Dos museologias**: las tradiciones anglosajona y mediterránea: diferencias y contactos. Gijón (Asturias): Trea, 2006. 341 p. (Biblioteconomia y administracion cultural; 141). Disponível em: <
http://www.mcu.es/museos/docs/MC/MES/Rev03/Rev03_francisca_hernandez.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2015.

GONÇALVES, A.J.P. **Histórias, tradições e pensamentos batistas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. 208p.

GONDAR, J. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus**, Rio de Janeiro, ano 08, n. 13, 2008. Disponível em: <
<http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

GUEDES, A.C. Reserva Técnica. 2015. Disponível em: <
<http://www.museuhistoriconacional.com.br/>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

GUIMARÃES, J.F.S.; RESENDE, C.V.; BRITO, A.M.P. O conceito de memória na obra Matéria e Memória de Henri Bergson. **Colóquio Internacional**, 6, São Cristóvão – SE, se. 2012. Disponível em: < http://educonse.com.br/2012/eixo_04/PDF/37.pdf>. Acesso em: 02 out. 2015.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice,1990.

HATCHFIELD, Pamela. Choosing materials for museum storage. In: **Rose**, Carolyn L.; Hawks, Catharine A. (Org.). Storage of naturalhistory collections: basic concepts. Pittsburgh, PA: Sociedade pela Preservação de Coleções de História Natural, 1994.

HEREDIA HERRERA, A. **Archivística General**: teoria y práctica. 5.ed.Sevilla; Servicio de Publicaciones de la Diputación de Sevilla. 1991. Disponível em:<
<http://pt.scribd.com/doc/81312961/a-General-Teoria-y-Practica-Antonia-Heredia#scribd>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

HERNANDÉZ, A.R. **Aplicativos de investigación archivística**. Cali: Universidad del valle, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ugR0Hgi84-4C&pg=PA169&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 18 jun. 2015.

HISTÓRIA: 177 anos do primeiro templo da Igreja Anglicana no Recife. **Notícias**

Diocesanas, Recife, 3 jun. 2015. Disponível em: <<http://dar.ieab.org.br/2015/06/03/historia-177-anos-do-primeiro-templo-da-igreja-anglicana-no-recife/>>. Acesso em: 03 jan.. 2016.

HISTÓRIA da igreja Batista no Centro de Memória Teosópolis.2013. In: **Diário Bahia**. Disponível em: <http://www.diariobahia.com.br/noticias/itabuna/4143-historia-da-igreja-batista-no-centro-de-memoria-teosopolis.html>. Acesso em: 21 jul. 2014.

HISTORIA de los museos vaticanos. 2007. Disponível em:http://www.museivaticani.va/4_ES/pages/zInfo/MV_Info_NotizieStoriche.html>. Acesso em: 26 jul. 2015.

ICOM code of ethics for museums. Paris:ICOM, 2013. 17p. Disponível em:<<http://icom.museum/the-vision/code-of-ethics/>>. Acesso em: 15 jun.2015.

ICOM Statutes. Viena: ICOM, 2007. 16p. Disponível em: <<http://icom.museum/the-organisation/icom-statutes/>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

IGREJA de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias. Family Search. 2016. Disponível em: < <http://www.saladeimpresamormon.org.br/artigo/familysearch>>. Acesso em: 06 fev. 2016.

IGREJA Presbiteriana de Areias: história. 2015. Disponível em: < <http://ipa.xpg.uol.com.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

JACOB, C. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (Orgs.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 45-73.

JESUS, H.S.P.J. Os arquivos e descrição arquivística: evolução e normalização. 2011. 75 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Documentais) – Universidade da Beira Interior Artes e Letras, Corvilhã, 2011.

JULIÃO, L. Apontamentos sobre a história do museu. In: **CADERNOS de diretrizes museológicas**. 2.ed.Brasília: MINC, 2006. p.17-30. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/caderno-diretrizes/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2015.

KATZENSTEIN, U. E. **A origem do livro**: da Idade da Pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente. São Paulo: HUCITEC, Brasília: INL, 1986.455p.

KERSTEN, M. S. A.; BONIN, A. A. Para pensar os museus, ou ‘Quem deve controlar a representação do significado dos outros?’. In: **Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n.3, 2007. Rio de Janeiro. Instituto do patrimônio Histórico e artístico Nacional. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/01/Musas3.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. 2009. Disponível em: < http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf> Acesso em: 02 jun. 2015.

KRAEMER KOELLER, G. **Tratado del previsión del papel y de la conservación de bibliotecas y archivos**. 2.ed. Servicio de Publicaciones del Ministério de Educación y Ciencia: Madrid, 1973 p. 573.

KURY, M. G. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 405p.

LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do Cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2006. 296p.

LAURENT, ST. Gilles. Guarda e manuseio de materiais de registro sonoro. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos : Arquivo Nacional, 2001. Disponível em: <<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/media/CPBA%2043%20Reg%20Sonoro.s.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: ARTMED, 2008.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124p.

LE GOFF, J. **A idade Média e o dinheiro**: ensaio de antropologia histórica. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013. 272 p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=EFrkCQAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=a+idade+m%C3%A9dia+e+o+dinheiro&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CB0Q6AEwAGoVChMlmb2M04K1xwIVQQ6QCh2QHQGX>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

_____. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

_____. **Uma entrevista inédita com Jacques Le Goff, morto aos 90 anos**. Entrevista ao Globo por e-mail. 05 abr. 2014. Entrevista a Guilherme Freitas. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/04/05/uma-entrevista-inedita-com-jacques-le-goff-morto-aos-90-anos-529991.asp>>. Acesso em: 17 ago 2015.

LEONEL, J. **História da leitura e protestantismo brasileiro**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010. 192p.

_____. O jornal Imprensa Evangélica e a formação do leitor protestante brasileiro no século XIX. **Protestantismo em revista**, São Leopoldo, v.35, p. 65-81, set./dez.2014. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>>. Acesso em 22 nov. 2015

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra**. Lisboa: Edições 70, 1965.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papyrus, 2013. 336p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=z6NmxUGkl0gC&pg=PA11&dq=o+pensament+o+selvagem&hl=pt->>

BR&sa=X&ved=0CB0Q6AEwAGoVChMI8K36hq2xxwIVg5KQCh3X5wSw>. Acesso em: 17 ago 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2.ed. São Paulo: Ed. 34. 2000.

LEWIS, G. O papel dos museus e o código de ética profissional. In: **Como Gerir um museu: guia prático**. Paris: ICOM, 2004. p.1. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

LIGHT Impressions. The leading resource for archival and presentation supplies. 2016. Disponível em: <<http://www.lightimpressionsdirect.com/>>. Acesso em 02 fev. 2016.
MACARRÓN MIGUEL, A. M. **Historia de la Conservación y la Restauración**. Madri: Tecnos. 1997. p. 13.

MAIRESSE, F.; DESVALLÉS, A. **Brève histoire de la muséologie**: des Inscriptions au Musée virtuel. In: MARIAUX, Pierre. (Org.). L'object de la muséologie. Neuchâtel: Institut de l'art et de muséologie, 2005. p.1-50. Disponível em: <http://www.academia.edu/5844688/Br%C3%A8ve_histoire_de_la_mus%C3%A9ologie_2005>. Acesso em: 16. Jun. 2015.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!**: do espaço de castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MARTÍNEZ JUSTICIA, Maria José. **Historia y teoria de la conservación y restauración artística**. Madri: Tecnos, 2000. p. 42.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro da imprensa e da Biblioteca . 3.ed. São Paulo: Ática, 1998. 519p.

MATOS, A.S. (2011a) Breve História do Protestantismo no Brasil. Goiana. Vox Faifae: **Revista de Teologia da Faculdade FAIFA**, v. 3, n. 1. p. 5, 2011. Disponível em: <<http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfaifae/article/view/27>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

_____. (2011b) Movimento Reformado: Presbiterianismo. 2011. Disponível em:<<http://www.mackenzie.br/7061.html>>. Acesso em: 05 dez. 2015.

_____. (2011c) Os átrios de Senhor: o significado dos templos cristãos na história. 2011. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7103.html>>. Acesso em 14 fev. 20116.

MCGARRY, K. O **Contexto Dinâmico da Informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 206p.

MEMÓRIA. In: SILVA, K.V.; SILVA, M.H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006. 440p.

MENDES, José Amado. **Estudos do patrimônio: museus e educação**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=QWAw0J4gaMkC&pg=PA7&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=2#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 16 jun. 2015.

MENDONÇA, A.G. **O celeste povir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. **Revista USP**, São Paulo, n. 74, p. 160-173, junho/agosto 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/74/12-antoniogouvea.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

MESQUITA, A.N. **História dos Batistas em Pernambuco**. Recife: Tipografia Cab, 1930.

MEY, Eliane Serrão Alves. Bibliotheca Alexandrina. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.1, n.2, p.71-91, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/295/174>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

MICHEL, M.H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 204p.

MILANESI, L. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê editorial, 2002. 116p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=jxD9My-g1xQC&pg=PA21&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q=a%20imprensa&f=false>. Acesso em: 17 ago. 2015.

MIRANDA, S. Museus do Vaticano: Arte sagrada. **Aventuras na história**. São Paulo: Abril, 01 jul. 2003. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/museus-vaticano-arte-sagrada-433391.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

MODES, Luciano. **Igreja Universal do Reino de Deus: identidade, memória e sonhos**. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião), 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista em São Paulo, São Paulo, 2007.

MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E. Ciberespaço, memória e esquecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8, 2007, Bahia, **Anais**. Bahia: ANCIB, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--104.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2015.

MONTOITO, R.; GARNICA, A.V.M. Ecos de Euclides: breves notas sobre a influência d'Os *Elementos* a partir de algumas escolas filosóficas. **Educação Matemática Pesquisa**. São Paulo, v.16, n.1, pp. 95-123, 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/emp/issue/view/1119>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

MORAES, R.B.de. **Bibliographia brasiliana**. São Paulo: EDUSP, 2011. 1232p.

_____. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. 259p.

MORIGI, V.J. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB**, Florianópolis, v.10, n. 2, 2005. Disponível em:< <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

MUSEO: Software de gestão de patrimônio museológico. 2014. Disponível em: < <http://www.keep.pt/museo-software-gestao-de-patrimonio-museologico/>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

MUSEU da Arte Sacra: referência nacional em História e Arte Sacra. 2015. Disponível em: <<http://www.museuartesacra.org.br/pt/museu/museu-da-arte-sacra>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

MUSEU Estatal de História da Religião.Voz da Rússia. 8 jun. 2012. Disponível em : <http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/radio_broadcast/65246989/83479819/>. Acesso em : 23 jul. 2015.

MUSEUM history. 2015. Disponível em :< <http://www.gmir.ru/eng/about/history/>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em:< <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

OBSERVATÓRIO Transdisciplinar das religiões no Recife. Congregacionais. 2009. Disponível em: < http://www.unicap.br/observatorio2/?page_id=167>. Acesso em: 20 dez. 2015.

OGDEN, Sherelyn.et al. **Armazenagem e manuseio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. 41 p. Disponível em:<<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/media/CPBA%201%20a%209%20Armacenamento.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

OLIVEIRA, E.B.;RODRIGUES, G.M. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 311-328, mar. 2011. Diponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/416/298>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

OLIVEIRA, Eliane. O conceito de memória na Ciência da Informação no Brasil: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação. 2010. 192 f. **Tese** (Doutorado). Universidade de Brasília – Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, 2010. Disponível em: < http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7466/1/2010_ElianeBragaOliveira.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2016.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A fascinante história do livro**. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora Ltda, 1987.

OLIVEIRA, Z.; RAMOS, A. **Panorama Batista em Pernambuco**. Recife: DERJEBP, 1964.

OLIVEIRA, Z.M. 108 anos do STBNB: abordagem histórica e desafios do mais antigo seminário batista brasileiro. 2008. Disponível em: <http://www.stbnb.com.br/site/pagina.php?PAG_ID=3>. Acesso em: 03 jul. 2015.

PAES, M. L. **Arquivo**: teoria e prática. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1997. 228p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=852250220X>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

PAUSAS, J.G.; KEELEY, J.E. A burning story: the role off fire in the history of life. **Bioscience**. Oxford, v.59, n.7, jul/ago. 2009, p. 593-601. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1525/bio.2009.59.7.10?mag=importance-fire-human-life#fndtn-full_text_tab_contents>. Acesso em: 01 nov. 2015.

PEREIRA DA COSTA, F. A. **Anais Pernambucanos**, 1834 -1850. Recife: Fundarpe, 1985. v.1, 1493, p. 367. Disponível em: <http://www.liber.ufpe.br/pc2/get.jsp?id=3762&year=1493&page=366&query=1493&action=next>. Acesso em 20 nov. 2015.

PEREIRA, Francisco Bonato. PIB do Recife. 29 jan. 2009. Disponível em: <<http://historiasbatistas.blogspot.com.br/?view=magazine>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

PEREIRA, José dos Reis. **Breve História dos Batistas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Juerp. 1994, 118p.

PINHEIRO, Ana Virginia. **Que é livro raro?**: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989. 71p.

_____. Da sacralidade do pergaminho à essência inteligível do papel. In: DOCTOR, M. **A cultura do papel**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Eva Klabin Rapaport, 1999. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=QM79kmU_bRcC&pg=PA65&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 01 de ago. 2015.

PIRES, C. Antecedentes históricos da escrita. **Newsletter contacto**, Queluz, n.8 p.1-7, 8 abr. 2002.

POLÍTICAS editoriais: foco e escopo. In: **IRIS**: Revista eletrônica do Programa de pós-graduação de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, v.1, n.1, 2012. Disponível em: <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/IRIS/about/editorialPolicies#focusAndScope>>. Acesso em: 29 out. 2015.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

POULOT, D. **Museu e museologia**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013. 160p.

RAMOS ANDRÉ, J.V. **Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil**. Álbum histórico. Recife: STBNB, 2015. 96p.

REALE, Giovanni. **Aristóteles**: Metafísica II texto grego com tradução ao lado. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.

REDE museu UESC 8º primavera dos museus. 2014. Disponível em: <http://www.uesc.br/centros/cedoc_8primaveramuseus_programacao.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

REIS, LUÍZ. O arquivo e arquivística: evolução histórica. **Biblios**, Lima, v.7, n.24, abr./jun.2006, p.1-10. Disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2152131>>. Acesso em: 27 ju. 2015.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888)**: aspectos culturais da aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo : Pioneira, 1973. 179 p. (Biblioteca Pioneira de Estudos Brasileiras).

RIBEIRO, Fernanda. **Arquivos - Memória - História**: algumas notas para reflexão. In: Os Arquivos do Vinho em Gaia e Porto Livro de Actas. Porto: CEPESE, 2001, p. 20-21. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/20306/2/revpopsoc92002fribeiro000084784.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. 245 p.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para a validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112p.

ROUSSEAU, Jean-Yves, COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina Arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

ROUVEYRE, E. **Dos livros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. 96p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=_TALF2TAuK8C&pg=PA5&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 01 ago. 2015.

SAENGER, Paul. A leitura nos séculos finais da Idade Média. In: CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**: I. São Paulo: Ática, 2002. p. 147-184.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**: livros VII, X e XI. Lisboa: IN-CM, 2001. 129p. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_confessiones_livros_vii_x_xi.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2015.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. Caracterização da pesquisa. In:_____. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 25-31.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 144p.

SANTOS, C.J.O. **Os arquivos das primeiras prelazias e dioceses brasileiras no contexto da legislação e práticas arquivísticas da igreja católica**. 2005. 237f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação e Documentação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em:<<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/2228#>> Acesso em: 19 jun. 2015.

SANTOS, J.H. A Igreja cristã reformada e os judeus no brasil holandês. 2006. 110f. **Dissertação (Mestrado em História Social)** – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, J.M. Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.6, n.1, p. 50-61, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/132>>. Acesso em: 20 out. 2015.

SANTOS, J.M. O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v.8, n.2, p. 175-189, jul./dez. 2012. Disponível em:<<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

SANTOS, João Marcos Leitão. A Ordem Social em Crise. A inserção do protestantismo em Pernambuco 1869-1891. 2008. 393f. **Tese**. (Doutorado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2008.

SANTOS, Ricardo Jaekel dos. **Estratégias para Iluminação dos Bens Culturais e os Dilemas do Conservador-Restaurador**: a Conciliação entre a Visualização e a Preservação. 2011, 61 f. Trabalho apresentado ao Curso Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis (Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis)- Universidade Federal de Pelotas, 2011. Disponível em: <<https://conservacaoerestauo.files.wordpress.com/2013/05/tcc-ricardo.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil Holandês**. Recife: FUNDARPE, 2004.

SCHELLENBERG, T. R. Arquivos modernos. Princípios e técnicas. Rio de Janeiro: FGV, 1973. 345p.

SCHMIDT, C. M. S. Arquivologia e a construção do seu objeto científico, concepções, trajetórias, contextualizações. 2012. 320f. **Tese** (Doutorado). Universidade de São Paulo - Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação – Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-02072013-170328/pt-br.php>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo, Companhia das Letras, 2005. 287p.

SEGAL, S. Feira Literária Cristã e mercado editorial religioso crescem no Brasil. **Digital PUC Campinas**, Campinas, 5 maio 2013. Disponível em: <<https://digitaispuccampinas.wordpress.com/2013/05/05/feira-literaria-crista-e-mercado-editorial-religioso-crescem-no-brasil/>>. Acesso em 29 out. 2015.

SEMINÁRIO Teológico Presbiteriano do Norte. 2015. Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/educacao/seminario-teologico-presbiteriano-do-norte>>. Acesso em: 15 dez.2015.

SHURKIN, J.N. Geneticists Estimate Publication Date Of The 'Iliad'. Inside Science News Service, New York, 26 febr. 2013. Disponível em: <http://www.livescience.com/27482-geneticists-estimate-publication-date-of-the-iliad.html>. Acesso em: 25 jun. 2015.

SILVA, Armando Malheiro; RIBEIRO, Fernanda; RAMOS, Júlio; REAL, Manuel Luís. **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Afrontamento, 1999. 253p.

SILVA, Armando Malheiro. **A informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico. Porto: Edições afrontamentos, 2006. Disponível em: <<http://ancacid.yolasite.com/resources/Silva,%20Armando%20Malheiro%20da.%20A%20Informa%C3%A7%C3%A3o-%20Da%20compreens%C3%A3o%20do%20fen%C3%B3meno%20e%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20objecto%20cientifico.pdf>>. Acesso em: 01 jan. 2016.

SILVA, E. da. (1998a) Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia.1998. 405f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: laboratório de ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Marcio de Assumpção Pereira da. **Memória e fotografia**: um estudo sobre informação visual em São Carlos. Informação e Sociedade: estudos, João Pessoa, v.10, n.1, 2000.

SILVA, S.C.A. (1998b) Políticas Públicas de preservação e o acesso à informação: o plano nacional de microfilmagem de periódicos brasileiros. 1998. **Dissertação** (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro,

1998.

SILVEIRA, F.J.N. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.15, n.3, p.67-86, set./dez 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362010000300005>. Acesso em: 28 out. 2015.

SITES para museus. 2014. Disponível em: < http://www.pergamum.pucpr.br/redepergamum/exclusividade_meupergamum.php?ind=7>. Acesso em: 03 fev. 2016.

SOARES, F.S.M. et al. **A Biblioteca Pública da Bahia**: dois séculos de história. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011. 204p. Disponível em: <<http://200.187.16.144:8080/jspui/bitstream/bv2julho/356/1/Historia%20da%20biblioteca%20publica%20na%20bahia.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2015.

SOUZA, Amanda. Tour gratuito destaca roteiro protestante no Recife. *Jornal do Commercio*, Recife, 15 jan. 2014. Disponível em: < <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/suplementos/turismo/noticia/2014/01/15/tour-gratuito-destaca-roteiro-protestante-no-recife-113392.php>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

SOUZA, B.O. **Uma Perspectiva Histórica sobre Construções de Identidades Religiosas**: A Assembleia de Deus em Imperatriz-MA (1986-2009). 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

SOUZA, J.R. Seminário Presbiteriano do Norte (SPN): mais de 100 anos de um passado presente. 2015. Disponível em: < http://spn.br/?page_id=6436>. Acesso em: 20 dez. 2015.

SOUZA, Lidiane Ribeiro de. A influência do protestantismo no desenvolvimento da alfabetização e leitura no ocidente moderno. Projeto Licenciar 2006, Universidade Federal do Paraná. Disponível em:< https://www.academia.edu/4282961/alfabetiza_o_e_leitura_na_reforma_protestante_2>. Acesso em: 20 out. 2015.

SOUZA, S. L. Pensamento sobre ação social no protestantismo brasileiro. **Ciências da Religião – História e Sociedade**, São Paulo, v.9, n.1, 2011. Disponível em: < <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/3299>>. Acesso em 08 fev. 2016.

SPINELLI JÚNIOR, J. **A conservação de acervos bibliográficos & documentais**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997. 92p. Disponível em: <<http://consorcio.bn.br/consorcio/manuais/manualconservacao/manualjame.pdf>> f p.12>. Acesso em: 28 jun. 2015.

TANODI, A. **Manual de arquivologia hispanoamericana**: teorias y princípios. Córdoba: Editora Brujas, 2009.

TANUS, G.F.S.C. Arquivos, bibliotecas e museus: várias histórias. **Biblos**. Rio Grande, v. 28, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2014. Disponível em:<

<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/3784>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

TARGINO, L. P. S. ; HORA S. R. A. A evolução do arquivo e da arquivologia na perspectiva da história 2010. Webartigos. 26 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-evolucao-do-arquivo-e-da-arquivologia-na-perspectiva-da-historia/33326/>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

TEIXEIRA, L. C.; GHIZONI, V.R. **Conservação preventiva de acervos**. Florianópolis: FCC, 2012. Disponível em: <http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/arquivosSGC/DOWN_151904Conservacao_Preventiva_1.pdf>. Acesso em: 03 jan.. 2016.

TOGNOLI, N.B.; GUIMARÃES, J.A.C. A organização do conhecimento arquivístico: perspectivas de renovação a partir de abordagens científicas canadenses. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n.1, p. 21-44, jan./ mar., 2011. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1084>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

TOMÁS DE AQUINO. **Sentencia De sensu De Memoria. tr. 2 l. 2 n. 8.** 2005. Disponível em: <<http://docteurangelique.free.fr/bibliotheque/philosophie/Commentairedulivredessensetdessensations.htm>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teología**, Parte II-II, q.49, art.1. 2012. Disponível em: <<http://hjg.com.ar/sumat/c/c49.html>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

UIECB. História: origem do congregacionalismo. 2009. Disponível em: <<http://congregacional34.com.br/historia>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

UNESCO. **Guidelines for the preservation of digital heritage**. Australia: European Commission on Preservation and Access, 2003. 177p. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/resources/publications-and-communication-materials/publications/full-list/guidelines-for-the-preservation-of-digital-heritage/>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

VASCONCELOS, M.R. A gênese da editoração protestante no brasil: o circuito de difusão das publicações (1830-1920). **CLIO REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA**, Recife, n. 30.2, 29p. 2012. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/view/243>>. Acesso em: 25 out. 2015.

VASCONCELOS, M. R. de. Impressos e cultura protestante: a edição de textos didáticos religiosos (1830-1920). **Revista de Teologia e Ciências da Religião**. Recife, v.4, n.1, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/442>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

VEDDER, H.C. **Breve história dos baptistas**. Recife: Faculdade teológica Batista do Recife, 1934.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. Das fontes do passado à memória em construção. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 5, n.1.p.1-14, 2012. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/78>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. Valor de uma biblioteca. **Jornal do Commercio**, Recife, p.10, 24 maio 2013.

VIALOU, D. Territories et cultures préhistoriques: fonctions identitaires de l'art rupestre. In: Kern, A.A. (org). **Sociedades Íbero-Americanas: reflexões e pesquisas recentes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.381-396, 2000.

VIANA, A.P.S.; OLIVEIRA, T. **Universidade medieval no século XIII: um estudo de sua origem por meio da historiografia**. 2011. V Encontro de Pesquisa em Educação, Maringá, 2011. Disponível em: <http://www.crc.uem.br/pedagogia/documentos/arquivos_enped/viana_ana_paula.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2015.

VIEIRA, A. Obras completas do padre Antonio Vieira. Porto: Artes gráficas, 1993. v.1. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=37347>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

_____.Obras completas do padre Antonio Vieira: Porto Artes Gráficas, 1993. v.4. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000033pdf.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

VIEIRA, L.R. Percurso e percalços do papel: uma história de evolução e problemáticas de um meio de comunicação. **Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação**, Olinda, v. 3, n.1, 2011.Disponível em: <<http://www.restaurabr.org/siterestaurabr/revistaarcvol03.html>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

VIRAÇÃO, F. J. S. **Por uma História do Protestantismo no Brasil: Breve ensaio historiográfico**. In: XIV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2014, LIMOIEIRO DO NORTE. A Historiografia contemporânea e seu caráter libertário - As contribuições de MARC BLOCH, 2014. Disponível em: <<http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos.html>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

WEBB, Collin. **The role of preservation and the library of the future**. National Library of Australia. 2000. Disponível em: <<http://www.nla.gov.au/ojs/index.php/nlasp/article/viewArticle/1341/1625>>. Acesso em: 01 ago 2015.

WEBER, Max. **A etica protestante e o espirito do capitalismo**. 14.ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.

YASSUDA, S. N. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento**

descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. 123f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista. Marília, 2009. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2016.

YATES, Frances A. **El arte de la memoria**. Spain: Siruela, 2005. Disponível em:<http://monoskop.org/images/7/74/Yates_Frances_A_El_arte_de_la_memoria.pdf>. Acesso em: 03 out. 2015.

ZENY, D. **A conservação e a restauração de documentos na era pós - custodial**. Bahia: EDUFBA, 2014. 283p.

ZÜÑIGA, S. S. G. de. **Documentos como objetos de políticas públicas em preservação e o acesso à informação: o caso das bibliotecas e arquivos**. 2005.146f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005

APÊNDICE I

METODOLOGIA PARA OS RESULTADOS DA PESQUISA

Grade de observação:

NATUREZA CONTEXTUAL	REGISTRO DE OBSERVAÇÃO
Existência de Lugares de Memória	Diário de Bordo
Ações para Preservação da Memória nos locais	
Organização dos Lugares de Memória	
Descrição dos acervos visualizados	
Pessoal qualificado para a gestão dos acervos	

Notas de Planejamento para observação direta:

- Observar a existência ou não de locais de memória: Bibliotecas, Museus e arquivos, observar a infraestrutura dos locais.
- Observar os seguintes aspectos referentes à preservação da memória:
Verificar se documentos estão bem armazenados: abrigados longe da luz, umidade, poluição atmosférica; higienização do acervo; circulação do ar nas salas, limpeza do ambiente, existência de Laboratórios de conservação; restauro e digitalização de documentos; instrumentos de controle de temperatura e umidade, manuseio dos documentos e segurança do acervo.
- Observar se existem instrumentos de organização documental e se são utilizados nos acervos.
- Observar quais os tipos de documentos presentes nestes locais.
- Verificar a existência de pessoal qualificado para a gestão dos acervos.
- Verificar se os equipamentos utilizados para registrar os fatos estão em perfeito funcionamento, (máquina fotográfica, aparelho celular).

Categorias e Subcategorias de análise:

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	ANÁLISE
------------	----------------	---------

CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE

LUGARES DE MEMÓRIA	EXISTÊNCIA DE LUGARES DE MEMÓRIA	
	AÇÕES PARA VISUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA	

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA	AÇÕES DE PRESERVAÇÃO	
	REPROGRAFIA(CÓPIAS)	
	ENCADERNAÇÃO	
	RESTAURAÇÃO	
	ARMAZENAMENTO ADEQUADO	
	CONTROLE DE PRAGAS	
	HIGIENIZAÇÃO	
	PLANO DE PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIOS OU DESASTRES	
	DIGITALIZAÇÃO	

ATIVIDADES DE ORGANIZAÇÃO	PANORAMA DA ORGANIZAÇÃO DOCUMETAL	
	MANUAIS DE ORGANIZAÇÃO	
	CLASSIFICAÇÃO	
	CATALOGAÇÃO	
	INDEXAÇÃO	
	SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	

DESCRIÇÃO DOS ACERVOS	TIPOS DE DOCUMENTOS	
	ARQUIVO PERMANENTE	
	ACESSIBILIDADE	
	ÁREA DOCUMENTAL	
	INSTRUMENTOS PARA PESQUISA	
	DATA MAIS ANTIGA	

	DATA MAIS RECENTE	
	NATUREZA DO ACERVO	
	HISTÓRICO	

APÊNDICE II

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

I Existência de Lugares de Memória

- a) Vocês possuem arquivo, biblioteca, museu ou algum outro local de memória?
- b) Vocês desenvolvem ações de divulgação, eventos, exposições com o intuito de promover a visualização da memória da Igreja ou Instituição?

II Ações para a preservação da memória desenvolvidas nesses locais

- a) São realizadas ações para preservar os documentos existentes?
- b) São tiradas cópias dos documentos existentes, com o objetivo de preservar os originais?
- c) São realizadas atividades de encadernação, para garantir que páginas avulsas com algum conteúdo em comum não se percam?
- d) São realizadas atividades de restauração de documentos que estão em estado de degradação, ou danificados?
- e) Os documentos estão abrigados longe da luz, umidade, poluição atmosférica?
- f) Vocês realizam controle de pragas?
- g) Os documentos são higienizados?
- h) Existe algum programa de proteção contra incêndios ou desastres?
- i) Vocês realizam atividades de digitalização de documentos, para preservar os originais e facilitar o acesso?

III Atividades de Organização desenvolvidas

- a) Como os documentos estão organizados?
- b) Vocês possuem manuais para auxiliar na organização dos documentos existentes?
- c) Os documentos são organizados por título, assunto, data ou gênero textual?
- d) São realizadas atividades de classificação, catalogação, indexação nos documentos existentes?
- e) Utilizam algum sistema de informações, para organizar e permitir a localização dos documentos existentes?

IV Descrição dos Acervos.

- a) Quais são os tipos de documentos existentes ?
- b) Mantém arquivo permanente?

- c) São abertos para consulta pública?
- d) Os documentos são de alguma área específica?
- e) Possuem instrumentos para a pesquisa, em papel ou digital?
- f) Qual a mais antiga contida no acervo?
- g) Qual a data mais recente?
- h) Qual a natureza do acervo? Textual, Iconográfico, sonoro, imagem em movimento ou cartográfico?
- i) Você poderia fazer um breve histórico do acervo?

APÊNDICE III

ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM A BIBLIOTECÁRIA JAYLINE STANFFORD DO SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL

Vocês possuem arquivos, bibliotecas, museus ou algum local de memória? Sei que existe o arquivo da biblioteca, mas você tem o conhecimento se possui algum arquivo, museu em algum outro local do seminário?

Nós temos a biblioteca com acervo de mais de 50 mil livros e também no ano de 2015 começou a ser organizado um museu com peças da convenção Batista de Pernambuco e também parte da história do Seminário Batista de Pernambuco, aí nós temos esses documentos aqui, inclusive esse arquivo que você acabou de perguntar a gente tá organizando então vão ser levantadas algumas informações do que nós temos para poder fazer essa organização do arquivo histórico.

Vocês desenvolvem ações de divulgação, eventos, exposições, com o intuito de promover a visualização da memória da instituição?

No momento ainda não disponibilizamos ações de eventos, de exposições, ainda não temos isso. O que nós temos é um boletim informativo que sai toda semana e caso a biblioteca queira apresentar alguma novidade, alguma informação, a gente passa um email para a direção e já coloca no boletim e divulga isso toda semana, então a única coisa que nós temos no momento é isso, mas em 2016 vamos pensar em novas propostas de melhorias com relação a você divulgar, expor alguns documentos. Então, em 2016, isso pretende mudar.

Com relação as ações para preservação das memórias, são realizadas ações para preservar os documentos existentes?

Não, não temos nada em relação a isso. Nenhuma ação ainda foi pensada no momento.

São tiradas cópias de documentos existentes com objetivo de preservar os originais?

Também não.

São realizadas atividades de encadernação para garantir que páginas avulsas ou algum conteúdo como um todo não se percam?

Não, também não, mas antigamente a gente tinha um setor específico de encadernação, mas hoje devido a recursos, foi cortado.

São realizadas atividades de restauração de documentos que estão em estado de degradação ou danificados?

Não.

Os documentos estão abrigados longe da luz, da umidade e da poluição atmosférica?

Bom... o acervo dos livros estão abrigados sim em boas condições, com temperaturas adequadas e umidade, mas o acervo que estamos querendo organizar com relação a memória histórica ainda precisa ser vista toda essa questão de temperatura, umidade, pra ver toda essa questão de armazenamento e também possivelmente a preservação disso aí, mas que ainda vai ser feito.

Vocês realizam controles de pragas?

Não.

Tem dedetização ou alguma ação nesse sentido?

Tem, mas não é aquela coisa frequente, só em casos extremos. Recentemente a gente teve lá por trás um foco de cupim e aí a gente solicitou que fosse feito.

Os documentos são higienizados?

Não, a gente não faz isso.

Existe algum programa de proteção contra incêndios ou desastres?

No momento está sendo feito um projeto que já está em processo para ser implantado na biblioteca e também no seminário como um todo e está em processo também.

Mas tem extintor?

Tem!

Vocês realizam atividades de digitalização de documentos para preservar os originais e facilitar o acesso?

Não, a gente não tem isso, mas estamos com um projeto para digitalizar alguns documentos em parceria com o LIBER na UFPE. Mas esse projeto não é de minha autoria, inclusive acho que você conhece a Micheline, ela teve aqui, ela mora no Paiva e aí ela tá montando esse projeto, estou auxiliando como eu posso para os documentos que forem levantados serem digitalizados lá.

Com relação às atividades de organização devolvidas, como os documentos daqui estão organizados?

Os livros são organizados nas estantes por número de chamada, esses números de chamada correspondem ao assunto, no caso, a gente utiliza a escala de classificação decimal universal e aí você tem a autoria e o título do material. Esse é o sistema de classificação.

Com relação ao arquivo, você saberia dizer algo sobre a organização do arquivo?

Você fala do arquivo de livros? Não, ainda estão sendo levantados. A ideia é organizar isso aí, a ideia já foi posta

Vocês possuem manuais para auxiliar na organização dos documentos existentes?

Não temos!

O ACR2 nós temos aqui, mas manual em si de funcionamento, não.

Os documentos são organizados por título, assunto, data ou gênero textual?

Sim, sim, isso mesmo!

São realizadas atividades de classificação, catalogação, indexação dos documentos existentes?

Sim, isso tudo é feito aqui, a gente passa e coloca num sistema que está sendo desenvolvido agora nesse ano de 2015.

Vocês utilizam algum sistema de informação para organizar e permitir a localização dos documentos existentes?

Atualmente, dando esse enfoque maior não, porque antigamente como você viu aqui quando você entrou eram fichários e a gente está tentando deixar isso aos poucos e migrar para o sistema, tá sendo utilizado o sistema NS acadêmico que foi desenvolvido aqui pelo pessoal da informática.

Pelo próprio seminário?

Sim, aqui no seminário.

Vamos para a etapa da descrição dos acervos, quais são os tipos de documentos existentes aqui no seminário?

Olha, nós temos os documentos que vão de acordo com a classificação decimal universal que vai da classe zero que é generalidades até a classe 9, história. Temos um acervo bastante diversificado e com relação ao arquivo, como eu falei vai fazer todo um levantamento de todas as informações, de todos os documentos que nós temos, aí sim para poder organizar.

Mantém algum arquivo permanente?

Não.

São abertos para consulta pública?

O acervo é aberto, alunos, visitantes podem vir à vontade utilizar os livros, mas para consulta local mesmo, utilizam o espaço para pegar os livros e utilizar localmente.

Os documentos são de alguma área específica?

Como aqui a gente tem os cursos de extensão na área de teologia e música, essas são as áreas predominantes, mas nós temos documentos como eu te falei, de aspectos gerais.

Possuem documentos para pesquisa em papel ou digital?

Como eu falei anteriormente, a gente está migrando dessa questão dos fichários, ainda fazemos o empréstimo de forma manual, com ficha normalmente, a gente vai migrar ainda para esse sistema para ser utilizado em qualquer parte, não só local na biblioteca.

Disponibilizar na internet.

Isso!

Qual a data mais antiga contida no acervo?

Olha, a gente tem uma obra de 1754 que até o título é memórias de histórias militares e política na Europa, é um livro que fala do divórcio de Catarina de Aragão e Henrique oitavo, então essa é a obra mais antiga, mas talvez tenha outras depois que fizer o levantamento do arquivo.

A data mais recente?

2015

O seminário publica alguma revista, algum livro?

Não. Agora, assim, nós temos professores que tem periódicos, que publicam em revistas, então a gente recebe, são obras na área de música que os professores passam pra gente, obras que foram compradas recentemente na área de teologia, música, hinos para pianos e tudo mais.

A natureza do acervo é textual, iconográfica, sonora, imagem em movimento ou cartográfica?

Nós temos os documentos textuais, sonoros, nós temos os discos, mais de 2000 discos, isso nos estilos de MPB até da área de seminário mesmo que foram desenvolvidas no próprio seminário, cd também nós temos de vários estilos

musicais.

Você tem vídeos?

Vídeos não!

Cartográficos, Mapas?

Não, também não!

Você poderia fazer um breve histórico do acervo?

A data de criação dessa biblioteca é indeterminada, mas o mais provável é que se tenha iniciado quando começaram as aulas de teologia em 1902, compostas pelos livros de seus professores que em vista do material evangélico teológico da época emprestavam seus livros aos alunos. Em um relatório do seminário disse que a biblioteca recebeu cerca de 400 volumes em 1917 e em 1918 tem se ainda as doações, mas não tinha nada nesses relatórios. Por volta de 1941 dois missionários foram convidados a ajudar nas áreas de finanças da biblioteca e a partir disso a biblioteca foi crescendo e melhorando cada vez mais. Hoje os desafios ainda são muitos, mas os que fazem o seminário, essa instituição, os professores, funcionários e alunos vêm cumprindo o propósito de atingir nossos objetivos e com a modernização que foi feita e realizada no ano de 2015, não só na biblioteca mas no seminário como um todo, a biblioteca vem adotando medidas que visam o aperfeiçoamento e a melhoria da qualidade do acervo e do ambiente, e esse ano realmente tivemos novos espaços que foram melhorados em vista do que tava antes e a gente vem lutando cada vez mais para a melhora como um todo.

ENTREVISTA COM A BIBLIOTECÁRIA ANDRÉA SILVA DO SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO NORTE DO BRASIL

Sobre a existência de lugares de memória, vocês possuem arquivo, biblioteca, museu ou algum outro local de memória aqui no Seminário Presbiteriano do Norte?

O Seminário Presbiteriano do Norte (SPN) possui um (1) arquivo institucional (Guarda de documentos da Administração e dos alunos pertencentes ao Seminário). Também possui um (1) museu (Fundação Martinho Lutero) e uma biblioteca (Biblioteca Alexander Reese).

Existem ações de divulgação, eventos, exposições com o intuito de promover a

visualização da memória da Igreja ou Instituição?

Alguns eventos são realizados aqui no Seminário, como a realização de palestras, lançamento de livros e reuniões da Igreja Presbiteriana. Esses eventos consequentemente atraem visitantes tanto para a biblioteca quanto para o Museu, mas não são realizados com o objetivo principal de promover essa visualização da memória da instituição, porém isso acaba acontecendo. Recebemos sempre muitas visitas e consulta ao acervo.

São realizadas ações para preservar os documentos existentes?

Encaminhamos alguns documentos (jornais) para o LIBER da UFPE, justamente para que estes possam ser digitalizados e consultados diretamente no computador. Os pesquisadores tinham livre acesso ao acervo e o contato direto com os jornais e atas estava degradando ainda mais os mesmos. Então essa parceria com a UFPE está sendo valiosa nesse sentido de preservar a documentação rara presente no Seminário. Há certo tempo atrás, em se tratando dos livros, o SPN destinava uma verba para restauro e encadernação dos que estavam em estado de degradação. Entretanto, essa ação foi suspensa e existem muitos livros necessitando de uma intervenção. É importante salientar que os recursos financeiros é uma limitação para a concretização de certas ações aqui no Seminário, assim como os recursos humanos, tendo em vista que para a toda estrutura da biblioteca e museu só existe uma funcionária responsável, no caso eu que sou a bibliotecária há pouco tempo.

São tiradas cópias dos documentos existentes com o objetivo de preservar os originais?

Não, o que tem acontecido é justamente esse processo de digitalização para preservação dos originais.

São realizadas atividades de encadernação para garantir que páginas avulsas com algum conteúdo em comum não se percam?

Como mencionei anteriormente, essa ação acontecia. No momento está suspensa.

São realizadas atividades de restauração de documentos que estão em estado de degradação, ou danificados?

Essa atividade acontecia. No momento não está acontecendo. É importante frisar que temos um acervo de mais de 21.000 livros, além dos jornais, atas, periódicos e monografias constantes no acervo. A falta de pessoal para trabalhar na biblioteca, e da área de biblioteconomia para fornecer o suporte

necessário ao profissional bibliotecário inviabiliza ainda mais a realização desta atividade. É uma profissional para organizar acervo, catalogar, classificar, atender alunos e realizar as vastas atividades inerentes a uma biblioteca, pois tem bolsista, mas só atua na biblioteca na parte da tarde e não é da área de biblioteconomia, é aluno do curso de Teologia;

Os documentos estão abrigados longe da luz, da umidade e da poluição atmosférica?

Não, não há uma estrutura física devidamente adequada para comportar a documentação existente. Os mobiliários e equipamentos, por exemplo, necessitam ser trocados para melhor guarda dos materiais.

Vocês realizam controle de pragas?

É realizada a ação de dedetização do ambiente.

Os documentos são higienizados?

Esporadicamente o acervo de livros passa por uma limpeza, porém de modo superficial, justamente por causa da grande quantidade para pouco pessoal.

Existe algum programa de proteção contra incêndios ou desastres?

Não. Nas dependências da biblioteca existe extintor de incêndio, apenas isto.

Vocês realizam atividades de digitalização de documentos, para preservar os originais e facilitar o acesso?

O que está sendo digitalizado está sendo em parceria com a UFPE

Sobre as atividades de organização desenvolvidas, como os documentos estão organizados?

Os livros estão organizados a partir da Classification of the library of union theological seminary New York, um Sistema de classificação específico para a área de Teologia e se assemelha a Classificação Decimal de Dewey (CDD).

Vocês possuem manuais para auxiliar na organização dos documentos existentes?

A biblioteca possui o manual de procedimento para funcionários.

Os documentos são organizados por título, assunto, data ou gênero textual?

Em se tratando do museu, os documentos estão por ordem de data. Em se tratando da biblioteca, está classificada por assunto.

São realizadas atividades de classificação, catalogação, indexação nos documentos existentes?

Sim, esses procedimentos são realizados.

Utilizam algum sistema de informações para organizar e permitir a localização dos documentos existentes?

O sistema que utilizamos é o “Biblio Manager” um sistema simples que foi desenvolvido por um professor chamado Josimar, que leciona aqui no Seminário.

Quais são os tipos de documentos existentes?

Livros, jornais, atas, revistas e uma pequena quantidade de mapas.

Mantém arquivo permanente?

Não

São abertos para consulta pública?

Sim

Os documentos são de alguma área específica?

São específicos da área de Teologia.

Possuem instrumentos para a pesquisa em papel ou digital?

O instrumento de pesquisa existente é o sistema mesmo. Mas existe uma necessidade de elaboração de um catálogo para o Museu, mas esta atividade já se encontra no planejamento de atividades da biblioteca e museu.

Qual a obra mais antiga contida no acervo?

1800

Qual a data mais recente?

2016

Qual a natureza do acervo? Textual, Iconográfico, sonoro, imagem em movimento ou cartográfico?

Textual, iconográfico e cartográfico

Você poderia fazer um breve histórico do acervo?

A Biblioteca Alexander Reese, do Seminário Presbiteriano do Norte, começou a tomar forma como Biblioteca organizada, quando por volta de 1955, o Pastor e missionário Hershey Julien, então Professor do SPN, iniciaram o processo de catalogação e classificação dos livros existentes naquela época. Com o regresso definitivo do Rev. Julien para os Estados Unidos assumiu o posto a Bibliotecária, com tempo integral, Catherine Varhoug. Durante 6 (seis anos) esta esteve à frente dos trabalhos da Biblioteca.

Em 1963, foi aberto, para uso público o fichário de consulta. O nome de nossa Biblioteca foi dado em homenagem ao Dr. Alexander Reese, que serviu como missionário no Brasil por longos anos. Foi Professor do SPN e ocupou o cargo de Reitor por algum tempo. Possuía uma Biblioteca particular com um grande

acervo, que doou ao SPN ao ser jubilado.

Temos no nosso acervo mais de 21.000 títulos de livros, catalogados, classificados e registrados. Temos também mais de 3.864 títulos de periódicos. Anualmente a Biblioteca do SPN, é enriquecida com uma média de 300 livros novos adquiridos por Igrejas Presbiterianas, Editoras Evangélicas, Professores do SPN e aquisições do próprio SPN. Também temos 2999 periódicos e 293 monografias de alunos. A área física da Biblioteca atualmente é de um total de 250m². A sala de leitura conta com 26m² e a sala de estudo em grupo com 25m². Funciona diariamente, de segunda a sexta, das 07:00 às 22hs, e conta no momento com um bolsista na parte da tarde (aluno), exceto nas férias, e uma bibliotecária.

ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOSÉ ROBERTO DE SOUZA DO SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO NORTE DO BRASIL

A nossa primeira pergunta é relacionada à existência de lugares de memórias. Gostaria que o senhor se apresentasse e falasse um pouco sobre a instituição.

Bem, eu sou professor, o reverendo José Roberto de Souza, sou pastor presbiteriano, hoje estou pastoreando a igreja presbiteriana no Ibura que fica Na UR1 e sou professor aqui no Seminário Presbiteriano, esse ano se Deus permitir vai fazer 10 anos. Leciono disciplinas relacionadas a história da igreja do Brasil, história da igreja presbiteriana, história da igreja de forma geral.

Com relação à existência de lugares de memórias, vocês possuem arquivos, bibliotecas, museus ou algum outro local de memória?

A igreja presbiteriana no Brasil recentemente fez aniversário no dia 12 de agosto e ela começou seu trabalho aqui através de um missionário chamado Ashbel Green Simonton, norte americano, que chegou aqui no dia 12 de agosto 1859. Então é uma igreja que tem uma história muito bem interessante pra ser contada, mas assim, é lamentável que mesmo que nós sejamos um grupo protestante que prezamos pela memória da igreja, em relação, por exemplo, a nossa igreja tem o hábito de ter livros atas, então a reunião de conselho da igreja, das sociedades internas era pra ter tudo isso registrado, então é uma igreja que tem essa memória, mas infelizmente é uma igreja que não tem

cuidado tanto quando deveria dessa memória. Nós, por exemplo, temos aqui no seminário presbiteriano do norte, não diria um museu, mas nós temos aqui um arquivo, uma fundação que tem guardado materiais importantes, mas infelizmente não estão tão bem adequados quanto deveriam, mas também se torna compreensível mas não justifica porque acaba dando atenção e valor a isso quem é da área de história na verdade, a sua área é um exemplo, é um material geralmente em papel, jornais, alguns livros antigos que não cuidando, a grande probabilidade é que com o tempo se desgaste e se perca, nós temos material que poderia ser mais bem aproveitado em relação a sua preservação. A fundação na realidade seria uma fundação simples, não chegaria a ser um museu, na realidade essa fundação foi até 10 anos ou um pouco mais do que isso, ela já teve até mais materiais, materiais que com o tempo acabaram sumindo. Hoje tem uma sala específica que fica trancada que a bibliotecária tem tido esse cuidado, mas por ter sido aberta durante um bom tempo foi sumindo, então pessoas vinham, às vezes pegava um material para uma consulta ou coisa do tipo depois a gente não sabia com quem se encontrava.

Vocês desenvolvem ações de divulgação, eventos, exposições, com o intuito de promover a visualização da memória da igreja da instituição? Em outras igrejas, por exemplo, tem o dia em que se comemora o aniversário da igreja, vocês realizam alguma ação nesse sentido?

Veja bem, como te falei, né? Dia 12 de agosto geralmente, que é a data de chegada do primeiro missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton, então essa data geralmente quando acontece ela é comemorada no Brasil inteiro, então a maioria das igrejas presbiterianas através dos seus sínodos, presbitérios, faz eventos que tentam reunir um maior número de pessoas dessas igrejas para se comemorar a chegada do presbiterianismo no Brasil. Nesses 150 anos, em 1859, ele chega então nesses 150 anos da igreja, houve um evento aqui no centro de convenções que tentou envolver o maior número possível de igrejas aqui do Estado e de outros Estados circunvizinhos também.

Mas do Seminário, existe alguma ação específica do seminário?

Veza por outra tem, geralmente sempre tentando pegar duas datas importantes para a igreja presbiteriana, geralmente dia 12 de agosto, que é o aniversário da igreja presbiteriana, então vez por outra o seminário tem feito eventos que lembram a memória da igreja. Não falo em eventos grandes, falo em eventos

simples, sendo lembrado na capela ou em outra ocasião ele sempre tem acontecido também. Então, dia 12 de agosto é uma data que sempre tem sido comemorada, dia 31 de outubro que se comemora a reforma protestante que geralmente é quando nós lembramos nossas origens também.

Com relação às ações para preservação da memória que são desenvolvidas aqui, são realizadas ações para preservar os documentos existentes?

Veja, há tentativas como eu falei, pessoas que são do meio que gostam de preservar, por exemplo, essa fundação aqui é fruto de um trabalho realizado pelo reverendo Enos Moura que hoje está em São Paulo e é responsável pelo acervo lá. O Reverendo Enos Moura, um pastor com uma certa idade, mas bastante empolgado com essa história de memória, então ele tem contribuído muito nesse sentido. Tem o reverendo Auderi que é o historiador oficial da IPB, que mora em São Paulo. Eu estou por aqui, na medida do possível tenho tentado fazer alguma coisa nesse sentido e hoje tenho um trabalho que iniciou-se com o bibliotecário anterior e agora a bibliotecária também tem dado continuidade, que é tentar digitalizar esse material que nós temos aqui através de um trabalho que é realizado pela Universidade Federal de Pernambuco, então um material foi levado pra lá e parece que já foi digitalizado uma parte em outubro e a ideia é tentar pegar o restante tentar fazer isso aí .

Vocês têm tirado cópias dos documentos existentes com o objetivo de preservar os originais?

Não, só quando acontece, por exemplo, de pesquisadores na área, pessoas até de outras instituições nos visitam e naquilo que é possível a gente permite que seja tirado Xerox.

São realizadas atividades de encadernação para garantir que páginas avulsas ou algum conteúdo como um todo não se percam?

Olha, no passado já houve mais que hoje, os jornais no passado eles eram encadernados e hoje talvez exista uma ideia para que isso aconteça.

São realizadas atividades de restauração de documentos que estão em estado de degradação ou danificados?

Não, então, é um material antigo que nós temos e esse material está sendo digitalizado.

Os documentos estão abrigados longe da luz, da umidade e da poluição atmosférica? Hoje tem uma sala específica com ar condicionado que não está lá em um

excelente estado da maneira que nós gostaríamos, mas tem uma sala específica que, pelo menos, a gente sabe que o material está ali.

Vocês realizam controles de pragas?

Já houve, atualmente não sei se tem acontecido. Apesar de que é feito, tem um certo controle na área externa que contribui para isso. Na realidade hoje incomparavelmente melhor, por outro lado do que já foi, porque hoje aos poucos tão sendo colocados ar condicionados aqui na biblioteca, então isso tem contribuído para que a própria umidade na parede não aconteça, como no passado já houve e perdeu muito material aqui por causa disso, então hoje aqui temos essa preocupação.

Os documentos são higienizados?

Não como deveriam.

Existe algum programa de proteção contra incêndios ou desastres?

Que eu saiba não!

Mas vocês têm extintor?

Acho que tem extintor sim.

Vocês realizam atividades de digitalização de documentos para preservar os originais e facilitar o acesso?

Não, a gente não tem isso, mas estamos com um projeto para digitalizar alguns documentos em parceria com o LIBER na UFPE.

Com relação às atividades de organização desenvolvidas, como os documentos aqui estão organizados?

Em relação a jornais, por período. Tem jornais lá que por cada período estão separados. Como te falei, há uma coleção anterior que hoje não tem todos os números, mas foi encadernada. Os jornais que com o tempo também mudam a cor, vão pegando aquela cor amarelada como também vão se desgastando, então como eles estão numa posição dobrada né, pelo próprio espaço que nós mesmos dispomos que seria ideal um espaço maior, então, o fato dele também estar dobrado isso com um tempo há um desgaste e acaba rompendo com o jornal. Então, assim, historiadores que sempre vem pesquisar aqui, pessoas que estão fazendo mestrado, doutorado que têm acesso, eles elogiam o fato do material que nós temos e ao mesmo tempo se preocupam em relação a preservação. Agora, um fato curioso como eu te falei no início, infelizmente, por exemplo, já houve tentativas de uma melhor preservação, mas assim, a nossa

igreja tem todo um trâmite para que ela funcione, então têm as autarquias que a gente tem que recorrer, a uma, a outra e que acaba não sendo tão simples de ser executada, isso requer demandas de finanças, de dinheiro etc., e a gente nem sempre... para você ter ideia, aqui ao lado onde nós estamos tem um casarão, que basicamente é aonde começou o trabalho aqui do Seminário, então esse casarão aqui, já existem projetos pra ele já há um bom tempo e até pelo próprio Diretor atual, que é formar desse casarão um museu, então ele já saiu até em matéria de uma revista chamada Olhar Cristão, onde tem uma matéria muito interessante feita pelo Rafael Dantas, que é o editor chefe da revista. Então a ideia ali era fazer com que contasse a história a partir do protestantismo aqui em Pernambuco que chegou com os holandeses, então foi feito todo um esquema, assim tem essas ideias mais até ser executada leva tempo.

Vocês possuem manuais para auxiliar na organização dos documentos existentes?

Sim! A bibliotecária está sempre atenta, enquanto a isso, aí ela tem feito.

Os documentos são organizados por título, assunto, data ou gênero textual?

Em relação a livros, é por áreas, têm as áreas específicas, em relação ao material do acervo é aquilo que eu te falei, têm os jornais que são separados pelo período e não necessariamente pelo assunto.

Quanto ao conteúdo da fundação, está listado? Como estão organizados?

Então, esse é um grande problema dos nossos presbiterianos de forma geral, não é nem nosso aqui no particular. Essa questão da memória, por exemplo, só para você ter uma ideia, a primeira igreja presbiteriana aqui de Pernambuco ela começou seu trabalho com a chegada de um missionário chamado John Rockwell Smith, ele chegou aqui no dia 15 de janeiro de 1873, ele vai morar na rua do imperador nº 71, ele aluga um sobrado, é onde começa a igreja. Depois de 5 anos, com 12 membros, essa igreja, esse grupo vai formar a primeira igreja em Pernambuco dia 11 de agosto de 1878 e só para você ter uma ideia, aí essa igreja vai peregrinar ali no centro da cidade até onde ela se encontra hoje, que é ali no Cais José Mariano. Então, aquela igreja, até no Cais José Mariano, eles tem lá preservado a primeira ata da igreja desse período em que o pastor atual já tem algumas décadas ali. O pastor Samuel Santos, ele já dispôs desse material pra que ficasse no acervo, pra que fizesse parte da memória da igreja mas ele já deixou muito claro, não vai dar pra qualquer pessoa e quer dar pra saber onde vai ficar, então tem que ter todo um cuidado. Nós temos materiais

importantíssimos mas que ainda faltam ser direcionados pra um lugar certo de pessoas responsáveis pra tomar conta, então nós pecamos muito nesse sentido. Pra você ter uma ideia, a igreja presbiteriana independente, que foi o primeiro cisma da IPB que aconteceu em 1903, hoje existem digitalizados todos os jornais chamados de estandarte, ou seja, do primeiro até o atual, tudo digitalizado da IPI, e que nós começamos um trabalho bem antes e temos esse material, mas até hoje não foi digitalizado todos quantos deveriam ser. Então, infelizmente, há um lamento muito grande quem trabalha com essa área de história, hoje o reverendo Auderi Souza de Matos, que está ali em São Paulo, é o criador também responsável por essa área, ele tenta também, na medida do possível, tirar, resgatar, preservar, mas não é um trabalho simples e nem fácil.

São realizadas atividades de classificação, catalogação, indexação dos documentos existentes?

No acervo que existe em São Paulo fui pesquisar lá quando fui fazer o meu mestrado em 2012 e eu fiquei muito admirado com o material que existe ali em São Paulo, no acervo que existe em São Paulo, mas mesmo quem vive ali no meio acha que aquele material precisava de uma melhor preservação, catalogação ou coisa do tipo e aqui em Recife no seminário presbiteriano onde você se encontra agora, tem esse material também que carece urgentemente disso dessa classificação. Indexação também e Antes de classificar o assunto saber o que consta.

Vocês utilizam algum sistema de informação para organizar e permitir a localização dos documentos existentes? Tem algum sistema de busca?

Não tem! Ainda não.

Tem algum projeto?

Tem, existe, isso é uma crítica que eu faço, mas, assim, uma crítica sadia e não há como discordar dela, por exemplo, você pega esse livro aqui, *Guia Prático Histórico e Sentimental da Cidade do Recife* de Gilberto Freire que também tem sobre a cidade de Olinda, nesse da cidade de Recife não sei se você conhece, na realidade são crônicas dele sobre determinados assuntos, por exemplo, os sínodos na cidade do Recife, as igrejas na cidade do Recife e tem um texto sobre as igrejas na cidade do Recife, que eu sempre gosto de lembrar dele, porque Gilberto Freire, ele evoca o sentimento do católico em relação a igreja que ele faz parte e soma, ele vai dizer que a igreja pra um católico, isso na época dele,

né, ele vai dizer que a igreja pra um católico é a vida dele, ah o católico no caso quando nasce, leva o seu filho para ser batizado, ele cresce e continua na igreja pra fazer parte lá da primeira comunhão, cresce um pouco mais e vai se casar na igreja e quando morre é levado para a igreja também, então a igreja fazia parte da vida dele, né por pouco que você passa nas igrejas antigas aqui no centro do Recife e vê a devoção que existe a esses prédios né, diferentemente de nós de forma geral protestantes, né. Hoje você que tá fazendo esse trabalho, já deve ter percebido a dificuldade de se deparar com essas igrejas centenárias que na realidade elas são centenárias por causa do tempo mais não necessariamente por causa do templo, porque os templos são novos, os templos antigos eles foram derrubados, né, pra serem construídos templos novos, os trabalhos antigos, os trabalhos onde começou hoje. Há até a dificuldade de identificar onde de fato começou, ah então nós não temos o sentimento, o quanto deveríamos em ter em relação dessa questão da nossa memória, sabe. A igreja, ela acaba sendo nada mais nada menos do que um lugar de reunião que tá bom por enquanto, mas se aperta por causa da quantidade do povo, derruba faz outro novo então não existe um sentimento diferentemente do que a gente percebe entre os católicos, né, então hoje pra se ter uma ideia, eu na condição de professor de História da Igreja do Brasil eu costumo levar os alunos a fazer um *tour* pra contar a história aqui na cidade do Recife, ali no próprio centro histórico de Igarassu, que, pasmem, né, eu geralmente visito os lugares católicos porque há poucos lugares protestantes pra que a gente relembre a história, porque parece não haver esse sentimento quando deveria existir, eu não to falando de adorar paredes, né, mas de ter uma história “olha começamos aqui, era desse jeito aqui”. Hoje, infelizmente não existe.

Com relação à descrição dos acervos, quais são os tipos de documentos existentes? Há uma grande proporção. Os jornais de várias épocas, de vários títulos, com vários objetivos, atas de igrejas de outros concílios, como presbitérios, às vezes sínodos, então existe não uma grande proporção, mas existem alguns documentos nesse sentido que aí também reina a importância desse documento, porque a maioria desses documentos e muito particularmente se pensando é que nas atas desses conselhos, desses concílios de forma geral eram assuntos tratados de forma privada, então essas atas elas são singulares, particulares, então o assunto que era tratado ali não era assunto que as pessoas

estavam tendo conhecimento, então a riqueza dessas atas é exatamente isso é de você saber o que era tratado em determinada época por aquela igreja, ou o que se pensava a respeito daquele assunto ali que estava sendo tratado, então são documentos riquíssimos e que sendo destruídos não existem mais substitutos.

Vocês mantêm algum arquivo permanente?

Hoje nós temos essa sala.

São abertas para consultas públicas?

Sim, são repassados alguns cuidados, talvez deveriam existir maiores, mas por incrível que pareça quem geralmente vem pesquisar são pessoas que de uma certa forma já tem uma experiência na área de pesquisa, são historiadores, então, às vezes, já vem até precavidos, vem com a luva, uma máscara, e aí a bibliotecária ou nós estamos aqui, a gente leva na sala mostramos o material que tem e as pessoas fazem as pesquisas necessárias.

Os documentos são de alguma área específica?

Geralmente sempre tratando da história da igreja.

Com relação aos assuntos, vocês têm os jornais e os livros da área de teologia, e livros de outras áreas?

Têm outros livros, mas esse material quando eu falo das atas das igrejas é muito interessante porque partir dessas atas, dos próprios jornais, vocês percebem como é que a igreja a 50, 100 anos atrás ela enxergava o que estava acontecendo fora dela, como ela reagia, então esses jornais, essas atas, registram também esses momentos por exemplo, a questão do ecumenismo como era que a igreja via, como era que a igreja reagia, a questão da ditadura militar, como foi que a igreja viu, como foi que a igreja reagiu, muitos documentos, muitos textos hoje estão sendo escritos, sejam no âmbito de uma monografia, de um TCC ou de uma pós graduação, pensando aí na dissertação de mestrado ou numa tese de doutorado tem feito uso desse material, como era que a igreja reagia a isso e isso é muito interessante.

Vocês possuem documentos para pesquisa em papel ou digital?

Não, como o acervo não é tão grande, então de imediato você já vai perceber se aquilo que você deseja encontrar já esteja ali, acho que um ou dois dias você perceberá isso.

Qual a data mais antiga contida no acervo?

Olha, eu não sei onde se encontra agora porque sempre é feito algumas pesquisas mas, por exemplo, eu já consultei livro ata para minha dissertação do início do século 20, 1920 mas há indícios de possibilidades de encontrar atas de 1800, na realidade há um material até anterior a isso, já um pouco desgastado, que dá pra você fazer consulta, que são alguns dos poucos exemplares do primeiro periódico, do primeiro jornal que foi fundado pelo fundador da IPB aqui quando ele chega no Rio De Janeiro, Simonton, em 1859, tem um jornal que ele vai fundar chamado de *A Imprensa Evangélica*, acho que é isso, bem, se não for é algo próximo. Mas aí encontrei alguns desses exemplares que eu acho que deve ter aqui em um desses envelopes, alguns desses exemplares dessa imprensa evangélica de 1873.

E a data mais recente?

A data mais recente, como a nossa igreja tem jornal periódico então o *Brasil Presbiteriano* o nosso jornal oficial hoje, então todos os meses a gente tem esse jornal aqui.

Publicado pelo próprio Seminário?

Não! Publicado pela própria Igreja Presbiteriana do Brasil, não do Seminário específico. É um jornal nacional que tem a função de publicar as informações das igrejas presbiterianas como um todo no Brasil.

A natureza do acervo é textual, iconográfica, sonora, imagem em movimento ou cartográfica?

Textual

Fotografias?

Algumas fotografias

Vídeos?

Vídeos, que eu lembre não. Eu tenho tentado na condição de professor do seminário, mas isso por conta própria, ou seja, para preservar uma memória, dependendo, eu tenho pego alguns alunos da disciplina chamada de História da Igreja Presbiteriana e a gente tem feito algumas entrevistas com os pastores, então alguns desses materiais a gente tem em formato de DVD, mas assim é um material particular que penso depois dispor para que a própria biblioteca tenha acesso.

Com relação a recursos sonoros, vocês têm disco de vinil, CDs?

Não, não temos. Foi como te falei, né, a gente com essa modernização, e a nossa

biblioteca ainda nesse processo de melhoras, no passado havia muita infiltração aqui e com as cheias que houve aqui em 1970 muito material foi perdido. Eu lembro de ter períodos aqui de uma boa quantidade de material ter sido jogado fora por causa da traça, por causa do mofo, e muitos desses materiais que eram jogados fora, iam junto algumas fitas cassetes que eram de pessoas que tinham passado por aqui e eram importantes, que tinham pregado, que tinham dado estudo, materiais que hoje infelizmente a gente não dispõe mais.

Para finalizar, você poderia fazer um breve histórico do acervo?

Veja, mesmo havendo essas pontuações em relação a uma consciência de melhorias que precisamos, mas por outro lado como te falei, isso requer gastos, né, e a gente não dispõe de verbas de fora a não ser da própria instituição. Apesar de tudo isso, apesar das melhorias que precisamos, todos que por aqui passam para fazer consultas e suas pesquisas, mesmo que tendo essa questão de críticas ou de sugestão de melhoras que precisaríamos, mesmo assim, saem elogiando o material que nós temos, porque como eu te falei, são materiais particulares e únicos, que não existem em outros lugares, tudo isso nós temos e as portas estão sempre abertas para se pesquisar sem nenhuma restrição, a não ser cuidado e manuseio, mas aqui a gente não tem nenhum problema de restringir, de querer saber se vai falar bem ou mal da instituição, mas pelo menos a gente deseja que essa história seja preservada e contada de maneira fiel.

ENTREVISTA COM O PASTOR REIDSON MESQUITA DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA DO RECIFE

Existe algum lugar de memória aqui onde vocês preservam os documentos?

Sim, tem uma sala lá atrás, inclusive a esposa do Luís Santana, uma diaconisa, também ela é professora desse espaço onde está esse acervo de fotos, na realidade a proposta é tornar-se ... a gente tem um sonho, que é um sonho grande de manter esse local como um local histórico mesmo, pelo fato de estar aqui desde 1901, então a igreja tem uma história. Tem esse acervo de fotos que você vai ver, fotos de pastores, do primeiro pastor da igreja, Salomão que era um Judeu naturalmente convertido, aí veio para o Brasil, esse foi que sofreu perseguição, porque pelo fato de ser judeu, então na época ele teve uma série de dificuldades, a igreja foi duramente perseguida aqui na época e houve muita dificuldade.

Pastor, vocês possuem Biblioteca aqui?

Nós tínhamos uma biblioteca, mas eu preciso dessa informação do administrador atual da igreja. Nós temos um acervo aqui, mas ele começou assim, em função de livros que foram chegando, livros que foram doações, por exemplo, que serviam para estudar secularmente, mas do que livros eclesiásticos, mas a gente tinha um acervo de livros hoje, acho que muito mais restrito, mas acredito que ainda tenha esse acervo de livros aqui, livros que os irmãos doaram.

Vocês possuem arquivo da igreja?

Hoje, você sabe que hoje a questão da modernidade as atas já são atrasadas, mas tem todo esse acervo aqui.

As antigas, vocês têm?

Sim, tudo é guardado, arquivado, temos uma sala de documentos aqui que a gente guarda os documentos.

Lembro que no início de 2014 teve um tour passando pelas igrejas protestantes e a primeira Igreja Batista do Recife foi atração turística em 2014.

É, isso mexe assim com a questão da Cidade e embora não seja tombado, hoje a gente tem uma ... você sabe que há uma questão de exploração da questão

imobiliária no Recife muito grande e também hoje a gente sente uma dificuldade muito grande, foi veiculado uma certa vez uma pergunta ao pastor: “Pastor o Senhor é a favor de vender a igreja? - Não, eu não sou a favor que venda a igreja não! ” Ele disse então porque o Pastor Joel veio pregar na mensagem falando da necessidade da igreja continuar expandindo, crescendo, com as questões sociais, os projetos sociais mas isso tudo termina somando com a questão de atrair pessoas para a igreja. Hoje a gente está com uma dificuldade muito grande de espaço físico para acolher os membros e congregados dessa igreja. Então quando terminou essa mensagem, um irmão perguntou para mim: “Pastor, o Senhor é a favor de vender a igreja? - Não, porque igreja não se vende, igreja não se negocia”, então o sonho que a gente tem é que Deus nos desse um outro espaço que de repente a gente pudesse manter isso aqui como um acervo, um espaço para estudos, proclamação, porque esse aqui é um local estratégico demais. Acessibilidade a gente tem um fator interessante aqui na igreja, de pessoas que vem de tantos bairros divergentes de outras Cidades como Paulista, Jaboatão, Olinda; vem da área sul congregar aqui ou ser membro dessa igreja. O que facilita isso? Porque esse fenômeno? Tem a ver com a forma de ser da igreja, mas tem a ver com a questão de acessibilidade, questão histórica, muitos deles são netos dos fundadores da igreja. Tem aquela história, né, por exemplo, o irmão Pedro Nascimento, a filha dele Débora Nascimento, regente do coral louvor, então as irmãs que cantam nesse coral têm por volta de 60 a 80 anos de idade, então existe essa coisa da herança, meu avô, meu pai foi membro da igreja.

Vocês desenvolvem ações de divulgação, eventos, exposições com o intuito de promover a visualização da memória da Igreja ou Instituição?

Não, não posso dizer que é algo embrionário porque já está de uma certa forma acontecendo com a questão da sala, de alguma forma tem periódico assim, em termos de capas de boletim dominical. Eu estava conversando com a educadora da igreja, ela disse que há um acervo de boletins dominicais onde foi contada a história da igreja, então de alguma forma é sim, sempre em datas mais, em datas assim, aniversário da igreja, que a igreja tem duas datas, tem 4 de abril de 1886 e tem 25 de julho de 1992, então essas duas datas, ou seja julho e abril, geralmente são feitas, é feito menção a questão histórica, então se promove amostras aqui no Pátio, em capa de boletim se usam esses dois instrumentos.

São realizadas ações para preservar os documentos existentes?

Os documentos a gente tem, assim, até um fato, uma constatação, o Pastor Joel fez recentemente, disse que por conta dessa necessidade de fazer um levantamento histórico e tal, algumas coisas foram perdidas, foram levadas e não devolvidas, então assim, no que tira uma folha a gente perde, aí quanto tempo de história? Então é sabido pelos antigos que houve isso, atrás dessa coisa da história da igreja se tirou uma folha, e disse isso é para a gente pesquisar, depois a gente devolve, e então nunca mais, então tem uns vácuos, uns hiatos aí de história que a gente não sabe, agora o que tem de fato é que a Convenção Batista de Pernambuco hoje está correndo atrás, porque é interessante para eles também, aí naturalmente interessante para a igreja.

São tiradas cópias dos documentos existentes, com o objetivo de preservar os originais?

Sim, há por exemplo os boletins, geralmente tem sim um arquivo.

São realizadas atividades de encadernação para garantir que páginas avulsas com algum conteúdo em comum não se percam?

Tem, a secretária hoje, umas das atribuições dela é essa.

São realizadas atividades de restauração de documentos que estão em estado de degradação ou danificados?

Sim, A gente tem uma dificuldade como eu falei para você, os mais antigos mesmo hoje não estejam aqui, no domínio nosso, de alguma forma ou estão na convenção, ou de alguma forma um historiador, até batista mesmo, pegou e levou e guardou e tem guardado isso, só que isso fugiu do nosso domínio, então por isso a gente tem essa dificuldade

Os documentos estão abrigados longe da luz, da umidade e da poluição atmosférica?

Aqui, estão sim.

Vocês realizam controle de pragas?

Sim, isso aí sim.

Os documentos são higienizados?

Sim, sim agora sim de um tempo para cá, não era do feitio da igreja, a igreja não tinha esse departamento, de um tempo para cá, acho que até posso dizer de uns 15 anos para cá houve esse cuidado maior, antes consideravam como um simples papel, uma simples foto,

Existe algum programa de proteção contra incêndios ou desastres?

Sim, sim temos extintor, temos até a liberação dos bombeiros, aquela coisa toda. Vocês realizam atividades de digitalização de documentos para preservar os originais e facilitar o acesso?

Sim, a secretária faz isso, sei que as mais recentes já são todas digitalizadas, sei que isso até para a secretária da igreja é uma conquista, imagino, carregar aqueles livros até para propriamente guardar aquele volume tremendo hoje a coisa é muito mais fácil de ser guardada.

Como os documentos estão organizados?

Deixa eu só voltar a questão das atas, por exemplo, as atas antigamente eram aquelas coisas bem pesadas, hoje as atas são bem mais simples, são digitalizadas, até para fins de futuramente, historicidade, vai ser bem mais fácil alguém chegar aqui e procurar ata, vai encontrar com muito mais facilidade, antes era um problema que era livro pesado e aí vulnerável a mofo, a fungo.

Mas com relação à organização, como eles estão ou serão organizados aqui?

De forma cronológica, sempre fazendo isso, respeitando a questão da data, a secretária, tudo que é ata ela organiza por data, ou seja, em ordem cronológica e aqui a mesma ideia.

Vocês possuem manuais para auxiliar na organização dos documentos existentes?

Acredito que não, a secretária talvez possa ter alguma noção quando fez o curso, ela estudou, ela fez curso de secretariado, então na faculdade talvez ela tenha, mas assim que isso seja passado não.

Os documentos são organizados por título, assunto, data ou gênero textual?

Data

São realizadas atividades de classificação, catalogação, indexação nos documentos existentes?

Sim, ela hoje faz isso, a secretária faz.

Utilizam algum sistema de informações, para organizar e permitir a localização dos documentos existentes?

Ela usa, o esposo dela foi quem trouxe, implantou um programa, ela hoje faz uso desse programa para exatamente facilitar e tornar mais rápido e até encontra a ata, as documentações.

Quais são os tipos de documentos existentes?

Nós temos um problema com relação à primeira ata, a gente tem o registro da história dessa igreja hoje num livro, foi lançado por uma senhora bibliotecária

chamada Leonice Ferreira e ela então escreveu a história da igreja. Ela foi pesquisar na Europa, nos Estados Unidos e fez toda a história, já no Brasil, da Primeira Igreja Batista do Recife. Essa senhora Leonice Ferreira é tia de Juliana que é esposa do Pastor Joel. O que eu posso falar é baseado, lógico tem muito a ver com o que ela relata no livro, mas as informações que vou te dar são informações que a gente tem na liderança da igreja, agora eu digo que essa igreja além de sua história escrita, graças a Deus tem uma história viva, é uma história que ela é contemporânea por conta dos membros que existem hoje.

Vocês têm algum acervo de revistas, materiais e jornais batistas?

Preciso ouvir isso de Joel ou do administrador, embora eu esteja aqui há 16 anos, quando eu cheguei aqui a biblioteca por sinal era aqui em cima como eu falei para você é um desejo, a igreja assim de manter o acervo ao mesmo tempo de introduzir livros que pudessem ser úteis para a comunidade, para os meninos da igreja estudarem secularmente. A ideia era justamente prover um lugar onde eles pudessem tanto conhecer, ter acesso à história da igreja, como ter outras informações. Como por exemplo, teve uma época que uma Irmã doou uma coleção de livros de direito, isso gerou polêmica porque algumas pessoas perguntavam por acaso aqui é sebo para guardar livro antigo e tal e pra manter a biblioteca em funcionamento foi difícil, isso eu não sei como está hoje, mas sei que há livros, essas salas muitas coisas já foram modificadas. Tinha uma sala perto do santuário que era uma coisa bem mais antiga uma espécie de armário antigo onde se guardavam livros antigos, eu acredito que este acervo ainda esteja aqui, deve estar em algum lugar, os zeladores tomando conta entra na questão do gestor porque ele conhece e ele orienta onde guardar, como guardar, eu sei que existe o acervo, como igreja Batista tem a sala de documentos e acervo.

O livro sobre fundação da igreja e essa ata de fundação estão disponíveis para consulta?

Veja bem, a ata eu precisaria perguntar ao pastor Joel que a gente tem dúvida onde está esta ata, a irmã Leonice que fez o trabalho da igreja, hoje ou ela é membro de Casa Amarela ou da Emanuel em Boa Viagem. Na época, lógico que ela teve acesso a esta ata, o pastor Joel disse que não sabe onde está essa ata.

Existe algum livro raro ou antigo?

Eu creio que sim, como eu te falei é bom ver isso com o gestor. O pastor

Salomão que foi o primeiro, inclusive foi o fundador do seminário Batista, porque a primeira igreja agrega, aqui praticamente é o nascedouro do seminário, nascedouro do colégio americano Batista. Como primeira igreja Batista do Recife caracteriza essa coisa de ser realmente a igreja histórica e aí você vai ter o Pr. Salomão como o diretor do primeiro seminário Batista aqui, tendo essa proximidade com esse tecido judeu, como o próprio nome já indica isso, da própria sinagoga judaica. Eu não sei se existe alguma relação dele com essa sinagoga, sei que houve muita dificuldade na época para começar aqui o Melo Lins que é outro nome muito conhecido na história dessa igreja, foi um missionário porque essa igreja aqui, a primeira Batista do Brasil, ela é em Salvador, a segunda é no Rio de Janeiro, a terceira é em Alagoas, e Recife é a quarta igreja Batista no Brasil, então, aliás, tem em São Paulo mas em São Paulo não é tida como igreja Batista, ela é tida como Igreja Batista no Brasil, não do Brasil porque a TIBAIA que era um grupo de americanos que vieram para o Brasil mais ou menos em 1880, um pouquinho antes em 1882, foi quando os Batistas começaram praticamente, mas aí acho que início de 1880 você tem já em São Paulo os missionários americanos já trazendo então essa questão dos primeiros sinais dos Batistas no Brasil, aí você tem essa história também. A primeira igreja, acho que ela é a quarta ou a quinta igreja Batista no Brasil, então ela representa, acredito, que uma contribuição para a história.

Mantém arquivo permanente?

Tem sim lá tem Secretaria.

São abertos para consulta pública?

Olhe, só quando há, assim como eu te falei, não é algo que é tão procurado, e assim, a fim de uma pesquisa, levantamento, vão lá e procuram, dificilmente há interesse do público em geral.

Os documentos são de alguma área específica?

Quadros que retratam a história da igreja.

Possuem instrumentos para a pesquisa, em papel ou digital?

O Sistema na Secretaria da igreja.

Qual a mais antiga contida no acervo?

Não saberia informar, teria que ver com o Marcos.

Qual a data mais recente?

2016

Qual a natureza do acervo? Textual, iconográfico, sonoro, imagem em movimento ou cartográfico?

Textual e iconográfico.

Você poderia fazer um breve histórico do acervo?

Basicamente a igreja é de 1886, data da sua fundação. Ela nasceu na chamada hoje Rua Direita, no Recife antigo, foi o primeiro prédio dela, a primeira instalação dela foi ali e ela passou um período por conta da perseguição religiosa, exatamente de 1886, ela com muita dificuldade por conta do que chamamos hoje de ato de proclamação, ou seja, não tinha alguém que estivesse à frente dessa igreja para manter os cultos no sentido de abrir, pregar, proclamar, dar assistência a alguns membros então por falta de pessoas que pudesse então acompanhar essa continuidade da igreja ela então passou um tempo sem atuação, sendo reorganizada, ela então passa, ela é reorganizada em 1886, logo em seguida ela suspende os trabalhos, as atividades e ela retoma ininterruptamente em 1892, até os nossos dias. Ela tem mudança de endereço como eu falei para você o primeiro endereço dela era na Rua Direita. Na época do centenário foi feito um culto lá em 1986, esse centenário de organização foi feito um culto lá em frente no casarão antigo, a igreja se deslocou para lá e fez um culto lá simbólico para marcar esse momento. Em 1892, a igreja retoma as atividades não aqui ainda, aqui ela vem estar a partir de 1901, esse é o terceiro endereço da igreja. A igreja por um tempo ela foi estabelecida na Rua da Aurora. Então a igreja ficou lá na Rua da Aurora pouco tempo também e logo em seguida ela vem pra cá, Rua Formosa, como antigamente ela se chamava, hoje, Conde da Boa Vista. Desde 1901 de fato ela está aqui e nesse período ela só modificou a fachada porque exatamente isso não favoreceu a questão de tombamento. Ela não é um prédio tombado porque houve algumas mudanças na fachada quando você vai ali na frente e chega na calçada o muro não era exatamente aquele muro, aquele formato, a grade não era exatamente a mesma grade, então por ter havido algumas mudanças principalmente na questão da fachada, ela não é tombada. Então ela se encontra aqui desde 1901, tem uma história de pastores, o pastor Vidal tem uma galeria, seria interessante no sentido de fotos que remonta os pastores antigos e você poderia olhar.

Quantos membros e congregados?

Aproximadamente hoje temos 1200 membros e aproximadamente 400

congregados são pessoas que frequentam, mas não são batizados ainda, alguns são de outras igrejas que estão frequentando aqui. Há um fenômeno nas igrejas daqueles que vêm, mas ainda não conseguiram criar raiz, mas se perguntarem de onde eles são, eles dizem que são da primeira igreja embora não haja vínculo que testifique isso.

ENTREVISTA COM O PASTOR ARNALDO MATIAS DA IGREJA PRESBITERIANA DE AREIAS

Primeiramente gostaria que o Senhor se apresentasse e falasse um pouco sobre o histórico da igreja para podermos dar início a nossa entrevista.

Eu sou Arnaldo Matias, sou pastor da Igreja Presbiteriana de Areias, onde nós estamos. A igreja tem hoje 122 anos, esses quadros são os quadros dos fundadores, dos pioneiros. O Reverendo John Rockwell Smith, e data de nascimento e dos trabalhos e aquelas três igrejas, são as três fases da construção do templo, a primeira é a casa, que não era neste local, a segunda é o templo, neste local, e a terceira foto é o templo neste local. Então John Rockwell Smith é o fundador junto com William Calvin Porter e Juventino Marinho. Esteve na organização, porque foram 10 anos a título de congregação até chegar a igreja. Então seriam 122 anos de trabalhos e 132 anos de trabalho aqui, seria a segunda igreja presbiteriana praticamente aqui na região nordeste que a Bahia é bem extensa e só tem Salvador que é antes de Pernambuco, mas dessa área aqui esta é a segunda igreja. A primeira igreja fica ali na Rua das Crioulas e a segunda seria essa aqui de Areias, então eles foram os mesmos fundadores de lá inclusive depois de 15 dias de organizar a igreja aqui eles viajaram pra Natal e iniciaram o trabalho da igreja presbiteriana lá em Natal, ou seja, eles iam fazendo todo um percurso, como também, seguiram para Canhotinho, Garanhuns para desenvolver o trabalho lá.

Quanto à existência de lugares de memórias, vocês possuem arquivos, bibliotecas, museus ou algum outro local de memória?

A igreja local não, a igreja local mantém algumas fotos, mantém uns arquivos de livros de atas desde a primeira ata até o dia de hoje, sendo que parte dessas

atas ficavam na igreja mãe que era localizada lá no Cais José Mariano e ainda hoje está lá e a primeira igreja ficou sendo lá na Rua das Crioulas, então alguns livros de atas ficam lá. Contando os livros de atas do presbitério e livros de atas do sínodo, como a sede do presbitério é aqui, então alguns livros do presbitério vem pra cá e ficam no arquivo fechado com cadeados e tudo certinho, mas nós temos a nível de igreja nacional, nós temos em arquivo pelo menos três pontos de museu, um em Canhotinho que está em estudo pra ser um museu , o segundo com José Manoel da Conceição que é em São Paulo, com o reverendo Enos Moura e um terceiro com o reverendo Alderi, que é o historiador oficial da igreja .

Vocês desenvolvem ações de divulgação, eventos, exposições, com o intuito de promover a visualização da memória da igreja, especificamente da igreja de Areias?

Especialmente no mês de agosto é da igreja Nacional e no mês de outubro, da igreja local, outubro porque é a data de organização, 15 de outubro, a data festiva. Vem pregadores, aí fazem exposições de fotos, momento que escreve um histórico, uns boletins, uns informativos, membresia e coisas assim, fala da história de como foi e aí a gente expõe a igreja local no mês de outubro e durante o decurso do ano, no decorrer do ano a gente vai falando sobre a história da igreja local e da igreja Nacional.

Com relação as ações para preservação das memórias envolvidas, são realizadas ações para preservar os documentos existentes?

Sim, a gente guarda no arquivo com cuidado.

São tiradas cópias de documentos existentes com objetivo de preservar os originais?

Atualmente não, porque não estão ainda tão antigos.

São realizadas atividades de encadernação para garantir que páginas avulsas ou algum conteúdo como um todo não se percam?

Sim .

São realizadas atividades de restauração de documentos que estão em estado de degradação ou danificados?

Sim .

Os documentos estão abrigados longe da luz, da umidade e da poluição atmosférica?

Sim!

Vocês realizam controles de pragas?

Sim, cupim, formigas, ratos.

Os documentos são higienizados?

Sim, passa o pano, limpa, não é uma coisa muito técnica não.

Existe algum programa de proteção contra incêndios ou desastres?

Sim

Vocês realizam atividades de digitalização de documentos para preservar os originais e facilitar o acesso?

Alguns sim, alguns documentos mais antigos sim.

Com relação às atividades de organização desenvolvidas, como os documentos daqui estão organizados?

Cronologicamente.

Vocês possuem manuais para auxiliar na organização dos documentos existentes?

Não.

*Os documentos são organizados por título, assunto, data ou gênero textual? **Por data.** São realizadas atividades de classificação, catalogação, indexação dos documentos existentes?*

Sim, no documento que é o manual de confecção de atas, esses são os documentos oficiais, então normalmente hoje, como as atas são digitalizadas, digitais, não é máquina de escrever e nem manuscrito, temos os códigos, a nota de roda pé, que ajuda a achar.

Existe algum sistema de informação para organizar e permitir a localização dos documentos existentes?

Não, não são muitos e o pessoal já sabe que está em ordem cronológica, onde estão os documentos, está aqui nessa sessão aí já vai pelo ano procura- lós.

Quais são os tipos de documentos existentes?

Livros encadernados, manuscritos e digitados. Tem esses dois tipos.

Tem fotografia?

Essas fotografias são normalmente dos próprios membros, alguns trazem para cá, outros já mandados.

Possuem mapas ou algum material sonoro?

Olha, não existe, mas existe um material sonoro que na inauguração do Jornal do Comércio, quem cantou na inauguração do Jornal do Comércio foi o coral desta Igreja então tem essa questão sonora a mais antiga que a gente tem notícia, mas está no acervo do Jornal do Comércio.

Vocês mantêm algum arquivo permanente?

Sim.

São abertos para consulta pública?

Não, só se a pessoa realmente precisar.

Mas é permitido o acesso dependendo da pesquisa?

Sim, dependendo da pesquisa.

Os documentos são de alguma área específica?

São da história da igreja, história da igreja local, regional.

Possuem instrumentos para pesquisa em papel ou digital?

Não

Qual a data mais antiga contida no acervo?

É de 122 anos, 1893 que é a ata da organização da igreja. Esse é o mais antigo que a gente tem.

Vocês têm digitalizado essa ata?

Temos, têm digitalizadas e já distribuíram

A data mais recente no caso, vocês têm alguma publicação da igreja, algum jornal específico?

Temos os nossos boletins dominicais e temos as nossas reuniões mensais das atas do conselho onde ficam as decisões e as resoluções da igreja.

A natureza do acervo é textual, iconográfica, sonora, imagem em movimento ou cartográfica?

Textual.

Você poderia fazer um breve histórico do acervo?

Nós temos os livros de atas manuscritos, encadernados e que ficam dentro de um armário fechado, não recebe luz, ele é periodicamente aberto, examinado, às vezes é acrescentado outros livros pelo próprio secretário, o secretário é a pessoa que é responsável por esses livros.

ENTREVISTA COM O PASTOR CLAUDIO HENRIQUE ALVES ALBUQUERQUE DA PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA DO RECIFE

Pastor, o Senhor poderia falar um pouco sobre a Igreja?

Apesar de nós sermos a Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, essa igreja na sua história passou por um rompimento, uma divisão. Essa primeira igreja passou por uma divisão em 1956 e essa igreja se reestruturou desde então. Foi uma divisão meio traumática e isso foi um problema pessoal do pastor na época com o presbitério que é quem supervisiona as igrejas e houve um problema de polêmica teológica do pastor daqui o Dr. Israel Furtado Gueiros era professor também do Seminário do Norte e foi em 56, 60 foi uma época onde o modernismo teológico chegou muito forte no Brasil e missionários norte-americanos que auxiliavam a igreja aqui no Brasil, ensinavam no Seminário e vieram com algumas ideias modernistas e teve polêmicas e conflitos com o pastor daqui que era professor também do seminário isso resultou numa briga muito séria que levou o pastor dessa Igreja Presbiteriana do Recife a ser disciplinado pelo presbitério porque acho que na sua defesa da fé ele extrapolou e fez acusações contra o seminário, contra o próprio presbitério, a igreja, nas rádios, jornais que tinham na época e ele terminou por não se submeter a disciplina foi exonerado da igreja mas como ele era um pastor de 24 anos na igreja, ele levou consigo um pouco mais de 80 por cento dos membros da igreja. Aliás, ele não levou, ele colocou para fora os que discordavam e ficou com todo o patrimônio, toda documentação, por isso eu afirmo que apesar de sermos a primeira igreja, a documentação que aliás esse é um problema que a gente tenta resgatar com eles inclusive, eu vou te dar o endereço da igreja. Hoje essa igreja voltou a igreja presbiteriana ela fica lá no ais Jose mariano o pastor de lá é o reverendo pastor Samuel Santos, é a Igreja Presbiteriana do Recife. Podemos dizer que nós somos irmãs siamesas ela fica lá no Cais Jose Mariano, o pastor de lá é o reverendo pastor Samuel Santos, muito amigo meu, aí com relação a documentação histórica é lá. Nós inclusive, já fizemos uma proposta porque é uma igreja de, ela foi fundada em 1878, em 1878 ela foi organizada e fundada em 1873 ela passou 5 anos no período de implantação e foi organizada em agosto

de 78 então assim toda essa documentação de 1878 até 1956 perdemos! Nessa igreja aqui 20 por cento dos membros que permaneceram fiéis a Igreja Presbiteriana do Brasil. Nós somos uma igreja ligada à Igreja Presbiteriana do Brasil, tem 155 anos de presença no Brasil, nós temos 144 anos aqui no Nordeste em Pernambuco essa igreja por um tempo se afastou da igreja presbiteriana, criou uma nova denominação chamada Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil e da década de 90 com a morte do pastor Israel que o pastor Israel pastoreou ainda mais vinte e tantos anos nessa mesma igreja saiu já velho, idoso com 55 anos de ministério pastoral foi um longo ministério. Faleceu, a família dele é daqui de nossa Igreja, depois vieram todos para aqui e a igreja na década de 90 voltou para a Igreja Presbiteriana do Brasil com o pastor Samuel. Então foi algo bom porque uma separação que houve no passado e depois uma reconciliação e ficou a Igreja Presbiteriana do Recife e a primeira igreja aqui

Agora, com relação a lugares de memória, vocês possuem alguma biblioteca, arquivo, museu?

Não, não sei se você percebeu, mas nós estamos em construção. Desde essa época essa igreja nunca teve um local adequado, ela passou a ter uns 5 ou 4 endereços desde então de 1956 até conseguirmos aqui esse local a uns 18 anos atrás, são três terrenos, compramos o primeiro terreno que era uma repartição pública estadual, acho, e nós adaptamos um templo aqui. Agora 18 anos depois é que vamos construir de fato um templo. Nós temos sim, documentos, atas, de 56 até hoje, preservados. Existe um arquivo, só que isto não é exposto ainda por falta de um local apropriado. Tem um móvel aqui não sei se você viu, que deve ser de preservação especial é um IEP assim chamado, esse aqui a gente vai ter que reestruturá-lo com os traços cerâmica e a arquitetura da época e a intenção nossa é fazer um museu expondo todo esse material que nós temos, expondo os púlpitos antigos, mesas, a gente vai fazer um ambiente para preservar a memória com todos os pastores que passaram por aqui e daí a gente tentou com a igreja negociar pra tentar digitalizar todo esse material porque são atas, documentos de mais de 100 anos. A gente já tentou, já mandou um documento daqui, já falou com um conselho de lá oferecendo essa parceria para a gente digitalizar esses documentos antigos, essas atas para gente poder guardar na memória quando terminar a construção e construir esse espaço, esse museu

então a gente colocar isso em exposição.

Com relação à preservação dos documentos existentes, como eles são preservados e organizados?

Têm em livros que são as atas da reunião do conselho, que são os documentos oficiais da igreja bem como estatutos, toda a documentação a gente faz assim depois que o livro se preenche a gente encaderna e tem todo esse material, aquelas urnas ali são os boletins dominicais, aquela parte azul todinha ali em cima, então a gente encaderna esses boletins também, preserva e guarda porque são documentos históricos da igreja.

São realizadas atividades de restauração dos documentos?

Não

Os documentos estão abrigados longe da luz, da umidade e da poluição atmosférica?

Sim

Existe algum programa de proteção contra incêndio, desastre, vocês têm extintor?

Sim, temos extintor e um seguro.

Possuem arquivo permanente?

Sim

A área documental?

História da Igreja

São tiradas cópias dos documentos?

Sim

São acessíveis?

Sim

Vocês realizam controle de pragas?

Sim

Higienização?

Sim

Possuem manuais de organização?

Não

Com relação à organização, como os documentos estão organizados? São organizados por assunto, título...?

Os documentos são organizados por pautas de reunião de conselho e por área, geralmente é uma reunião de conselho que acontece todo o mês e entram solicitações, transferências de membros ou documentos afins, eles são

organizados numa pasta com aquela pauta, uma ata do conselho e os documentos, são todos arquivados.

São realizadas atividades de classificação, catalogação, indexação dos documentos existentes?

Sim!

Vocês possuem algum sistema de informação para organizar e permitir a localização desses documentos?

Não, ainda não! Isso não!

Quais os tipos de documentos existentes?

São livros de atas, atas do conselho, livros de atas da Assembléia que acontece uma vez por ano, relatórios financeiros que são prestados a igreja de todo movimento feito, do orçamento preparado em curso e os boletins da igreja. Tem alguns livros também, né, alguns livros da Assembléia. Tem revista da igreja, texto de divulgação sim.

Possuem instrumentos para pesquisa em papel ou digital? Vocês utilizam algum guia, índice, para a organização?

Isso a gente não tem.

Se precisar de um documento vai ter que procurar de um por um?

Vai ter que procurar pelas pastas.

Tem alguma relação que vocês possam usar?

Não, ainda não!

Qual a data mais antiga do acervo?

A data de documento mais antiga contida no acervo é de 1956.

Qual a natureza do acervo? Textual, imagens, iconográfico, sonoro, vídeo ou cartográfico?

Textual

Vocês desenvolvem ações de divulgação, eventos, exposições com o intuito de promover a visualização da memória da Igreja ou Instituição?

Todo ano nós comemoramos no dia 11 de agosto o aniversário da Igreja, ela foi fundada, iniciada no dia 10 de agosto de 1873 e no dia 11 de agosto de 1878 ela foi organizada como igreja, então geralmente 10 e 11 de agosto é uma data que a gente todo ano celebra aqui e conta a história da igreja nos boletins, se você olhar no histórico, vai ver aqui.

Eu sou professor de história do cristianismo fiz mestrado em são Paulo, fora do

Brasil, ensino no seminário e era meu interesse resgatar isso até para fazer um livro, alguma coisa dessa natureza, mas eu não tenho conseguido com o pessoal infelizmente este acesso à pesquisa. Agora você de fora pode tentar conseguir

ENTREVISTA COM O PASTOR SAMUEL SANTOS DA IGREJA PRESBITERIANA DO RECIFE

Pastor, com relação à existência de lugares de memória, vocês possuem arquivos, biblioteca, museu ou algum outro local de memória?

Certo, eu possuo arquivo, eu tenho os arquivos originais, eu não tenho no caso assim uma biblioteca, um museu, não nesse formato nem de uma fundação mas eu tenho todos os arquivos bem guardados e conservados daquilo que é possível, né, porque eu tenho é se não me falha a memória eu acho é a partir do segundo livro das atas da igreja, mas eu ainda tenho atas por exemplo assinadas pelo missionário fundador que foi o doutor John Rockwell Smith e também de um outro missionário americano chamado doutor Butler né, então eu tenho esses arquivos, esses arquivos eu tenho.

Vocês desenvolvem ações de divulgação, eventos, exposições com o intuito de promover a visualização da memória da igreja da instituição?

Infelizmente nós não fizemos isso ainda e embora várias vezes já tivemos reuniões com esse intuito de como divulgar a memória da igreja, de como tornar inclusive isso domínio público porque nós temos documentos com mais de 130 anos, então nós não queremos de alguma forma esconder isso da sociedade, das pessoas, pelo contrário, nós temos o maior prazer em tornar isso público, agora estamos realizando estudos de como fazer isso e ao mesmo tempo preservar o registro histórico intacto considerando que arquivos de mais de 100 anos requer um certo cuidado.

Com relação às ações para a preservação da memória, são realizadas ações para preservar os documentos que existentes?

Sim, nós temos uma aluna que ela tá fazendo mestrado na área de historia e essa irmã da nossa igreja tem sido uma pessoa que tem dado assistência e orientação nessa questão de como preservar esses documentos existentes, ela

tem tido esse cuidado de como historiadora de auxiliar, de nos orientar nisso aí, agora nada profissional, né, nada profissional, assim extremamente amadores. *São criadas cópias dos documentos existentes com o objetivo de preservar os originais?*

Nós não fizemos isso ainda porque contratamos uma pessoa para fazer o levantamento do custo de como nós poderíamos fazer cópias de todo esse material se essa cópia seria uma cópia filmada uma cópia eletrônica então eu acho que ainda esse mês ou janeiro estamos em dezembro, janeiro eu devo ter a resposta desse trabalho tão importante que precisa ser realizado.

São realizadas atividades de encadernação para garantir que os conteúdos não se percam? Não, nós não fazemos encadernação até porque essas atas estão guardadas em linha já e tipograficamente numeradas.

São realizadas atividades de restauração de documentos que estão em estado de degradação e danificados?

É, ainda não, mais eu acredito que a gente vá fazer isso aí com esse trabalho como eu te falei que ta sendo contratado em breve uma empresa alguma coisa que trabalha já com documentos antigos, nós estamos buscando esse mesmo recurso na Universidade Federal Rural onde a aluna faz o mestrado, então a empresa que vai prestar serviço para lá vai prestar para aqui também.

Os documentos estão abrigados longe da luz, da umidade e da poluição atmosférica?

Sim!

Vocês realizam controles de pragas?

Sim!

Os documentos são higienizados? É feita alguma forma de limpeza periódica nos documentos?

Não, essa parte não!

Existe algum programa de proteção contra incêndios ou desastres?

Em nossa igreja nós temos.

Onde fica essa documentação, tem extintor perto?

Tem extintor.

Vocês realizam atividades de digitalização dos documentos para preservar os originais?

Até essa data não, mas como eu te falei, deve ser realizado em breve porque o nosso pensamento é fazer uma grande exposição desse material, tornar esse

material conhecido, tornar esse material de livre acesso, colocar inclusive alunos que querem fazer pesquisas nesse período da história da igreja presbiteriana terem nos procurado com o intuito de estudar, pesquisar esse material, nós não estamos colocando ainda em acesso por serem documentos fragilizados por terem mais de 100 anos então tem esse cuidado mais pretendemos fazer esse trabalho de digitalização.

Com relação às atividades de organização, como os documentos, eles estão organizados? O que vocês têm?

Nós temos um arquivo certo, eles são organizados por períodos, por datas, onde cada período representa um livro, bem encadernado, bem preservado como você bem disse longe de umidade, luz e qualquer tipo de poluição, mas eles são organizados por décadas, por datas.

Vocês possuem manuais pra auxiliar na organização dos documentos existentes?

Ainda não.

Os documentos são organizados por título, assunto, data, gênero?

Data

São realizadas atividades de classificação, catalogação, indexação dos documentos existentes?

Ainda não.

Vocês utilizam algum sistema de informação para organizar e permitir a localização dos documentos existentes?

Não, nós não temos isso ainda.

Quais são os tipos de documentos existentes aqui no acervo?

São as atas. Na igreja protestante de modo geral, igreja do gênero, todas as decisões são registradas em atas, no poder presbiteriano existe aquilo que a gente chama de conselho, as reuniões do conselho, o conselho é formado de pastor e presbítero, qualquer decisão que de alguma forma mexa com a comunidade, mudança de horário, recebimento de membros, envio de missionários, envio de pastores para outros campos, todas as decisões são registradas em atas. Nenhuma decisão dessa pode ser tomada sem o devido registro em atas. Então os documentos existentes primordialmente são atas que trazem as resoluções do dia a dia da igreja, tudo o que se passa na igreja e que de fato seja importante, tem o registro em atas. Para a historiografia são documentos importantes.

Mantém algum arquivo permanente?

Sim!

São abertos para consulta pública?

Hoje ainda não, existem alguns assuntos que são de caráter privado. Então quando você abre um livro de atas assim, você tem que ter cuidado porque você está dispondo da vida da igreja, então para um historiador, para alguém que estuda, que sabe, tudo bem! Mas para um curioso de repente ele não entende a história da igreja, não entende alguma coisa, de repente pode soar mal, mas não há nada que a gente não possa abrir para um público que de fato estude, um público estudioso.

Os documentos são de alguma área específica?

São as decisões administrativas e de caráter religioso da vida da igreja, por exemplo, vocês têm alguns casos assim, vocês vão enviar um missionário para uma região aonde lá de fato seja proibido entrar um missionário cristão então há o devido registro do envio do missionário, mas as agências missionárias quando enviam um missionário assim por exemplo, ele não entra como missionário, para preservar a vida da pessoa, então as atas muitas vezes preservam o nome da pessoa por uma questão de cuidados, para não expor a vida das pessoas, é nesse sentido.

Possuem instrumentos para pesquisa em papel ou digital?

Sim!

Qual a data mais antiga contida no acervo?

Eu tenho atas de 1878.

E com relação aos documentos mais recentes, vocês ainda continuam com atas escritas ou em meio digital?

Agora nós mudamos para atas eletrônicas. Todos os registros de atas nós fazemos as atas eletrônicas impressas e devidamente arquivadas em livros.

A natureza do acervo é textual, iconográfica, sonora, imagem em movimento ou cartográfica?

Apenas textual.

Você poderia fazer um breve histórico do acervo?

A nossa igreja foi fundada em 1878 através de um missionário que veio diretamente dos Estados Unidos, como falei, missionário presbiteriano, o reverendo John Rockwell Smith, ele não sabia português, ele chegou aqui em

1873 residiu num sobrado na Rua do Imperador, esse número não existe mais, mas no registro de atas era o número 71, de alguma forma a prefeitura deve ter feito alguma obra de reordenamento de numeração e nós não sabemos precisamente. Era um sobrado no primeiro andar e ele leva 5 anos para aprender português, nesse tempo ele enquanto aprende português dá aula de inglês, visita também na época o governador da província e fala das intenções de fundar aqui a igreja presbiteriana, naquela época como o Brasil fazia convênio com a Inglaterra, com os Estados Unidos, em termos de tecnologia, telefonia, então isso facilitou muito a entrada do missionário aqui no Recife. Durante 5 anos ele foi aprendendo a língua e ao mesmo tempo evangelizando, depois de 5 anos ele consegue formar um grupo de 12 pessoas e no dia 11 de agosto de 1878 então ele funda a igreja presbiteriana do Recife com apenas 12 pessoas daí o trabalho e desenvolvido normalmente, pregação do evangelho, o trabalho cresce e assim o trabalho, ele ganha solidez aqui na cidade do Recife e por isso ele convida outros missionários americanos que também vieram da cidade do Recife e assim consolidaram o trabalho presbiteriano daqui da cidade do Recife e eles partiram para o Agreste, Garanhuns, devido o clima ser mais ameno os missionários gostaram demais, nós temos um forte trabalho também centenário no agreste, fizeram excursões pra o Maranhão, mas não deu certo por ser muito distante e também aqui em Goiânia conseguiram fundar também igrejas. A partir dessa igreja, depois que o missionário fundador vai pra São Paulo, a igreja presbiteriana, ela chega primeiro no Rio, se estabelece em São Paulo, depois Bahia e Recife, depois o missionário vai para São Paulo, aqui no Recife começa a crescer, alcançando vários bairros. Lembrando que Recife por ser uma cidade marítima, ela começa a crescer do centro para os bairros, a maioria das igrejas de bairros foram fundadas por essa igreja, essa igreja é a igreja mãe das outras igrejas presbiterianas. Assim em resumo é o trabalho presbiteriano, nós estamos aqui em Recife há 137 anos. O templo primeiro funcionou na rua do imperador, depois, eles, os crentes, compram o imóvel ali ao lado do antigo cinema moderno naquele prédio que hoje é as edições Paulinas, aquele prédio ali de esquina funcionava a igreja, mas era um terreno pequeno, o templo era pequeno para o crescimento. Nós estamos aqui no prédio atual desde 1968, 1969 aproximadamente, e estamos aqui até hoje com a graça de Deus.

ENTREVISTA COM O BISPO DOM JOÃO CÂNCIO PEIXOTO DA IGREJA
ANGLICANA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

Você poderia fazer um histórico do acervo?

Nós passamos por dois cismas, um dos cismas foi na nossa Catedral da Santíssima Trindade, a antiga catedral, essa catedral aqui é nova e a outra ficou sob a posse do então deão da catedral que era o reverendo Paulo Garcia e hoje é o bispo da igreja carismática então lá tem muitos símbolos da igreja Anglicana que eu até não entendo porque já que lá é igreja carismática, é o pessoal carismático, eu não entendo porque eles não entregam isso. Tem uma águia que era um púlpito que era usado, uma tradição dos ingleses e eles infelizmente ...

A igreja Centenária que congregava lá é essa aqui?

A comunidade é essa aqui.

Vocês possuem arquivos, bibliotecas, museus ou algum outro local de memória?

Nós temos uma biblioteca em torno de 7000 exemplares que funciona aqui mesmo nessa porta aqui na frente, porque nós temos na igreja Anglicana, a igreja Anglicana tivemos até uns 5 anos atrás, nós temos dois seminários Nacionais, um seminário em Porto Alegre o (SETEC) e tínhamos o seminário aqui em Recife que era o SAET (Seminário Anglicano de Estudos Teológicos) e como a gente, o seminário é aqui, tínhamos também a biblioteca, a biblioteca continua aqui com toda a história , muitos livros em inglês.

Vocês desenvolvem ações de divulgação, eventos, exposições, com o intuito de promover a visualização da memória da igreja?

É, olhe, todas as comemorações esse ano, nós participamos de várias, nós completamos 40 anos como diocese então hoje, temos o culto aqui na catedral da Diocese Anglicana do Recife, a diocese Anglicana do Recife ela compõe todo o Nordeste do Brasil, vai do Maranhão até a Bahia, nós temos 22 comunidades no Nordeste do país anglicanas que estão ligadas a Cantuária, porque existe uma outra igreja Anglicana que foi dentro desse cisma de 2004 que continua funcionando com o nome de igreja Anglicana mas não está ligado, não é uma Anglicana ligada a comunhão anglicana, a cantuária e o bispo hoje lá é o bispo Miguel Uchoa, mas é uma igreja que não está ligada mas nós sempre em todas as comemorações nós fazemos questão de celebrar, de participar, nós

completamos esse ano 40 anos, foi em 1975 que foi criada a diocese Anglicana do Recife, antes a nossa diocese a região Norte e Nordeste fazia parte da diocese central com sede no Rio de Janeiro depois foi desmembrada a diocese central a parte norte e nordeste passou a ser a Diocese Anglicana do Recife, o primeiro bispo foi o Dom Edmund Cherry, ele foi o primeiro bispo porque quando é criada uma nova diocese no Brasil o bispo da sua diocese de origem ele pode escolher ir pra a nova diocese que está sendo criada ou permanecer lá, então o Dom Edmund Cherry era o bispo da diocese do Rio de Janeiro, da diocese central, ele vem pra Recife, resolveu vir pra Recife, foi o primeiro bispo da nossa diocese aqui em (1975).

Com relação às ações para preservação da memória, por exemplo, cópias, encadernação e restauração?

Não, nós não temos, na verdade antigamente, naquela época ela funcionava como uma capelania inglesa, e essa capelania foi de 1846, acho que ela chegou aqui em 1838, não tenho certeza, mas foi fundada a capelania onde era o cinema São Luiz que ali funcionou até 1946.

Vocês têm algum registro documental dessa época?

Não, exatamente por isso, porque é o seguinte, como ali funcionava a capela inglesa, há época de 1946, quando fazia o alargamento do Conde da Boa Vista, e aí pegou parte do templo, aí toda documentação foi transferida para a Carneiro Vilela onde funciona lá a diocese da episcopal carismática quando foi em 2002 o Deão Paulo Garcia que era o Deão da época que hoje é bispo da carismática ele rompe com a igreja, ele sai da igreja, permanece no templo. É um processo jurídico que hoje já tem 15 anos, mas ele ficou com o templo e tudo o que tinha ali dentro então todo acervo, todos símbolos dos, toda a história, todos os documentos da igreja de toda a sua existência ficou lá com Paulo Garcia.

No caso, com relação à coleção que vocês têm aqui nessa biblioteca, existem ações de preservação?

Nós tínhamos no passado, hoje já perdemos alguns livros até por falta dessa conservação, por falta de um local adequado para guardar esses livros, tem mais alguns livros que mais uma vez já perdemos alguns e estamos perdemos outros, porque nós tínhamos o nosso seminário funcionava em Boa Viagem lá na Paróquia do Bom Samaritano e em 2004 nós sofremos o segundo cisma e foi na saída do bispo Robson Cavalcante. Inclusive, você é da Federal, né? Ele era

professor da Rural ele foi assassinado pelo filho, ele e a esposa, então houve um cisma é nós tivemos que sair do local e ai lá nós tínhamos um bibliotecário que trazia a todo o acervo um cuidado muito grande contra ácaros, todo aquele processo, mas infelizmente nosso espaço aqui é muito curto então infelizmente tão todos espalhados, tem na sala com ar condicionado mas temos pelo corredor, temos perdido uma parte grande desse acervo.

É realizado controle de pragas no acervo?

Não

Os livros estão higienizados?

Não

Vocês possuem plano de prevenção contra incêndios e desastres?

Sim

Como os documentos estão organizados?

Ele está organizado por título, a parte de história, a parte de bíblia, sempre por título.

Os documentos são de uma área específica?

No caso são mais documentos administrativos e a biblioteca.

Existem manuais de organização?

Não

Tem algum sistema de informação para organização?

Não, não temos!

Realizam atividades de Catalogação, classificação, indexação?

Sim

Possuem instrumentos para pesquisa em papel ou meio digital?

Não

No caso da descrição dos acervos, quais são os tipos de documentos existentes?

Temos livros, temos algumas apostilas que foram feitas pelos próprios reverendos da igreja a nível Nacional.

São acessíveis?

Sim.

Mantém algum arquivo permanente?

A partir de 2004 toda a documentação da diocese fica aqui no centro, fica aqui no escritório.

Como são organizados?

Por assunto, por comunidades, por pastas dos reverendos

Qual a data mais antiga do acervo?

No caso a obra mais antiga do acervo teria que ser com a documentação que ficou com a outra igreja.

A natureza do acervo é textual, iconográfica, sonora, imagem em movimento ou cartográfica?

Textual.

Vocês realizam atividades de digitalização?

A igreja nacional hoje tem uma biblioteca hoje no Rio Grande do Sul que lá estava sendo tudo digitalizado, todo o material está sendo digitalizado, toda a documentação. Está sendo contratada um número de pessoas pra digitalização de todos os documentos.

ENTREVISTA COM O PASTOR E SECRETÁRIO DIOCESANO ALEXANDRO BENJAMIM DA IGREJA EPISCOPAL CARISMÁTICA,

Gostaria que o Senhor se apresentasse e falasse um pouco sobre a sua função na igreja para podermos dar início à entrevista.

Me chamo Alexandro Benjamim, sou hoje o secretário Diocesano, sou responsável pela organização, documentação, agenda, jornal a revista da diocese e sou pároco também em Aldeia, Paróquia Monte Moríá.

Quanto à existência de lugares de memórias, vocês possuem arquivos, bibliotecas, museus ou algum outro local de memória?

Nós tínhamos um prédio onde funcionava antigamente a diocese que era reservado uma sala pra isso, né, mas o proprietário do prédio ele terminou vendendo o prédio para uma imobiliária e aí a gente está relocando isso aí parte dessa memória inclusive está aqui na minha sala e a ideia é a gente digitalizar todo esse acervo e também criar um espaço onde o material orgânico é, físico encontre guarida, encontre lugar de cuidado.

Vocês desenvolvem ações de divulgação, eventos, exposições, com o intuito de promover a visualização da memória da igreja da instituição?

Não, não temos assim até pelo fato de que houve uma descontinuidade, digamos assim, na história da igreja, a nossa igreja de uma certa forma era associada a igreja anglicana e houve em 2002 uma ruptura formando assim uma nova denominação de uma certa forma acho que isso gerou uma certa descontinuidade na memória mas há sim uma busca para que isso seja reorganizado, reclassificado.

Com relação às ações para preservação das memórias envolvidas, são realizadas ações para preservar os documentos existentes?

Como falei anteriormente, não, dentro dessa saída que tivemos no prédio antigo perdemos toda essa estrutura de logística que havia em relação a época.

São tiradas cópias de documentos existentes com o objetivo de preservar os originais?

Sim

São realizadas atividades de encadernação para garantir que páginas avulsas ou algum conteúdo como um todo não se percam?

Até 2004 isso era feito mais sistematicamente, de lá pra cá deu uma parada e estamos tentando reorganizar isso.

São realizadas atividades de restauração de documentos que estão em estado de degradação ou danificados?

Não, não tivemos nenhuma...

Os documentos estão abrigados longe da luz, da umidade e da poluição atmosférica?

Não, não há nenhuma preocupação em torno disso não.

Vocês realizam controles de pragas?

Sim

Os documentos são higienizados?

Não

Existe algum programa de proteção contra incêndios ou desastres?

Não

Mas vocês possuem extintor?

Especificamente para os documentos não, no prédio em si, tem.

Vocês realizam atividades de digitalização de documentos para preservar os originais e facilitar o acesso?

Não

Mas tem algum projeto?

Tem projeto, estamos desenvolvendo...

Com relação às atividades de organização desenvolvidas, como os documentos estão organizados?

Eles priorizam, um pouco, a história da igreja enquanto templo, patrimônio histórico, a história do desenvolvimento, os ingleses, o período em que aqui estiveram, como foi desenvolvida a construção, tudo e a chegada do Dom Paulo Garcia dentro dessa nova fase da igreja, e vem trabalhando dentro da própria caminhada do bispo Dom Paulo Garcia, então, assim, são dois olhares, né, um da igreja enquanto igreja e outro da igreja enquanto ministério da caminhada durante esses 40 anos do nosso arcebispo aqui em Pernambuco e tem uma outra vertente agora que é o aspecto denominacional que a igreja, a catedral da Trindade, terminou se transformado Osarquidiocese da denominação então, de uma certa forma ela é a igreja central do Brasil e aí ela é responsável por colher, acolher e preservar a memória da igreja brasileira, então esses três pontos assim.

Vocês possuem manuais para auxiliar na organização dos documentos existentes?

Não temos.

Os documentos são organizados por título, assunto, data ou gênero textual?

Com a exceção de gênero textual.

Existe algum sistema de informação para organizar e permitir a localização dos documentos existentes?

Não, A gente está digitalizando,

Existe alguma lista? Digamos. eu preciso de uma ata de 1890...

Não temos, tem que procurar de um por um.

Com relação à descrição dos acervos, quais são os tipos de documentos existentes?

Temos assim, atas, muitos registros de encontros, cultos, preleções, desenvolvimento dos movimentos da igreja, como eles se deram, boletins litúrgicos acho que dos últimos 40 anos, diários dos sacerdotes vai muito por aí.

E com relação a documentos da fundação da igreja?

Eu não sei, se tem é um setor que eu não cheguei ainda, eu não consegui ver ainda.

Com relação aos arquivos permanentes, vocês mantêm algum arquivo permanente?

No caso, temos na secretaria.

São abertos para consulta pública?

Somente se houver agendamento antecedente.

Os documentos são de alguma área específica?

História da Igreja, desenvolvimento dos movimentos da igreja, são gerais

Possuem instrumentos para pesquisa em papel ou digital?

Ainda não, fase de implantação.

Qual a data mais antiga contida no acervo?

Não tenho como te informar isso, porque ainda não consegui abranger tudo, então não tenho como informar.

A data mais recente? vocês possuem publicações, não é?

Sim, recentemente na última semana foi publicado o décimo terceiro volume da nossa revista.

Qual é a revista?

Revista o Carismático

Qual o período da publicação?

Semestral

O início da publicação?

Ela é bem recente, 2008.

A natureza do acervo é textual, iconográfica, sonora, imagem em movimento ou cartográfica?

Textual

Vocês têm mapas?

Não.

Algum registro sonoro?

Tem uns sermões.

Com relação a imagem e movimento? Vídeos?

Possui alguns.

Você poderia fazer um breve histórico da documentação do acervo da igreja?

São documentos, atas, boletins, gravações, escritos, vídeos, reportagens, tudo o que gira em torno da igreja.

ENTREVISTA COM O PASTOR NYELSON MENDONÇA DA IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL PERNAMBUCANA

A Igreja Congregacional possui algum lugar de memória? Biblioteca, arquivo ou museu?

A gente tem uma sala que fizemos há mais ou menos três anos que chamamos de Memorial e essa sala tem uma micro biblioteca com alguns armários que tem a nossa história, são as atas que a gente tem. A nossa igreja tem 142 anos então temos desde a primeira até os dias de hoje. Temos todas, o que a gente está querendo ainda concluir, não sei como se chama tecnicamente, mas seria aqueles bloquinhos de vidro, a gente quer colocar para que o pessoal possa visualizar a primeira ata.

Vocês desenvolvem ações de divulgação, eventos, exposições com o intuito de promover a visualização da memória da Igreja ou Instituição?

Temos sim! Dia 19 de outubro é o nosso aniversário, a gente teve por mais de 30 anos como membros um casal de missionários da UESA missão sul-americana aqui, ele era inglês e ela era irlandesa, Pastor Cleyton e Dra Joyce. Todo ano ela fazia um destaque de um pedacinho da historia. Hoje ele faz pela internet, ela manda um vídeo.

Vocês mantêm esses vídeos?

Nós temos, eles viajaram em 2012 e ela mandou, ela só não mandou ano passado porque estava doente. A história da igreja além desse material que nós temos existem muitos pedaços, por exemplo, a Faculdade de Direito do Recife é um local que existem algumas informações sobre a história dessa comunidade porque tinham muitos contatos entre líderes da igreja com as pessoas, as autoridades que eram chamados de regência e tem muito material da universidade em Londres, tem muito material lá, ela fez muitas pesquisas. E no livro O grão de Mostarda tem a bibliografia da Faculdade de Direito também.

São realizadas ações para preservar os documentos existentes?

Tem um pastor amigo nosso que gosta muito de história e conseguiu microfilmar e ele inclusive fez um material tipo Xerox à parte da primeira ata, para que a gente não manuseie esse material porque ele é muito antigo, muito despedaçado, basicamente a gente tem esse local que preserva um pouco dessa história.

Os documentos estão armazenados longe da luminosidade, da poluição e da umidade?

Sim

Estão higienizados?

Sim

Vocês realizam atividades de encadernação e restauração?

Não

É feito controle de pragas que danificam os materiais?

Sim

Quais os tipos de documentos que vocês possuem?

Atas, fotografias, cartas e livros.

Possuem plano de prevenção contra incêndios e desastres?

Sim

Qual a data mais antiga?

1896

A mais recente?

2016

Qual a natureza do acervo? Textual, iconográfico, sonoro, imagem em movimento ou cartográfico?

Textual e iconográfico

Possuem algum arquivo permanente?

Sim

É possível pesquisar no local?

Sim

Você poderia fazer um histórico desse acervo?

Então esse material desde a primeira ata, mas não só temos atas, mas correspondências também. Temos cartas de correspondência e temos alguns tipos de cartas interessantes dos próprios membros porque no passado, às vezes me pergunto porque, mas acho que a cultura era um pouquinho diferente, por exemplo, esse membro não queria, por exemplo congregar na igreja e mandava uma carta, inclusive achei uma fazendo uma pesquisa por exemplo dizendo “domingo não irei à igreja porque to indo na leiteria”, porque a nossa igreja nesse lugar em que nós estamos hoje foi a partir de 1922, mas antes disso a nossa igreja era uma espécie de igreja nômade na parte do Recife

antigo e aí eram casas alugadas e esse lado da cidade aqui era tido como área rural, era só campo, era bem rural mesmo o bairro de Beberibe de 3,5km ou 4km daqui era considerado zona rural de Recife, então alguns desses membros às vezes moravam nesses locais e iam para a igreja que funcionava do outro lado no Recife antigo. Então, quando ele iria faltar no domingo ele enviava uma carta. *Como os documentos estão organizados, são realizadas atividades de organização?* Sim, em armários. Há uns quatro meses atrás, tem um colega nosso que também está fazendo um mestrado na Católica, ele formou-se em direito e ta fazendo o mestrado dele com o tema como o direito influenciou na área do protestantismo então ele trouxe algumas pessoas na área de biblioteconomia mas faz uns três meses que ele disse que vinha fazer o levantamento desse trabalho, mas o projeto desse pessoal é fazer a microfilmagem para disponibilizar o material na internet. A sugestão dele é bem interessante, bem na área de tecnologia para se fazer esse tipo de trabalho.

Existe algum manual de organização?

Não

Os documentos estão catalogados, classificados, indexados? Vocês possuem algum sistema para gerenciar os documentos?

Não

E para pesquisa? Possuem algum instrumento?

Não

Quantos membros e congregados?

Acho que membros hoje nós temos em torno de uns 120 membros e congregados já perdi de vista. Por ser uma igreja no centro a rotatividade é muito grande. Mas chamam-se membros aqueles que são batizados na igreja, eles têm um aspecto legal de participação direta nas decisões da igreja. A igreja comporta aproximadamente umas 360 a 380 pessoas.

Na primeira igreja Batista do Recife tem uma grande especulação imobiliária para a compra do templo. É um templo histórico, mas o pastor me informou que não tem interesse em vender, porque contém a memória da igreja, existe especulação com relação ao templo da Igreja Congregacional?

Nunca tivemos essa especulação. Nós temos três terrenos aqui, esse em que estamos era a casa pastoral antigamente, mais ou menos na década de 80, tem esse terreno do prédio que eu estou e tem o terreno do prédio atrás.